

CIRLANA RODRIGUES DE SOUZA

**O DISCURSO FUNDADOR LACANIANO COMO EFEITO DE DESLOCAMENTOS
E (IN)VERSÕES DE SENTIDOS**

**UBERLÂNDIA
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CIRLANA RODRIGUES DE SOUZA

O DISCURSO FUNDADOR LACANIANO COMO EFEITO DE DESLOCAMENTOS
E (IN)VERSÕES DE SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, no Curso de Mestrado em Lingüística e Lingüística Aplicada do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e em Lingüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos Sobre Texto e Discurso

Orientador: Professor Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

Co-Orientadora: Professora Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini

UBERLÂNDIA
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU/Setor de
Catalogação e Classificação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729d	<p>Souza, Cirlana Rodrigues de</p> <p>O discurso fundador Lacaniano como efeito de deslocamentos e (in)versões de sentidos / Cirlana Rodrigues de Souza. – Uberlândia, 2007. 210 f.</p> <p>Orientador: Ernesto Sérgio Bertoldo. Co-Orientadora: Carmen Lúcia Hernandes Agustini Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Análise do discurso - Teses. I. Bertoldo, Ernesto Sérgio. II. Agustini, Carmen Lúcia Hernandes. III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 801</p>
-------	--

CIRLANA RODRIGUES DE SOUZA

O DISCURSO FUNDADOR LACANIANO COMO EFEITO DE DESLOCAMENTOS
E (IN)VERSÕES DE SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, no Curso de Mestrado em Lingüística e Lingüística Aplicada do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos Sobre Texto e Discurso

BANCA EXAMINADORA:

Uberlândia, 26 de fevereiro de 2007

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo / Orientador (UFU)

Profª. Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini /Co – Orientadora (UFU)

Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos (UFU)

Profª. Dra. Beatriz Maria Eckert-Hoff (UNINCOR)

A Lúcio Bernardelli. No fim do dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Edna, Mariana e Sirley por serem os meus nomes favoritos no mundo, por me apoiarem sem precisar saber o *porquê* de tudo isso e por estarem sempre ao meu lado, tornando tudo isso possível.

Agradeço ao meu irmão Fábio, sempre acreditando em minhas investidas.

Agradeço à amiga Margareth Moreira Silva pelo apoio e pela escuta desses anos, movimentos de uma amizade que não se agradece.

Agradeço a Cida Conti que é o bom conhecimento que adquiri neste *percurso*, por ser poeta, amiga e simples.

Agradeço a Luís Fernando Bulhões, interlocutor nesta história de construir saber (pelo menos de tentar).

Agradeço a Lucimar Bernardelli e Naara Bernardelli pelo incentivo e apoio.

Agradeço a Cleudemar Alves Fernandes, princípio deste começo.

Agradeço a Fernanda Mussalin, exemplo de competência, disciplina e por ter me mostrado que devemos ser e assumir quem somos neste mundo da linguagem.

Agradeço à professora Maria Cristina Ferreira Leandro, pela leitura de meu relatório de qualificação, compondo uma banca excepcional, com apontamentos e questionamentos que muito contribuíram para a etapa de finalização.

Agradeço a João Bosco Cabral dos Santos pelas aulas de funcionamento discursivo, pelas orientações na banca de qualificação, pelas instigantes conversas e por sempre nos encorajar a continuar, fazendo parecer possível quando tudo parecia errado, desarticulado e atravessado, mostrando que isso é funcionamento discursivo.

Agradeço ao Curso de Mestrado, nas pessoas de Eneida, Solene, Maisa, Waldenor de Barros e Ernesto Sérgio Bertoldo pela organização e administração do programa, possibilitando a realização deste trabalho.

Agradeço a CAPES pelos meses de incentivo financeiro.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso – GPAD – espaço simbólico de constituição de meu discurso como pesquisadora.

Agradeço ao Grupo de Estudos em Linguagem e Psicanálise – GELP – lugar de possíveis realizações, especialmente a Eliane Silveira pelo acolhimento e possibilidade de viabilização e concretização de algumas idéias.

Agradeço à Profa. Dra. Beatriz Maria Eckert-Hoff pela disponibilidade em participar da banca de defesa, cuja leitura será de relevante contribuição a este trabalho.

Agradeço a Carmen Agustini orientadora que me possibilitou chegar a respostas às vezes difíceis. A você, Carmen, meus agradecimentos vêm em forma de desejo: desejo-lhe que os próximos anos sejam de maiores conquistas, mais tranquilos e mais justos e que você possa fazer funcionar seus dizeres a seu favor.

Agradeço a Ernesto Sérgio Bertoldo orientador cuja primeira escuta possibilitou que eu estivesse, agora, terminando este trabalho. E cuja última leitura deste trabalho me fez ter a feliz sensação de trabalho bem realizado. Ernesto que soube me perguntar o que eu estava perguntando, sem responder por mim. Aliás, grande ensinamento de Ernesto: responda pelo seu trabalho. Obrigado, pois este é realmente um dizer fundador.

Esquecida de mim mesma há muito tempo, ultrapassei todos os limites. Entretanto, se vos parecer que meu discurso pecou por petulância ou por loquacidade, deveis pensar que eu sou a Loucura e que falei como mulher. Lembrai-vos, contudo, do provérbio grego: “Muitas vezes, até mesmo um louco raciocina bem.” A menos que julgueis que esse texto exclua as mulheres. Deveis estar esperando, vejo-o, uma conclusão. Mas deveis estar bem loucos para supor que eu me lembre de meus propósitos, depois dessa efusão de palavreado. Aqui está uma frase antiga: “Detesto o conviva que se lembra.” E aqui está uma frase nova: “Detesto o ouvinte que não se esquece.” Portanto, adeus! Aplaudi, bebei, sucesso, ilustres discípulos da loucura!

Erasmus de Rotterdam – LXVIII – Conclusão – Elogio da Loucura, p.107.

RESUMO

Esta dissertação assume a seguinte pergunta de pesquisa: o que faz do discurso lacaniano um discurso fundador no campo discursivo da Psicanálise? O discurso lacaniano é constituído de deslocamentos e (in)versões de sentidos que estabelecem uma ruptura com os sentidos produzidos pela Lingüística e pela psicanálise Freudiana. Assim, o objetivo geral do trabalho foi analisar esses deslocamentos e as (in)versões de sentidos. Especificamente, descrevemos a heterogeneidade mostrada, explicitando dizeres e retomando já-ditos; analisamos, em uma perspectiva sócio-histórica, a heterogeneidade, identificando seus efeitos de sentido na produção lacaniana; apontamos as contradições e equívocos desse jogo discursivo a partir dos pontos de deriva do discurso e identificamos, ainda, as marcas de subjetivação que permitiram apontar a singularidade dos sentidos produzidos pelo discurso psicanalítico lacaniano. A hipótese norteadora do trabalho foi a de que o discurso lacaniano é efeito de deslocamentos e (in)versões de sentidos que estabelecem uma ruptura com os sentidos produzidos pela Lingüística e pela psicanálise Freudiana. Ao mover, articular e organizar os sentidos dos já-ditos, Lacan realiza um corte nas anterioridades, instaurando o diferente, o discurso outro na Psicanálise; sentido outro que faz do discurso lacaniano fundador. A sustentação teórica da pesquisa circunscreveu-se aos conceitos da teoria das heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz, ao conceito de discurso fundador de Michel Pêcheux e Eni Orlandi e às noções de discurso, acontecimento e sentido da teoria da Análise de Discurso de orientação pecheutiana, assim como ao conceito lacaniano de sujeito. O *corpus* analisado foi *O Seminário, Livro 5: As Formações do Inconsciente*, de Lacan (1957-1958). A análise mostra que os deslocamentos são constituídos de ação discursiva metonímica e as (in)versões de ação metafórica, produzindo sentidos outros no campo psicanalítico. O sentido fundador é resultado da negociação, dentre outros aspectos, do sujeito com a heterogeneidade constitutiva.

Palavras-chave: Discurso fundador; Análise do Discurso; Heterogeneidade; sentido.

ABSTRACT

This research was designed to answer the question: what makes the Lacanian discourse be considered a found(er)(ing) discourse in the field of Psychoanalysis? The lacanian discourse is constituted by displacements and inversions of meanings which establish a rupture with those meanings produced by Linguistics and Freudian psychoanalysis. The general objective of this research was to analyze such displacements and inversions of meanings. Specifically, we aimed at: (1) describing the heterogeneity of these displacements and inversions of meanings; (2) analyzing, socially and historically, this heterogeneity by identifying its effects of meaning in the production of Lacanian discourse; (3) pointing out the contradictions and misunderstandings present in the Lacanian discourse; (3) identifying the marks of subjectivity which indicate the singularity of meanings produced by the discourse of Psychoanalysis. The research was carried out under the hypothesis which supports the idea that the Lacanian discourse is an effect of displacements and inversions of meanings produced by Linguistics and Freudian Psychoanalysis. It is by moving, articulating and organizing meanings already produced that the different, another discourse in the field of Psychoanalysis becomes possible and makes the Lacanian discourse founding. Theoretically, this study was supported by the conceptions of this so called French Discourse Analysis School, which follows Michel Pêcheux' postulates as well as the lacanian conception of the subject. The *corpus* analyzed was the *The Seminar, Book 5: The formations of the unconscious (1957-1958)*, by Jacques Lacan.

Keywords: Founding discourse; Discourse's Analysis; heterogeneity; meaning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 - O DISCURSO LACANIANO.....	33
1.1 O que é discurso?.....	33
1.1.1 O corte fundante	34
1.1.2 Um outro objeto de estudo: o discurso.....	36
1.1.3 Uma teoria para definir o objeto.....	37
1.1.4 A noção de discurso.....	40
1.2. A obra de Jacques Lacan.....	42
1.2.1. A cronologia de livros, artigos e intervenções.....	44
1.2.2 Os seminários: cronologia que leva até S5.....	50
1.3 Uma breve história dos seminários: a enunciação e a anunciação.....	50
1.3.1 A publicação dos Seminários.....	52
1.3.2 <i>O Seminário, Livro 5</i>	53
1.4. O que se lê em S5?.....	55
1.4.1 S5 é um ato falho bem-sucedido.....	55
1.4.2 Um gesto de olhar sobre S5.....	56
1.5 <i>É disso que se trata...</i> Do discurso lacaniano.....	60
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTOS NORTEADORES DA ANÁLISE	61
2.1. A teoria de Michel Pêcheux.....	62
2.2 O discurso que se constitui no espaço de articulação entre discursos outros	63
2.3 O discurso lacaniano como um acontecimento discursivo.....	65
2.4 O discurso fundador	67
2.4.1 (Re)formulando o conceito de discurso fundador no quadro da AD.....	70
2.4.2 Freud e Saussure: de fundadores a fundantes	71
2.5 Sentidos.....	73
2.6 As Heterogeneidades Enunciativas	79
CAPÍTULO 3 – O SUJEITO DO DISCURSO.....	87
3.1 Uma referência teórica ao sujeito do inconsciente	88
3.2 Uma referência teórica ao sujeito do discurso.....	90
3.3 Sujeito-autor.....	92
3.4 O sujeito do discurso Jacques Lacan dentro no discursivo da Psicanálise: uma função-autor a partir das primeiras análises.....	93
3.5 Sujeito-autor, singularidade, deslocamentos e (in)versões de sentidos.....	96
3.6 Singularidade como resultante de deslocamentos e (in)versões de sentidos no discurso psicanalítico lacaniano.....	97
CAPÍTULO 4 - A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE.....	103
4.1 A constituição do campo psicanalítico.....	103
4.2 A Psicanálise na França	109
4.2.1 A Sociedade Psicanalítica de Paris	110
4.2.2 O surrealismo, a filosofia e a psicanálise lacaniana em seus primeiros passos	113
4.2.3 A entrada e saída da SPP: para uma doutrina outra, uma outra sociedade	115
CAPÍTULO 5 - O RETORNO A FREUD.....	119

5.1 Um retorno à palavra freudiana	120
5.2 O simbólico e a Lingüística.....	121
5.3 O retorno de Lacan a Freud	123
CAPÍTULO 6– ANÁLISE DO DISCURSO LACANIANO.....	127
6.1 O método de análise.....	127
6.2 Análise dos Recortes Discursivos dos Dizeres lacanianos sobre a Lingüística – RDLs.....	129
6.3 Análise dos Recortes Discursivos dos Dizeres lacanianos sobre a psicanálise freudiana – RDPs.....	136
6.4 Análise Recortes Discursivos das Alusões Históricas RDAHs.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PALAVRA LACANIANA COMO DISCURSO FUNDADOR.....	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	181
ANEXOS.....	187

INTRODUÇÃO

Lacan foi o “Freud francês”? Uns respondem sim, os que o colocaram no lugar do mestre. Outros, não, contentam-se em situar Lacan no imenso campo da Psicanálise.

Marcele Marini, 1991, p.115

Nesse *imenso campo da Psicanálise* há instaurado um confronto ideológico, político e científico (pelo controle do saber psicanalítico) entre as chamadas psicanálise freudiana e psicanálise lacaniana. A primeira é representada por suas instituições (como a IPA¹) e seus psicanalistas que cultuam a imagem de Sigmund Freud como o pai fundador, detentor da palavra fundante e incontestável na forma da lei que ordena esse campo. A segunda, que funciona da mesma forma que a primeira, é representada por suas instituições (como a Sociedade de Psicanálise Freudiana) e seus psicanalistas que cultuam a imagem de Jacques Lacan como o *Nome-do-pai* fundador, detentor da palavra fundadora (que se apresenta sempre representando a palavra de Freud) e incontestável na forma da lei que também ordena esse campo.

Esse paralelismo institucional é característico do devir histórico da Psicanálise. Devido a seu próprio objeto de estudo – o inconsciente – esse parece ser um movimento ao infinito, necessário enquanto existir o que não sabemos. Movimento que é tentativa de apropriação desse caminho de aproximação àquilo que não conhecemos e não controlamos, mas que nos constitui.

A Psicanálise, como campo científico² de saber sobre o ser humano, tem como ato fundante a palavra de Freud no texto *A Interpretação dos Sonhos*, publicado em 1899³. A partir de então, é somente em nome da palavra de Freud que se faz psicanálise e se diz sobre psicanálise.

¹ Associação Internacional de Psicanálise (International Psychoanalytical Association).

² Freud funda uma ciência com método, teoria e objeto de estudo. Para Lacan (1998) a experiência psicanalítica é uma experiência subjetiva (por falar do sujeito) e não meramente científica, no sentido de falar apenas das coisas objetivas e observáveis. Contudo, tratar da subjetividade não impedirá de buscar estruturas, formalizações, topologias e teorizações (e técnicas) que integram a epistemologia da Psicanálise, da *Ciência dos sonhos*, como ele mesmo traduziu a obra de 1899. Para Lacan a questão da Psicanálise como ciência não poderia se desvincular da questão da subjetividade, especificamente do sujeito, pois “sua” psicanálise se sustenta em uma Teoria do Sujeito: “De nossa experiência de analistas, a subjetividade é impossível de eliminar.” (p.109).

³ De acordo com Gay (1989) o livro saiu com data de 1900.

É a essa palavra que o psicanalista francês Jacques Lacan retorna. Seu afamado *retorno a Freud* consistiu em um retorno à palavra freudiana⁴ e aos seus sentidos. É por meio de uma leitura singular da obra freudiana que a palavra lacaniana passa a instaurar sentidos outros dentro do campo psicanalítico. Assim, é que no imaginário dos psicanalistas e daqueles que se interessam por essa área de conhecimento, que os dois homens são postos lado a lado ou um acima do outro, na hierarquia da Psicanálise. Conforme a epígrafe de Marini (1991) há diferentes posições quanto ao lugar de Jacques Lacan e sua obra dentro do campo da Psicanálise: ou ele foi mestre como Freud ou foi mais um psicanalista.

Minha proposta é uma leitura da palavra lacaniana considerando que Jacques Lacan foi um psicanalista e mestre posterior a Freud, cuja possibilidade de existência é prova histórica da dimensão do saber psicanalítico e de sua necessária diversidade. A obra lacaniana⁵ está posta no campo psicanalítico. Desta maneira, considero que o campo discursivo da Psicanálise – resultado dos sentidos fundantes da palavra freudiana – é o lugar do psicanalista francês Jacques Lacan, lugar de mestre (como querem seus discípulos), mas não por ter feito, do campo psicanalítico, um campo outro. Mas, por que sua palavra produziu sentidos outros dentro desse campo. Campo heterogêneo em que não é possível um sentido, ou melhor, não é possível apenas uma palavra sobre o inconsciente.

É disto que tratarei: da palavra lacaniana e seus efeitos de sentidos dentro do campo psicanalítico – o discurso lacaniano. Minha questão de pesquisa refere-se à constituição desse discurso e a seu aspecto singular: O que faz do discurso lacaniano um discurso fundador no campo discursivo da Psicanálise?

Essa questão tem algumas implicações.

Primeiramente, situo a obra lacaniana e Jacques Lacan dentro do campo psicanalítico. Ou seja, não pretendo sustentar que Jacques Lacan tenha produzido outro saber que não seja psicanálise: sustentou a escuta e os questionamentos como ações do psicanalista; partiu de uma constatação: a existência do inconsciente sempre determinante do homem e tomou o aparentemente sem sentido – sonhos, sintomas, atos falhos, lapsos e chistes – como constituídos por sentidos inconscientes. Para Jacques Lacan o homem continua não sendo o senhor de sua casa⁶. Todavia, esses pontos fundamentais para a Psicanálise não são apenas

⁴ Doravante irei usar as expressões palavra freudiana e palavra lacaniana para referir-me aos dizeres de Freud e Lacan constituídos pela exterioridade, cujo processo de constituição deve ser interpretado. Segundo Authier-Revuz (1998) a palavra deve ser interpretada discursivamente, enquanto o signo (a língua) deve ser identificado, apenas descrito.

⁵ Textos cuja autoria é nomeada Jacques Lacan.

⁶ Máxima de Freud em que o homem não é senhor de sua casa, como referência às determinações inconscientes frente à livre vontade dos indivíduos.

reproduzidos por Lacan, são tomados de maneira singular, à maneira desse psicanalista e suas filiações sociais e históricas, que serão abordadas.

Em segundo, ao buscar “o que faz do discurso lacaniano um discurso fundador” me comprometo com o aspecto fundador desse discurso, o que implica que estou realizando uma leitura discursiva⁷ que possa apontar os sentidos outros fundados a partir dos dizeres lacanianos. Essa questão é resultante de meu encontro com a Lingüística, especificamente com a Análise do Discurso, fundada por Michel Pêcheux.

Pêcheux tinha conhecimento de que Saussure havia definido um objeto de estudo e fundado uma ciência: a Lingüística. E que essa ciência é uma imensa colcha de retalhos, em que cada quadro pinta seu objeto de estudo, a língua(gem), com formas, cores, dimensões e construções diferentes. Diferença que é alteridade, pois parece, muitas vezes, que determinadas teorias lingüísticas existem porque são o contraponto de outras. As tentativas de tornar *uma* essa alteridade é somente angústia de pesquisador frente a qualquer possibilidade de perder o controle sobre aquilo que ele necessita controlar: a linguagem humana⁸. Nada mais saudável que essa angústia, pois é ela – resultante de desejos – que faz mover essa ciência.

Esse autor sabia, também, que nesta colcha tinha um quadro que apresentava a linguagem humana como ela é: humana. A língua é constituída por contradições, equívocos, por não-ditos, por já-ditos e o mais importante: por sentidos que estão sempre se constituindo em um processo que é sempre movimento, criação. É o quadro chamado Análise do Discurso.

No início, eu não tinha muita clareza de como, por meio da Lingüística, se poderia estudar esse imensurável e incontrolável da língua. Mas, esse era o meu interesse.

Na faculdade de Psicologia meu interesse sempre foi pelo lado humano de dúvidas, de angústias, de contradições (e contravenções), do incontrolável, do ambíguo e do ambivalente. Não foi na cognição, no comportamentalismo, nos *ego-ismos* da Psicologia que encontrei respaldos para esses aspectos. Nessa academia me deparei com uma ciência chamada Psicanálise, que também é uma grande e bela colcha de retalhos. Depois de inserções no campo psicanalítico – teoria e prática na psicologia clínica, mas sem um vínculo institucional psicanalítico – meu *objeto* de interesse profissional (psicose e saúde mental), dada à sua imensidão e vastidão, começou a exigir o domínio de alguns conceitos e práticas mais específicas e delimitadas. É nesse momento que me interesse pelos estudos da linguagem.

⁷ Segundo Pêcheux (1994) é o gesto de leitura do analista do discurso: a leitura interpretativa da relação e implicações entre língua e exterioridade.

⁸ Ponto em comum entre as ciências Lingüística e Psicanálise: tentar controlar saberes sobre a linguagem e o inconsciente, respectivamente.

Em minha formação em Psicologia, julgava que o lugar de existência, de acesso e de luta contra o sofrimento psíquico (especificamente aquele em seu grau máximo – as psicoses) é na e pela linguagem. Dessa maneira, decidi estudar esse mundo da linguagem. Entrada direta nesse campo e não via Psicanálise e Psicologia. Esta parada que pode parecer um retrocesso, um começar de novo, é, na verdade, o melhor caminho que poderia ter escolhido, visto que é nele que estou construindo ferramentas para escutar dizeres, até então, tomados como obscuros e inatingíveis.

A princípio, minha intenção (na Análise do Discurso⁹ tive confirmação da falácia das intenções) era uma pesquisa de mestrado sobre a linguagem da loucura. Mas, como sabia que conhecia pouco sobre isso, resolvi frear esse estudo. Precisava descobrir ferramentas teórico-críticas que me orientassem para o sentido dessa linguagem.

Entrei para a faculdade de Letras buscando este conhecimento. Qualquer pesquisa que pudesse planejar viria depois. Contudo, um ano depois, já era possível saber que dentro do campo lingüístico eram vários (e interessantes) os caminhos de se estudar a linguagem. Mexendo aqui e ali, me deparei com um texto chamado *Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações*, de Maria do Rosário V. Gregolin, de 1995, que chamou minha atenção, em especial, a heterogeneidade do quadro epistemológico da Análise do Discurso. Não tive dúvidas de que uma teoria da linguagem que contemplasse subjetividade, história, linguagem, as tensões, implicações e as diferenças era coerente com meu interesse pelas tensões e implicações humanas. E, mais ainda: por trás disso, a possibilidade de se abordar, em um estudo da linguagem fora do campo lacaniano, a mais humana das experiências – o inconsciente.

Eu sabia que não tinha conhecimento suficiente em AD para propor uma pesquisa de mestrado. Mas, fiz um projeto que hoje chamo de esboço de uma idéia, pois dado ao seu primarismo só continha mesmo uma idéia da qual nunca abri mão: estudar o discurso lacaniano. Todavia, sabia que era pouco para dar conta dos sentidos da linguagem da loucura. No puro atrevimento fiz aquilo que os deuses doutores da academia não admitem: não cheguei pronta para a pesquisa, não conhecia muita coisa da teoria que propunha a estudar. Ou seja, antes de propor um projeto, implicitamente o que propus foi construir um projeto e me constituir pesquisadora. Foi, então, que decidi (fui levada a) estudar Análise do Discurso, no mestrado em Lingüística.

⁹ Doravante AD.

Mas qual discurso? Sabia que precisava pensar para além da pesquisa. Retomando minha história acadêmica, me vi diante de um assunto mal-resolvido, até então: eu e a psicanálise lacaniana. Não podia propor um trabalho em linguagem e psicose sem passar por esta teoria. A psicanálise lacaniana sempre me chamou a atenção muito mais pela maneira como se constituiu do que pelos princípios que propõe. Precisava resolver essa inquietude, caso contrário não seria possível fazer uso desse conhecimento. Pronto. Tinha uma idéia: estudar AD e, ao mesmo tempo, estudar a psicanálise lacaniana.

Perguntava, em leituras ocasionais de textos lacanianos, o porquê e como era possível que o texto freudiano, sempre retomado, se mostrasse distante do texto lido. Que interpretação é essa? Ou: Mas, Freud disse mesmo isso? Perguntas como essas não podiam mesmo ter respostas suficientemente esclarecedoras sobre a psicanálise lacaniana. Um olhar superficial sobre determinado texto só possibilitaria respostas limitadas. Dizer que Freud não disse, que isto não está em Freud, que Lacan se equivocou, que tal conceito ou referência foi usado de maneira errada, mal compreendido pelo psicanalista é, atualmente, não dizer nada sobre esta obra, ou, não produzir nenhum efeito, nenhum sentido. É não querer enfrentar a heterogeneidade, as diferenças constitutivas.

Foi por causa de questões “ingênuas” como essas que acreditei ser possível a análise deste discurso. Ou seja, pensei em juntar (e usar) Análise do Discurso e Psicanálise em um mesmo trabalho, em que a primeira seria o caminho para se trabalhar os sentidos outros implícitos e em suspensão da psicanálise lacaniana, construída a partir da (re)tomada dos já-ditos freudianos.

Assim, é que proponho uma leitura – via Análise do Discurso pechetiana – que me possibilite um alcance dos efeitos desses dizeres no mundo: o discurso produzido n’*O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, de Jacques Lacan. Seminário realizado nos anos de 1957 e 1958¹⁰. Especificamente, os dizeres lacanianos sobre a Lingüística de Saussure e Jakobson e os dizeres lacanianos sobre os dizeres freudianos em *A Interpretação do Sonho, Os chistes e sua relação com o inconsciente e A psicopatologia da vida cotidiana*, trilogia de constituição do objeto da Psicanálise: o inconsciente. Esse seminário é um dos trabalhos em que Lacan aprofunda a questão linguagem e subjetividade e estrutura o inconsciente como

¹⁰ Materialidade discursiva. Doravante usarei o símbolo S5 como referência a essa materialidade discursiva.

uma linguagem. Daí, meu interesse nesse acontecimento discursivo, monumento¹¹ na obra lacaniana que insiste no simbólico, na linguagem como constitutiva do homem, do sujeito.

Meu interesse, neste trabalho, são os sentidos. Todavia, minha análise e interpretação não pretendem decifrar os sentidos inatingíveis da palavra de Jacques Lacan. Os sentidos são tomados como resultado de um processo de produção discursiva constituídos por deslocamentos e (in)versões de sentidos fundantes dos dizeres da psicanálise freudiana e da Lingüística, processo que indica a condição permanente, desse texto, de produzir sentidos a cada leitura, em determinadas condições sócio-históricas. Minha proposta é estabelecer um outro modo de leitura (um gesto de leitura) do texto lacaniano, enfatizando seu processo de produção, com ênfase nos deslocamentos e (in)versões de sentidos como produtores mesmos de sentidos outros, pelo viés da AD considerando a exterioridade¹² como constitutiva dos dizeres lacanianos.

Uma leitura que objetive os sentidos dos dizeres lacanianos confere, a esta pesquisa, um não compromisso com este ou aquele grupo a favor ou contra a psicanálise dita lacaniana, como também, com nenhum dos grupos específicos que integram este espaço discursivo. Meu compromisso é com o lugar de analista do discurso, de onde busco a conjuntura histórica que possibilitou a Lacan captar certa demanda dessa conjuntura: (re)formular e (re)criar a Psicanálise, deslocar e produzir versões de sentidos outros para os conceitos psicanalíticos. Sustento este trabalho nos pressupostos da AD, em que uma análise discursiva deve partir da heterogeneidade como constitutiva da língua e do discurso como acontecimento, em que os sentidos são produzidos a partir das filiações sócio-históricas do sujeito do discurso, em sua tomada de posição em determinado campo discursivo.

A análise do discurso lacaniano me possibilita olhar para o que, em minha opinião, sustenta os efeitos da obra de Jacques Lacan fora do campo psicanalítico: os efeitos de seus dizeres. É a cada incursão sobre o texto que a construção teórica lacaniana se mantém nesse campo: a cada dúvida, a cada sentido interpretado, a cada questão que permanece sem resposta, a cada tentativa de repetir os dizeres construídos, a cada vez que um psicanalista tenta falar e repetir esse mestre – o que muitas vezes é desastroso porque ao invés de nos aproximar dos sentidos psicanalíticos nos afastam deles, reduzindo os pilares que sustentam essa construção: os diferentes gestos de leitura.

¹¹ De acordo com Le Goff (2003), monumento que se caracteriza pelo poder de perpetuação em determinadas sociedades históricas. O S5 se perpetua, na discursividade psicanalítica, como a palavra lacaniana de (re)invenção da palavra freudiana: testemunho desse acontecimento discursivo.

¹² A exterioridade como referência à História, ao social, cultural e à ideologia, que constituem a língua.

Posso recortar das condições de produção deste trabalho dois fatos que indicam a importância da leitura do texto lacaniano: a falta da palavra¹³ e mais um momento, na ciência, de uma forte biologização da Psicanálise.

A falta da palavra consiste em uma impossibilidade do homem contemporâneo em simbolizar, em transformar em palavras o que são suas demandas, necessidades e desejos e, então, o que temos são atos que por vezes acabam por substituir a palavra. Quando o homem não é mais capaz (ou volta a não ser capaz) de simbolizar retorna à sua condição de mais um animal na cadeia evolutiva agindo por instinto. Aqui, não é nem a soberania do *Real*, que faz com que o psicótico seja quase sempre ato. É anterior à própria humanização do homem, como se não estivéssemos mais conseguindo entrar na palavra e nem possibilitar ao outro sua inserção no mundo da linguagem.

O segundo fato é concernente ao primeiro: se o homem passa a agir de forma “animalesca”, não reagindo mais pela e na palavra, mas com o corpo biológico, com o instinto, então, as ciências que estudam o homem passam a olhar para esse homem-animal e, ao invés de atuar na e pela palavra, passam a atuar no corpo, pelo biológico. Uma parte significativa da própria Psicanálise caminha nessa direção, que é a mesma direção da primeira metade do século XX: a biologização da Psicanálise, de sua teoria e de sua prática. A organicidade das psicopatologias e dos sofrimentos emocionais e a chamada neuropsicanálise ratificam essa tendência no campo psicanalítico. Tendência que, de acordo com Roudinesco (2000), é a mesma das ciências humanas, em nossa sociedade que transforma homens em animais, fugindo da subjetividade. É o homem fugindo de si mesmo e de sua alteridade – do *Outro*. Retomar o texto lacaniano e seus sentidos é retomar a palavra sobre o homem e do meramente humano.

A Análise do Discurso, fundada por Pêcheux, constitui-se em uma teoria de conhecimento atravessada pela noção de subjetividade da psicanálise lacaniana (atravessamento que se constitui em efeitos da teoria psicanalítica sobre a AD). Dessa teoria, a AD sofre os efeitos da noção de sujeito desejante inconsciente e fragmentado, fundado pela linguagem, da noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, das noções de imaginário, simbólico e real, entre outras. Efeitos nos sentidos de suas próprias noções como sujeito do discurso, língua, ideologia, interdiscurso e heterogeneidade.

É, também partindo dessa interface, que acredito ser relevante um olhar sobre esse discurso psicanalítico (um recorte desse todo), do qual se serve a AD, buscando conhecer a

¹³ A falta da palavra foi abordada por Joel Birman em conferência no II SEAD, em 31/10/2005, em Porto Alegre. Conferência publicada em CD-ROM. A palavra, quando falta, é substituída pelo ato.

construção e constituição desse conhecimento em uma leitura apoiada na própria análise discursiva.

Ler um “discurso” é um gesto de leitura cujo objetivo é produzir sentidos (e seus efeitos) a partir da relação entre língua, sujeitos falantes, história e ideologia, em determinada discursividade. Gesto que se inscreve sempre no “[...] espaço polêmico das maneiras de ler”. (PÊCHUEX, 1994, p.57). Ou seja, minha proposta de leitura é uma dessas possíveis maneiras de ler um texto e o espaço em que ela se dá é por si só polêmico: o da Psicanálise e o da AD. Polêmica da ordem da impossibilidade de se fechar conceitos, decorrendo sempre uma constante produção e (re)formulação teórica.

A AD, como uma área específica de saber dentro do campo da lingüística¹⁴, não promove a utilização de modelos teórico-analíticos em sua prática de pesquisa, por considerar que os sentidos não são dados *a priori* e que não é possível controlá-los já que estão submetidos aos movimentos sócio-históricos que constituem tanto a materialidade lingüística como seus sujeitos produtores. Princípio coerente com minha posição de não se fechar a produção psicanalítica (lacaniana ou não) sobre si mesma. Então, faz-se necessário a construção do dispositivo teórico-analítico em que o analista constrói seus recortes teóricos que vão balizar cientificamente sua pesquisa, pertinentes ao seu problema, seus objetivos e hipóteses da análise discursiva¹⁵.

Posicionando-me em uma perspectiva da ordem do sentido, pois minha leitura incide sobre a construção, deslocamentos e (in)versões dos sentidos no discurso lacaniano, meu dispositivo teórico-analítico parte das noções singulares da AD de língua, discurso, sujeito, sentido¹⁶, ideologia, história, interdiscurso, acontecimento discursivo e heterogeneidade para a construção de um arcabouço teórico e um método de análise que oriente tal leitura.

Para a questão de pesquisa, tenho algumas hipóteses, algumas proposições que julgo serem, não uma resposta prévia, mas, uma perspectiva no horizonte de minha análise e que não determinam de antemão os sentidos do S5. É parte, deste trabalho, uma discussão final sobre a relação dessas hipóteses com os resultados da análise, sua confirmação ou não. Ou seja, vou contemplá-las diante do discurso lacaniano.

A saber:

¹⁴ Em minha pesquisa assumo a AD com uma área de saber pertencente ao campo da Lingüística, pois seu objeto, o discurso, só é apreendido e somente possível via materialidade lingüística. E são os efeitos dessa materialidade, os sentidos, que se denomina discurso. Tirar a AD do escopo da Lingüística é partir de lugar nenhum para lugar algum e negar a linguagem como constitutiva do sujeito. Fazendo isso, a AD coloca em xeque muito de suas noções, pois deve se começar perguntando o que se constitui como discurso.

¹⁵ Cf. ORLANDI, 2002.

¹⁶ Noção nuclear da pesquisa.

- (1) O discurso lacaniano é constituído por deslocamentos¹⁷ de sentidos que instauram uma ruptura a partir dos sentidos fundantes da Lingüística e da psicanálise freudiana;
- (2) As marcas de heterogeneidades mostradas funcionam, nesses deslocamentos de sentidos, não como uma afirmação ou negação de sentidos pré-asseridos, pré-construídos na Lingüística e na Psicanálise, mas como denegação destes, tendo como efeito desses sentidos denegados o discurso lacaniano fundador de uma discursividade outra;
- (3) Esses deslocamentos de sentidos (alterações dos dizeres psicanalíticos freudianos e lingüísticos) instauram um processo de singularização, em que a singularidade do sujeito-autor é um efeito resultante;
- (4) Esse sujeito-autor, ao deslocar, organizar e articular os sentidos do já-dito realiza um corte nas anterioridades, instaurando o diferente, um discurso outro.

Para contemplar as hipóteses, respondendo à questão de pesquisa em que se inscreve a tese de que o discurso lacaniano se constitui, via deslocamentos de sentidos, um discurso fundador no campo psicanalítico, tenho como objetivo geral analisar os deslocamentos de sentidos que constituem essa discursividade outra partindo dos sentidos fundantes da Lingüística e da Psicanálise para os sentidos fundadores, no discurso lacaniano. Como objetivos específicos, têm-se:

- (1) Descrever a heterogeneidade mostrada (marcada e não-marcada) constitutiva dos deslocamentos de sentidos;
- (2) Explicitar dizeres e sentidos retomados pela heterogeneidade constitutiva do discurso fundador;
- (3) Analisar e interpretar, em uma perspectiva sócio-histórica e ideológica as heterogeneidades enunciativas em relação ao todo do S5, enquanto materialidade discursiva, buscando seus efeitos de sentido na produção do discurso lacaniano;
- (4) A partir dessas descrições e análises apontar as contradições e equívocos desse jogo discursivo e os sentidos possíveis a partir dos pontos de deriva no discurso;
- (5) Especificar as filiações sócio-históricas do sujeito do discurso possibilitadoras dessa discursividade outra;
- (6) Identificar as marcas de subjetivação que possam, nesse processo de deslocamentos, apontar a singularidade dos sentidos produzidos pelo discurso psicanalítico.

¹⁷ Como mostrarei, posteriormente, essa hipótese foi complementada pela (in)versão de sentidos, ação discursiva identificada já no primeiro recorte discursivo. Conseqüentemente, meus objetivos também passaram a contemplar essa ação.

Dessa maneira, não apresentarei uma palavra final sobre o discurso lacaniano. Apenas a palavra que concretiza um tempo de dúvidas e algumas respostas. No texto que se segue muitos serão os sentidos em suspensão, muitos serão os não-ditos e, também, os já-ditos. No entanto, é singular este movimento de escrita, resultante de meus próprios deslocamentos e (in)versões de sentidos da teoria da Análise do Discurso e da Psicanálise.

No capítulo 1 – O discurso lacaniano – parto da construção da noção de discurso feita por Pêcheux como efeito de sentido e sua (re)formulação como acontecimento discursivo para definição da expressão *discurso lacaniano* como o espaço simbólico constituído pelos efeitos do dizer lacaniano no S5. Iniciar neste ponto é importante por se tratar da conceituação de meu objeto de estudo, o discurso lacaniano, efeito de S5. Nesse capítulo, meu objetivo é a delimitação do *corpus* da pesquisa, em que faço uma breve descrição da produção histórica da obra lacaniana, dos pontos em que se pode perceber os movimentos de ruptura, os movimentos do sujeito se inscrevendo fora do campo psiquiátrico e a tomada de posição do sujeito como psicanalista, até chegarmos ao acontecimento discursivo S5. Este capítulo é uma tentativa de passar da materialidade lingüística – S5 – para o discurso, em que a referência à palavra lacaniana seja sempre uma referência de seus efeitos, e não apenas lingüística.

No capítulo 2 – Fundamentos norteadores da análise – apresento a Teoria do discurso de Michel Pêcheux, em que o autor assume a heterogeneidade enunciativa como constitutiva do processo discursivo e o discurso – efeito de sentido – como um acontecimento discursivo. Dando seqüência à definição do discurso lacaniano, defino este espaço simbólico como um acontecimento discursivo, cujos efeitos de sentido são produzidos a partir das filiações sócio-históricas do sujeito do discurso com a exterioridade (anterioridade e atualidade), inserido no campo psicanalítico.

Neste capítulo, também discuto a noção de discurso fundador partindo do proposto por Foucault e Orlandi, tentando elaborar uma noção adequada à minha questão de pesquisa, (re)lendo a noção proposta por Foucault em que um discurso é fundador por instaurar um novo campo de conhecimento e considerando os movimentos de sentidos propostos por Orlandi que fundam sentidos outros e os efeitos desses sentidos fundadores constituem discursos fundadores. A transformação dos sentidos fundantes, dentro de campos discursivos específicos, instaura discursividades outras dentro do campo fundante. Os significantes *fundante e fundador* serão trabalhados objetivando-se uma definição dos mesmos pertinente à questão da pesquisa. Dessa maneira, a noção de discurso fundador é ampliada, não se restringindo à fundação de um determinado campo, mas à sua transformação e transposição também. Ainda sobre a noção de discurso fundador abordarei um outro aspecto determinante:

um discurso fundador se instaura em condições sócio-históricas de conflito ideológico, político e institucional. O surgimento de sentidos outros é uma necessidade histórica e não apenas de transformação de determinados sentidos. O discurso lacaniano é tomado como um discurso fundador considerando estes aspectos: a produção (via deslocamentos e (in)versões) de sentidos outros no campo psicanalítico e por se instaurar em uma situação de conflito institucional nesse campo, como uma possível solução dessa luta institucional.

Discurso sobre a noção de sentido em AD e me posiciono sobre essa questão: sentidos outros construídos a partir de deslocamentos e (in)versões de sentidos fundantes. Ações discursivas (Metonímicas e Metafóricas) que se inscrevem no campo psicanalítico.

Como fundamentação teórica, trabalho com as heterogeneidades enunciativas, buscando a presença do outro nos deslocamentos e nas (in)versões de sentidos que constituem o discurso lacaniano. A teoria das heterogeneidades enunciativas de Jacqueline Authier-Revuz fornece os dispositivos operacionais para análise discursiva a partir da heterogeneidade mostrada presente nos deslocamentos e nas (in)versões. Trabalho, especificamente, com o tipo de heterogeneidade mostrada definida como *Modalização Autônica*, em que ao deslocar e (in)verter os sentidos fundantes, o sujeito do discurso volta seu dizer sobre esse processo. Pontos de não-coincidência dos dizeres lacanianos com os dizeres fundantes (re)tomados de Freud e da Lingüística em que o sujeito “negocia”¹⁸ com a heterogeneidade constitutiva e, também, marca o lugar do outro em seu discurso, pela denegação. Faço alguns questionamentos acerca da maneira de inserir a teoria enunciativa na análise discursiva, buscando tomar as marcas lingüísticas como produtoras de sentidos, além da descrição lingüística em que corremos o risco de nos prender durante uma análise.

No capítulo 3 – O sujeito do discurso – abordo o sujeito do discurso lacaniano buscando suas marcas de subjetivação, de singularidade, na materialidade discursiva. A questão é saber o que produz a singularidade do sujeito do discurso, sujeito constituído na exterioridade e em um processo contínuo – o discurso. Depois de discorrer sobre a noção de sujeito (noção de base psicanalítica e discursiva) irei, pela análise do discurso lacaniano, mostrar que a singularidade do sujeito do discurso lacaniano é resultante dos deslocamentos e das (in)versões de sentidos, nesse discurso. Ações discursivas tomadas como a marca de singularidade, pois é por meio dessa ação, dessa (re)criação de sentidos outros que o psicanalista Jacques Lacan se constitui como sujeito do discurso, produtor de uma discursividade outra. Ações fragmentadas que condizem com sua condição de sujeito.

¹⁸ Termo usado para referência a um movimento do sujeito do discurso imerso no funcionamento de linguagem, no nível do imaginário.

No capítulo 4 – A história da Psicanálise – meu objetivo é contemplar, pela interpretação dessa história, os momentos e acontecimentos históricos, institucionais e políticos que foram determinantes do acontecimento discursivo S5. Também, identificar as filiações sócio-históricas do sujeito do discurso cuja articulação determinou os sentidos outros da psicanálise lacaniana.

No capítulo 5 – O retorno a Freud – mostro como Lacan estabeleceu seu retorno aos já-ditos freudianos partindo do estruturalismo de Levi-Strauss e da Lingüística. O objetivo, nesse capítulo, é definir o que se nomeia como deslocamentos e (in)versões de sentidos, ações discursivas pela qual Lacan retornou a Freud, considerando-os como modos de funcionamento discursivos em que o sujeito (re)toma, desloca e transfere (ação discursiva metonímica) sentidos de outros campos discursivos para o campo psicanalítico e (in)verte os sentidos fundantes a partir desses sentidos, fundando sentidos outros (ação discursiva metafórica) no campo psicanalítico. (In)versões que são articuladas a partir de substituições e sobreposições de sentidos. Ações discursivas cujo efeito, muitas vezes, para o sujeito, é de que está falando o mesmo, apenas se valendo de outras palavras para fazer saber/explicar o que diz.

No capítulo 6 – Análise do discurso lacaniano – defino o método de análise, com base em Pêcheux (2002), e a maneira de trabalhar sobre o acontecimento discursivo S5: descrição das heterogeneidades da materialidade lingüística (e dos deslocamentos de sentidos) e interpretação, considerando as filiações sócio-históricas do sujeito do discurso. Delimito os recortes discursivos de análise, definindo a pertinência de se trabalhar com recortes discursivos.

Na seqüência, apresento as análises do discurso lacaniano, objetivando o percurso de produção dos sentidos outros da psicanálise lacaniana.

No capítulo subsequente – Considerações Finais: a palavra lacaniana como discurso fundador – abordo o discurso lacaniano como um discurso fundador no campo psicanalítico onde verifico, a partir das análises feitas no capítulo anterior, o alcance dos objetivos e a confirmação das hipóteses de trabalho buscando sustentar que o discurso lacaniano é fundador de uma psicanálise outra, portanto, um discurso constitutivo do campo psicanalítico.

Finalizo com as Referências Bibliográficas e com os Anexos, trazendo os recortes analisados no capítulo 6.

Na escrita desta dissertação, alguns pontos foram, por mim, assumidos de meu lugar de analista do discurso. A saber¹⁹:

1. Considero a AD uma área de estudo da linguagem, dentro do campo científico da Lingüística;
2. A maneira à qual a AD entende e produz conhecimento acerca da questão do sentido considero como a maior contribuição desta para a Lingüística, na medida em que liberta o sentido da ordem do dado, do sempre já pronto. O sentido passa a ser uma (re)construção, um processo histórico que envolve língua, história e sujeito. Aprender um sentido é (re)fazer esse caminho de produção;
3. A Análise do Discurso, desde sua fundação, objetiva olhar para o que desestabiliza a ordem da linguagem, para o que é produzido a cada inserção de diferentes sujeitos em diferentes formações discursivas, submetidas a, também, diferentes formações ideológicas, em momentos históricos e posições discursivas outras. Assim, um trabalho que tem por objetivo analisar efeitos de sentidos de linguagem, no mundo, não deve partir de *pré-conceitos* lingüísticos, tomando a língua já como da ordem do que não pode ser transformado, algo pronto. Evitar isso ou aquilo, por ser isso ou aquilo, é impossibilitar a própria análise, é negar o fundamento básico de uma análise discursiva que para mim é: tratar da linguagem no mundo, em movimento perpétuo. Ponto que remete ao limite de uma análise discursiva;
4. Há limites para uma análise discursiva? Sim. Mas esses limites não são dados pelo analista, mas pelo próprio discurso. A questão é – sempre – responder ao *corpus* de análise, àquilo que nos é apresentado pela sua materialidade lingüística, pelos sujeitos inseridos, pela História e a carga político-ideológica que atravessa a linguagem. Em um paradoxo com a Psicanálise, onde quem responde pela análise, quem sabe e quem a limita é o sujeito que demanda o serviço, também, em AD, é o discurso que demanda ser analisado (demanda histórica), o que vai fazer-se, na análise específica, com aquele analista do discurso, em condições de produção que não se repetem, que vai limitar esta ou aquela análise.

¹⁹ Estes pontos serão retomados, posteriormente, quando for pertinente à fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa.

Então, é esse meu posicionamento, o lugar discursivo de onde analiso o discurso lacaniano. Como se fosse possível não ir para outros lugares, neste momento.

CAPÍTULO 1 - O DISCURSO LACANIANO

Um discurso não é apenas uma matéria, uma textura, mas requer tempo, uma espessura. Não podemos contentar-nos, em absoluto, com um presente instantâneo, pois toda nossa experiência vai contra isso.

Jacques Lacan, 1998, p.17

No S5 Jacques Lacan²⁰ afirma que não há metalinguagem. O que existem são formalizações sobre a linguagem que deslocam os sentidos dessa linguagem ou conservam as ambigüidades e contradições que tenta dissolver. Este trabalho, então, não se constitui em uma tentativa de explicar a linguagem lacaniana, mas em uma leitura discursiva sobre os possíveis sentidos deste texto²¹, sem a ambição de apagar o contraditório e o ambíguo dessa linguagem. Todavia, não adianta tentar negar o efeito dessa formalização, que é dizer sobre S5. Vale parafrasear Arrivé (1999): o fato de Lacan dizer que não há metalinguagem não torna verdadeiro o fato de não existir metalinguagem. Estamos sempre tentando entender outros dizeres, tentativas que são linguagem sobre outras linguagens. Negar essa referenciação é negar os já-ditos, os pré-construídos.

Esta formalização discursiva realiza-se segundo os princípios e noções da Análise do Discurso, como estudo da linguagem.

Começo, pois, a definir o objeto desta análise: o discurso lacaniano.

1.1 O que é discurso?

Pêcheux funda a AD, na França na década de 60 do século XX, conceituando o objeto de estudo desta área de conhecimento específico: o discurso. Ato que funda a disciplina rompendo com a estabilidade dos estudos da linguagem, pois traz para dentro do sistema lingüístico o que até então estava fora: história, sujeito e ideologia, desestabilizando os sentidos e contestando a transparência da linguagem.

²⁰ O nome Jacques Lacan é usado como referência ao sujeito do discurso, abordado em item específico.

²¹ A palavra texto refere-se à base material do discurso lacaniano, em estudo: o S5.

Em meados dos anos de 1960, a Lingüística é o modelo de ciência a ser seguido dentro do universo das ciências humanas. Modelo que prima por regras próprias e que vai “[...] por seu rigor, seu grau de formalização, arrastar em sua esteira todas as outras disciplinas [psicologia, filosofia, antropologia, conforme o autor] e fazê-las assimilar seu programa e seus métodos.” (DOSSE, 1993, p. 66). Modelo apresentado ao mundo pela publicação, em 1915, do *Curso de Lingüística Geral (CLG)*, contendo as aulas e os ensinamentos do fundador dessa nova ordem, Ferdinand de Saussure, nos estudos da linguagem²².

É no fio desta história que chegarei, na seqüência, à noção de discurso da AD.

1.1.1 O corte fundante

O ato fundante da Lingüística como ciência-modelo e dos paradigmas estruturalistas é um corte. Corte simbólico que abre, nos estudos da linguagem, espaços para a descrição da língua como sistema e de suas unidades elementares constitutivas.

O CLG começa com a retomada da história da lingüística em que Saussure discorre sobre as escolas que integram, até então, o campo lingüístico, como a filologia, que não tinha ainda resolvido o problema fundamental desse campo: “Jamais se preocupou em determinar a natureza de seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria.” (SAUSSURE, 1995, p.10).

Este é o corte fundante realizado por Saussure: definir o objeto da Lingüística – a língua, dando-lhe independência da Psicologia e da Biologia, ciências às quais o estudo da língua estava subordinado.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...]. (Ibid., p. 17).

E: “[...] um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas.” (Ibid, p.18).

²² Segundo Dosse (1993) é Roman Jakobson, por volta de 1928, destacando o CLG para descrever a língua como sistema, que usou, pela primeira vez, o termo *estrutura* para se referir ao termo *sistema* de Saussure.

E, ainda: “A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamamos *fála (parole)*.” (Ibid, p.21).

Os cursos que resultaram no tratado oficial da Lingüística foram ministrados entre 1907 e 1911.

Olhar para o CLG, neste trabalho, tem duas justificativas: primeiro, aferir sobre a relação Lingüística e AD, notadamente sobre a noção de língua e sentido; segundo, situar a relação do sujeito do discurso lacaniano com esta produção, que é fundante em S5.

À guisa das controvérsias acerca do CLG, como, por exemplo, não foi Saussure quem escreveu o livro e seus editores (Bally e Sechehaye) não assistiram a nenhum dos cursos, editando-o a partir de escritos de terceiros²³, o fundamental é que o significante *Saussure* e o *CLG* romperam com os estudos da linguagem, instaurando uma discursividade outra, neste campo. É ao significante *Saussure* – fundante – que Lacan também se filia historicamente para realizar seu retorno a Freud. É a esse aspecto fundante que será feita a referência.

De acordo com Silveira (2003) a *quimera* dos lingüistas é encontrar Saussure; busca que é necessária, pois produz respostas sobre o saber acerca da língua. Parafraseando a autora, a *quimera* de alguns psicanalistas também é encontrar Saussure. O sujeito do discurso lacaniano encontrou “Saussure” na leitura que fez do CLG questionando a edição dos alunos.

O caráter de texto fundador²⁴ do CLG é abordado pela autora supracitada da seguinte maneira:

[...] Mas interessa perguntar se é inquietante porque esse texto é **fundador**, e uma fundação precisa de uma unidade à qual possa ser remetida, seja ela um nome de autor ou um grupo ou uma instituição, ou é inquietante porque se trata da fundação da **lingüística**. (Ibid., p.34 – Grifo da autora).

O CLG é a unidade de referência histórica à fundação da Lingüística, tal como *A Interpretação dos Sonhos* é para a Psicanálise.

A autora aponta para o enigma que existe na materialidade do CLG:

Assim, começando por admitir uma leitura da edição em que as linhas de compreensão não configurem uma dificuldade, mas um **enigma**, não se procuraria uma resposta para o embaraço diante do CLG na comparação com as anotações que os alunos fizeram em aula ou com os manuscritos do mestre mas no próprio texto do CLG.[...]. (Ibid. – Grifo meu).

²³ Cf. BOUQUET, 2000.

²⁴ O termo fundador será posteriormente abordado.

Em relação a este ponto, assim como Michel Pêcheux, Jacques Lacan lê o CLG interpretando e abordando, de modo singular, o que é a Lingüística, signo e significante²⁵. Importante ressaltar que ao longo de sua leitura do CLG Lacan se filia ao que Silveira (2003) chama de a *originalidade da teoria do valor*, uma teoria que vai reclamar o *Outro* como constitutivo, o significante em relação a outro significante.

A evocação constante dá à Lingüística e ao nome Saussure, um caráter de fundante em S5. Ao (re)tomar o *Curso*, os efeitos são sobre os estudos da linguagem e sobre a Psicanálise.

Muitas são as dicotomias²⁶ resultantes deste corte, como a distinção entre língua e fala, em que o estudo científico da linguagem se interessa sobre as regras do jogo, o sistema, a noção de pertinência, em que um elemento lingüístico pode ou não ter relevância dependendo do sistema ao qual faz parte a distinção entre forma e substância; as noções de significante, signo e significado, a teoria do valor e arbitrariedade do signo. Essas dicotomias demandavam a instauração de uma “revolução rigorosa” na própria Lingüística e nas ciências humanas que seguiam seu modelo de paradigma científico.

1.1.2 Um outro objeto de estudo: o discurso

Dascal (1978), em seu texto “As convulsões metodológicas da Lingüística contemporânea”, baseado nas *revoluções científicas*, de T.S. Kuhn, chama a atenção para o fato de que a “[...] investigação científica da linguagem humana – objeto da relativamente nova ciência denominada “Lingüística” – sofreu, em sua curta existência, um grande número de transformações.”(p.18).

Na história da Lingüística, houve momentos de estabilização, em que determinados paradigmas não eram questionados porque davam “conta” das questões colocadas na área. No entanto, existiram momentos de crise, de desestabilização em que novos questionamentos surgiram, exigindo novas respostas e, até mesmo, novos objetos. Cada um busca respostas e interpretações diferentes ao *enigma* CLG.

²⁵ Muitos são os trabalhos que tentam dar conta da (re)leitura lacaniana do CLG. Por exemplo: *Linguagem e Psicanálise. Lingüística e Inconsciente*. Freud, Saussure, Pichon, Lacan. (ARRIVÉ,1999); *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan* (JORGE, 2000); *Psicanálise e Lingüística* (SHAFFER; FLORES & BARBISAN (orgs.), 2002); *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma* (QUINET, 2000); *Lacan e a Trajetória do Seu Ensino* (MARINI, 1991); *Introdução à leitura de Lacan: O Inconsciente Estruturado como Linguagem* (DOR, 1989).

²⁶ Cf. ILARI, 2004.

Como continuar tratando a língua como um sistema fechado, ignorando todos os movimentos externos a esse sistema e que colocavam à prova sua estabilidade? Sustentar a imanência da língua e isolar o objeto de estudo da Lingüística é colocar em risco sua sobrevivência (do objeto e da ciência) na medida em que, no mundo contemporâneo, faz-se necessária uma relação de implicação mútua entre ciência e esse próprio mundo.

Para Dosse (1993), o movimento geral, dentro das ciências, de *retorno a* caracteriza-se por uma necessidade de mobilização do passado, em que se pressupõe uma perda entre o corte fundante e o ato de sua redescoberta, o retorno.

Mas, o que se perdeu entre Saussure e Pêcheux? O medo de se olhar para o instável, para o que desestabiliza a ordem linear de funcionamento da língua. Michel Pêcheux, de seu lugar de filósofo, passa a questionar o sistema da língua, olhando justamente para o *lado de fora* desse sistema e suas implicações, submerso no materialismo histórico, na própria Lingüística e na Psicanálise. A exterioridade passa a constituir um novo paradigma lingüístico sendo colocada dentro do sistema e não deixada do lado de fora.

No decorrer de sua teorização, Pêcheux nos mostra que o sistema não se desintegra por causa da exterioridade, mas, que os sentidos da língua são afetados, a própria língua é afetada e os efeitos desses sentidos da língua constituída pela exterioridade são denominados “discurso”. Seguindo a norma de Saussure, Pêcheux define, então, o objeto de estudo de sua disciplina científica: o discurso, integralmente efeito do lingüístico e histórico.

1.1.3 Uma teoria para definir o objeto

O ato fundador da AD (por instaurar um novo objeto, o sentido outro, a ruptura, um discurso outro) foi o texto *Análise Automática do Discurso*, de 1969, de Michel Pêcheux.

Malidier (2003) define a AAD-69 como o momento inaugural da Análise do Discurso por estar nele “[...] todos os fios constitutivos de um objeto radicalmente novo: o *discurso*” (p.19). Inaugural tanto do objeto de estudo como da nova teoria que sustentará essa disciplina: a Análise do Discurso.

Esse novo objeto (e sua teoria) começa a ser elaborado a partir da crítica, feita por Pêcheux, às ciências humanas e sociais que, ao postularem a soberania do ser psicológico²⁷,

²⁷ Aqui o “Eu” que tem consciência e controle sobre tudo que diz, faz e sobre os sentidos dessa produção.

ignoram a relação constitutiva desse ser e daquilo que ele produz, com a política, a ideologia e a história, buscando sua cientificidade em métodos estatísticos e lingüísticos (Ibid.). É contra esses métodos superficiais de análise da linguagem que Pêcheux começa propondo a *Análise Automática do Discurso*, um dispositivo teórico-metodológico que dê conta do que é construído na exterioridade da superfície lingüística, mas que ao mesmo tempo está nela materializado implicitamente, constitutivamente: o discurso. Nesse momento, Pêcheux ainda não leva em conta as variações dessas superfícies lingüísticas, por isso pensa em uma *máquina discursiva*.

A Análise do Discurso começa a ser construída olhando aquilo que não deveria ser: uma análise de conteúdo. É esta a diferenciação que inaugura a nova Teoria do Discurso, no texto *Análise Automática do Discurso (AAD-69)* de Pêcheux (1990a). Segundo o autor, estudar textos, até então, era buscar compreendê-los por meio de questões que mantinham a análise no campo da sintaxe e da semântica.

Percebe-se, já nesse início de construção teórica, que Pêcheux aponta para uma de suas críticas às ciências humanas e seus métodos de análise (no caso, Análise de Conteúdo):

[...] o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber, a compreensão do texto, da mesma forma que, no próprio texto, os ‘meios de expressão’ estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer-se compreender). (PÊCHEUX, 1990a, p.61-62).

Pêcheux coloca sua crítica ao reinado do sujeito, produtor do texto, nas ciências humanas. Na Análise de Conteúdo isso é mantido, na medida em que o sentido de um texto está submetido ao querer dizer do texto e de seu autor. Analisar o conteúdo (lingüístico)²⁸ de um texto é responder a questões como: “De que fala este texto?”, “Quais são as ‘idéias’ principais contidas neste texto?” (Ibid., p.61).

Esse tipo de análise tem por objetivo identificar as significações contidas em um texto, por meio de categorias temáticas (indicadores) que lhe são representativas. Para Pêcheux está posta, em análise, a língua enquanto função que é significar algo, ser a expressão dos sentidos possíveis de um texto: uma forma lingüística tem a função (socialmente estabelecida) de significar tal coisa. Este tipo de análise não procede: “[...] nesta perspectiva, a análise não pode ser uma seqüência de operações objetivas com resultado unívoco [...]” (PÊCHEUX, op.cit., p. 65).

²⁸ O lingüístico é para ressaltar o fato de que esse tipo de análise considerava somente a materialidade lingüística (frases, textos), não considerando os elementos externos de um texto, mas que estão postos nessa mesma materialidade.

A objetividade e o funcionamento da língua é a diferença fundamental entre a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso, abordada por Pêcheux na AAD-69.

A Teoria do Discurso, que sustenta a análise discursiva, começa a ser elaborada a partir de um olhar sobre o funcionamento da língua: como funciona, se constrói, surge em determinado contexto, para significar e produzir sentidos. Na Análise do Discurso o que se busca são os processos de construção de significações que instauram os sentidos e o discurso.

Ao propor essa análise, Pêcheux funda a disciplina definindo seu objeto de estudo: o discurso. Objeto de estudo que não é mensurável ou quantificado, nem pode ser tomado como um fenômeno empírico. É a parte não concreta da linguagem, mas que só pode ser tomada a partir da materialidade lingüística, na sua contraparte empírica: o texto.

Para conceituar seu objeto, Pêcheux retorna para a construção saussuriana na Lingüística em que esta deveria estudar a língua, como um sistema social, em detrimento da fala que é individual.

Na verdade, ao propor um novo estudo da linguagem Pêcheux busca “garantias” epistemológicas nos princípios fundadores da Lingüística, encontrando em seus implícitos, sustentação histórica para sua teoria. Pêcheux tenta, também, interpretar o *enigma* CLG. Ou seja, o discurso é linguagem, pois está posto nas dicotomias da língua, estabelecidas por Saussure. É no espaço do contraditório, do ambíguo e do dicotômico do sistema da língua que Pêcheux instaura seu objeto:

Michel Pêcheux constitui o *discurso* como uma reformulação de suas implicações subjetivas. Desde este momento, o essencial, que não vai variar, é colocado: tratar-se-á sempre de manter-se como ponto de encontro da *língua*, tomada na pura acepção saussuriana de sistema, e de coerções irreduzíveis à ordem lingüística e ao sujeito psicológico. (MALDIDIER, 2003, p. 22).

Ou seja, o discurso é determinado na exterioridade da língua, atravessado por outros discursos, outras instituições sociais, em condições sócio-históricas de produção específicas. O sujeito falante é re-inserido, nesse processo como aquele que produz o discurso, que faz a língua funcionar, para realizar os sentidos dos dizeres e seus efeitos. Dessa maneira, instaura-se, no campo lingüístico, o discurso como objeto de estudo teorizado²⁹.

²⁹ No decorrer do texto serão abordadas outras especificidades deste objeto.

1.1.4 A noção de discurso

Nesta pesquisa, a noção de discurso mantém o aspecto de processo, de construção, de sempre existir um devir de sentidos que é coerente com uma concepção de língua não transparente. A concepção de língua, neste trabalho, é discutida a partir daquela apresentada por Leandro Ferreira (2000) que aborda a *natureza opaca, densa e consistente* desta materialidade, com uma noção de língua, também, afetada pelo *Real*:

[...] O princípio de que falar de língua é falar da falta entra em sintonia com esse enfoque e tornou possível a incursão pela zona do equívoco, área de tensão e ponto de encontro entre a materialidade lingüística e a materialidade histórica. Com o equívoco ganhou corpo a noção de resistência e uma concepção de língua que incorpora ao seu interior os fatos costumeiramente postos à margem, como indesejáveis, problemáticos. Daí o sistema significante se apresentar como instável, heterogêneo e não-fechado, prevendo em seu próprio ordenamento um espaço que escapa ao enquadramento formal. Afinal, é sempre bom reiterar que a multiplicidade do dizer é condição estruturante da própria língua. (p.119).

Devir determinado pelas filiações sócio-históricas do sujeito do discurso a partir de sua inserção no campo psicanalítico. Esse aspecto implica que ao realizar um recorte discursivo, estou trabalhando com ressonâncias desses sentidos ao longo da base material e que a análise é constitutiva desse todo discursivo e não sua mera representação.

Considero o discurso como parte não empírica da linguagem, o que remete sempre à necessidade da análise, de um gesto de leitura, de descrição e interpretação, que possa nos aproximar desses efeitos de sentidos. Todavia, essa análise parte da base material³⁰ do *corpus*, e falar de discurso é apontar os sentidos decorrentes da relação da língua com o que lhe é exterioridade constitutiva. Discurso é um fim e não um meio para a análise. O trabalho é sobre a materialidade lingüística em que analiso (entre outras manifestações via linguagem) dizeres para (via interpretação) chegar a sentidos possíveis a partir desta materialidade e, como resultado, um determinado discurso como acontecimento da ordem dos sentidos, ordem que é devir, movimento inscrito em condições sócio-históricas específicas e constituído de: língua, que não é transparente, mas opaca (nem tudo pode ser visto e lido em sua superfície), contraditória e equivocada, em que o sentido somente é possível por um gesto de leitura e interpretação; sujeito, ideologia e história. A relação entre língua, sujeito, ideologia e história

³⁰ Conforme Pêcheux (1997): “Ao empregar o termo “base” não estamos querendo sugerir que a língua faria parte da infra-estrutura econômica, mas somente que ela é o pré-requisito indispensável de qualquer processo discursivo.” (p.135, Nota 5).

resultam em uma heterogeneidade de sentidos que, como efeito e devir diretamente no mundo, constitui o discurso.

No texto AAD – 69, Michel Pêcheux (1990a) usa o termo *discurso* para se referir ao fato de que entre interlocutores acontece um efeito de sentido e não mera transmissão de informação. Daí a permanente referência ao clássico conceito: *discurso é efeito de sentidos*.

A idéia de que uma análise discursiva seja uma busca por sentidos (e seu processo de constituição) de uma materialidade lingüística não é questionável. Aliás, isso é análise do discurso, em meu entendimento. Alcançar esses efeitos em determinadas situações sócio-históricas é também, sustentável.

Porém, há a necessidade de operacionalização dessa noção. Ao se falar do objeto de estudo, tem que se garantir sua possibilidade de existência³¹ e isso somente é possível se lhe for conferido uma simbolização, no sentido de construir uma noção de discurso que não pareça um eco de linguagem, inatingível. Um discurso, na verdade, não será mesmo nunca atingível e captado, será sempre interpretado, aludido. Mas, a noção desse objeto deve remeter a ele, via simbólico, mesmo em uma construção imaginária.

É o próprio Michel Pêcheux (2002) em uma de suas últimas construções teóricas que aponta o caminho para isso, sem cair na tentação de codificar um discurso, torná-lo um texto, retrocedendo cem anos na teoria lingüística. Pêcheux toma um discurso como acontecimento ao mesmo tempo desestruturante e reestruturante:

[...] todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço [...]. (Ibid., p.56). (2002)

O discurso é o espaço simbólico onde se presentificam as relações dos sujeitos com suas filiações sócio-históricas que produzem os efeitos de sentidos que transformam esse espaço. Então, quando falo discurso não me remeto somente aos seus efeitos de sentidos, mas, é importante, também, considerar o espaço, esse acontecimento discursivo³². Decorre das *filiações* e *trabalho* o aspecto de processo e de devir do discurso que não se deve desconsiderar em uma análise. Ao contrário, o olhar recai justamente nesses pontos do dizer em movimento constante, onde os sentidos são atribuídos, (re)configurados, (re)constituídos e (in)vertidos.

³¹ Existir como uma realização simbólica.

³² Pêcheux (2002) define discurso como acontecimento discursivo, um encontro entre atualidade e memória, que retomarei oportunamente.

1.2. A obra de Jacques Lacan

Não entrarei, aqui, na construção dessa obra e suas filiações³³. Por ora, basta apresentá-la sistematicamente com o objetivo de fazer o recorte nesta totalidade discursiva.

Obra é uma referência ao todo de textos publicados, transcritos dos ensinamentos orais de Jacques Lacan (seminários e conferências) e seus escritos. Obra que é resultado concreto de seu “[...] empenho em alcançar o mais alto grau de cientificidade a fim de defender a prática analítica.” (DOSSE, 1993, p.117). Empenho que se inicia nos idos dos anos de 1920 e vai, produtivamente, até a morte de Lacan, em 1981³⁴. No entanto, o significante Lacan continua a produzir efeitos de sentido.

Essa cadeia produtiva de teoria psicanalítica pode ser tomada como uma cadeia mesmo de significantes em que cada significante sucede outro, fazendo significar: o que se tem são conceitos, teorizações, formulações e (re)formulações que vão se sucedendo, sendo retomadas em diferentes condições de produção, ou sendo abandonadas, sempre na tentativa de fazer significar, dar sentido a essa outra teoria psicanalítica.

Vale ressaltar que a ordem cronológica das publicações não acompanha a ordem de construção da teoria e sua apresentação pública, pela via oral. Preferência do sujeito, que acreditava que a teoria psicanalítica deveria se sustentar pela fala, assim como a prática clínica psicanalítica. Uma leitura da obra lacaniana deve considerar a preferência de Lacan pela fala, pela palavra dita, onde não há, por vezes, o controle do dizer e sentidos e o sujeito é tomado por essa palavra³⁵.

Não há, na obra lacaniana, um único texto em que, por exemplo, um conceito esteja pronto, seja suficientemente estudado, esgotado. Há sempre a necessidade de retomar um já-dito ou de buscar o texto posterior. Essa dispersão é o aspecto de regularidade da obra: essa obra se constitui como uma unidade discursiva dadas as suas recorrências e incorrências de sentidos. É um movimento constante de produção de sentidos, um devir cujos efeitos constituem o discurso lacaniano. Espaço simbólico de presentificação dos sentidos dessa produção psicanalítica:

³³ Isto será retomado posteriormente.

³⁴ Conforme Roudinesco (1998) sua produção científica foi interrompida somente no período da segunda guerra mundial.

³⁵ No Capítulo II retomarei esta questão da oralidade.

É sempre difícil saber se Lacan tem ou não consciência, dentro da grande reformulação que propõe, das diferentes leituras que se sucedem. No que ele enuncia, parece que simplesmente dá prosseguimento a um trabalho iniciado, donde a impressão de excessiva continuidade, ou mesmo de repetição, que emana de sua obra. Essa continuidade é ainda mais enganosa e pregnante na medida em que Lacan nunca efetua uma ruptura clara ou uma “ultrapassagem” em relação a uma etapa anterior. (ROUDUNESCO, 1998, p.318).

É o próprio funcionamento da linguagem em que o sujeito está imerso: a cadeia significante não depende da intenção deste sujeito. O sujeito é tomado pela palavra e o funcionamento desta produção é de (re)petição, de (re)tomada e devir constante em seus dizeres.

A seguir, sistematizarei as produções que antecedem o acontecimento discursivo, S5, com o objetivo de (na ilusão de) construir um todo, de onde recortarei o *corpus* de análise. Isso se faz necessário na medida em que não é possível pensar em uma análise totalizante do “discurso psicanalítico lacaniano”. Também marco o espaço simbólico em análise, o S5, apresentando sua dimensão de constituinte da obra lacaniana, o que não deve ser ignorado na análise. Por isso, a importância de apresentar esta obra no corpo do texto, nesse item específico e não em um anexo.

Um olhar sobre estas produções mostra o aspecto de devir (descontínuo ou não) desta Psicanálise. A análise vai até esse ponto da produção lacaniana, como ruptura que instaura essa discursividade outra. Aqui, abro um parêntese para colocar que a análise trata dessa ruptura, desse acontecimento que abre caminhos para uma psicanálise outra, que se efetiva ano após ano na seqüência deste acontecimento. Assim, retomarei as anterioridades formadoras desses dizeres fundadores e não sua posteridade, enquanto obra. O que é posterior a S5 é atualidade.

A apresentação seguirá uma ordem de produção datada e não somente de publicação conforme as abordagens de Roudinesco (1994) e Marini (1991). Remeter-me-ei aos livros, artigos e intervenções em reuniões, conferências e congressos³⁶.

³⁶ Sigo as traduções das autoras para as produções sem tradução para o português.

1.2.1 A cronologia de livros, artigos e intervenções

1926 – 1932: Lacan produz seus primeiros textos científicos como psiquiatra, com trabalhos sobre psicopatologia geral e, em alguns, já é possível observar seu interesse pelo campo da linguagem³⁷. A saber:

- *Fixidez do olhar com hipertonia, predominante no sentido vertical com conservação dos movimentos automático-reflexos, Aspecto especial da síndrome de Parinaud por hipertonia associada com uma síndrome extra-piramidal com distúrbios pseudo-bulbares*/1926 – PC.
- *Abasia numa traumatizada de guerra; Romance policial. Do delírio tipo alucinatório crônico ao delírio de imaginação*/1928 – PC.
- *Síndrome comicial-parkinsoniana encefálica; Paralisia geral com síndrome de automatismo mental; Paralisia prolongada*/1929 – PC.
- *Psicose alucinatória encefálica; Distúrbios mentais homódromos em dois irmãos heredosifilíticos – PC; Crises tônicas combinadas de protusão da língua e de trismo que se produz durante o sono numa parkinsoniana pós-encefálica. Amputação da língua consecutiva* (Produção individual)/1930.
- *Estruturas das psicoses paranóicas* (Produção individual); *Loucuras simultâneas; Escritos inspirados: esquizografia; Distúrbios da linguagem escrita numa paranóica apresentando elementos delirantes do tipo paranóide (esquizografia); Parkinsonismo e síndromes demenciais (protusão da língua em um dos casos)*/1931 – PC.
- *Espasmo de torsão e distúrbios mentais pós-encefálicos – PC; Tradução de “De quelques mécanismes névrotiques dans la jalouse, la paranoïa et l’homosexualité, de Sigmund Freud (1922)/1932* (Produção individual).

O psiquiatra começa lentamente a se inscrever pelos caminhos da linguagem para se aproximar das “mentalidades” psicóticas: a escrita do esquizofrênico abre essa possibilidade de uma nova intervenção na clínica da psicose, clínica ainda médica. A tradução do texto de Freud é a primeira manifestação pública de seu contato com a palavra freudiana. Outro aspecto a ser considerado na leitura dessa obra: Lacan sempre leu Freud em alemão, desconsiderando as traduções existentes, tomando-as como contraponto. Para Lacan o que

³⁷ Utilizo a sigla PC para trabalhos de produção coletiva.

Freud disse foi o que ele mesmo traduziu. Ainda se percebe as publicações coletivas, comuns para a época. No entanto, à medida que o psiquiatra vai se transformando psicanalista só há uma assinatura em seus textos, a sua. É uma tomada progressiva de sua posição de sujeito de seu discurso, na Psicanálise.

1932 – *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* – Tese de doutorado em Medicina. Nesse trabalho, Lacan começa a construir a teoria da personalidade paranóica, em seu famoso caso *Aimée*, em que trabalha com a linguagem dessa paciente. Pela primeira vez, a psicanálise é trazida diretamente para o campo psiquiátrico. Segundo Lacan³⁸, sua pesquisa parte do (retoma o) ponto a que a Psicanálise chegou, até então: o narcisismo e a psicose. É sempre desse ponto que Lacan irá retomar a palavra freudiana: do lugar em que Freud parou, não foi mais além; daí, a necessidade da interpretação dessa letra, buscando o para além de sua superfície. Lacan começa a incursionar pelo campo psicanalítico em um lugar inexplorado por Freud e seus discípulos: as psicoses. Ação discursiva singular que sugere um não fazer idêntico, um caminho de exploração desse novo. Começa desse ponto, cujos sentidos estão em suspensão: as psicoses. Até então, não havia uma escuta psicanalítica da psicose completamente desenvolvida.

A demanda histórica é por esta escuta: a loucura é o grande interesse cultural, na França. O surrealismo ouvia a loucura. Então, fazia-se necessário um saber científico ouvi-la, também.

Ao posicionar-se neste espaço aberto e inexplorado do saber psicanalítico acerca das psicoses Lacan instaura um espaço discursivo outro: a partir do que já foi dito ele vai construir outros ditos. É ali, nos não-ditos da Psicanálise, que Lacan começa e sempre atuará. Doravante, a Psicanálise está nos trabalhos de Lacan, que logo estarão na Psicanálise, construindo este campo. Todavia, nessa tese o sujeito ainda está filiado historicamente à psiquiatria e ele fala do lugar de psiquiatra: os sentidos, então, são ainda determinados pelo campo psiquiátrico, mas já em relação dialógica com a Psicanálise: começa a sua inscrição-identificação com a Psicanálise.

1933 – *Hiatus Irrationalis* (Poema); *Um caso de demência precocíssima* – PC; *Um caso de perversão infantil por encefalite epidêmica precoce diagnosticada por uma síndrome motora frustral* – PC; *Alcoolismo subagudo com o pulso normal ou lentificado. Coexistência da síndrome de automatismo verbal* – PC; *Produção individual: O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranóicas da experiência; Motivos do crime paranóico:*

³⁸ Cf. LACAN, Jacques. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

o crime das irmãs Papin; Exposição geral de nossos trabalhos científicos; A psicanálise e o desenvolvimento intelectual.

A partir desta data, os trabalhos de Lacan passam a conter menos termos da psiquiatria e mais termos da psicanálise: o mental passa a dar lugar, definitivamente, ao psíquico. O médico vai se identificando e se constituindo psicanalista. Neste movimento a Psicanálise – como campo discursivo – vai transformando e afetando o sujeito. Percebe-se que a psicanálise lacaniana não foi uma ruptura sem processo. Este acontecimento foi sendo construído. O que pode sustentar sua força dentro do campo.

1934 – 1939: Nesse período, antes da segunda guerra mundial, se percebe que o Lacan psicanalista já se constituiu, por seus trabalhos e intervenções sobre trabalhos de outros psicanalistas. O período academicamente improdutivo da guerra será um fôlego nesse processo. Neste período os chamados intelectuais franceses se engajaram na resistência ao domínio nazista. Suas produções eram sempre um confronto ao *Terceiro Reich*. Lacan não se engajou nessa resistência. Um ponto importante, pois mostra que Lacan – o psicanalista – nunca foi um *intelectual engajado*³⁹ em movimentos políticos e sociais que estivessem circunscritos fora do campo psicanalítico. Seu envolvimento veio tardiamente, durante a década dos anos de 1970, mas sem poder ser comparado ao engajamento de intelectuais como Jean Paul Sartre e Michel Foucault. Sua luta política, social, científica e cultural estava sempre circunscrita ao movimento psicanalítico, apesar de buscar seu arsenal de guerra fora da Psicanálise. Contradições de um sujeito do discurso fragmentado e interpelado pelas necessidades históricas de seu tempo e que, na sua ilusão de completude, acreditava que a Psicanálise era a forma maior de luta e transformação humana, meramente humana.

Os trabalhos de Lacan não são mais produções coletivas.

- *Conflitos instintivos e bissexualidade* (Intervenção)⁴⁰; *Algumas reflexões sobre o suicídio* – I/ 1934.
- *Psicanálise de um crime incompreensível* – I; *Resenha de Hallucinations et delires de H. Ey*, *Resenha de Le temps vécu. Études phénoménologiques et*

³⁹ De acordo com Winock (2000) a expressão *intelectual engajado* surgiu no fim do século XIX, na França, como referência aos escritores e artistas que se envolveram na defesa ou na acusação de Dreyfus, usando sua literatura como forma de manifesto. Surge, então, uma categoria que se fará sempre ativa na sociedade francesa: o *intelectual* que usará sua linguagem para defender questões políticas e sociais. O livro de Winock narra a história destas personagens históricas, como Barrés, Emile Zola, Anatole France, Charles Maurras, André Gide, Sartre, Derrida, Foucault, entre outros. Importante é que o nome de Jacques Lacan não figura nesta lista de personagens revolucionários, apesar de estar revolucionando a Psicanálise. Movimento que aponta para o lugar discursivo desse sujeito: circunscrito ao campo discursivo da Psicanálise.

⁴⁰ Doravante usarei I para as intervenções de Lacan em trabalhos de outros cientistas apresentados em conferências em geral. Os títulos referem-se aos trabalhos apresentados por diferentes autores, que sofreram essas intervenções.

psychologiques de E. Minkowski; A propósito de três casos de anorexia mental – I/1935.

- *O estádio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica/Comunicação ao XIV Congresso Psicanalítico Internacional, Marienbad, 2-8/8/1936⁴¹; Mais além do princípio da realidade; A formação do caráter na criança (a parte da estrutura e a dos eventos) – I; Os distúrbios da fala em suas relações com os distúrbios da motricidade – I; Do papel do onirismo nas psicoses de tipo paranóico e maníaco-depressivo – I/1936.*
- *Pontos de vista paleobiológicos e biopsíquicos – I; Luto e melancolia – I/1937.*
- *A origem do masoquismo e a teoria das pulsões – I; Os complexos familiares; do impulso ao complexo; Os problemas fisiopatológicos da atividade alucinatória – I/1937.*
- *Dos fatores morais em psiquiatria. A personalidade moral dos alienados – I/1939.*

1945 – 1952: Período que antecede ao efetivo *retorno a Freud*. Lacan aprofundará seus trabalhos anteriores demarcando definitivamente seu espaço no campo psicanalítico. Os trabalhos abordam exclusivamente os textos freudianos e suas publicações se alternam entre revistas de psiquiatria e revistas de psicanálise e literatura. No entanto, o lugar de Lacan está posto no campo psicanalítico: é o psicanalista quem fala identificado com Freud.

- *Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada – um novo sofisma/1945.*
- *O número treze e a forma lógica da suspeição; Proposições sobre a causalidade psíquica; O sintoma mental. Valor e significação – I; Interesse psicológico e psicopatológico das canções e formulazinhas da infância – I/1946.*
- *A psiquiatria inglesa e a guerra, em A querela dos diagnósticos; O personagem do psiquiatra (estudo metodológico) – I; Problemas psicossomáticos em cirurgia/1947.*

⁴¹ Primeira intervenção lacaniana em um congresso psicanalítico. Depois de dez minutos de apresentação Lacan foi interrompido por Ernest Jones, que por ser o presidente da IPA, o impediu de continuar falando o que estava sendo ouvido como incompreensível. Primeira interdição da palavra lacaniana, na Psicanálise. Lacan retomará implicitamente esse fato em seus seminários e esta interdição não será interrompida. (ROUDINESCO, 1988, 1994).

- *A delinqüência neurótica – I; Mãe fálica e mãe castradora – I; Lugar nosográfico de algumas demências pré-senis (tipos Pick e Alzheimer) – I; A noção do esquema corporal e suas aplicações em psiquiatria – I; A agressividade em psicanálise; Ensaio sobre as reações psíquicas do hipertenso; Psicanálise das principais síndromes psicossomáticas – I; Observações metodológicas sobre a sócio-análise I/1948.*
- *Regulamento e doutrina da comissão de ensino da sociedade psicanalítica de Paris; Os conselheiros e conselheiras de crianças admitidos pela Sociedade Psicanalítica de Paris; O problema da terapêutica em medicina psicossomática – I; O estádio do espelho como fundador da função do Eu, tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica; A propósito da boneca-flor – I; A relação alucinatória – I; Delírio alucinatório numa surdo-muda – I; Psique na natureza ou os limites da psicogênese – I; Incidências terapêuticas da tomada de consciência da inveja do pênis em casos de neurose obsessiva feminina – I/1949.*
- *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia – PC; Resposta de Lacan às intervenções à XIII Conferência; Intervenção no I congresso Mundial de Psiquiatria/1950.*
- *XIV Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa – I; Algumas reflexões sobre o Ego; Ética e psicologia de um grupo de adolescentes inadaptados – I; Reflexões clínicas e terapêuticas sobre o alcoolismo – I; Psicoterapia analítica e psicanalítica – I; A propósito do trauma sexual na mulher – I; Cento e cinquenta biografias de tuberculosos do pulmão – I; Psicanálise disléitca?/1951.*
- *Estudo estrutural de dois casos de neurose concentracionária – I; Sobre a teoria dos instintos – I; O Eu na neurose obsessiva, relações de objeto e mecanismos de defesa; Psicanálise dialética?/1952*

1953-1963: Este é período do acontecimento discursivo S5. A teoria psicanalítica lacaniana é edificada nessa fase e todas as suas referências estão presentes. É o retorno a Freud que terá como efeito a fundação de uma escola lacaniana de psicanálise.

- *Estatutos propostos para o Institut de Psychanalyse; As formas graves da carência de cuidados maternos – I; Psicanálise dialética?; Considerações psicossomáticas sobre a hipertensão arterial – PC; O mito individual do*

neurótico; O simbólico, o Imaginário e o real; Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise; Discurso e resposta às intervenções/1953.

- *Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud e Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud/1954.*
- *Psicanálise e filosofia – I; Variantes do tratamento padrão, Seminário sobre A carta roubada; O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise; A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise; Intervenção no colóquio sobre anorexia mental/1955.*
- *Tradução de um texto de M. Heidegger: “Logos”; Fetichismo: o simbólico, o Imaginário e o Real; Sobre as relações entre a mitologia e o ritual – I; Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956; Reflexões sobre o Wo Es War, Soll Ich werden, de S. Freud – I/1956.*
- *Fascinação da consciência pelo eu – I; O encontro com o psicanalista – I; A psicanálise e seu ensino; Abandono e neurose – I; A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud; A psicoterapia dos esquizofrênicos – I; Chaves para a Psicanálise – Entrevista; De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose/1957.*
- *Juventude de Gide ou A letra e o desejo; A significação do falo; A direção do tratamento e os princípios de seu poder; Observações sobre o relatório de Daniel Lagache. Psicanálise e estrutura da personalidade; La psychanalyse vraie et la fausse – I; O obsessivo e seu desejo – I/1958.*
- *À la mémoire d’Ernest Jones. sur as théorie du symbolisme/1959.*
- *Ética da psicanálise. Será a psicanálise constituinte para uma ética que seria aquela que nosso tempo necessita?; A idéia de racionalidade e a regra de justiça – I; Proposições diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina; Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano; Posição do inconsciente/1960.*
- *Maurice Merleau-Ponty/1961.*
- *Kant com Sade; Intervenção nas jornadas provinciais de março, SFP; Daquilo que ensino (conferência);1962.*
- *Os nomes do pai/1963 – Interrompido pela segunda cisão com a SFP.*

1.2.2 Os seminários: cronologia que leva até S5

Os trabalhos realizados foram:

- Seminário 1: *O homem dos lobos* e Seminário 0: *O homem dos ratos* (1951-1953);
- Seminário, livro I: *Os escritos técnicos de Freud* (1952-53);
- Seminário, Livro II: *O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica* (1954-55);
- Seminário, Livro III: *Estruturas freudianas nas psicoses* (1955-56);
- Seminário, Livro IV: *A relação de objeto e as estruturas freudianas* (1956-57);
- Seminário, Livro V: *As formações do inconsciente* (1957-58);
- Seminário, Livro VI: *O desejo e sua interpretação* (1958-59);
- Seminário, Livro VII: *A ética da Psicanálise* (1959-60);
- Seminário, Livro VIII: *A transferência em sua disparidade subjetiva, sua pretensa situação, suas excursões técnicas* (1960-61);
- Seminário, Livro IX: *A identificação* (1961-62);
- Seminário, Livro X: *A angústia* (1962-63)/*Os nomes do pai* (sessão única em 20/11/1963);

1.3 Uma breve história dos seminários: a enunciação e a anunciação

A Psicanálise começou a se instituir em 1901, nas noites das quartas-feiras, em um aposento, na casa de Freud em Viena, de maneira modesta e informal, onde poucos homens se reuniam em torno do mestre, para conversarem sobre Psicanálise⁴².

O lacanismo (teoria e prática da psicanálise lacaniana) como instituição, começou a constituir-se no início dos anos 50, em Paris, na Rua Lille, na sala nº. 3, lugar de enunciação da palavra lacaniana onde Lacan dá início aos seus primeiros seminários nas noites das

⁴² Cf. GAY, 1989.

quartas-feiras⁴³. É para lá que os alunos vão para testemunhar a anunciação da boa nova no campo psicanalítico: a psicanálise lacaniana.

Esses “coincidentes” movimentos históricos parecem mostrar que Lacan queria seguir os passos de Freud: fundar uma psicanálise, mesmo que outra.

Em 1953, os seminários passam a ser realizados no hospital Sainte-Anne pelos 10 anos seguintes. A partir de 1963 vão para a École Normale Supérieure e para a École Pratique de Hautes Études.

S5 corresponde a esse período de fundação do lacanismo (1951-1963), o período do retorno a Freud, da *reestrutura ortodoxa do freudismo*⁴⁴. No hospital Sainte-Anne:

[...] durante dez anos, falará com voz vacilante, sincopada ou tonitruante, recheada de suspiros e hesitações. Anota antecipadamente o que irá dizer e depois, frente ao público, improvisa à maneira de um ator [...]. Lacan tem uma encenação falsa porque seu enunciado é verdadeiro, como se, com sua fala rigorosa, mas sempre prestes a se fragmentar, fizesse ressurgir, qual um ventríloquo, o espelho secreto do inconsciente, sintoma de uma mestria em perpétua falta. Feiticeiro sem magia, guru sem hipnose, profeta sem deus, fascina seu auditório com uma linguagem admirável em que se opera, sobre as margens do desejo, a grande reimpulsão de um século das luzes. Lacan não analisa: associa. Lacan não disserta: produz ressonâncias. A cada sessão desse trabalho coletivo, os alunos têm a impressão de que o mestre fala deles e para eles, numa mensagem em código secretamente destinada a cada um. Por isso se precipitam para as melhores livrarias para adquirir este ou aquele livro citado por ele, ou devorar tal ou qual passagem de um texto ignorado. Durante dez anos, e depois mais vinte, Sua Majestade faz a França freudiana trabalhar. (ROUDINESCO, 1988, p.316).

É proferindo sua palavra em público que Lacan começa a delimitar seu espaço institucional e a marcar os horizontes de seu espaço discursivo. Do lugar daquele que enuncia e anuncia o *outro* se constitui um sujeito do discurso que articula já-ditos, retoma sentidos, filia-se historicamente a pré-construídos e na relação de seus dizeres com a história da Psicanálise, em que ele está imerso, produz o discurso psicanalítico lacaniano: os sentidos dos dizeres lacanianos, seus efeitos sobre a teoria e a prática psicanalítica.

⁴³ Cf. ROUDINESCO, 1988.

⁴⁴ Ibid.

1.3.1 A publicação dos Seminários

De acordo com Roudinesco (1988, 1994), até os anos de 1970, os seminários eram desconhecidos do grande público. Fato político inconcebível para a propagação da palavra lacaniana, pois os seminários constituem-se nos movimentos discursivos mais fecundos da obra.

O culto à fala do mestre estava sem controle: textos estenografados, resumos, anotações de ouvintes e do próprio Lacan circulavam entre alunos e psicanalistas da Escola Freudiana de Psicanálise e fora dela. Jacques-Alain Miller, frente a essa dispersão da palavra do mestre, propõe a Lacan a transcrição para publicação de seus seminários. A partir dos originais, Miller passa a estabelecer o texto do seminário para publicação: “Miller denomina de *estabelecimento do texto* o trabalho de escrita por ele produzido a partir do original.” (ROUDINESCO, 1988, p.515 – Grifo da autora). Miller nomeia as publicações de *Seminário* e define sua ordem de publicação.

Muitas controvérsias cercam esse *estabelecimento*⁴⁵: não é fiel aos originais, acrescenta pontuações, em alguns acrescenta referências, em outros não, entre outras. Entretanto, a questão principal não é de fidelidade aos originais, mas: “É o de transmissão, pela escrita, de uma inscrição original.” (Ibid., p.616).

Lacan resolve essa questão pelo mesmo modo como construiu sua doutrina: pelo simbólico. Usa o significante *transcrição* no lugar de *estabelecimento*. Para ele, os *Seminários* são transcrições de seus ensinamentos orais e não uma escrita, que seria apenas uma reprodução da fala. Em uma transcrição passa-se da fala ao escrito sem perdas, pois, pode se transcrever até o *inefável* na fala.

Desta maneira, minha posição frente à publicação dos seminários é a de considerá-lo como conseqüência do próprio percurso lacaniano de formação de sua doutrina. Com uma estrondosa constituição heterogênea (intertextos, referências, retomadas de já-ditos) uma possível interferência de uma voz, de um outro autor, nessas transcrições, não irá abalar as estruturas significantes que fazem significar e produzir sentidos toda a palavra lacaniana. É absolutamente coerente - coerente é o sentido possível a partir de equívocos - com tudo isso e,

⁴⁵ Algumas de cunho político/institucional de controle da obra lacaniana, dos dogmas da Psicanálise. Não são essas minhas questões, pois me parece que a aceitação ou não desse estabelecimento depende do lugar institucional de cada um, que se pauta em uma disputa em relação à herança teórica de Lacan. Não é meu objetivo resolver isso. No entanto, esse termo *estabelecimento* é uma marca discursiva de heterogeneidade enunciativa e denega a participação de Miller na autoria dos seminários: marca seu lugar fora dos sentidos do texto, como se não participasse de sua produção. É uma negociação com a palavra do mestre.

concordo que: “O principal mérito desse trabalho era tornar acessível uma fala que não o era nas outras versões [...]”. (ROUDINESCO, 1994, p.413). E, ainda é tornar acessíveis os ensinamentos de um fundador. Como sobreviveria a psicanálise lacaniana sem seus *Escritos* e seus *Seminários*, lugar de reformulação teórica para seus leitores? De onde se produziriam efeitos de sentidos?

1.3.2 O Seminário, Livro 5

O S5 é um texto “estabelecido” por Jacques-Alain Miller, como são todos os outros seminários e publicado somente em 1998, na França, com o título *de Le Séminaire de Jacques Lacan, Livre V: Les formations de l’inconscient (1957-1958)*.

Importante ressaltar, que do lugar da AD, tomo o discurso lacaniano como um efeito de sentidos produzido pelos deslocamentos e (in)versões de sentidos realizados no e pelo sujeito Lacan por meio de dizeres, constituindo uma discursividade específica. Assim, questionamentos sobre a autoria e/ou co-autoria cabem em outros estudos. Quando, nos objetivos, busco marcas de subjetivação, trata-se dessa singularidade produzida pelos deslocamentos e (in)versões, que instauram esse processo de singularização. Marcas de subjetivação que possam remeter ao “autor” do texto não é o objetivo e, em nada contribuem para este trabalho. No entanto, os questionamentos e as polêmicas acerca das publicações e transcrições dos seminários constituem, também, os sentidos (e seus efeitos) do discurso lacaniano. Efeitos que estão presentes na história da psicanálise fundada por Jacques Lacan, nas lutas políticas, ideológicas e teórico-práticas que se estabelecem dentro e fora dessa instituição. História que possibilita tomar o seminário como um monumento constituído de sentidos a serem interpretados e não como um documento pedagógico-científico com conteúdo a ser transmitido, dentro do campo psicanalítico.

A transcrição desta (S5) produção se deu pelo próprio Lacan, em versões datilografadas por ele mesmo⁴⁶. As anotações de Jean Laplanche e Paul Lemaire também foram usadas no estabelecimento deste texto, para a publicação⁴⁷.

A questão sobre a transcrição do seminário traz, para esta pesquisa, um aspecto importante: a oralidade do S5 foi tornada escrita⁴⁸. Trabalho com um texto (trans)escrito que

⁴⁶ Cf. MILLER, no anexo do S5 (1998).

⁴⁷ Cf. ROUDINESCO, 1994.

traz, em sua materialidade, características da oralidade. Mas, até que ponto a oralidade do S5 está presentificada nesta transcrição? Tomando o fato lingüístico de que a transcrição é um enunciado outro e que é com esse dizer que trabalho: O S5 transcrito e publicado. Importante que esta transcrição foi feita pelo próprio Lacan, podendo inferir seu aspecto daquilo que Allouch (1985) denomina de *cifração*: um deciframento pela escrita. Tentativa de decifrar e marcar o sentido do que foi dito. O fato do sujeito ter realizado essa *cifração* é representativo de como ainda buscava o controle dos efeitos daquilo que produzia. Anos mais tarde, com a institucionalização da psicanálise lacaniana, esse *ciframento* dos ditos lacanianos será feito por outros, ainda designado por Lacan, até sua morte e, posteriormente, em testamento⁴⁹.

Todavia, se deve ressaltar aquilo que da oralidade está inscrito neste *ciframento*. O mais importante diz respeito à oralidade como: “[...] *um lugar sócio-histórico particular de discurso, que acolhe e possibilita que circulem memórias discursivas que não puderam se inscrever na ordem escrita.*” (PAYER, 2005, p. 51 – Grifo da Autora.). Na oralidade, a interdição de dizeres e efeitos não se dá no nível da interdição da palavra escrita. No S5, a força com que se inscrevem as heterogeneidades, parecendo sem controle, sem interdição, em que toda filiação-histórica pode ser trazida para dentro desse espaço sócio-histórico é o índice desta oralidade. Dizer – produção oral – que foi o espaço discursivo assumido pelo sujeito. Um contraponto histórico com Freud, que primava pela escrita. Aliás, Lacan circulou em memórias discursivas, em heterogeneidades e fragmentos de interdiscursos – como será atestado na análise – para fazer funcionar a Psicanálise, no espaço discursivo em que estava inserido. Freud, por seu lado, fundou a Psicanálise e seu objeto – o inconsciente, mas sem circular em espaços discursivos que lhe trouxesse dúvidas e riscos para seu projeto científico. Daí, a primeira ser fundada na fala e a segunda na escrita.

De acordo Payer (2005):

[...] os saberes que se produzem na oralidade têm de se relacionar com a escrita, e a relação entre essas duas ordens dá as conformações particulares de cada uma. Nesta direção, compreendemos que também *a oralidade é historicamente produzida*. O que está no domínio da oralidade não está aí por acaso, mas por um processo histórico que mantém nesta ordem certos saberes que continuam sendo considerados em seu lugar de “saber oral”, desautorizados na ordem da institucionalização (escrita) dos saberes. [...]. (p. 51 – Grifo da Autora).

⁴⁸ As estenografias originais, em francês, feitas por Jacques Lacan estão disponíveis no site <http://ecolelacaniennedepsychanalyse-bibliothequenn.com>

⁴⁹ Cf. ROUDINESCO, 1994.

O *ciframento* do S5 se inscreve na necessidade de institucionalização da oralidade. Sua oralidade foi uma imposição histórica, pois a palavra (escrita) freudiana estava interdita pela IPA e, também, a crença de que Psicanálise se faz pela fala. Daí não ser por acaso a preferência pela produção oral. No entanto, S5 é cifrado, tornado escrito. Institucionalizado, como uma das marcas da constituição da psicanálise lacaniana, onde o que está em jogo é o saber psicanalítico.

1.4. O que se lê em S5?

A palavra lacaniana produzindo sentidos sob a égide de um retorno a Freud. Este seminário corresponde, teoricamente, ao período de primazia do simbólico, em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem: ao campo a linguagem. Isso justifica meu interesse no S5 que é o seminário que corresponde às formações languageiras do inconsciente. Nesse primado do simbólico, se encontra uma “espécie” de teoria lingüística da subjetividade. Tem-se, então, aquilo que me interessa abordar em um espaço discursivo: a linguagem e o inconsciente. É sobre essa construção teórica que faço essa leitura discursiva. É a passagem do imaginário ao simbólico⁵⁰.

Este S5 foi transcrito e publicado depois de quarenta anos de sua realização, às portas do século XXI, justamente quando falta a palavra e a Psicanálise está sendo transformada em neuropsicanálise⁵¹, como uma resistência a essa transformação.

1.4.1 S5 é um ato falho bem-sucedido

No início de seu livro *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente* (1999) Jacques-Alain Miller, ao estabelecer o texto S5, diz: “Encontramo-nos diante da obrigação de escolher um ângulo, uma perspectiva de leitura que, obviamente, não será a única.” (p.07).

⁵⁰ Cf. MILLER, 1999.

⁵¹ Como atestam as publicações científicas em editoriais como os do *Jornal Americano de Psiquiatria* e de revistas como *Viver Mente & Cérebro*.

Na perspectiva milleriana, Lacan vai abordar em seu quinto seminário, também, o “algo novo” como singular, como o sentido novo buscado na análise, via linguagem: “[...] há algo novo no dizer.” (MILLER, 1999, p.10). Esse algo novo são os sentidos outros, significantes novos da psicanálise lacaniana.

Na perspectiva de leitura da Análise do Discurso, busco os deslocamentos e as (in)versões de sentidos e seus efeitos (sentidos outros) na constituição do discurso lacaniano. Dessa perspectiva, S5 é um significante novo dentro da linguagem psicanalítica, significante sob o qual deslizam e se deslocam sentidos. S5 é o *Witz* lacaniano, um desvio que funda os sentidos da psicanálise lacaniana. É um ato falho bem-sucedido⁵² que está no cerne das bases doutrinárias do lacanismo. Ato falho porque produz sentidos e porque é um sentido outro, um diferente. É parte do inesperado retorno a Freud, que surpreende a psicanálise ortodoxa por um certo atrevimento com o qual Lacan toma a palavra freudiana, sem pedir licença.

Para Miller (1999), S5 encontra-se no *annus mirabilis* (1958) para Lacan:

É a produção, num único ano, de todas as bases doutrinárias do que chamamos “lacanismo”, produzidas naquele ano. E agora nos encontramos, anos depois, tentando decifrar essa prodigiosa produção que abalou a psicanálise. (p.47).

Minha leitura não é da ordem do deciframento, mas de apaziguamento de inquietações frente a esse *Witz* lacaniano e a AD possibilita ir via essas inquietações diante da inesperada articulação de dizeres já construídos na Psicanálise e na Lingüística. Ao invés de se evitar equívocos e inquietações é por meio delas que se chega ao efeito dos dizeres lacanianos: o discurso.

1.4.2 Um gesto de olhar sobre S5

O Seminário, como materialidade lingüística, está dividido em quatro partes (além de Anexos), que subdividem-se em títulos que correspondem cada um a uma aula e uma temática, totalizando vinte e seis aulas, subdivididas, também em subtemáticas. Conforme Miller (1999) estas divisões e nomeações estão postas no próprio texto oral de Lacan, com suas orientações. A saber:

⁵² De acordo com Lacan (1999) o ato falho é um ato bem-sucedido na medida em que produz, pelo inesperado, o sentido novo.

- i. AS ESTRUTURAS FREUDIANAS DO ESPÍRITO: I. O milionário; II. O fátuo-milionário; III. O miglionário; O Bezerro de Ouro; IV. O pouco-sentido e o passo-de-sentido; VI. Para trás, cavalinho!; VII. Uma mulher de não-receber.
- ii. A LÓGICA DA CASTRAÇÃO: VII. A forclusão do Nome-do-pai; IX. A metáfora paterna; X. Os três tempos do Édipo; XI. Os três tempos do Édipo (II); XII. Da imagem ao significante no prazer e na realidade; XIII. A fantasia para além do princípio de prazer.
- iii. O VALOR DE SIGNIFICAÇÃO DO FALO: XIV. O desejo e o gozo; XV. A menina e o falo; XVI. As insígnias do Ideal; XVII. As fórmulas do desejo; XVIII. As máscaras do sintoma; XIX. O significante, a barra e o falo.
- iv. A DIALÉTICA DO DESEJO E DA DEMANDA NA CLÍNICA E NO TRATAMENTO DAS NEUROSES: XX. O sonho da bela açougueira; XXI. Os sonhos da “água parada”; XXII. O desejo do Outro; XXIII. O obsessivo e seu desejo; XXIV. Transferência e sugestão; XXV. A significação do falo no tratamento; XXVI. Os circuitos do desejo; XXVII. Uma saída pelo sintoma; XXVIII. Tu és aquele a quem odeias.

“Tomamos este ano por tema de nosso seminário as formações do inconsciente.” (LACAN, 1999, p.11). Estão abertas as portas de entrada para o espaço discursivo, dentro do campo psicanalítico, onde se instaura um acontecimento discursivo: S5 cujos efeitos denomino discurso lacaniano.

Lacan produz uma regularidade em seus ensinamentos, como uma exigência do aspecto pedagógico (teórico e prático) de seu discurso, retomando seus trabalhos anteriores dos quais S5 é uma continuidade, um efeito das anterioridades da obra lacaniana e da atualidade histórica em que esse acontecimento discursivo está imerso.

Na primeira parte, começa reformulando seu artigo *A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud*, seu seminário sobre os escritos técnicos de Freud, seu segundo seminário, o artigo *A carta roubada*, o terceiro e o quarto seminários. Textos em que já construía sua (re)leitura da obra freudiana pelo viés do simbólico, da função do significante no inconsciente, da relação metáfora/metonímia em referência ao Outro e ao desejo. Reformula seu esquema, que ao longo de S5 se transforma no Grafo do desejo. Introduz seu assunto, o *Witz* primeiro fazendo uma alusão à tradição europeia do *Witz* que Freud não conhecia. Como fez desde suas primeiras incursões pela Psicanálise, vai onde Freud não foi. Nessa parte Lacan retorna aos dizeres de Freud em *Os Chistes e sua relação com o inconsciente* para formular sua técnica do significante, cujas chaves são dadas por

Freud. Traz, também, o lapso e os dizeres de Freud em *Psicopatologia da vida cotidiana*. É preciso sempre ler Freud, observa ele.

A partir das análises de Freud, nesses livros, Lacan estrutura o inconsciente como uma linguagem, sendo possíveis formações como chiste, lapso e atos falhos. Encontram-se referências explícitas à Lingüística, especificamente a Saussure e Jakobson: signo lingüístico, código, formalismo e afasia. Dessas leituras Lacan constrói o grafo do desejo, aponta a metáfora como possibilidade de sentido, pergunta-se o que é sujeito (e responde), trata do objeto metonímico, do desejo, do Outro. Além de Freud, Saussure e Jakobson, existem outras referências⁵³: Gide, Charles Chassé, Mallarmé, Homero, Kuno Fischer, Heinrich Heine, Frédéric Saulié, o dicionário *Littré*, o *El Cid*, Maupassante (*Bel-Ami*), Marx (*O capital*), Sacha Guitry, Molière, Cristo, Lênin, Kant, Raymond Queneau, Jean-Paul Richter, *Hamlet*, Goethe, o *Graal*, Bérgrson, Dumas... Quantas vozes!

Duas frases sugerem o procedimento e a noção fundamental desta parte: “[...] é sempre bom voltar às mesmas coisas até que elas tenham sido bem usadas, e depois, então, passa-se a outra coisa.” (p.39); “É pela ação da metáfora que se produz o surgimento do novo sentido [...]”. (p.97).

Na segunda parte, Lacan continua a assinalar a importância do significante no desejo e no significado. A lógica da castração é a lógica do significante, lógica do *nonsense*. As referências às sessões científicas que aconteciam na noite anterior às suas falas são para situar seu ensino no universo científico abordando os trabalhos feitos na América, onde as pessoas se preocupam com a mesma coisa que ele: fazer ciência. A referência a uma certa Sra. Pankow e Sr. Bateson, antropólogo e etnógrafo constata essa diversidade. Continua a explicar seu grafo (movimento que realiza em todo o seminário). As referências continuam: Sr. De La Palice, Sr. Martin Buber, Sr. Blondel, Sr. Jung, Charles Odier, Melanie Klein, Nietzsche, *Presidente Schereber*, *Pequeno Hans*, *Édipo*, o *Nome-do-pai*, Löwenstein, Sr. Ernest Jones, Charles Rycroft, Sr. Winnicott, os analistas assumidamente kleinianos, Susan Isaacs, Shopenhauer, Aldous Huxley, Hanns Sachs, Otto Rank, Adler, *Macbeth*, o *Homem dos Lobos*, Bárbara Low, Santo Agostinho, e Freud... Freud e Freud. Essas são referências explícitas da heterogeneidade enunciativa, dos outros que constituem esse dizer: “É aqui que o esqueminha que comentei com vocês durante o primeiro trimestre, para enorme preguiça de alguns, ao que parece, revela, contudo, que não deve ser completamente inútil.” (p.194); “[...] não há sujeito se não houver um significante que o funde.” (p.195).

⁵³ Não entrarei na relação com essas referências. Consideradas, aqui, apenas como tentativa de caracterizar o aspecto singular de “seu” dizer: sua heterogeneidade.

Na terceira parte Lacan desenvolve o valor de significação do falo, da relação desejo e gozo, do real e suas fórmulas do desejo, fórmulas que se prestam a cientificar o discurso psicanalítico:

Caros amigos, para retomar nosso discurso interrompido há três semanas, partirei do que lembrávamos ontem à noite com justeza: que nosso discurso deve ser um discurso científico. Dito isso, parece que, para chegar a esse fim, os caminhos não são muito fáceis, quando se trata de nosso objeto. (p.261).

O objeto é o inconsciente estruturado como uma linguagem e os caminhos são atravessados por vários outros caminhos percorridos por: Freud, os kleinianos, Susan Isaacs, Sr. Jones, Joan Rivière, Jean Delay, Mme. De Ségur, André Gide, Molière, Aristófanes, Jean Genet, Cornielle, Melaine Klein, Helene Deutsch, Karen Horney, Josine Muller, Lampl de Groot, Lévi-Strauss, La Rochefoucauld, Sr. Sartre, Hegel, Sr. Spitz, Otto Rank, Michel Leiris, Pavlov, um certo *Robinson Crusoe*, Aristófanes, Heródoto, o *Édipo*, a *Grande Deusa*, o *Pequeno Hans*, e Freud:

O problema do amor é o da profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor – *dar o que não se tem* -, é dar o que ele não tem, o falo, a um ser que não o é. (p.364).

Na quarta parte Lacan inscreve sua teoria na prática clínica, para tratar da dialética do desejo e da demanda: Estão presentes: Freud, Fechner, um certo Hegel, Balint, *a Afrodite ou a Vênus de Milo*, Breuer, o desejo do *Outro*, Maurice Bouvet, Abraham, Ruth Mack Brunswick, Spitz, Sr. Glover, *a Dora*, o *Homem dos Ratos*, os analistas, Shereber, Phyllis Greenacre, Kojève, Cristo, Glover, Winnicott, Melaine Klein, o velho *Karamazov*, Sr. De La Palice, e Freud:

O que chamamos de formações do inconsciente, o que Freud nos apresentou com esse nome, é unicamente a apreensão de um certo primarismo na linguagem. Foi por isso mesmo que ele o chamou de processo primário. A linguagem marca esse primarismo e é por isso que se pode dizer que a descoberta de Freud, a do inconsciente, foi preparada pela interrogação desse primarismo, na medida em que se detectou inicialmente sua estrutura de linguagem. (p.368).

É nessa heterogeneidade que fiz o recorte discursivo: os dizeres lacanianos sobre os dizeres de Freud acerca da constituição do objeto da Psicanálise, o inconsciente, os dizeres lacanianos acerca dos dizeres de Saussure e Roman Jakobson acerca da Lingüística e o que

oportunamente definirei como recortes discursivos das alusões históricas do sujeito do discurso ao campo psicanalítico.

É no diálogo com esta memória e com os interlocutores que os sentidos de S5 *vão surgindo*.

1.5 *É disso que se trata...*⁵⁴ Do discurso lacaniano

Fiz, até aqui, uma descrição do S5 na tentativa de demarcar o espaço simbólico discursivo sobre o qual atuei na análise e, também, na tentativa de controlar a leitura diante da amplitude da obra lacaniana. A ilusão é a de que ao se definir a base material de análise o que não está circunscrito a esse espaço simbólico não intervenha. No entanto, o ir e vir de dizeres são, também, constitutivos de seus sentidos.

Ao optar por S5, se tem implicado o conceito de discurso abordado anteriormente, no subitem 1.1.4. considerando: os sentidos (os efeitos de dizer); o simbólico como espaço, lugar possível de realização de sentidos (do discurso), as filiações sócio-históricas do sujeito do discurso que trazem a exterioridade e heterogeneidade para dentro do processo a partir do campo psicanalítico em que está inscrito; e, o constante devir, o sempre processo.

O discurso lacaniano é o espaço simbólico em que incidem as relações do sujeito Jacques Lacan e suas filiações sócio-históricas, de seu lugar de psicanalista no campo psicanalítico; relações que produzem os sentidos do S5, como materialidade lingüística. Espaço de retomadas e sempre retomado.

S5 é um processo de constituição de sentidos, via deslocamentos e (in)versões de sentidos de pré-construídos na Psicanálise e na Lingüística.

A expressão *discurso lacaniano* refere-se a esse espaço simbólico composto por efeitos do dizer lacaniano. É uma expressão designativa, pois lacaniano é indicativo de certo pertencimento do dizer ao sujeito do discurso, especificamente, Jacques Lacan, que de seu lugar discursivo (re)toma os já-ditos da Lingüística e da própria Psicanálise.

⁵⁴ Expressão modalizadora utilizada várias vezes, no S5, na tentativa do sujeito de delimitar o seu dizer em meio a tantos dizeres no campo psicanalítico.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTOS NORTEADORES DA ANÁLISE

Há uns treze anos, dizia eu a duas pessoas que nos habituamos a chamar de nulidades, o que, ao menos na opinião dos estudantes, valoriza mais ainda o título para ocupar o cargo de professor: “Não se esqueçam de que um dia ainda vocês proporão como tema de tese o que ora estou a escrever”.
Jacques Lacan, 1969, p.17

Neste trabalho, proponho como tese o que foi dito por Lacan e posteriormente transcrito. Estudo de linguagem de uma perspectiva discursiva, fundamentada nos princípios e procedimentos da AD. A escolha dessa abordagem se justifica porque a AD trabalha com:

[...] a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2002, p.16).

O S5 é a palavra lacaniana no mundo sempre significando e produzindo sentidos no mundo a partir de um homem falando (e sendo falado): Jacques Lacan.

A AD possibilita uma leitura e interpretação do discurso lacaniano da maneira como sugeriu Louis Althusser (1985) em referência ao mesmo:

[...] tudo isso, enfim, não deixa de ter relação com as condições de seu exercício pedagógico: tendo de ensinar a teoria do inconsciente a médicos, analistas ou analisados, Lacan lhes dá, na retórica de sua palavra, o equivalente em mímica da linguagem do inconsciente, que é, como todos sabem, em sua essência última, *Witz*, trocadilho, metáfora fracassada ou bem-sucedida: o equivalente da experiência vivida em sua prática, seja ela de analista ou de analisando.
Basta compreender as condições ideológicas e pedagógicas dessa linguagem – ou seja, tomar em relação à sua ‘interioridade’ pedagógica, a distância da ‘exterioridade’ histórica e teórica, para discernir seu sentido e seu alcance objetivos – e reconhecer seu propósito fundamental: dar à descoberta de Freud conceitos teóricos rigorosamente quanto possível, hoje, ao *Inconsciente* e suas leis, que constituem todo o seu objeto. (p.59 – Grito do autor).

Interessa-me, basicamente, a compreensão do processo de produção do sentido dessa linguagem, pois são seus efeitos os produtores do discurso psicanalítico lacaniano. É por meio de uma (re)construção desses conceitos, buscando seu processo de constituição, que se pode chegar à discursividade, da qual surgiu uma psicanálise outra: a lacaniana.

2.1. A teoria de Michel Pêcheux

Definido o objeto de estudo da AD, o discurso, seu fundador Michel Pêcheux passa a (des)construir e (re)construir a teoria e a metodologia dessa disciplina. Algo perfeitamente coerente com esse objeto que é sempre produção, sempre construção. As inquietações de Pêcheux (e de outros estudiosos da AD) se circunscrevem em um espaço simbólico/teórico em que se articulam, ou não – há momentos que é preciso assumir uma posição em direção a esta ou aquela referência – referências de conhecimentos científicos, que de acordo com Malidier (2003) são:

- O materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias;
 - A lingüística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
 - A teoria do discurso como teoria da determinação de processos semânticos.
- Intervém uma quarta referência de uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). (Ibid., p.38).

No percurso epistemológico da AD estas referências são articuladas e dependendo das exigências do objeto (*corpus*/materialidade lingüística), uma ou outra se sobressai sobre a outra.

Michel Pêcheux, em 1983⁵⁵, faz uma reflexão sobre a AD apontando o desenvolvimento da teoria, os pontos superados e aqueles que continuam em seu quadro epistemológico. Retomo, por ser pertinente ao trabalho, o momento de (re)formulação teórica da disciplina em que a análise dos discursos passa a considerar as heterogeneidades do discurso: “O primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua [...]” (PÊCHEUX, 1990b, p.315). Não há mais a linearidade discursiva, passa-se a trabalhar com a desestabilização, com o heterogêneo, de onde as interpretações devem fazer emergir os sentidos. Ao assumir o aspecto heterogêneo da base material do discurso, a língua, e enfatizar que a análise deve buscar e partir desse heterogêneo, Pêcheux levanta a questão do contraditório presente nos discursos, decorrentes dos atravessamentos da exterioridade dentro de um campo discursivo: é o jogo do contraditório e do heterogêneo que farão emergir na língua o sentido.

Ao assumir a heterogeneidade enunciativa como constitutiva do processo discursivo, Pêcheux não fecha a base epistemológica da AD, ao contrário, deixa-nos, em aberto, uma

⁵⁵ In: GADET e HARK (Orgs.) (1990).

construção teórica e metodológica que aborde esse processo discursivo, mas, pautada em um eixo teórico, conforme Teixeira (2000):

[...] a idéia de que o discurso não substitui, mas se apóia no objeto língua, o que garante sua filiação a Saussure; a idéia de que o sujeito não é causa de si, o que coloca na via oposta das teorias psicológicas que sustentam inúmeras correntes contemporâneas que abordam o discurso; a idéia de que a exterioridade não é um além do objeto, mas o constitui, sendo necessário convocar um quadro teórico mais amplo para explicá-la. (p.62).

Essa idéia pautada na exterioridade e heterogeneidade como constitutiva sustenta a necessidade de fundamentar a própria análise em um quadro teórico em si mesmo heterogêneo.

Passo, então, à fundamentação teórica que sustentará a análise discursiva das heterogeneidades que compõem o S5, como tentativa de “convocar”, a serviço desta análise, um quadro teórico que sustente essa heterogeneidade.

2.2 O discurso que se constitui no espaço de articulação entre discursos outros

Quando optei por trabalhar, na análise, as categorias de heterogeneidade do discurso, partí das heterogeneidades presentes na materialidade e que integram diferentes discursos limitados ao espaço discursivo S5, que são os dizeres de outros sujeitos e discursos outros que se presentificam por uma relação interna, nesse espaço: relação-articulação intradiscursiva.

A abordagem desta intradiscursividade parte da própria exterioridade que constitui determinado dizer. Neste ponto, ao analisar um discurso pela interpretação de sentidos me remeto aos discursos outros (sentidos outros) que compõem esta exterioridade: o interdiscurso, que não é descritível, mas se presentifica na análise⁵⁶. Nos deslocamentos e nas (in)versões de sentidos há a dominância de um sentido – dependendo das filiações sócio-históricas do sujeito e do campo discursivo em que está escrito – sobre os outros, resultante da articulação de diferentes efeitos de sentidos, de discursos.

⁵⁶ O mesmo ocorre com a noção de heterogeneidade constitutiva, daí a complementaridade destas noções.

O sujeito do discurso está inscrito na Psicanálise assumindo, na prática discursiva, sua posição-histórica de psicanalista. Lugar discursivo de articulação de sentidos. Prevalece, no S5, os sentidos possíveis em um campo psicanalítico discursivo articulado à exterioridade.

No S5 há, inscrito em sua materialidade, uma relação de conflito e tensão advinda do campo psicanalítico e constituídas pelas próprias relações dos sujeitos (os psicanalistas) com a história da Psicanálise⁵⁷.

Assim, é que se fala de formas diferentes sobre o mesmo objeto: a Psicanálise. Mas, nem tudo pode ser dito sobre Psicanálise.

A relação do campo psicanalítico e sentido⁵⁸ merece, aqui, uma referência, pois sustenta minha hipótese de sentido outro da psicanálise lacaniana como resultante de deslocamentos e (in)versões. A relação desse campo com o *todo complexo com dominante*⁵⁹ é constitutiva do sentido no interior da Psicanálise como discursividade, na qual o sujeito está inscrito. Esse *todo complexo com dominante* é tomado como exterioridade constitutiva do campo psicanalítico incidindo sobre a produção de sentidos em S5.

Segundo Courtine (1981), citando Pêcheux:

El «sometimiento»del sujeto (ideológico) del discurso se concreta en el seno de una FD. Mediante el término proceso discursivo puede representarse «el sistema de las relaciones de substitución, paráfrases, sinónimos, etc., que funcionan entre elementos lingüísticos» (PECHEUX, 1975, p. 146), que aparece como la matriz de constitución del sentido para su sujeto hablante en el interior de una FD. (s/p)⁶⁰.

Não abordo, nesta pesquisa, a noção de Formação Discursiva porque essa noção não satisfaz – a meu ver – a constituição de um campo discursivo da Psicanálise que é amplo demais para ser tomado como uma formação discursiva. Todavia, é relevante a abordagem feita por Courtine retomando Pêcheux de processo discursivo onde se realizam as articulações entre discursos outros, articulações via substituições, paráfrases, etc.. São essas articulações as realizadas no processo discursivo instaurado pelo S5, no interior da Psicanálise.

Deslocar e (in)verter sentidos (concretizados na materialidade dos elementos lingüísticos no S5) é a relação estabelecida entre o sujeito do discurso lacaniano e o campo discursivo da Psicanálise, relação que se dá a partir das filiações sócio- históricas

⁵⁷ Ver Capítulo 4 – A História da Psicanálise e Capítulo 5 – O retorno a Freud, nesta dissertação.

⁵⁸ O sentido em AD será abordado em item específico.

⁵⁹ Cf. PÊCHEUX, 1997.

⁶⁰ A “submissão” do sujeito (ideológico) do discurso se realiza no seio de uma FD. O termo “processo discursivo” representa “o sistema das relações de substituição, paráfrase, sinónimos, etc. que funciona entre elementos lingüísticos” (PÊCHEUX, p. 75, p. 146), que aparece como matriz de constituição do sentido para o sujeito-falante no interior de uma FD. (Tradução nossa).

possibilitadas por esse campo, de seu afetamento sobre o sujeito. É dessa relação que ocorrem os efeitos de sentidos dos dizeres lacanianos: o discurso. Deslocar e (in)verter são ações discursivas demandadas pela Psicanálise, em que as relações de substituições constituem relações de (in)versões, de (re)criações de sentidos outros. Deslocar, no sentido da metonímia e (in)verter, no sentido da metáfora: produzir o outro, de produzir versões outras para o sentidos da Psicanálise, condensando, substituindo e sobrepondo aos que já existem, sentidos de outras filiações sócio-históricas; articulação e movimentação de sentidos que resultam em sentidos outros.

Os já-ditos (re)tomados pelo sujeito em seu dizer trazem sentidos explícitos que impedem que o sujeito perceba as relações de seus dizeres com os já-ditos e com a possibilidade de outros sentidos. Relação que é efeito do pré-construído do discurso. Esses já-ditos são tomados a partir da exterioridade do acontecimento discursivo – o interdiscurso definido por Pêcheux (1997, p.147), sustentado pelos esquecimentos do sujeito e é constituído por fragmentos de pré-construídos, retomados pelas filiações sócio-históricas do sujeito em que há uma dominância de sentido, resultante do jogo contraditório dos dizeres que formam esse mesmo todo: a Psicanálise.

2.3 O discurso laciano como um acontecimento discursivo

Do jogo dos sentidos interdiscursivos, a heterogeneidade rompe na estrutura da língua. O que é sistema é feito acontecimento a partir da relação (jogo de linguagem) contraditória das articulações que compõem o campo psicanalítico.

Defini, anteriormente, como discurso laciano o efeito de sentido dos dizeres lacianos a partir das filiações sócio-históricas do sujeito do discurso com a exterioridade, que integram suas condições de produção. Dizeres produzidos no S5.

Abordo este dizer, o S5, como da ordem do acontecimento discursivo que rompe, dentro do campo psicanalítico, com as filiações políticas (IPA), sociais (*status* de psicanalista institucionalizado) e histórico (saber psicanalítico de estatuto médico)⁶¹. É no acontecimento discursivo que a exterioridade constitui o discurso, incide sobre os sentidos de um dizer, via história que traz o pré-construído pela memória discursiva: “[...] o *acontecimento*, no ponto de

⁶¹ Aqui são apenas indícios dessas filiações.

encontro de uma atualidade e uma memória.” (PÊCHUEX, 2002, p.17 – Grifo do autor). Ponto, na história, onde sentidos outros surgem a partir das filiações sócio-históricas que o sujeito do discurso assume em sua tomada de posição, submetido a um embate ideológico na Psicanálise, determinante dos pré-construídos que emergem nas heterogeneidades constituintes (mostradas e constitutivas) do acontecimento⁶². Ou seja, o acontecimento discursivo está *dominado* pelo interdiscurso, cabendo, então, à interpretação desse acontecimento o alcance de seus efeitos de sentidos.

Considero o acontecimento discursivo, essa articulação entre atualidade e memória, como:

[...] um elemento histórico descontínuo e exterior que afeta a memória produzindo ruptura e deslocamentos. Assim, pelo funcionamento da memória no acontecimento discursivo, os sentidos produzidos ao mesmo tempo repetem e deslocam o já-dito, produzindo uma projeção e um retorno dos processos discursivos sobre si mesmos, reconfigurando e desestabilizando as séries de repetição, dando lugar a novas interpretações.

Desta maneira, entendemos o acontecimento discursivo como o lugar material onde o real da língua e o real da história se encontram produzindo *uma ruptura, uma interrupção e uma emergência* nas relações de continuidade definidas pelos rituais enunciativos que conformam as práticas discursivas na sua historicidade, i.e. na determinação do sentido e do sujeito por formações discursivas inscritas no complexo de formações ideológicas. Assim, o acontecimento discursivo produz a *ruptura* de uma prática discursiva pela transformação dos rituais enunciativos que a definem; a *interrupção* de um processo de reformulação parafrástica de sentidos pela mudança das condições de produção; a *emergência* de um enunciado ou uma posição de sujeitos novos que reconfiguram o discurso, e através deste participam do processo de produção do real histórico. O acontecimento discursivo produz efeito de retorno (de deslocamento e desregularização) não só sobre os próprios processos históricos e sociais dos quais o discurso participa como prática, agindo eficazmente na reprodução/transformação das relações sociais. (ZOPPI-FONTANA, 2002, p.05 – in mimeo – Grifos da autora).

S5 é um acontecimento discursivo: é um acontecimento na estrutura da Psicanálise. A ruptura se dá na estrutura institucionalizada e repetitiva da palavra freudiana, deslocando o sentido do biológico e orgânico para a linguagem como estrutura do inconsciente, no campo psicanalítico.

Nos dizeres do S5 perpassam sentidos de já-ditos da Psicanálise e da Lingüística. Essa (re)tomada instaura a ruptura, porque nesse acontecimento os sentidos são afetados por deslocamentos e (in)versões dos sentidos, estabelecendo sentidos outros na Psicanálise: sentidos outros para o que é inconsciente, que passa a ser estruturado pela linguagem, fórmulas do desejo, para a palavra freudiana.

⁶² De acordo com Teixeira (2000, p.18): “Pensar o discurso como acontecimento supõe entender que o discurso pode parar um processo, romper uma repetição.” E, instaura o diferente, acrescentaria.

Este processo discursivo, como acontecimento, afeta o devir histórico de repetição dos ditos freudianos; repetição que não é dos sentidos, mas da superfície desses dizeres: a tentativa do sujeito do discurso é (re)formular esses sentidos e sua repetição, para isso estabelece a leitura da palavra freudiana na forma de seminário, com interlocutores pertencentes às mesmas filiações sócio-históricas, inscritos, além da Psicanálise, a outros saberes, como a Lingüística, a Literatura e a Antropologia⁶³, decorrendo daí o fato de que a realização dos seminários como acontecimento discursivo passa a ser simbolizado, a ser dito, a produzir efeitos de sentidos, a ser discursivizado, a produzir um discurso outro dentro do campo psicanalítico: o discurso com *status* de *fundador*. A partir dessa ruptura o sujeito Jacques Lacan assume o lugar de sujeito do discurso em uma posição de articulação entre a atualidade e a memória da Psicanálise: é dessa posição que os sentidos serão retomados, deslocados e (in)vertidos, rompendo com a repetição.

É o efeito desse deslocamento e (in)versão do(s) sentido(s), dos deslocamentos a partir da retomada dos dizeres da Lingüística e da psicanálise freudiana, no S5, que denomino discurso lacaniano, acontecimento discursivo que instaura uma discursividade outra na Psicanálise.

2.4 O discurso fundador

Considerando, como hipótese de pesquisa, o discurso lacaniano como um discurso fundador no campo psicanalítico como efeito de deslocamentos e (in)versões de sentidos de já-ditos que constituem a singularidade desse discurso como fundador, pergunta-se, então: O que esse discurso funda? Sentidos outros dentro do campo psicanalítico. Singularidade que produz, em seus interlocutores, um efeito de não reconhecimento do mesmo, mas do novo, do sentido outro. Na medida em que for possível demonstrar essa resposta, será possível sustentar essa hipótese.

A discussão sobre discursos que fundam discursividades no universo do conhecimento foi iniciada por Michel Foucault (1992) ao definir o autor como uma função sócio-histórica e que depende da tomada de posição dos sujeitos no processo de produção de saber.

⁶³ Cf. ROUDINESCO, 1994.

Este trabalho de Foucault aborda os “autores” como instauradores de discursividade. Quando proponho que o discurso lacaniano é um discurso fundador, o sujeito do discurso é um desses instauradores de discursividade⁶⁴, de acordo com o teorizado por Foucault. Todavia, minha leitura é sobre os sentidos fundadores e não sobre sujeitos fundadores.

No texto *O que é um autor?* Foucault (1992) nomeia como *fundadores de discursividade* os sujeitos discursivos que constituem os discursos fundadores. Mas, o que faz de um discurso um discurso fundador? “[...] a possibilidade e a regra de formação de outros textos.” (Ibid., p.52). A possibilidade infinita de outros discursos sustentada pela heterogeneidade⁶⁵ desse discurso fundador.

Tomando Marx e Freud com referência, Foucault (1992) define o que é um autor “instaurador de discursividade”:

Em compensação, quando falo de Marx ou de Freud como “instauradores de discursividade”, quero dizer que eles não tornaram apenas possível um certo número de analogias, eles tornaram possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. Abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram. Dizer que Freud fundou a psicanálise não quer dizer (isso não quer simplesmente dizer) que se possa encontrar o conceito da libido ou a técnica de análise dos sonhos em Abraham ou Melanie Klein, é dizer que Freud tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem todas respeito ao próprio discurso. (p. 52-54).

A instauração de uma discursividade não promove o novo, mas o outro: o diferente na unidade de um campo, unidade enquanto um todo heterogêneo. Uma discursividade é heterogênea e por isso possibilita transformações a partir dela.

Esse aspecto heterogêneo exige, segundo Foucault (1992), que se promova um “retorno a” essas discursividades anteriores. Esse “retorno a” é:

⁶⁴ No trabalho *Jacques Lacan: ¿Fundador de discursividad? (Arqueología y Psicoanálisis)* apresentado na Reunión Lacanoamericana – Tucumán-Argentina – Octubre 2003, Víctor E. Cáceres sustenta que Lacan foi um instaurador de discursividade no campo psicanalítico a partir do proposto em Foucault (1992). Para Víctor E. Cáceres o retorno a Freud empreendido por Lacan foi um movimento *próprio e original*: “Si comparáramos la obra freudiana con la base blanca de un tablero de ajedrez, diríamos que Lacan ha colocado uno a uno los escaques negros, delimitando regiones de visibilidad y oscureciendo otras con la pluma de su estilo. En este contexto de novísimas articulaciones teóricas y turbulencias políticas, algunos vieron nacer y desarrollarse, entre escuelas de formación, excomuniones y fieles seguidores del maestro, al Psicoanálisis de orientación lacaniana, con sus lugares comunes, sus cualidades estilísticas y sus prácticas de pertenencias.” “Se comparásemos a obra freudiana a base branca de um tabuleiro de xadrez, diríamos que Lacan colocou uma a uma as casas negras, delimitando regiões de visibilidade e obscurecendo outras com seu estilo. Neste contexto de novísimas articulações teóricas e turbulências políticas, alguns viram nascer e se desenvolver, entre escolas de formação, excomunhões e fiéis seguidores do mestre, a Psicanálise de orientação lacaniana, com seus lugares-comuns, suas qualidades estilísticas e suas práticas de pertencimento.” (Tradução nossa). Vale ressaltar que o autor trabalha com a noção foucaultiana de discurso: o discurso como prática política. Mas, é importante esse vislumbre de “fundador”.

⁶⁵ Para Foucault heterogeneidade como exterioridade, história, sem referência à heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz.

[...] um movimento que tem sua própria especificidade e que caracteriza justamente as instaurações de discursividade. Para que haja retorno, de fato, é preciso inicialmente que tenha havido esquecimento, não esquecimento acidental, não encobrimento por alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo. [...] É preciso que esse esquecimento não acidental seja investido em operações precisas, que se podem situar, analisar e reduzir pelo próprio retorno a esse ato instaurador. [...] esse retorno se dirige ao que está presente no texto, mais precisamente, retorna-se ao próprio texto, ao texto em sua nudez e, ao mesmo tempo, no entanto, retorna-se ao que está marcado pelo vazio, pela ausência, pela lacuna no texto. [...] daí o perpétuo jogo que caracteriza esse retorno à instauração discursiva – jogo que consiste em dizer por um lado: isso aí estava, bastaria ler, tudo se encontra aí [...] e inversamente: não, não está nesta palavra aqui, nem naquela palavra ali, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz do que se trata agora, trata-se antes do que é dito através das palavras, em seu espaçamento [...] é um trabalho efetivo e necessário de transformação da própria discursividade. (p. 56-57).

O retorno, segundo Foucault, é um retorno ao autor que instaura essa discursividade ao qual é atribuído o valor, em determinado campo discursivo, que ele possui. Essa valorização ao nome do autor é uma garantia histórica diante de possíveis impedimentos ideológicos e políticos a esse retorno. Quem vai, explicitamente, negar o instaurador de uma nova discursividade? Explicitamente ninguém, porque isso poderia acarretar uma saída, uma exclusão desse campo. No S5, o retorno é ao nome Freud: retorna-se ao significante Freud (re)significando a Psicanálise, nesse retorno.

Entendo as características de um “retorno a” como pertinentes ao retorno a Freud realizado por Lacan. Lacan retorna ao texto freudiano. No entanto, ao abordar o sujeito-autor Jacques Lacan em sua posição-autor, nesse retorno a Freud, sustento que os deslocamentos e (in)versões de sentidos – como uma atuação a partir dessa posição do autor, um fazer funcionar a língua nesse acontecimento – instauram uma discursividade outra, fazendo do discurso lacaniano um discurso fundador uma vez que abre esse outro a (re)formulações possíveis. Assim como o discurso ao qual se promove o retorno é heterogêneo, o discurso produzido, nesse retorno, também é heterogêneo, o que possibilita diferentes leituras, aplicações, transformações e até mesmo retorno a essa heterogeneidade.

A noção de discurso fundador, em Foucault, tem uma particularidade: é fundador o discurso que instaura um novo campo de saber, como o de Marx e Freud. O próprio Foucault trabalhou com a formação e transformação de saberes na história, o que só é possível se existir a fundação de sentidos outros nesses campos anteriormente fundantes. Desta maneira, é que no campo freudiano fundado instaura-se o discurso fundador lacaniano. Instaura porque não há permissão institucional ou política para isso. A permissão é histórica. O discurso fundador é, sempre, um discurso de ruptura.

A ruptura ocorre em campos discursivos atravessados por conflitos políticos, ideológicos e institucionais, prevalecendo uma situação de crise de determinado saber. É como efeito dessa luta histórica, que se constitui um discurso fundador.

O discurso fundador é aquele efeito de sentidos de (re)leituras, de retornos. Os sentidos produzidos no acontecimento discursivo S5 são sempre retomados no campo psicanalítico, juntamente com outros sentidos produzidos pela obra lacaniana. Portanto, é como um sentido outro, no campo psicanalítico, que S5 constitui-se como discurso fundador: o inesperado sentido da palavra lacaniana.

2.4.1 (Re)formulando o conceito de discurso fundador no quadro da AD

A abertura da possibilidade de discursos fundadores outros em campos específicos está no plano dos sentidos de determinadas discursividades: como, em meio a sentidos pré-existentes, é possível produzir sentidos outros? Pelo deslocamento e (in)versões dos sentidos e não pela mera substituição de palavras. Deslocar e (in)verter um sentido não é somente tirar de um lugar para o outro. Não é mera substituição. É uma articulação, entre memória e atualidade, que resulta em um sentido outro. É da ordem da metonímia e da metáfora.

Orlandi (2001) mostra o devir entre sentidos como constitutivos de discursos fundadores: dos sentidos fundantes, decorrentes da certeza dos já-ditos para o sentido fundador, ainda *nunca experimentado*.

O movimento de *construção do significar*, de produção de sentidos fundadores consiste em:

- a) Seu apagamento por uma memória já estabelecida dos sentidos (os já-ditos);
- b) A resistência ao apagamento e a conseqüente produção de outros sentidos; e
- c) O retorno do “recalque” (ou seja, do que foi excluído pelo apagamento) sobre o mesmo, deslocando-o. (Ibid., p.11).

É justamente a suspensão (apagamento por uma memória) dos sentidos fundantes, na palavra freudiana, que instaura este movimento de construção de sentidos outros. A (re)tomada dessa palavra promove o re-surgimento dos sentidos apagados e seu deslocamento em direção a sentidos outros da palavra lacaniana.

Ao deslocar os sentidos fundantes dos dizeres freudianos rompe-se com esta significação:

O sentido anterior é desautorizado. Instala-se outra “tradição” de sentidos que produz os outros sentidos nesse lugar. Instala-se uma outra “filiação”. Esse dizer irrompe no processo significativo de tal modo que pelo próprio surgir produz sua “memória”. (ORLANDI, 2001, p.13).

O sentido biologizante conferido aos dizeres freudianos são desautorizados na filiação histórica de Lacan à palavra freudiana. Seu retorno ao texto freudiano é sua garantia, via história e memória, da instauração de uma discursividade outra: a palavra de Freud autoriza sentidos outros. No campo psicanalítico há uma identificação com esses sentidos outros, o que confere aos efeitos de sentidos do dizer lacaniano o aspecto “fundador”, com diferentes sujeitos filiando-se a essa psicanálise outra e não a outras.

Ao deslocar sentidos e instaurar um discurso fundador no campo psicanalítico instaura-se, também, um confronto com o poder institucional dominante, especificamente a representada pela IPA, originando, daí, a cisão, a excomunhão de Lacan (e lacanianos) desse espaço dominante; mas, a ruptura com essa força institucional dominante não é uma ruptura com a psicanálise freudiana. Aspecto que, também, faz do discurso lacaniano um discurso fundador, pois: “O discurso fundador se faz em uma relação de conflito com o processo de produção dominante de sentidos, aí produzindo uma ruptura, um deslocamento.” (Ibid., p.24).

O discurso lacaniano desloca os sentidos dentro do campo psicanalítico com sentidos fundantes e dominantes, produzindo sentidos outros e fazendo movimentar esse campo em outra rede de filiações possíveis. Então, é um discurso fundador no campo discursivo da Psicanálise.

2.4.2 Freud e Saussure: de fundadores a fundantes

Ao conceituar *discurso fundador* levantei alguns aspectos que devem ser considerados: o retorno ao discurso, a heterogeneidade, a produção de sentidos outros, desautorizando sentidos pré-constuídos, ruptura com o que está posto e emergência em

situações conflituosas. Tanto em Freud como em Saussure⁶⁶, é possível identificar esses aspectos de fundadores.

Em Freud, esse aspecto de fundador foi evidenciado por Carpes (2005). Uma das definições usadas pela autora é a seguinte:

O discurso é aqui entendido como um já dito; assim, o discurso fundador inaugura um novo sentido, um novo rearranjo de sentidos sobre o que já foi dito. Inaugura um novo sentido para o que estava em falta. Para isso acontecer é necessário um apagamento do sentido anterior, incluindo todas as resistências, para que o novo surja e desloque o que retorna, dando um outro sentido. Daí vê-se confirmado o entendimento de que os fatores psíquicos conjuntamente aos fatores sócio-históricos condicionam a construção de novos sentidos. (s/p.).

Assim, a pesquisa de Carpes identifica na obra freudiana o que lhe torna fundador: Freud (re)significa o conhecimento sobre o homem, funda sentidos outros, instaura conceitos no imaginário, há conflito entre as idéias de Freud e o restante da sociedade científica e, entre outros mais, há um retorno de mais de cem anos aos ditos e sentidos freudianos.

Tal como Saussure, há uma fundação de um campo de saber singular e inesgotável, que está sempre sendo (re)significado em condições de produção específicas: a Língua para esse e a Psicanálise para aquele.

Não coloco em questão que essas discursividades (Língua e Psicanálise) não são fundadoras. Minha questão, aqui concerne ao que se produz depois dessas discursividades e em consequência destas. A idéia de que um discurso fundador será sempre fundador, me leva a questionar o que são, então, esse outro, essas (re)significações que são produzidas no interior destas discursividades, pois algo é, também, fundado. Por exemplo: Freud fundou um saber sobre o inconsciente, construiu *tópicos* para explicar esse funcionamento, definiu princípios, entre outros. Lacan (re)significou o inconsciente, fundando o discurso sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem. No campo psicanalítico, há um conflito ideológico entre essas formulações, mas não há uma eliminação de uma ou de outra.

Então, é fundador apenas o primeiro a surgir, em dado espaço de conhecimento? Minha proposta – pois se assim fosse não seria possível o movimento e transformação histórica dos saberes – é de que se passe a definir discurso fundante (constituído de sentidos fundantes⁶⁷) esses discursos instauradores primeiros de discursividades institucionalizadas e que possuem a palavra de ordem sobre determinado conhecimento, como Psicanálise e a

⁶⁶ Como foi abordado anteriormente.

⁶⁷ Sentido fundante como o já-dito e sentido fundador como o nunca experimentado, de acordo com Orlandi (2001).

Lingüística, pois, são discursos que se transformam porque sujeitos outros neles se inscrevem e neles fazem trabalhar a significação. E esse trabalho de (re)significação é fundador – a partir do fundante.

Desta maneira, é que se abre o espaço na Psicanálise, para a fundação de outros sentidos. Para a instauração de diferentes discursos fundadores a partir do discurso fundante instaurado por Freud.

O termo *fundante* adjetivador de discurso tem o efeito de sentido de já-dado, já construído e instaurado, porque *fundante* traz para o discurso (re)significado o sentido de processo, de movimento de instauração do discurso, além de fixar determinado discurso como o ponto histórico de ruptura primordial em determinado saber. Enquanto que *fundador* remete a movimento e transformação, ao que faz (re)significar. Em todo dito fundante existem ditos fundadores.

O discurso de Freud é um discurso fundante: o discurso de Lacan é um discurso fundador, que faz movimentar a Psicanálise; o discurso de Saussure é um discurso fundante: o discurso de Pêcheux é um discurso fundador, que faz movimentar a Lingüística.

O discurso fundador lacaniano se constitui a partir do discurso fundante freudiano e do discurso fundante saussuriano⁶⁸.

2.5 Sentidos

Minha fundamentação teórica tem uma noção nuclear: a questão do sentido. As respostas que tento articular não pretendem fechar ou limitar esta questão. Não busco uma resposta definitiva àquilo que é infinito, sempre aberto⁶⁹, no campo epistemológico da Lingüística. A impossibilidade de se fechar essa questão sugere, não a impossibilidade de dizer/ler um determinado sentido⁷⁰, mas, como lingüista, que não é possível a imanência de sentidos, no próprio significante sentido⁷¹.

⁶⁸ Em referência ao S5.

⁶⁹ De acordo Paul Henry (2001) o sentido é uma questão sempre aberta na episteme lingüística.

⁷⁰ O que uma palavra significa, no mundo, em dadas condições sociais, históricas e culturais, aonde significar no mundo corresponde a um efeito possível de um dito, nesse mundo.

⁷¹ Um dos efeitos possíveis (sentidos) desse significante *sentido* é ser efeito dos significantes não puros no mundo.

Desta maneira, minha tomada de posição, frente à questão sentido e significação é a de deslocamento⁷². Deslocar o sentido anterior, dado *a priori*, na superfície lingüística, para aquele que é sempre construção e sempre possível de ser outro, como uma (in)versão. É desta posição teórica acerca dos deslocamentos de sentidos constitutivos do discurso lacaniano que proponho a interpretação semântica do texto psicanalítico de Jacques Lacan.

Na minha tomada de posição frente à questão do sentido, considero que os interlocutores não são a origem de seus dizeres e estes ditos não se constituem de um único sentido. Ao contrário, é sustentado pelo *Esquecimento n.º 1*, definido por Pêcheux e Fuchs, no texto de 1975, em que a proposição dos autores acerca deste esquecimento e o sentido é a seguinte:

[...] o ‘sentido’ de uma seqüência só é materialmente concebível na medida em que se conceba esta seqüência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ele possa ter vários sentidos). (PÊCHUEX e FUCHS, 1990a, p.169).

É no pertencimento a determinado campo discursivo atravessado pela exterioridade que os sentidos são deslocados e (in)vertidos e o dizer passa a significar diferente, produzir sentidos outros. Ao propor que a teoria do discurso se debruce sobre a questão do sentido, Pêcheux (1997) propõe questionar a obviedade do sentido imanente na língua e transparente, assim como sua universalidade. É um olhar desviado para a questão dos sentidos.

A língua é constituída pela exterioridade e significação e sentidos, dessa maneira, não fogem a esta constituição. Esta articulação, na língua, por trazer o diferente produz, na materialidade lingüística, contradições e equívocos resultantes do afetamento desta constituição. Com base na semântica discursiva, proposta por Pêcheux, é destas contradições e equívocos que parte a produção do sentido. Estes furos, na linearidade da existência discursiva, trazem o já-dito fundante do aspecto heterogêneo dos sentidos: referência a uma produção lingüística anterior (já-dito) que, em oposição ao que está sendo produzido (o dito), constitui o sentido. Há sempre sentidos contraditórios em confronto.

Com esta exterioridade (atualidade e anterioridade/memória) constitutiva de sua ordem material e discursiva, a questão do sentido, em AD, deve considerar, de acordo com Pêcheux (1997), que:

⁷² Cf. HENRY, 2001.

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). [...] *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência as essas posições [...]. (p. 160 - Grifo do autor).

A condição de materialidade do sentido é sua fundamentação na história, na relação estabelecida entre sujeitos do discurso e o que é histórico. E na relação destes com o campo discursivo onde estão circunscritos.

Quando teorizo sobre deslocamentos e (in)versões de sentidos abordo uma das relações possíveis, dentro do processo discursivo em que sentidos outros são constituídos: uma (in)versão de sentidos, em que o sentido de um já-dito é substituído (trabalhado) pelo sentido do dito em movimento permeado pelo pré-construído e pela heterogeneidade. Estes deslocamentos e (in)versões de sentido (metonímias e metáforas discursivas) têm como “ponto de partida” o seguinte fato lingüístico:

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*metaphora*), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que “se revestem de um sentido”, não poderia ser predeterminada por propriedades da língua [...]. (Ibid., p.263 - Grifo do autor).

Ao se metaforizar (sobrepôr sentidos pela (re)tomada do já-dito, deslocando desses sentidos fundantes – não todos –, mas o que está submetido à determinada discursividade pela via da metonímia), de uma dada posição-sujeito, um discurso outro é produzido. É dentro dessa abordagem discursiva que busco sustentar que, ao se deslocar sentidos, um discurso fundador é produzido. Deslocamento que produz um choque, na ordem do sentido, com o discurso fundante. O que faz determinado discurso ser fundador está no mesmo espaço em que os sentidos são produzidos: na exterioridade e na anterioridade, no próprio acontecimento discursivo (fundador). A via de acesso a essa singularização de determinado deslocamento é, também, a interpretação da articulação e transformação dos já-ditos que constituem esse processo discursivo.

A língua, em AD, é inatingível⁷³. O sentido não é dado *a priori* às determinadas condições de produção do dizer, por isso não é uno e homogêneo. Em Psicanálise, a língua é signo dividido e da ordem do impossível. Impossível porque em sua divisão (o corte

⁷³ Cf. MARIANI, 2005.

simbólico do sujeito) há algo que lhe escapa – algo de resto que surge na superfície advindo do que não foi marcado pelo corte. É essa *ordem do impossível* que deve ser considerada nos estudos da linguagem e que nos remete, entre outras questões, à impossibilidade de se fechar e delimitar o sentido e à necessidade de acompanhar a movimentação de sentidos.

Pêcheux (1997) se vale da referência da AD aos conceitos psicanalíticos, especificamente, ao conceito de sujeito e ao fato de a *forma-sujeito* corresponder ao *ego* (certa consciência assujeitada), sem falhas no processo de *reprodução-transformação* da luta ideológica de classes. Remetendo-se à expressão lacaniana *Só há causa daquilo que falha*, Pêcheux reconhece o inconsciente psicanalítico como a causa da falha, do *non-sense* que volta na constituição do sujeito e do sentido, do impossível da língua: há na interpelação uma falha “[...] no sentido *non-sense* do sujeito dividido.” (p.300). É desta maneira, que o sentido:

[...] é produzido no *non-sense* pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no* sujeito-ego da “forma-sujeito” ideológica, identificada com a evidência de um sentido. [...]. (Ibid. – grifo do autor).

Assim, da Psicanálise fica na AD – entre outras teorizações – a impossibilidade de completude de sujeitos e de sentidos.

O sentido de uma palavra é resultante de deslocamentos e de (in)versões de sentidos, em que o sentido de um significante já-dito é (in)vertido em um significante dito, em movimento permeado pelo pré-construído e pela heterogeneidade, em uma versão outra para determinado conceito lingüístico e/ou psicanalítico. Deslocamento e (in)versões que são possibilidades de sentidos dentro dessa ordem da impossibilidade de completude da língua.

O *non-sense* aparece como produção discursiva se considerarmos que:

[...] todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço [...]. (PÊCHEUX, 2002, p. 56).

O que é filiar-se sócio-historicamente? É movimentar-se no fio do dizer via metonímia e metáfora. Sentido como *efeito metafórico* é o que propõe Pêcheux, já no início de sua teorização (na AAD-69) e, anos depois, a partir de *Les Verité de la Palice*.

Sobre isto, Mariani (2005) esclarece que:

[...] está em jogo aí tanto a possibilidade de usar uma palavra por outra, em função de relações de similitude (sinonímia), quanto a possibilidade de, nesse processo de substituição contextual de uma palavra por outra, chegar-se a um termo bastante distanciado do primeiro, mas que guarda, com esse primeiro termo uma memória de sentido. (p.12).

A metáfora e a metonímia são, então, os processos constitutivos de sentidos como tentativas de agüentar o impossível da língua. Memória de sentido que sustenta a articulação de sentido; a substituição, sobreposição – a (in)versão – articuladas de sentidos deslocados com os sentidos dos já-ditos da Psicanálise. Ao falar em metáfora, Pêcheux busca esse processo em Lacan.

E é em Roman Jakobson que Lacan vai buscar as noções de *metáfora* e *metonímia*. Ao articular condensação e deslocamento (mecanismos de defesa tratados por Freud na *Interpretação dos Sonhos*) com metáfora e metonímia, Lacan incide sobre esses últimos a subjetividade dentro do funcionamento da língua (e, também, o funcionamento da língua dentro da subjetividade). O trabalho de Lacan se dá em termos de significantes: o funcionamento lingüístico é um funcionamento de significantes. A metáfora se dá como articulações entre significantes. Se dá como (in)versões de significantes, como (re)invenções e, até mesmo, como subversões de significantes.

Como articular esse funcionamento – que de acordo com Lacan é estrutural, no sistema da língua – com um dos fundamentos básicos de uma análise discursiva que é a tomada da exterioridade como constitutiva da e presente na língua? A metáfora referida por Pêcheux, produtora do *non-sense*, de onde advém o sentido é a conceituada por Lacan⁷⁴.

Como todo conceito lacaniano, não é possível a referência a um único texto ou seminário sobre metáfora e metonímia, dentro da obra. O que se tem é a construção de uma teoria em que os sujeitos envolvidos no processo vão trabalhando aquilo que é determinado pelo próprio movimento dessa obra. Mas, é nos anos de 1950 que se tem, por parte de Lacan, a conceituação de metáfora e metonímia. Momento em que o simbólico está sendo trabalhado.

Os dois aspectos singulares dessas noções são: o funcionamento se dá no nível do significante e metáfora e metonímia não são processos separados.

Como referência a estes conceitos, uso os textos *O Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente* (1957-1958) – o próprio *corpus* deste estudo –, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1958) e *O Seminário, livro 3: As psicoses* (1955/1956).

Lacan (2002) no seminário sobre as psicoses pergunta: “Mas o que será a metáfora?” (248). A metáfora não tem haver com comparação, mas com substituição por identificação,

⁷⁴ Cf. PCHEUX, 1997.

por similaridade. O processo metafórico tem haver com a posição e a organização do significante na cadeia e com sua articulação com outros significantes. Posição tomada a partir de um deslocamento primordial por contigüidade, no processo metonímico. A oposição metáfora-metonímia/ condensação/deslocamento constitui um processo de integração de um conjunto de dizer diferenciando de totalidade, ocorrendo transferências de significados via estruturas significantes. Esta significação metonímica e metafórica tem efeitos de sentidos e são esses efeitos a que se deve chegar numa análise discursiva que parta de ações discursivas metafóricas e metonímicas.

Assim, saio da estrutura do significante para os efeitos de sentido, a partir de articulações metafóricas, produtoras do discurso lacaniano. Ainda, de acordo com Lacan, o sentido, por esses processos, é sempre renovável. Na AD, os movimentos de significantes que produzem o *non-sense*, o equívoco, sentidos outros, se realizam a partir do que Pêcheux denominou filiações sócio-históricas, a partir do mundo em que o sujeito do inconsciente está imerso e dele emergindo.

Ao construir sua teoria da metáfora⁷⁵ e da metonímia, Lacan regimenta, também, o funcionamento de seu discurso. Ao discursivizar sobre estes processos, como processos simbólicos e constitutivos de sujeitos, o próprio Lacan constitui-se, em seu discurso, por meio desses processos: retorna a Freud pelo caminho da metáfora e da metonímia. De sua inquietude (in)verte significantes, na teoria psicanalítica, deslocando e, assim, produzindo sentidos outros a partir dos sentidos em suspensão nos textos freudianos. Os equívocos são tomados a partir das não-coincidências de seu dizer.

Pode-se acrescentar, de acordo com Pêcheux (1990c):

[...] que levar até as últimas conseqüências a interpelação ideológica como ritual supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra” é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho. (p.17).

Ao se pensar em uma metonímia discursiva, a proposta é identificar o que pode e deve ser deslocado, a partir da inscrição do sujeito na Psicanálise; acerca de uma metáfora discursiva, a (in)versão se dá no interior da própria Psicanálise: em S5, o campo psicanalítico determina esses processos, pois há que se continuar a produzir psicanálise e a (in)versão não se dá por anulação de sentidos fundantes, mas por condensação e articulação de sentidos já-ditos e ditos.

⁷⁵ Cf. SIMANKE, 2002.

Ao assumir que não há ritual se falhas, o sentido emerge justamente nessas falhas; falhas no movimento linear da ordem da língua; falhas que são deslocamentos e (in)versões de sentidos.

2.6 As Heterogeneidades Enunciativas

Quando proponho os deslocamentos e (in)versões constitutivas do discurso lacaniano como discurso fundador, no campo psicanalítico, essas ações discursivas são constituída de sentidos já possíveis e que são (re)tomados nas heterogeneidades enunciativas: pontos, no fio do dizer, em que se presentificam o dizer do outro, o próprio outro e o efeito desse dizer outro: o sentido a ser deslocado e (in)vertido. Interessa mais do que o outro e seu dizer, o sentido dessas heterogeneidades. Ao retomar os dizeres da Psicanálise e da Lingüística o sujeito do discurso parte de suas filiações sócio-históricas para a produção de sentidos, assume essa heterogeneidade, mas, ao deslocar os sentidos, denega esse outro, marcando nos pontos de heterogeneidade do dizer o lugar desse outro, na ilusão de controlar os sentidos produzidos. Imposição discursiva na medida em que o objetivo era fazer Psicanálise, daí, parecer improvável negar os sentidos da palavra freudiana.

Este movimento discursivo é de funcionamento inconsciente, pois a ilusão do saber e controle dos sentidos impede que o sujeito “saiba” desta imposição discursiva. Ilusão via esquecimentos, como propôs Pêcheux (1990): o sujeito acredita ser o primeiro a dizer e o primeiro a fazer significar, *esquece* dos sempre já-ditos e dos sentidos fundantes. Em S5 é o aspecto heterogêneo da língua que sustenta a questão sempre aberta dos sentidos. Heterogeneidade, multiplicidade e diferença trazidas pelo fio da história não como um acúmulo de discursos e sentidos outros, mas como uma articulação de pré-construídos (trazidos via memória discursiva) com o construído durante a ação discursiva.

A relação sentido e heterogeneidade não remete à pluralidade ou multiplicidade de sentidos presentes na língua, acumulados ao longo da história cabendo ao analista, pela interpretação, trazer à tona um sentido outro, considerando sua pertinência para a análise. A heterogeneidade mostrada e constitutiva da língua incide por fazer de um sentido já existente

um sentido outro, alteridade (diferença entre sentidos) que se apresenta como o equívoco, o ato-falho, na língua⁷⁶, o que está em concordância com Teixeira (2000, p.201):

Pensar em termos de *heterogeneidade* [...] não é pensar na duplicidade do sentido, mas em um sentido que não veio para ficar igual a ele mesmo, é fazer valer o equívoco que o investe. (Grifo da autora).

É sempre a busca de um sentido outro e não do mesmo sentido retomado.

Malidier (2003) relata, assim, o encontro entre Pêcheux e Authier-Revuz, o encontro entre a heterogeneidade e o sentido:

Michel Pêcheux, eu já disse, a tinha conhecido no CERM. Apaixonada pela questão do sentido e da enunciação, ela a abordava desde 1978, pela via do discurso relatado. O procedimento de Jacqueline Authier colocava em evidência as rupturas enunciativas no “fio do discurso”, o surgimento de um discurso outro no próprio discurso. Lingüista, externa propriamente dita ao campo da análise de discurso, Jacqueline Authier trazia elementos decisivos à problemática da heterogeneidade do discurso. Sua presença no colóquio “Materialidades Discursivas” marca o início de uma colaboração que irá seguir até o fim. (p.73).

A exterioridade, a heterogeneidade que atravessa o (e permanece no) discurso passa a ter uma construção teórica e metodológica que sustente a análise. Os pontos de equívoco e contradição (PÊCHEUX, 1997) que apontam para o sentido do dizer – o discurso – passam da abstração para seu efetivo funcionamento na/da língua: as heterogeneidades enunciativas, as não-coincidências do dizer, os discursos relatados.

A articulação entre a Teoria Enunciativa de Jacqueline Authier-Revuz e Teoria do Discurso de Michel Pêcheux se sustenta na posição dos dois teóricos: ambos assumem a exterioridade como constitutiva da língua e dos sentidos.

Authier-Revuz (1990) apóia seu estudo sobre as heterogeneidades enunciativas em trabalhos, fora do campo teórico da Lingüística, que consideram “[...] o discurso como produto de interdiscurso [...]”. (p.26): o dialogismo de Bakhtin (as palavras são sempre as palavras dos outros); e na psicanálise lacaniana: o sujeito é inconsciente (não tem controle do dizer e dos sentidos) e é um efeito da linguagem.

A partir da presença do *Outro* (sujeito, discurso) o sentido de um dizer se constitui. A heterogeneidade constitui-se da presença do *Outro* no discurso:

⁷⁶ Para Milner (1987) o *real* da língua que o lingüista, em trabalho, não deve negar. Para Lacan (1998), por exemplo, todo ato falho é um ato bem sucedido na medida em que traz justamente esse *real*, esse desconhecido, esse sentido não sabido, inconsciente, e que escapa à simbolização.

No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor *único* produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem em sua materialidade, o outro.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12 – Grifo da autora).

É no ponto de inscrição desse outro que a interpretação incide, pois a heterogeneidade remete a algum lugar além da materialidade da língua que a constitui.

Neste trabalho, abordo, nesse ponto, os deslocamentos e as (in)versões de sentidos constitutivos dos dizeres lacanianos acerca das formações do inconsciente referentes aos dizeres freudianos e sobre a Lingüística, que antecede sua leitura da obra freudiana.

A presença do outro nos “[...] modos de representação no discurso de um discurso outro, tem sido: [...] o discurso direto, o indireto e o indireto livre.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.133). Nestas formas de funcionamento da língua, no plano da materialidade, estão presentes as heterogeneidades enunciativas: mostrada (marcada e não-marcada) e constitutiva.

As heterogeneidades mostradas representam os “[...] diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26). Abordo, especificamente, como uma dessas negociações, a *Modalização Autonímica* como o ponto na materialidade do dizer laciano em que o sujeito negocia com as heterogeneidades constitutivas pertencentes ao discurso: essas marcas apontam a relação dos dizeres lacanianos com os pré-construídos da Psicanálise e da Lingüística e a (re)formulação dos mesmos:

[...] a heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é “independente”: ele corresponde a uma forma de *negociação* – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade constitutiva – *inelutável mas que lhe é necessário desconhecer*, assim, a forma “normal” dessa negociação se assemelha ao mecanismo de denegação. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.72 – Grifo da autora).

Ao deslocar os sentidos pelo mecanismo lingüístico e discursivo da heterogeneidade mostrada da *Modalização Autonímica*, o sujeito do discurso laciano instaura, no processo de constituição dos sentidos de “seus” dizeres, a denegação, também como negociação com a anterioridade e a exterioridade: o sujeito marca o lugar do outro (da psicanálise freudiana e da Lingüística) em seu dizer na ilusão de, para além dessa marca, esse outro não se presentificar, buscando a unicidade e homogeneidade de sentidos produzidos.

O conceito *denegação* tem sua origem na Psicanálise, como uma das contribuições de teorias exteriores à Lingüística ao entendimento da complexidade e heterogeneidade da língua.

Authier-Revuz (2004) parte do “olhar” da Psicanálise sobre linguagem, sobre o sujeito falante que sustenta a heterogeneidade da língua e do fato da existência de um sujeito cindido pelo inconsciente. É considerando as manifestações do inconsciente, na língua (como atos falhos, lapsos, chistes, entre outras formações do inconsciente) é que a lingüista sustenta a heterogeneidade da língua e traz o sujeito do inconsciente para dentro da Lingüística, pois é esse o sujeito falante, produtor de linguagem.

Ao discorrer sobre a relação da Psicanálise com a linguagem e suas implicações, passando pela leitura lacaniana de Freud, a autora estabelece a relação entre o inconsciente e a heterogeneidade dos discursos, em que o primeiro rompe na linearidade da cadeia lingüística mostrando que a língua, o sentido, o falante não são *unos*. São nesses pontos que devem incidir a análise lingüística da língua, privilegiando o heterogêneo e o dividido como lugar de significação e do outro, no discurso. Um desses modos de constituição e presença do outro, no discurso é a *denegação*. Authier-Revuz sustenta que a *resistência neurótica*, aquela em que o sujeito faz uma negação explícita a elementos recalçados – a autora retoma, nesse momento, Freud – mostra que esse funcionamento também está posto na língua quando o sujeito denega (aqui já como uma negação implícita) o outro, o já-dito⁷⁷.

Na Lingüística, especificamente para um estudo em AD, esse movimento, observável na superfície da língua, remete a uma reação, inconsciente, do sujeito para demarcar e tentar controlar a presença do outro, no discurso:

O que caracteriza as formas marcadas da heterogeneidade mostrada como formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva é que elas operam sobre o modo da *denegação*. Por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e portanto o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença. Elas manifestam a realidade desta onipresença precisamente nos lugares que tentam encobri-la. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.33).

E, ainda:

Preso na “impenetrável” estranheza de sua própria palavra, o locutor, quando marca explicitamente por formas da distância – *pontos* de heterogeneidade em seu discurso -, delimita e *circunscreve o outro*, e, fazendo isso, *afirma* que o *outro não está em toda a parte*. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.73).

⁷⁷ Importante ressaltar que a denegação, neste trabalho, tem como escopo o dizer do outro constituindo o discurso lacaniano e, na análise, o que se busca é esse outro retomado e em que ponto do dizer foi retomado. Análise, então, lingüística. Buscar recalques de um sujeito, acredito, é um trabalho de análise psicanalítica, o que é relevante para demarcar a diferença entre a denegação em Freud e a denegação assimilada por Authier-Revuz: toda vez que o outro é retomado a tentativa, inconsciente, é de impedir que ele retorne em outros pontos do dizer.

Esta tentativa de controle do outro mostra como pertencente ao sujeito do dizer o restante do discurso, ratificando a ilusão de homogeneidade desse discurso e seu domínio de sujeito desse dizer a ponto de a presença do outro constituir-se como uma concessão intencional à heterogeneidade. Assim, pela denegação, o sujeito nega implicitamente a heterogeneidade constitutiva do dizer (e dos sentidos) e as suas próprias filiações sócio-históricas que incidem sobre seu dizer e sentidos trazendo o outro explicitamente para o discurso.

A denegação funciona da seguinte maneira: o sujeito busca filiações, saberes diferentes e interlocutores. Não é isso o denegado. A denegação incide sobre o efeito desta heterogeneidade. Ao demarcar explicitamente o lugar do outro por meio da heterogeneidade mostrada, a tentativa é controlar os sentidos dessas ações – o discurso. Assim, o sujeito acaba por cair na ilusão de controlar o seu discurso, sem o afetamento e a interpelação desse outro. O escopo da denegação, no fio do dizer, é sempre a referência explícita ao outro, de acordo com a autora supracitada.

Assim, as marcas explícitas de heterogeneidade respondem à ameaça que representa, para o desejo de domínio do sujeito falante, o fato de que ele não pode escapar ao domínio de uma fala que, fundamentalmente, é heterogênea. Através dessas marcas, *designando o outro localizadamente*, o sujeito empenha-se em *fortalecer o estatuto do um*. É nesse sentido que a heterogeneidade mostrada pode ser considerada como um modo de denegação no discurso da heterogeneidade constitutiva que depende *do outro no um*. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.74 – Grifos da autora).

Em uma relação com o conceito de discurso fundador trabalhado anteriormente, pode-se hipotetizar que essa ação denegativa do outro é uma tentativa de ser outro discurso, ser diferente e, conseqüentemente, fundador: até aqui é fundante, para frente é fundador, “diria” o sujeito sobre “seu” funcionamento discursivo.

Estes deslocamentos e (in)versões visam a (re)formular o já-dito, o sentido já-existente. Essa ação discursiva, em que o sujeito volta seu dizer sobre o próprio dizer, no ponto em que o outro rompe na materialidade, é uma tentativa de controlar o sentido, “negociando” com a heterogeneidade constitutiva:

Por modalidade autonímica [...] designamos um modo do dizer pelo qual um elemento X qualquer de uma cadeia é duplicado por – isto é - comporta – sua própria representação, portanto reflexiva e, opacificante. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26).

Este ponto do dizer é o que a autora denomina de não-coincidência, do heterogêneo do dizer. Esta metaenunciação caracteriza-se como metalingüístico (formas isoláveis na cadeia

significante); metadiscursivo (forma reflexiva – comentário/glosas explicativas); e meta-comunicação (formas opacificantes – um jogo com os significados e significantes, na tentativa de unicidade do sentido). Então, em uma análise, se parte da forma isolável (descrição), para a reflexão, o comentário, chegando à opacificação, ao sentido que surge desse processo de tentativa de encobrimento da heterogeneidade.

Estas formas de não-coincidência dos dizeres alteram esses dizeres em pontos específicos do próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004). A saber:

1. As glosas mostram a presença de palavras de outros discursos (dizeres), determinando o limite entre exterior/interior;
2. não há coincidência entre as palavras e as coisas, em que as glosas são uma tentativa de buscar a melhor palavra, a mais adequada ao que se pretende dizer;
3. não-coincidência das palavras com elas mesmas, em que as glosas buscam um sentido em contraposição a outro; e
4. não-coincidência entre os interlocutores, em que as glosas se remetem a um sentido não compartilhado.

Estas glosas, em que o sujeito pretende controlar os sentidos de seu dizer, se constituem como uma modalidade de denegar os outros sentidos trazidos pela heterogeneidade, nesses pontos do dizer. O sujeito “negocia” com a heterogeneidade abrindo para os sentidos outros (re)tomados no fio do discurso, mas marcam seu lugar nesses pontos de não-coincidência, na ilusão de que não ecoam, de que não escapam para outros pontos do dizer, deixando espaço para sentidos outros, para a singularidade desse dizer.

A *Modalização Autônima* é uma representação reflexiva metaenunciativa das não-coincidências do dizer: “[...] em um ponto de seu desenrolar, o dizer representa-se como falando por si, [...] a enunciação [...] desdobra-se como um comentário de si mesma.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.14).

Nestes modos como as não-coincidências aparecem na superfície da língua, como o discurso outro aparece como um equívoco, as glosas metaenunciativas apontam (e dizem sobre) para os sentidos não óbvios produzidos no dizer. Essas formas de heterogeneidades que alertam para o *não-um* do dizer são, especificamente, tentativas de fixar (controlar) explicitamente o sentido: glosas negativas (não no sentido de); glosas duplas, com conteúdos de negativas a um sentido e afirmação de outro (no sentido de e não no sentido de); glosa especificando positivamente o sentido (no sentido de: paráfrase, sinonímia, dupla antonímia, contextualização adicional, com deslocamento explícito do sentido/valor contextual da palavra, sentido determinado/no sentido de).

Em uma análise discursiva, se parte do exposto por Authier-Revuz (1998), em que essas glosas, esses movimentos do sujeito sobre “seu” próprio dizer, marcam o lugar desse sentido no interdiscurso e:

[...] se apóiam explicitamente num exterior, muito freqüentes nos discursos teóricos e políticos, testemunham implicitamente a presença ou prenhez – relativamente ao discurso que está sendo feito – de um exterior, a cuja força de captação as glosas se opõem [...]. (p.41 -42).

É captando as exigências das filiações sócio-históricas do sujeito em sua produção discursiva que as glosas marcam o ponto em que o sentido advém como uma heterogeneidade constitutiva, resultado das forças⁷⁸ ideológicas, históricas e sociais/culturais presentes no interdiscurso, da negociação do sujeito com esses sentidos outros que constituem a interdiscursividade. O acesso a essas forças se dá a partir dessas heterogeneidades mostradas, especificamente as glosas.

Assim, caberia perguntar, na análise, por que nesse ponto do dizer, o sujeito volta-se para o “seu” próprio dizer e não em outro ponto? E, também, porque, da interdiscursividade, é esse sentido o retomado via modalização autonímica e não outro sentido? Por que é necessário marcar, nesse ponto do dizer, o lugar do outro (sujeito e discurso) e, dessa maneira, denegando-o como única possibilidade de produzir sentidos outros? Por que nesse ponto o outro pode se apresentar e não em outro lugar? Circunscrever a heterogeneidade a pontos específicos do dizer torna o restante do dizer único, novo, acabando, assim, no fio do discurso, com a repetição, com o retorno do já-dito? Somente na leitura, descrição e interpretação, ou seja, na análise das heterogeneidades mostradas e da denegação é possível uma aproximação a respostas.

Resumidamente, abordarei da seguinte maneira as heterogeneidades: Discurso relatado – DD, DI, DIL – Modalização Autonímica, Glosas metaenunciativas e algumas heterogeneidades não-marcadas como a ironia e as alusões, especificamente denominadas como alusões históricas, porque no fio do discurso o sujeito interrompe “seu” dizer para resolver confrontos ideológicos – sua relação com a Psicanálise, psicanalistas e instituições –, no campo, retomando a história e o movimento da Psicanálise: pontos em que o sentido fundante é deslocado para sentidos outros fundadores.

⁷⁸ Força no sentido de efeito de linguagem.

CAPÍTULO 3 – O SUJEITO DO DISCURSO

*Foi-se do dogmatismo a dura lei
E o criticismo não foi mais feliz*

“Nada sei” o Agnóstico enfim diz..

*Eu menos, pois nem sei se nada sei.
Fernando Pessoa – Agnosticismo Superior
15-11-1907.*

Abordarei a concepção de sujeito, em AD, especialmente o aspecto singular desse sujeito (e de seu discurso produzido) que se constitui atravessado pelo social, pela linguagem, pela história e pelo(s) outro(s), buscando, da posição de sujeito-autor, a expressão discursiva de sua singularidade não como uma propriedade fixa do sujeito e do discurso, mas como um sempre por advir dada as condições de produção do processo discursivo.

O que faz do sujeito discursivo, cuja subjetividade se constitui na exterioridade, atravessada pela história, pela ideologia e pela linguagem, sem controle de si e dos sentidos produzidos, um sujeito singular?

Como tratar do singular em um processo (des)contínuo, em que o sujeito e o sentido produzido estão sempre por advir, nunca pronto e, dessa maneira, não podendo ser recortado como um ponto ou uma marca fixa de singularidade no discurso?

O sujeito do discurso (inconsciente) constitui-se no processo discursivo em que está inserido. Então, sua singularidade é resultante desse processo e de seus aspectos constitutivos de funcionamento para produção de sentidos, da articulação, dentro do acontecimento discursivo, da língua, da história e ideologia. Considero que a singularidade do sujeito discursivo é um processo submetido ao histórico e ao ideológico. A marca de singularidade constitui-se no modo de funcionamento, da língua, no interior da prática discursiva. No *corpus* de análise são os deslocamentos e (in)versões de sentidos que produzem e constituem essa singularidade. Portanto, se faz pertinente compreender e explicitar como se dão esses movimentos do sujeito, durante o processo discursivo, como um funcionamento, uma ação

discursiva⁷⁹, na e pela língua, que produz esse singular, esse outro, essa discursividade outra, dado que está submetido ao ideológico e ao histórico.

3.1 Uma referência teórica ao sujeito do inconsciente

Quando proponho a abordar a singularidade como resultante de deslocamentos de sentidos, em um discurso psicanalítico (o lacaniano), é importante recorrer ao aspecto inconsciente desse sujeito que realiza esses deslocamentos (não sendo origem deles) e que parece ser possibilitador desse devir, dessa ação discursiva.

Em Psicanálise,

[...] o conceito de sujeito não se confunde com o de indivíduo (do latim, *indiviso*) e se opõe à noção de unidade, remetendo sempre para uma constante divisão. Sujeito é o que está sempre deslizando em uma cadeia de significantes. (JORGE e FERREIRA, 2005, p.46 - Grifo dos autores).

O sujeito em psicanálise é sempre uma suposição da linguagem, um efeito do simbólico: “[...] o sujeito não é um nome de um referente empírico que existe por aí, que se encontra na realidade. O sujeito é um operador que se impõe a nós, desde que nos coloquemos em determinada perspectiva [...]”. (ELIA, 2004, p. 70). Da perspectiva da AD, o sujeito que se impõe é o sujeito do discurso, inconsciente. É o sujeito cindido, clivado, que se divide entre consciência e a ilusão de controle de “seus” dizeres e sua condição de inconsciência, em que não há controle do movimento daquilo que o constitui: a linguagem rompe nos dizeres, fazendo do não-sentido, desse furo no discurso, o lugar da possibilidade de sentido e desse *ser* vir a ser sujeito.

O sujeito do inconsciente⁸⁰ é aquele:

[...] determinado pelo simbólico, por isso é barrado, dividido, pelos significantes que o constituem. O lugar do sujeito é o lugar do corte, lacunar, evanescente, enquanto o

⁷⁹ A expressão *Ação Discursiva* é encontrada em Possenti (1997) como referência à enunciação. Reformulando esta noção, em acordo com meus objetivos, denomino *ação discursiva* ao modo como o sujeito faz funcionar a língua, dentro da prática discursiva. Fazer que é sempre um efeito das condições históricas e ideológicas em que o discurso é produzido e das filiações sócio-históricas do sujeito do discurso. Nesse sentido, o gesto de leitura é uma ação discursiva.

⁸⁰ O sujeito da dúvida que Jacques Lacan substituiu o *eu penso* cartesiano pelo *isso fala* freudiano. *Isso* que corresponde ao real do nó borromeano, o sem sentido, impossível de dizer, simbolizar. (ROUDINESCO, 1994).

eu sugere uma unidade, uma organização, uma completude imaginariamente construída. (PACHECO, 1996, p.44).

Esse sujeito do inconsciente, fundado pelo corte simbólico (efeito de linguagem), pelo Outro, que fragmentado desliza entre significantes, por estar no mundo em que a linguagem pré-existe a ele, é também um sujeito desejanste: “[...] é sempre um sujeito *por vir*, é produção, da ordem do ficcional, eterna construção.”(Ibid., p.61 - grifo da autora). E, dessa maneira: “[...] não há mais posições definitivas, pois se o sujeito é construção permanente, está sempre em devir [...]”. (PACHECO, 1996, p. 61).

O sujeito está, então, sempre por vir. O sujeito do inconsciente, do desejo, é um processo, ser em movimento que se constitui via linguagem/Outro, deslocando-se, deslizando-se entre dizeres, entre discursos, buscando sempre esse impossível insistente – o sentido real – movido pelo desejo⁸¹, desejo de continuar desejando sempre vir a ser sujeito.

Este movimento constitui a singularidade do sujeito e daquilo que ele produz e sofre efeitos. Aquilo que torna um dizer singular, único, de pertencimento a esse sujeito é justamente esse processo de produção desse singular, articulado via inconsciente e sustentado pelo desejo contínuo, que orienta (ou desorienta) os sujeitos no mundo. Assim como o sujeito é fundado pelo corte simbólico, tendo a linguagem (Outro) como constitutiva, também o que é singular a esse sujeito vem de sua identificação (e constituição) da linguagem, do social e da história. A subjetivação é da ordem da exterioridade.

Desta maneira, olhando para esse sujeito como ser social, histórico, cultural (e emocional), sua singularidade, o novo⁸², o outro, é o seu devir, o seu movimento nesse mundo de linguagem, estabelecendo uma relação de alteridade com os movimentos e devires outros.

Em sua busca pela construção da diferença entre sujeitos, Pacheco (1996) apresenta uma importante perspectiva sobre singularidade, como *criação de novos possíveis*:

[...] emergência de *verdade* – produção do novo, logo criação. Criação é, no retorno do sujeito ao simbólico, fazer uma rearrumação de suas sobredeterminações, modificando a situação já dada. É liberdade possível para o falante. (p.95).

⁸¹ “*O desejo, a rigor, não tem objeto*. Na sua essência, o desejo é uma busca constante por algo mais, e não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo, em outras palavras, extingui-lo. [...] Ele não procura satisfação, mas sua própria continuação e promoção: mais desejo, maior desejo! [...]”. (FINK, 1998, p.116- Grifo do autor).

⁸² Como abordarei a diante, para o sujeito discursivo não há esse novo, mas um outro.

Ainda de acordo com Pacheco (1996), esse sujeito, que está sempre retornando, por vir, é aquele “[...] que se dirá no mundo sempre de uma forma nova e singular em processo de constante produção.” (p.97).

Este sujeito fundado na e pela linguagem que, nesse processo (des)contínuo de se constituir e ser constituído, vai se deslizando no mundo da linguagem, assumindo – hora aqui, hora ali, de acordo (ou desacordo) com os atravessamentos sociais, ideológicos, históricos de que sofre efeitos - diferentes lugares nesse mundo e, desses diferentes lugares diferentes posições sócio-históricas, como a de sujeito-autor inscrito em uma discursividade. Assim, é que o sujeito do inconsciente, clivado, e desejante é, entre outros, também o sujeito do discurso.

3.2 Uma referência teórica ao sujeito do discurso

Para a AD, o sujeito não é um ser empírico, consciente. O sujeito do discurso é tomado como posições-sujeito, a partir do lugar que esse sujeito pode ocupar para ser o sujeito de seus dizeres (o sujeito não é origem dos dizeres, mas é por meio dele que os discursos se realizam na língua)⁸³.

O sujeito do discurso coloca-se em posições-sujeitos diferentes e até mesmo contraditórias (em diferentes filiações sócio-históricas), o que é possível devido à sua constituição inconsciente, o que lhe confere, como colocado anteriormente, a possibilidade de devir, de movimento pelo mundo, sem assumir somente uma única posição em todo seu processo constitutivo.

Ao apontar para a interpelação ideológica dos sujeitos (interpelação que os funda e que ocorre na e pela linguagem) Pêcheux (1997), de certa maneira, a sustenta nesse sujeito que se constitui como um processo (inconscientemente) e que, conscientemente, acredita ser causa de si, ter o controle de si:

[...] a existência dessa contradição (produzir como *resultado* uma *causa de si*), e seu papel motor em relação ao processo do significante na interpretação-identificação, que nos autorizam a dizer que se trata realmente de um processo, na medida em que os “objetos” que nele se manifestam se desdobram, se dividem, para atuar sobre si enquanto outro de si. (p.157 - Grifos do autor).

⁸³ Cf. ORLANDI, 2002.

O indivíduo é interpelado em sujeito, em um processo e, o próprio sujeito como efeito desse processo de interpelação pode ser tomado como um processo. O sujeito do discurso é, também, um processo e, as posições a que ele é interpelado a assumir, dentro do discurso, não podem ser fixas, dado à interpelação ideológica, processo esse em que a “falha” é constitutiva. Interpelação que é pautada por identificação e transformação (PÊCHEUX, 1997). Daí, ser possível a ruptura, uma saída dessa posição de *assujeitado*. O sujeito é ideológico – porque há sempre relação com a história e atravessamento dessa história – mas, a questão do desejo o coloca em movimento e, dessa maneira, lhe é possível ser interpelado e estar em transformação, dentro dessa relação ideologia e inconsciente.

Até aqui, a tentativa foi de mostrar que tanto sujeito discursivo e suas posições sócio-históricas não são e não podem ser fixas, únicos e constantes, dado ao ser afetamento sócio-histórico, como também, as marcas de subjetivação que apontam para a singularidade de um sujeito/discurso não são fixas. Ao considerar o sujeito como um processo e parte do processo discursivo, então, a singularização daquilo que se realiza nesse processo também deve ser considerada como um processo, um movimento discursivo, que nele funciona para produzir sentidos e efeitos: o discurso.

Como pensar a singularidade em algo que é da ordem do processo (sujeito e discurso), daquilo que nunca está pronto, está sempre em movimento e em transformação?

A singularidade consiste nesse processo, em ações discursivas, em como as marcas de singularidade, resultado da articulação sujeito/língua/história funcionam dentro desse mesmo processo produzindo efeitos.

No processo discursivo, considero como marca de singularidade, a maneira, a especificidade de como, a partir de sua tomada de posição, o sujeito trabalha os sentidos advindos das filiações sócio-históricas que estabelece no entremeio da exterioridade que o afeta.

Para o sujeito do inconsciente a singularidade consiste na *criação de novos possíveis*, na *produção do novo*, da criação simbólica, sempre processo. No entanto, para a AD não existe o novo ou original, mas sempre a história trazendo, via língua, a própria história constitutiva articulando pré-construídos e já-ditos, em interdiscursos. Dessa maneira, é que o sujeito do discurso (sujeito esquecido desses pré-construídos, já-ditos e de sentidos outros) nunca é original, nunca é o primeiro sujeito a produzir um discurso. E, a singularidade, o não-

idêntico⁸⁴, constitui-se como um processo de (re)produção, (re)criação, retorno, em qualquer dizer que aponte, não para o novo, mas para o outro.

3.3 Sujeito-autor

O sujeito do discurso é colocado, ao longo de seu processo constitutivo, dado a sua sujeição à linguagem (fragmentação, desejo, interpelação ideológica) em diferentes posições sociais, ideológicas e políticas. Uma dessas posições, que aqui interessa, é a forma-autor em que o sujeito se posiciona – na ilusão de controlar e produzir seus dizeres e no esquecimento daquilo que o constitui – como autor de seus dizeres. No entanto, essa forma-autor é um dos efeitos históricos e ideológicos do jogo contraditório de dizeres que integram a Psicanálise. O sujeito do discurso, no S5, é posto no lugar daquele que vai dizer sobre a Psicanálise.

A noção de sujeito-autor é importante na medida em que busco a singularidade de um discurso e, como já abordei, o singular, o outro não-idêntico que é produzido, é produzido juntamente com a produção de um sujeito e os deslocamentos e (in)versões de sentidos que produzem essa singularidade (e ao mesmo tempo a constitui) são articulados a partir da posição que ele está ocupando, no acontecimento discursivo.

Para Foucault (1996) o autor é um princípio de agrupamento de discursos, o que possibilita sua unidade e posição discursiva de onde partem as significações. Autor tomado como sujeito-autor cuja função é dar ao texto produzido (ao dito realizado) um efeito de fechamento e completude. Efeito que remete ao fato de não controle do dito, mas como um funcionamento sustentado pelo imaginário do sujeito do discurso. O sujeito-autor do discurso lacaniano ocupa a posição de psicanalista cujo efeito é sua constituição como mestre fundador dentro do campo psicanalítico.

O sujeito desloca-se em diferentes discursividades, em um movimento que produz o sentido outro. É esse deslocamento de sentidos, a partir dessa posição-sujeito (sujeito-autor), que resulta em singularidade, em um discurso outro, no discurso lacaniano fundador.

⁸⁴ Termo retirado de Nina Leite (2000), importante para destacar o diferente como singular, em alteridade com o Outro (Outro que o constitui) e não como o novo.

3.4 O sujeito do discurso Jacques Lacan no campo discursivo da Psicanálise: uma função-autor a partir das primeiras análises

Em seu retorno a Freud, o sujeito-autor Jacques Lacan é interpelado⁸⁵ a exercer sua função-autor fazendo a língua funcionar por meio de deslocamentos de sentidos e articulando-os da Lingüística para a Psicanálise freudiana, cujos efeitos desses sentidos deslocados são sentidos outros para os já-ditos da Lingüística e da Psicanálise e uma discursividade outra, um discurso fundador.

No texto *O que é um autor?* Foucault discute a função-autor e os lugares que o autor, remetido a um princípio interno de controle da ordem do discurso, deixou vazio, devendo ser preenchidos por essa função: como a posição do autor que passa a ser uma função-autor, que é uma “[...] característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade”. (FOUCAULT, 1992, p.46). A maneira como as diferentes vozes sociais, as regularidades e dispersões dos enunciados nos contextos discursivos são organizadas, postos em circulação (como e em que base material os discursos serão produzidos e apresentados para os outros sujeitos sociais, se livros, debate, etc.) e como, com que objetivo, em que circunstâncias, como será seu uso, é uma função exercida pelo sujeito-autor⁸⁶.

Foucault (1992) sintetiza a função-autor como:

[...] ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos: ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização: ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. (p.51-52).

Ao me reportar para as condições de produção do retorno de Lacan a Freud, identifico, no grupo social ao qual Lacan pertencia (psicanalistas e associações de Psicanálise), o esquecimento do acontecimento discursivo instaurado por Freud⁸⁷. Para Lacan, os

⁸⁵ Situa-se em um momento em que diferentes ciências humanas e sociais buscam na Lingüística elementos de cientificidade para seus campos. Lacan também é levado a buscar na Lingüística elementos para fazer trabalhar a Psicanálise freudiana. Conjetura que lhe permite fazer esses deslocamentos e (in)versões.

⁸⁶ Um mesmo sujeito-autor pode assumir diferentes funções sociais. O sujeito-autor Jacques Lacan, por exemplo, assume a função-autor, a função-psicanalista, a função-professor, entre outras. Mas, essas funções estão interligadas na história desse sujeito, na tentativa de formar uma unidade heterogênea constitutiva desse sujeito discursivo.

⁸⁷ Cf. ROUDINESCO, 1994.

psicanalistas tinham se esquecido dos dizeres freudianos, lançando a Psicanálise ao biologismo e ao empirismo. Esse esquecimento é denunciado por Lacan em toda a sua obra.

N^o *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente* temos:

RDP1⁸⁸:

Lemos a *Psicopatologia da vida cotidiana* como lemos o jornal, e a conhecemos tão de cor que achamos que isso não merece que nos detenhamos. Essas coisas, no entanto, foram os passos de Freud, e cada um de seus passos merece ser preservado, é portador de ensinamentos e rico em conseqüências. Observo de passagem que, com um nome, e um nome próprio, estamos no nível da mensagem. Teremos que descobrir a importância disso mais tarde, pois não posso dizer-lhes tudo de uma vez, diversamente dos *psicanalistas de hoje*, que são tão doutos que dizem tudo de uma vez só, falam do [eu] e do eu como coisas sem complexidade alguma, misturam tudo.” (LACAN, 1999, p.41-42).

O sujeito do discurso posiciona-se dentro de seu grupo social, com o qual está se confrontando ideologicamente e rompendo depois que começa a (re)ler Freud, ou melhor, os *passos de Freud*, como pronunciou e a (re)construir a teoria psicanalítica. Esse retorno proposto configurou-se como uma blasfêmia ante a intocável doutrina psicanalítica.

Em *Lemos a Psicopatologia da vida cotidiana como lemos o jornal, e a conhecemos tão de cor que achamos que isso não merece que nos detenhamos*, Lacan denuncia, por meio de uma heterogeneidade mostrada não-marcada, a ironia, a superficialidade com que os *psicanalistas hoje*⁸⁹ leram Freud e, dessa maneira, se desviaram⁹⁰ dos *passos de Freud*. É por esses passos que Lacan retorna a Freud sendo constituído, nesse caminho, como um instaurador de discursividade. Mas, seu retorno é, também, um desvio. Sina histórica da Psicanálise: ser desviada, sempre.

A ironia, como uma heterogeneidade mostrada não-marcada, é uma negociação do sujeito com o outro, com a heterogeneidade constitutiva. O efeito de sentido desta negociação é que o não-dito, mas sugerido, seja ouvido mais que o dito e, ao dirigir-se ironicamente aos psicanalistas, Lacan sabe que estes “escutam” não-ditos. Assim, em uma formação social de conflitos e embates políticos, teóricos e institucionais aquele que fizer funcionar a palavra de tal maneira que os efeitos sejam conscientemente imperceptíveis, mas implicitamente transformadores, terá mais vantagens nessa luta em que “[...] o que está em jogo, senão o desejo e o poder?” (FOUCAULT, 1996, p.20), de ambas as partes.

⁸⁸ **RDP**: Recorte discursivo dos dizeres lacanianos sobre a psicanálise freudiana.

⁸⁹ Dêitico como referência aos anos de 1957/58.

⁹⁰ Pelo esquecimento que lhes foi inculcado ideologicamente pelas instituições psicanalíticas interessadas em poder social, científico e cultural que lhes poderia propiciar a obra freudiana sob seu controle.

É essa negociação que Lacan faz funcionar com os *psicanalistas de hoje* e a Psicanálise. “Negocia” nesse ponto de ruptura que é seu seminário como acontecimento discursivo, o seu lugar permeado pelas relações desses sujeitos com o discurso lacaniano: esses *psicanalistas de hoje* são capazes de compreender Freud totalmente mesmo mantendo-se na superficialidade dos dizeres freudianos; Lacan vai além do *nível da mensagem*, retorna aos passos de Freud nos entrecaminhos freudianos, *portadores de ensinamentos e rico em conseqüências*. Lacan retorna aos efeitos de sentido dos dizeres freudianos, ao discurso de Freud. É nesses caminhos, nos implícitos que se dará a (re)leitura das obras de Freud.

Em *psicanalistas de hoje*, o sujeito marca seu lugar histórico inscrevendo-se na FD Psicanálise freudiana e, marca também sua diferença com os *psicanalistas de hoje*. Nessa contradição, pois também ele se posiciona, no campo discursivo da psicanálise, como um dos *psicanalistas de hoje*, apesar de se excluir do *Lemos* (do nós), estabelece-se uma alteridade entre sujeitos discursivos que constituem esse campo: o distanciamento do pré-construído (dizeres freudianos). O sujeito-autor, em sua relação com a história da Psicanálise, é interpelado (por essa relação) a acreditar na supremacia e validade de sua (re)leitura freudiana sobre outras possíveis. Equívoco, na medida em que o conflito gerador de seu retorno a Freud foi desencadeado justamente por que a IPA negava a heterogeneidade do discurso freudiano. Esse equívoco desencadeia a movência desse sujeito em direção a uma discursividade outra, o discurso fundador. É o jogo contraditório de diferentes leituras (IPA & Lacan e dissidentes) na Psicanálise.

A proposta do “retorno a” é um retorno ao texto freudiano, às suas lacunas, ao que parece ausente⁹¹. Uma ausência que da posição do autor é tomada como uma evidência da supremacia do simbólico, da linguagem, na obra freudiana.

Esses foram alguns apontamentos na tentativa de caracterizar a função-autor do sujeito do discurso e que ajudam a vislumbrar o lugar discursivo de onde foi submetido aos efeitos da exterioridade, fazendo funcionar suas marcas de singularidade.

⁹¹ Cf. FOUCAULT, 1992.

3.5 Sujeito-autor, singularidade, deslocamentos e (in)versões de sentidos

Um olhar sobre esse sujeito-autor e suas marcas no discurso (suas ações discursivas de deslocamento e (in)versões de sentidos) possibilita compreender esses deslocamentos e (in)versões de sentidos como produtores de singularidade. Essas marcas, nos dizeres do sujeito-autor, são produzidas por essas ações que têm como efeito essa discursividade outra, no campo psicanalítico em que esses deslocamentos (ações discursivas metonímicas) constituem a própria singularidade desse discurso e esse fazer funcionar a língua, essa ação pertencente a esse sujeito-autor, como singular a essa posição-autor. Então, a singularidade constitui e é constituída por esses deslocamentos e (in)versões de sentidos (ações discursivas metafóricas) no acontecimento discursivo que promoveu uma ruptura com o discurso psicanalítico sustentado pelas instituições oficiais de Psicanálise, da época (anos 50).

Ao sustentar que a singularidade é resultante de um processo discursivo, as marcas de subjetivação são esses próprios funcionamentos que resultam em sentidos outros. Marcas de sujeito-autor que é uma forma-autor, uma forma outra de fazer funcionar um sentido, como um efeito da relação desse mesmo sujeito com a história e a Ideologia.

O aspecto de devir, sempre por vir, do que é singular em um discurso é sustentado, também por esse mesmo aspecto que constitui os sentidos para a AD, pois os sentidos nunca estão prontos, na suposta transparência da língua. E, a possibilidade de deslocar sentidos se deve, também, de acordo com Pêcheux (1997) às posições daqueles que fazem funcionar a língua: os sujeitos. O sujeito, de sua posição de autor, fez deslocar sentidos a partir de uma relação possível entre elementos da Lingüística e da Psicanálise, o que marca sua singularidade como resultante desse processo e cujos sentidos outros tiveram como efeito uma discursividade outra: a psicanálise lacaniana.

O sujeito do discurso é o sujeito do inconsciente que de sua posição discursiva é a junção dos dois eixos metafórico e metonímico do dizer. Inconsciente e incompleto, por isso a possibilidade de devir, que remete à experiência do *fort-da*⁹², em que o sujeito é tomado por uma repetição determinada por quilo que não se inscreve, que não se simboliza, apesar de ser o resto do simbólico – o *Real*⁹³, que remete à possibilidade de sentidos que não vão se inscrever no fio do dizer. Sentidos, que sempre em suspensão, reclamarão tentativas de

⁹² Cf. FREUD, 1996.

⁹³ Cf. VARNIER, 2005.

análise. No discurso lacaniano, são os sentidos fundadores que o insere nessa brincadeira do ir-e-vir de encontro aos deslocamentos e (in)versões de sentidos: ações discursivas impostas historicamente à Lacan, na constituição de seu discurso a partir da (re)leitura dos textos freudianos. Sua função, na Psicanálise é metaforizar; o sujeito do discurso lacaniano é um sujeito metaforizador.

3.6 Singularidade como resultante de deslocamentos e (in)versões de sentidos no discurso psicanalítico lacaniano

Na introdução de seu seminário, Lacan começa ajustando seu dizer.

RDP2:

Tomamos este ano por tema nosso seminário *as formações do inconsciente*. Aqueles dentre vocês, e creio que são a maioria, que estiveram aqui ontem à noite em nossa sessão científica, já estão afinados e sabem as questões que levantaremos aqui dizem respeito, desta vez de maneira direta, à função, no inconsciente, daquilo que ao longo dos anos anteriores elaboramos como sendo o significante. **Alguns de vocês – expresso-me assim porque minhas ambições são modestas** – terão lido, espero, o artigo que publiquei no terceiro número da revista *La Psychanalyse*, com o título “*A instância da letra no inconsciente*” [...]. (Primeira aula do seminário, dia 06/11/1957. p. 11-12).

Abordo essa introdução porque ela é representativa daquilo que propomos analisar, nos dizeres lacanianos: a recorrência à lingüística e a tomada de posição do sujeito-autor ao recorrer ao já-dito da Lingüística. É a partir dessa recorrência que o sujeito fará a língua funcionar, partindo de sua relação com as condições sócio-históricas, deslocando os sentidos dos dizeres da lingüística para os dizeres da psicanálise: é a (re)elaboração do conceito de significante. Nesse recorte discursivo identifico uma intertextualidade com o texto “*A instância da letra no inconsciente*” (LACAN, de 1957) realizando, no funcionamento discursivo, o primeiro deslocamento do sentido de significante. Para análise desse deslocamento, recorreremos ao texto supracitado:

RDL⁹⁴1:

Para marcar o surgimento da disciplina lingüística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas.

O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910 - 11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de Curso de lingüística geral: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento. (p.500).

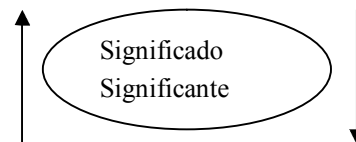
Na recorrência a Ferdinand de Saussure, no *Curso de Lingüística Geral* (SAUSSURE, 1995), temos:

RDL2:

Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* et.). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a idéia da parte sensorial implica a do total.

[...] Propomos-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; [...]. (p.81).

O signo lingüístico é assim representado:

RDL3:

(p.80)

É com esse deslocamento, invertendo a ordem dos componentes do signo (S/s) lingüístico que ocorre a apropriação do significante como um afetamento do sujeito pela Lingüística, na (re)leitura de Freud, ao longo do seminário. Esse equívoco, na base lingüística

⁹⁴ **RDL**: Recorte discursivo dos dizeres lacanianos sobre os dizeres da Lingüística.

do discurso lacaniano, funciona como o ponto de ruptura estabelecido por esse acontecimento discursivo: uma discursividade outra é possível a partir desse furo no modo como a Lingüística e a Psicanálise são articuladas. Esse equívoco é a ação discursiva que produz a marca de singularidade, que singulariza esse sujeito e dizer, que irá funcionar ao longo de todo o seminário, de maneira recorrente. É essa recorrência que acredito ser a singularidade (produzida pelo deslocamento do sentido de signo, com a supremacia e determinação do significante) que constitui o processo constitutivo do discurso. Marca singular de um sujeito-autor que se constitui como instaurador de uma discursividade outra, uma psicanálise outra.

Específico como essa marca de singularidade funcionou: no deslocamento do sentido de signo há uma (in)versão em que o significante é colocado sobre o significado (o sujeito discursivo (in)verte a ordem lingüística, apropriando-se dos dizeres sobre o signo), estabelecendo uma oposição entre o signo da Lingüística e o signo da Psicanálise e conferindo supremacia do segundo em que o significante não está submetido ao significado. É uma denegação da Lingüística e seu signo. O sujeito do discurso lê a Lingüística a partir do lugar do psicanalista e isso o leva a se questionar sobre o quê a Lingüística pode, enquanto ciência, contribuir para o desenvolvimento da Psicanálise, mas ao deslocar o sentido de significante denega essa Lingüística, em uma outra identificação.

Como apontamentos que possibilitam o entendimento desse deslocamento se tem a necessidade circunstancial do sujeito-autor de garantir-se historicamente recorrendo à Lingüística que sustenta ideológica e cientificamente as transformações culturais e científicas da época quando era preciso estabelecer uma relação entre essa força social, política e científica (Lingüística como ciência-piloto) e o processo de (re)construção da Psicanálise como uma ciência, a partir dos dizeres freudianos.

Neste deslocamento, constituído por uma heterogeneidade mostrada marcada, a modalização autonímica, há a produção de uma singularidade outra, pois nessa ação discursiva o sujeito-autor deixa sua marca: busca elementos da Lingüística para olhar Psicanálise porque esse discurso outro veio por meio da intertextualidade, apontando a ressonância dos dizeres da Lingüística na Psicanálise. Ressonância discursiva pautada pela necessidade de cientificização desse discurso que remete à representação histórica da Lingüística como ciência-piloto, à qual estavam ligados os intelectuais, cujos objetivos era romper com o que estava posto. Ressonância de sentido também sustentada pela ênfase no e do simbólico, na teoria psicanalítica.

Neste seu dizer o sujeito-autor inscreve-se no campo científico. Decorre daí, desse sentido de que o que vai ser feito é ciência, a recorrência a outros discursos e, em acordo com

Pêcheux (1997), há uma demarcação, uma tomada de posição do sujeito em buscar a objetividade e, nessa tomada de posição o que era para ser um discurso da ciência Psicanálise passa a ser o discurso produzido a partir do sujeito inscrito no campo psicanalítico, com o deslocamento do signo lingüístico para a Psicanálise. Mas, esse signo é substituído por uma inversão: S/s, como marca de singularidade.

Na abertura desse acontecimento, é relevante a regularidade com que os interlocutores (alunos em formação psicanalítica, psicanalistas dissidentes da SPP e outros profissionais de diferentes áreas, como da Filosofia e da Literatura) são chamados a participar do processo de instauração desse discurso outro: o pronome *vocês* é recorrente em todo o texto, juntamente com o *nós*. Essas marcas de subjetivação mostram a posição do sujeito discursivo no acontecimento discursivo, em uma relação com seus interlocutores, o que tem como efeito o discurso a partir dos deslocamentos. É a busca de construção e inserção em um outro grupo social – dos psicanalistas freudianos – o que aponta para uma contradição: ao mesmo tempo em que o sujeito é levado a tomar a palavra frente ao grupo para constituir esse saber outro há uma divisão dessa construção com os outros/os interlocutores. Essa contradição constitui-se em uma ação discursiva, sustentada pela ilusão desse sujeito de controle de seus dizeres e da própria situação discursiva. No entanto, os sentidos deslocados produzem efeitos que trazem, em seu funcionamento, os já-ditos da própria Lingüística que retornam nessa discursividade, sempre sustentando o caráter subversivo desse deslocamento e, conseguinte, dessa singularidade.

Especificamente, na glosa metaenunciativa *“Alguns de vocês – expresso-me assim porque minhas ambições são modestas* o sujeito denega sua própria condição de sujeito dessa ruptura ajustando seu dizer, tentando explicar seu dizer, para ser psicanalista. Ao longo de todo texto o sujeito volta-se para seu próprio discurso, apontando para os efeitos desse dizer, posicionando-se frente aos deslocamentos realizados. Essas recorrências, ao próprio dizer, mostram que o singular a esse sujeito, são seus dizeres e como eles funcionam na situação discursiva (deslocando sentidos) e apontam para uma definição desse próprio sujeito-autor como um processo que se constitui em sua prática discursiva⁹⁵, que advêm a cada interpelação ideológica e inconsciente que marca sua singularidade: o deslocamento do sentido do signo lingüístico, cujo efeito é esse discurso outro, marcado justamente por essa singularidade, aquilo para o qual olhamos e identificamos como pertencente a esse agente

⁹⁵ Como o sujeito da Psicanálise que advêm na situação de análise, o sujeito do discurso advêm no acontecimento discursivo.

discursivo e aponta, também, para a alteridade com os sentidos pré-construídos de signo, na Lingüística.

Ao considerar o deslocamento do sentido do signo lingüístico como uma marca de singularidade no discurso laciano (marca que constitui processo de singularização de discurso e sujeito discursivo), busco os efeitos desse sentido deslocado na produção desse discurso, ou seja, como efeito dessa singularidade, se tem singularidades outras e como essa singularidade é um processo de criação outro, outra marca é produzida: os deslocamentos e (in)versões de sentidos dos dizeres freudianos.

Este deslocamento ressoa ao longo de todo o discurso como uma marca singular fundadora em que, estando o sujeito circunscrito e filiado ao campo psicanalítico, os sentidos que prevalecem são os psicanalíticos: daí, a necessidade discursiva sócio-histórica de um signo psicanalítico com a supremacia e determinação do significante. Dessa maneira, a Psicanálise passa a ter uma categorização que lhe forneça o estatuto de ciência: um algoritmo científico e uma logicização da subjetividade que possa ser fundada por esse signo, cujos significados deslizam sob o significante. Assim, é que o sujeito do discurso é levado ideologicamente ⁹⁶, a partir desse significante, a (re)ler Freud.

RDP3:

A outra face é a face de inconsciente. Que o exercício do significante evoca, por si mesmo, tudo que é da ordem do inconsciente, isso é suficientemente **apontado ao olhar de Freud** pelo fato de que as estruturas que o chiste revela, sua constituição, sua cristalização, seu **funcionamento**, não são outras senão aquelas que ele descobriu em suas primeiras apreensões do **inconsciente**, no nível dos sonhos, dos atos falhos – ou bem-sucedidos, como vocês quiserem entender –, no nível até mesmo dos sintomas, e **às quais procuramos dar uma formulação mais rigorosa, nas rubricas da metáfora e da metonímia**. Essas formas são equivalentes para qualquer exercício da linguagem, e também quanto ao que encontraremos de estruturante no inconsciente. Elas são as formas mais gerais, das quais a condensação, o deslocamento e os outros mecanismos que Freud destaca nas estruturas do inconsciente não passam como que de aplicações. [...] (04/12/ 1957, *O pouco-sentido e o passo-de-sentido*. p.89).

Tomando a singularidade como um processo resultante dos deslocamentos de sentidos, se observa, na produção discursiva, que uma marca singular tem como efeito outras marcas no discurso laciano, o deslocamento de sentidos do signo lingüístico produz uma marca de singularidade outra constitutiva do discurso laciano: o inconsciente (como a linguagem) é estruturado pelo significante e suas leis de funcionamento.

⁹⁶ Ideologicamente porque resulta da relação desse sujeito com a história das ciências.

Em sua (re)leitura de Freud, o sujeito desloca o *funcionamento do inconsciente apontado ao olhar de Freud* para o funcionamento da linguagem *às quais procuramos dar uma formulação mais rigorosa nas rubricas da metáfora e da metonímia*. Temos um deslocamento filiado à Psicanálise e que se sustenta nela: foi *apontado ao olhar de Freud*, apontamento que marca o lugar do outro Freud no discurso lacaniano, o de sustentar historicamente a transformação da ciência Psicanálise por meio de uma *formulação mais rigorosa*, buscada na ciência lingüística.

Conforme Freud em *A interpretação dos sonhos* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* o funcionamento do inconsciente é de *condensação e deslocamento*. Sujeito desloca da Lingüística para a Psicanálise, o sentido de um funcionamento da linguagem: via **metáfora** e **metonímia**. Então, a partir desse movimento, substitui **deslocamento** por **metonímia** e **condensação** por **metáfora**.

Com esse deslizamento do dizer freudiano sobre o inconsciente, instaura-se um processo de singularização constituindo uma marca de singularidade: deslocar, organizar e articular os sentidos já-ditos desses dizeres, instaurando a psicanálise lacaniana.

A singularidade como é um modo de funcionamento do dizer, um devir no discurso, constitui o sujeito do discurso singular e, como é a partir desse sujeito que os sentidos são deslocados, essa singularidade constitui-se nessas movências discursivas. Ao recortar esses deslocamentos e (in)versões de sentidos recorto as marcas de subjetivação deixadas por esse sujeito, no processo discursivo: suas ações discursivas realizadas a partir do lugar que ocupa dentro da discursividade são suas marcas de singularidade que se transformam e mudam de lugar ao longo do processo discursivo, mas que por se remeterem a um mesmo já-dito (no caso do sujeito remetem sempre ao já-dito freudiano, ao já-dito da Psicanálise) sempre (re)significado apontam para o mesmo sujeito. Assim, a singularidade do sujeito do discurso lacaniano é resultado dos deslocamentos e (in)versões de sentidos constitutivos desse discurso outro, no campo psicanalítico⁹⁷.

⁹⁷ Não defendo que há singularização apenas quando há instauração de uma discursividade outra. Estou trabalhando apenas a singularidade específica do sujeito do discurso lacaniano que se constitui no processo de instauração de um discurso outro: o discurso lacaniano fundador. Sendo este mais um dos aspectos a serem tratados no amplo tema subjetividade e discurso, a relação entre singularidade e discurso fundador.

CAPÍTULO 4 - A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

A primeira palavra de Lacan é para dizer: em princípio, Freud fundou uma ciência. Uma ciência nova, que é a ciência de um objeto novo: o inconsciente. Louis Althusser, 1985, p.55

A Psicanálise como uma ciência, mas não uma ciência biológica, precisamente uma ciência humana, sustentada e realizada pelo que há de mais humano: a linguagem. Para Lacan isto está desde sempre em Freud. Mas, que acontecimentos no processo de construção deste saber interessam? Aqueles em que é possível uma leitura da possibilidade de aparecimento de sentidos outros: do inconsciente estruturado como uma linguagem, do deslocamento como metonímia, da condensação como metáfora, do desejo que não se realiza, apenas viabiliza a demanda, sempre à mercê de um objeto que insiste. Os fatos, então, devem ser interpretados buscando estas fissuras, na história da Psicanálise, para ruptura de um discurso, nestes pontos de equívocos.

Muitos trabalhos considerados freudianos trazem sentidos outros para a palavra freudiana. Mas, o que há nesses sentidos outros que os faz diferentes, fundadores? O efeito de ruptura com os dizeres freudianos por meio da oposição aos sentidos fundantes. Lacan diz que esses sentidos já estão em Freud, mas seus interlocutores (psicanalistas – parte deles) não os reconhecem como sentidos dos dizeres freudianos. Aqui, retoma-se ao campo discursivo da Psicanálise cujas fronteiras são móveis, permitindo a possibilidade de sentidos outros até mesmo para possibilitar seus devires históricos e sociais. Possibilitar que a Psicanálise continue como um campo discursivo de saber.

4.1 A constituição do campo psicanalítico

Dentro do universo de saber acerca do ser humano, a Psicanálise é um campo específico desse saber, tendo como objeto de estudo o inconsciente e sua teorização. Sua constituição foi um processo, ainda que seu ato fundante tenha sido a publicação *d'A*

Interpretação dos Sonhos, em 1899⁹⁸: a leitura interpretativa dos sonhos é o acesso ao funcionamento inconsciente da *psiquê* humana. A *Interpretação dos Sonhos* é um efeito de sentido do processo discursivo da construção da Psicanálise e, esse acontecimento discursivo, um monumento do saber acerca do inconsciente também produziu (e produz) efeitos, sentidos outros, dentro deste campo. Ao interpretar os segredos do sonho, Sigmund Freud apresenta uma nova possibilidade de compreender o homem:

A Interpretação dos Sonhos de Freud não se restringe a sonhos. É uma autobiografia ao mesmo tempo sincera e cautelosa, tão instigante pelo que revela quanto pelo que omite. Mesmo na primeira edição, mais breve do que as que se sucederam ela oferece um levantamento das idéias psicanalíticas fundamentais – o complexo de Édipo, o trabalho da repressão, a luta entre desejo e defesa – e um rico material de casos clínicos. Ela representa, um tanto de passagem, nítidos esboços do mundo médico vienense, repleto de rivalidades e de caçadores de prestígio, e da sociedade austríaca, infectada pelo anti-semitismo e no final de suas décadas liberais. Ela se inicia com um exaustivo levantamento bibliográfico da literatura sobre os sonhos, e encerra-se, no árduo sétimo capítulo, com uma teoria abrangente da mente. Em suma, o gênero da obra-prima de Freud é inclassificável. (GAY, 1989, p.110).

A retomada da palavra freudiana é a porta de acesso a este campo discursivo: “Compreende-se ainda melhor a psicanálise quando se acompanha seu desenvolvimento.”(FREUD, Vol.XVIII, 1996, p.287). Desenvolvimento que remete a movimento constante e conflituoso de construção. Como foi ensinado por Jacques Lacan, é preciso, ao se falar de Psicanálise, retornar à palavra fundante.

Na história da Psicanálise são muitos os acontecimentos que a integram. No entanto, interessa o momento em que a possibilidade de rupturas é colocado.

Em 1914, Freud escreve a história do movimento psicanalítico⁹⁹. Este texto é o resultado do jogo contraditório das formações ideológicas e discursivas implantadas no campo: de um lado Jung e Adler e de outro Freud, a Psicanálise e os psicanalistas¹⁰⁰. Em um momento de crise institucional, teórica e prática, a palavra freudiana faz significar o que é e o que não é Psicanálise. Nisto Lacan mostrou-se acreditar em seus seminários (trabalhos) e foi isto que usou como estratégia discursiva: ler Freud. Uma imposição do distanciamento dos psicanalistas dos textos freudianos. O que se dizia sobre Psicanálise e sobre as questões que trata não era mais suficiente e não dava conta de responder à essas questões. Assim, uma (re)leitura do texto freudiano foi uma demanda social e histórica e o sujeito Jacques Lacan,

⁹⁸ Cf. GAY, 1989.

⁹⁹ Publicado em *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições Standard brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-73.

¹⁰⁰ Cf. GAY, 1989.

por seus movimentos sociais e históricos, passa a desempenhar essa função social e histórica de (re)ler Freud.

O objetivo do texto de Freud foi estabelecer os princípios teóricos e práticos da Psicanálise sustentado na ilusão de controle das forças contraditórias presentificadas no campo. Essa ilusão de controle do saber psicanalítico é intrínseca às instituições que a representam socialmente (IPA e filiações). É neste ponto que se instaura o conflito discurso lacaniano e o discurso psicanalítico. Assim como Jacques Lacan, Alfred Adler e Carl Gustav Jung diziam fazer psicanálise: os dois últimos acabaram por fundar, respectivamente, a psicologia individual e a psicologia analítica e, oficialmente, estavam fora do campo psicanalítico – o que fazem não é Psicanálise. Lacan disse de – e sempre assumiu – sua posição de psicanalista em seus seminários e textos, que fazia Psicanálise. Outra, mas Psicanálise. A permanência de seu discurso, neste campo, atesta a legitimidade da psicanálise lacaniana: apesar dos confrontos, os sentidos lacanianos têm efeitos no campo psicanalítico.

A história da Psicanálise começa a ser contada desta maneira:

Não é de se estranhar o caráter subjetivo desta contribuição que me proponho a trazer à história do movimento psicanalítico, nem deve causar surpresa o papel que nela desempenho, pois a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo o desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabou sobre a minha cabeça em forma de críticas. Embora de muito tempo para cá eu tenha deixado de ser o único psicanalista existente, acho justo continuar afirmando que ainda ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que ela difere de outras formas de investigação da vida mental, o que deve precisamente ser denominado de psicanálise e o que seria melhor chamar de outro nome qualquer. Ao repudiar assim o que me parece nada menos que uma usurpação, estou inteiramente levando ao conhecimento dos leitores deste *Jahrbuch*¹⁰¹ os fatos que provocaram modificações em sua editoria e formato. (FREUD, 1996, p.18).

Esta palavra de ordem ecoou até Lacan. Entretanto, marcou o lugar de Freud em seu discurso pela denegação desta mesma palavra.

Depois de abrir a história de “sua” psicanálise, Freud apresenta-nos o movimento de construção deste saber: o método catártico de Breuer como um pré-anúncio da Psicanálise; de Breuer, ainda, o fato de que os sintomas de pacientes histéricos são fundados em cenas traumáticas do passado; da sugestão para a investigação de pacientes com afecções nervosas em estado hipnótico; a Psicanálise não pode explicar nenhum aspecto presente sem se referir ao passado; a sexualidade tem uma significação na etiologia das neuroses; do método catártico a Psicanálise tira uma teoria da repressão e da resistência (e transferência); o

¹⁰¹ Conforme nota do editor: *Jornal de Psicanálise*

reconhecimento da sexualidade infantil; da interpretação dos sonhos e da técnica da associação livre.

Na segunda parte da história do movimento psicanalítico, Freud, em uma bela passagem, conta-nos sobre a formação de um grupo ao seu redor, o que mais tarde viria a ser a Sociedade Psicanalítica de Viena:

A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. O estímulo proveio de um colega que experimentara, ele próprio, os efeitos benéficos da terapêutica analítica. Reuniões regulares realizavam-se à noite em minha casa, travavam-se debates de acordo com certas normas, e os participantes se esforçavam por encontrar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa, e de despertar em outros o interesse por ele. (FREUD, 1996, p.35).

Aqui, o próprio Freud, no lugar discursivo de senhor de sua ciência, começa a ser atravessado pelos conflitos instaurados na interior do campo:

Não consegui estabelecer entre os seus membros as relações amistosas que devem prevalecer entre homens que se acham empenhados no mesmo trabalho difícil, nem consegui evitar a competição pela prioridade a que dá margem, com tanta frequência, esse tipo de trabalho em equipe. (Ibid.).

Para ele, consequência da “aplicação” da psicanálise em outros campos. Desde esta época, a relação da Psicanálise com a medicina era a ideal: Freud buscou nos médicos seus primeiros discípulos e assim preferiu sempre. A medicina era o lugar de prestígio e dinheiro, tudo que Freud desejava para si e “sua” psicanálise. No final do século XX, a Psicanálise é o lugar social de prestígio e dinheiro, o que é resultado da não submissão de muitos psicanalistas à medicina, ao longo de seu desenvolvimento.

O importante é ressaltar que o campo psicanalítico, mesmo sob a égide da palavra do fundador, já se constituía de conflitos e confrontos, de onde emergiam sentidos outros para além dos fundantes da palavra freudiana.

Diante dos desvios de Jung e Adler, Freud reage furiosamente¹⁰² na defesa da Psicanálise. A importância deste texto, como um arquivo histórico da Psicanálise, consiste no fato de que ele nos mostra uma situação que por vezes se repetiu e se repete dentro deste campo: confrontos teóricos sobre, afinal de contas, o que é a Psicanálise? Confronto que questiona as autoridades e o poder e que colocam à mostra a heterogeneidade deste saber.

¹⁰² Cf. GAY, 1989.

Freud diz-nos que os “desvios” em Psicanálise são resultados das ambições de determinados indivíduos. A história da psicanálise mostra-nos que os desvios são conseqüências do próprio objeto de estudo da Psicanálise: o inconsciente irreduzível a uma única compreensão.

Ao estruturar o inconsciente como uma linguagem Lacan comete um destes desvios. Todavia, na história do movimento psicanalítico, contada por Freud, pode se perceber que Lacan fez seu desvio levado pelas indicações do mestre. Freud ao condenar publicamente Adler e Jung, deixava as pistas para que a (re)leitura lacaniana fosse um desvio com as garantias do próprio Freud. Lacan sempre disse ter lido as pistas de Freud. Como Freud reagiria (que outro artigo furioso escreveria?) a colocações de Lacan de que deixou os caminhos para que a psicanálise lacaniana se constituísse no campo psicanalítico? Como Freud ensinou, tem certas coisas que nós não sabemos - aquilo que é *insabido e insabível* - e mesmo Freud não era o senhor de sua casa.

Em 1923, ao revisar o artigo, Freud já conhecia o lugar discursivo onde nascia a psicanálise na França: “As traduções francesas das minhas obras, que vêm aparecendo nos últimos anos, terminaram por despertar vivo interesse pela Psicanálise, mesmo na França, embora, no momento, mais nos círculos literários do que nos científicos.” (FREUD, 1996, p.43).

Prelúdio de uma psicanálise à francesa: é rompendo com a forte tradição médica da Psicanálise na França e apoiando-se em círculos fora do campo que Lacan funda sentidos outros restituídos de suas inserções na Filosofia, na Lingüística, na Literatura, entre outras.

Mas, quais pistas de Freud, neste texto, foram lidas por Lacan¹⁰³?

- 1) “Não se deve atribuir demasiada importância à rejeição dos representantes oficiais da ciência, e dos chefes de instituições e suas equipes de colaboradores.” (p.43).
- 2) “O primeiro exemplo de uma aplicação da modalidade analítica de pensamento aos problemas da estética estava contido em meu livro *double chistes* [1905c]. Afora isso, tudo está ainda aguardando trabalhadores, que podem esperar uma colheita particularmente rica neste campo.” (p.46).
- 3) “Julguei necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos a que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. Deveria haver alguma sede cuja função seria declarar: “Todas essas tolices nada têm que ver com a análise; isto não é psicanálise.” (p.52).

¹⁰³ Não estou pensando em uma leitura efetiva deste artigo por Lacan. Não sei se ele o leu. Contudo, estou construindo um imaginário discursivo que represente as ressonâncias dos sentidos das palavras de Freud sobre o acontecimento discursivo S5.

- 4) “Quem quer que tenha acompanhado o desenvolvimento de outros movimentos científicos sabe que as mesmas convulsões e divergências ocorrem neles com freqüência.” (p.57).
- 5) “Não estou interessado na verdade que possa estar contida nas teorias que venho rejeitando, nem tentarei refutá-las. Deixarei essa tarefa a outros trabalhadores qualificados no campo da psicanálise, tendo sido ela, na verdade, já em parte realizada. Desejo apenas mostrar que essas teorias contrariam os princípios fundamentais da psicanálise (e em que pontos as contrariam) e que por essa razão não devem ser conhecidas pelo nome de psicanálise.” (p.56).
- 6) “Há bastante espaço nesse mundo de Deus, e todos têm direito de perambular nele sem serem impedidos; mas não é conveniente que pessoas que deixaram de se compreender e que se tornaram incompatíveis permaneçam sob o mesmo teto.” (p.60).
- 7) “A psicanálise vê-se obrigada a apoiar o segundo constituinte da teoria de Adler como faria a algo seu que aquele autor extraiu de fontes abertas a todos durante dez anos de trabalho em comum e que agora rotulou como descoberta sua, através de uma simples mudança de nomenclatura. Eu mesmo considero “reasseguramento [*Sicherung*]”, por exemplo, um termo melhor do que “medida protetora [*shutzmassregel*]”, empregado por mim, mas não posso descobrir nenhuma diferença no significado de ambos.”(p.61).
- 8) “[...] Nenhum de nós pode adivinhar qual será o julgamento final da humanidade sobre nossos esforços teóricos [...]. Depois de se ter ouvido com cuidado a voz da autocrítica e de haver senão prestado certa atenção às críticas dos adversários, não resta mais nada a fazer senão sustentar, com todas as forças, as próprias convicções baseadas na experiência [...]”. (p.66).
- 9) “É claro que sou perfeitamente capaz de admitir que cada um tem direito de pensar e escrever o que quiser, mas não tem o direito de apresentá-lo como uma coisa que não é.”(p.68).
- 10) “A fim de preservar intacto esse sistema, foi necessário afastar-se inteiramente da observação e da técnica da psicanálise. Vez por outra, o entusiasmo pela causa deu margem até mesmo à inobservância da lógica científica [...]”. (p.69).

Os dez mandamentos foram seguidos por Jacques Lacan em sua prática discursiva.

Seu desvio foi um desvio autorizado pela leitura de Freud do movimento psicanalítico.

Movimento sempre marcado por confrontos e rupturas.

O sujeito do discurso lacaniano não sucumbiu à rejeição das instituições oficiais da Psicanálise: sobreviveu às interrupções de sua fala, a cisões e excomunhão; foi exatamente no campo daquilo que Freud chamou estética que o *trabalhador* Lacan foi “colher” os sentidos fundantes desta psicanálise outra; os sentidos fundadores dos dizeres lacanianos são resultados de uma posição do sujeito, guardião da Psicanálise; a produção lacaniana não contrariaria, de acordo com o psicanalista, os princípios fundamentais da Psicanálise; ao contrário, parte da palavra de Freud; sob forte ataque, a psicanálise lacaniana constituiu-se em uma outra instituição; os sentidos lacanianos foram constituídos a partir das *fontes abertas* da Psicanálise, mas, seguindo a ordem, foram os sentidos da psicanálise deslocados e

(in)vertidos e não apenas uma substituição de termos: para nós, é o que sustenta o aspecto fundador do discurso lacaniano; o discurso lacaniano é resultado de *convicções*, filiações sócio-históricas do sujeito; a palavra lacaniana é um efeito da palavra freudiana; fazer uma ciência pela lógica, pelas fórmulas, pelos grafos, pelo sistema.

É com os passos do movimento psicanalítico que o acontecimento discursivo S5 rompe e desestabiliza mais ainda este campo. Esses passos levam à Psicanálise na França. Aliás, foi na língua francesa que o significante *psicanálise* nasceu: “Freud usou pela primeira vez o decisivo termo “psicanálise” em 1896, em francês e a seguir em alemão.”(GAY, 1989, p.109). A psicanálise lacaniana nasceu na língua alemã: Lacan lê Freud em alemão¹⁰⁴.

4.2 A Psicanálise na França

Ao olhar para o movimento da Psicanálise, em diferentes direções pelo mundo, Freud se dá conta, em 1923, que a França começava a conhecer a Psicanálise via Literatura. O país que sempre fez de sua filosofia, sua literatura, sua medicina, suas idéias e seus grandes homens um retrato para o mundo de si mesmo, voltado para suas questões nacionais e intelectualmente auto-suficiente, começava a ser atravessado pelo *insabível*. Mas apesar de esforços políticos e institucionais, a psicanálise na França seria mais uma filiada à IPA.

Diante de uma abertura instável à sua doutrina – movimentos artísticos, como o surrealismo, baseavam-se na Psicanálise para realizar suas atividades – Freud vai apoiar aquilo que lhe parecia o caminho mais adequado para a Psicanálise na França:

Ante uma França hostil à psicanálise, ou que a celebra como um modismo, Freud prefere apoiar as instituições oficiais – a medicina, de um lado, sob a condição de que ele reconheça sua descoberta, e de outro a literatura bem-comportada. Essa atitude não decorre de uma estratégia premeditada, mas de um desconhecimento dos projetos ideológicos da vanguarda. Dir-se-ia que a história das relações entre a psicanálise e surrealismo não faz parte da mesma história que a de Freud com a França. Existe uma disjunção entre as duas principais modalidades de penetração do freudismo neste país, ainda que elas sejam concomitantes na realidade temporal. O encontro entre Viena e espírito novo irá dar frutos posteriormente, pois terá escapado ao olhar de Freud e à organização oficial da psicanálise. (ROUDINESCO, 1988, p.38).

¹⁰⁴ Cf. ROUDINESCO, 1988.

Quando, nos anos de 1920, Lacan começa sua carreira na medicina a psicanálise freudiana não é mais um modismo e, com o apoio de Viena ao campo médico, as idéias psicanalíticas instauram-se na França em duas vias que co-existem, apesar de contraditórias (ROUDINESCO, 1994): uma via médica, de onde sairia, em 1925, o grupo Evolução Psiquiátrica (EP) e, no ano seguinte, a SPP (Sociedade Psicanalítica de Paris), e a via intelectual composta por diferentes grupos literários e filosóficos.

É em meio a essa diversidade que Jacques Lacan se constitui o sujeito de um dizer que estabelecerá, anos depois, uma terceira via de formação da Psicanálise na França: a psicanálise lacaniana.

4.2.1 A Sociedade Psicanalítica de Paris

Os dois grupos que compunham a via médica de implantação do freudismo na França – EP e SPP – sustentam que o freudismo deveria se moldar à França e não a França subjugar-se à Psicanálise, o que era apoiado por um “ideal de francidade”:

[...] invocava-se uma hipotética superioridade da *civilização* dita latina e naturalmente universalista, opondo-se a uma pretensa *Kultur* germânica, inferior, bárbara ou regionalista. Essa reivindicação de uma superioridade francesa, que ganhara corpo com o pensamento de Taine, e crescera com a germanofobia ligada à Grande Guerra, atacava duramente a doutrina freudiana da sexualidade, na qual se julgava reconhecer o duplo propósito de um pangermanismo de um pansexualismo. (ROUDINESCO, 1994, p.31).

Do universal ao particular sempre foi a direção do freudismo pelo mundo. Pela própria constituição de seu objeto, o inconsciente, não era simplesmente possível adaptá-lo às condições de produção de cada sociedade que acolhesse o freudismo. Como Lacan mostrará depois, isto deve-se à constituição social e histórica deste objeto, via linguagem.

A formação como médico-psiquiatra deu-se sob a influência de quatro homens que colocaram-no entre a Psiquiatria e a Psicanálise, uns se distanciando, outros se aproximando. No entanto, é somente com a leitura dos surrealistas que Lacan começará a articular as “doenças mentais” com uma possível escuta (e leitura) psicanalítica.

De acordo com Roudinesco (1994), três psiquiatras formaram Lacan e, um quarto homem, mais do que formá-lo – pois era de sua geração – jamais negou a impossibilidade do projeto Psiquiatria e Psicanálise, apenas seguiu outro caminho. Os três primeiros

correspondem a: George Dumas, adversário da Psicanálise, mas que deixará em Lacan a marca de uma eloquência invejável e a capacidade de seduzir um auditório pela fala; Henri Claude, que se apoiava na Psicanálise para concretizar os trabalhos em uma psiquiatria dinâmica e organicista; e Gaïtan de Clerambaut, para quem as psicoses eram de origens orgânicas e desencadeadas por causas externas, mas sua relação com a Psicanálise foi impedida porque o modelo psiquiátrico de tratamento (internações, medicamentos, coerções), para ele, era mais adequado que a escuta ou a intervenção pela palavra. Com esse homem, Lacan aprenderá a observar e descrever as psicopatologias e, mesmo aderindo à Psicanálise, continuará a observar e descrever. Talvez, aí, tenha nascido a primazia do significante: parte do signo que se pode ver (e ouvir) e estrutura que se pode descrever. Mas é em torno de um quarto homem que se formará o grupo da EP, do qual Lacan fará parte até sua entrada definitiva ao campo psicanalítico: Henry Ey.

A psiquiatria é um saber eternamente questionável em sua abordagem dos transtornos mentais. Porém, a figura de Henry Ey, mesmo em se questionando suas idéias, foi sempre respeitável¹⁰⁵. Lacan estabeleceu uma rara relação de respeito e reconhecimento por este homem e seu trabalho mesmo seguindo caminhos, se não opostos, pelo menos incompatíveis. Assim como Lacan, Ey também foi um transformador em seu campo e essa atitude unia os dois homens.

Mesmo psiquiatra e fundador da teoria psicogênica do organo-dinamismo para explicar que as psicoses deviam ser tratadas por médicos, por se constituírem como afecções orgânicas, o trabalho de Henry Ey foi pioneiro na humanização e dignificação destes tratamentos.

É na relação com este homem que vai se definindo a tomada de posição do sujeito frente à Psicanálise. Segundo ROUDINESCO (1988), Henry Ey compartilha com Lacan:

[...] a convicção de que a psicanálise não deve servir de técnica de apoio à antiga psiquiatria. Para os dois amigos, a descoberta freudiana restituiu um sentido à psiquiatria, na medida em que refuta a idéia de uma nosologia que estaria separada da dimensão humana da loucura. Em outros termos, a psicanálise é, para eles, uma revolta moderna contra o absurdo de uma clínica que retira do louco o enunciado da loucura, colocando em lugar dele uma classificação escrita em jargão. Contudo, para Henry Ey, a psicanálise continua a ser filha da psiquiatria, já que a primeira salvou a segunda de seu pecado original. Elas são, portanto, complementares uma à outra, e forma uma totalidade estrutural dentro da história da medicina. (p. 150).

¹⁰⁵ Um dos trabalhos mais importantes da história da Psiquiatria foi realizado por ele: a descrição e classificação exaustiva das psicopatologias em quadros nosográficos.

Então, nesta relação com a doutrina freudiana, os dois assumem posições diferentes: para Henry Ey o freudismo é articulador/integrador da neurologia e psiquiatria; para Lacan a Psicanálise não está a serviço de nenhum campo e, a partir de seus fundamentos, é possível construir uma intervenção e uma teoria das psicoses. Isso será feito.

O acolhimento de Ey a Lacan não foi teórico e prático; mas, ele vislumbrou os efeitos humanizadores deste trabalho e mesmo não concordando com sua teoria psicanalítica sempre lhe deu a palavra. Havia, entre eles, um confronto teórico exemplar. Por isso, não houve um rompimento entre Lacan e a EP. O que houve foi uma tomada de posição por parte de Lacan: ser psicanalista.

A teoria freudiana circulava entre os meios psiquiátricos e Lacan não foi o único a decidir-se pela psicanálise. Antes dele, outros médicos franceses e alguns vindos de outros países da Europa fundam a primeira instituição de Psicanálise da França, com o apoio de Viena: a Sociedade Psicanalítica de Paris – SPP.

A SPP foi fundada, em 1926, por doze membros vinculados diretamente a Freud, entre eles Marie Bonaparte (senhora absoluta da instituição e, que no futuro, se tornará arquiinimiga da psicanálise lacaniana); Raymond de Saussure (que apesar do sobrenome não entendeu os sentidos da psicanálise lacaniana), Rudolph Loewenstein (analista didata de Lacan durante quase oito anos e sem capacidade de acompanhar o processo de produção de seu analisado) e Edouard Pichon. Este último militará por uma psicanálise genuinamente francesa independente de Viena e será o primeiro a vislumbrar a posição de Jacques Lacan como o lugar de emergência desta psicanálise. Pichon, estudioso da linguagem e da gramática, diante do peso de Viena na SPP, acredita que é a partir dos movimentos de Lacan pela psiquiatria, pela filosofia, pela linguagem e pela literatura que exista a possibilidade de realização de uma psicanálise francesa. Pichon captou a diferença entre os sentidos da doutrina freudiana e os sentidos que começavam a ser produzidos via Lacan:

Pichon parece depositar em Lacan a esperança de que se construa, enfim, uma “psicanálise francesa”, livre em relação à ortodoxia freudiana da IPA. Quanto a Lacan, ele admira em Pichon o apaixonado pela linguagem e pela nomenclatura (...) ele se consagrava também, como seu tio, à famosa *Grammaire Damaouretti et Pichon*. Inútil dizer que ele militava pela criação de um vocabulário psicanalítico, para renová-lo afrancesando-o. “O Sr. Lacan – diz ele – tem razão de dizer que o conceito nasce com a linguagem.” Por outro lado, Lacan foi realmente seu herdeiro: ele lhe prestará inclusive uma vibrante homenagem no congresso de Roma em 1953, atribuindo sua “adivinhação” da teoria e das pessoas “ao seu exercício da semântica”. (MARINI, 1990, p.132).

A produção teórica de Lacan foi intensa e determinante em sua entrada para o campo psicanalítico. Isto fez dele, em 1938, para Pichon, o homem da situação¹⁰⁶.

Todavia, esta psicanálise não será o resultado de um nacionalismo, de uma superioridade da raça latina sobre a raça ariana. A França terá sua psicanálise, mas como resultado das filiações sócio-históricas de Lacan e o proveito dado a cada leitura, a cada conhecimento novo. Não é uma construção biológica, de raça, é uma construção cultural e ideológica:

A doutrina lacaniana se enuncia na língua francesa: é uma forma de freudismo culturalmente francesa, por suas origens e sua maneira de implantação. Mas na se prende a nenhum dos modos de saber que marcaram tristemente a primeira onda da introdução da psicanálise no solo nacional. Por sua vida, por seu pensamento, por seu amor a Espinosa e à filosofia alemã, Lacan jamais será nem germanófilo, nem um teorizador da raça. Se com ele se realiza em parte o projeto pichoniano de uma escola francesa da, essa escola se fundamenta nos princípios de um universalismo científico semelhante ao de Freud. (ROUDINESCO, 1988, p.141).

4.2.2 O surrealismo, a filosofia e a psicanálise lacaniana em seus primeiros passos

Quando defende sua tese em 1932 e a publica logo em seguida, o que se tem, de um lado, é uma reação fria por parte tanto do meio psicanalítico como do meio psiquiátrico; do outro lado, na outra via de entrada da psicanálise na França – meio intelectual – uma verdadeira aclamação. A tese de Lacan sobre *Aimée* trazia uma nova ciência da personalidade, em que a vida psíquica é consequência das relações dos indivíduos no mundo; esta é recebida pelos surrealistas como um “novo combate científico” contra a hereditariedade e a flagelância dos loucos. É o texto que abre um furo no campo psicanalítico por onde se constituirá a doutrina lacaniana:

O jovem psiquiatra não se contenta em realizar uma brilhante síntese crítica entre diversas correntes do pensamento francês; propõe uma escrita da loucura, tão nova para a época quanto a Breton ou Bataille. Em lugar de um tradicional estudo de caso, encontra-se na tese de 1932 um romance de cento e cinquenta páginas, redigido em estílo flaubertiano, ou seja, numa linguagem literária irredutível ao jargão psiquiátrico. Lacan narra a aventura de sua heroína com o estílo de um autêntico escritor, transpondo para a personagem Aimée as desventuras de uma moderna Emma Bovary. Aí está, acima de tudo, a maior originalidade desse livro inovador, legível como um folhetim em capítulos! (ROUDINESCO, 1988, p.141).

¹⁰⁶ ROUDINESCO (1988).

Os surrealistas, entre eles Salvador Dali e René Crevel, antecipam a ruptura lacaniana. Como visionários, prevêm outras possibilidades para a psiquiatria e a psicanálise¹⁰⁷. A relação entre psicanálise e surrealismo, até Lacan, nunca havia existido. O que se tinha era a psicanálise e o inconsciente de um lado e o surrealismo, inicialmente na figura de André Breton, tentando convencer Freud de que a arte surrealista era a possibilidade de realização do inconsciente. Freud nunca quis incentivar aqueles a que chamava de revolucionários a praticar e teorizar com a Psicanálise, por isso sempre se aliou e se sustentou pela estabilidade médica¹⁰⁸. Mas, é no movimento artístico e literário que Lacan encontra receptividade para seu trabalho e é dele que tira, por muito tempo, as manifestações humanas que concretizaram suas idéias: o inconsciente, a linguagem. O sujeito sem controle de si.

Os surrealistas defendiam a chamada psicanálise leiga, ou seja, a formação de psicanalistas não-médicos, o que era rejeitado pela SPP. Anos depois, na SFP¹⁰⁹ e em sua Escola Lacan irá preferir formar não-médicos, de preferência irá formar intelectuais das Letras, da Filosofia, que pudessem – pela diversidade em sua formação – compreender os sentidos de seu dizer: “O surrealismo postula o princípio de uma revolução lingüística que exclui o biologismo e é hostil a qualquer apropriação médica da descoberta freudiana.” (ROUDINESCO, 1988, p.70).

O chamamento social para a produção de uma psicanálise francesa se deu pelos surrealistas que, à sua maneira, conclamavam os psicanalistas franceses a não sucumbirem à ortodoxia de Viena.

Um campo psicanalítico francês já havia se instaurado. Mas, havia um espaço vazio. Um espaço que permanecia vazio pela falta do diferente, daquilo que fizesse da Psicanálise, na França, uma psicanálise singular, outra.

Como toda “fundação” humana parte de um ato simbólico é necessário que um sujeito tome a palavra para, de uma posição sócio-histórica, fazer o corte simbólico, instaurar uma palavra fundadora: “Mas que jovem psicanalista tomará a palavra?” (Ibid., p.71), perguntava-se René Crevel, nos anos de 1930. Eles, os surrealistas, foram os primeiros a ouvir a palavra lacaniana.

Além da psiquiatria, da psicanálise ortodoxa e do movimento surrealista, a filosofia e a literatura também constituíram a psicanálise lacaniana:

¹⁰⁷ Cf. ROUDINESCO, 1988.

¹⁰⁸ Conforme Roudinesco (1988) nos últimos dias de vida Freud recebe a visita de Salvador Dali que lhe dá um quadro de presente. Neste momento, Freud percebe o que sempre denominou de inconsciente.

¹⁰⁹ Sociedade Francesa de Psicanálise.

O gênio de Lacan não se parecia em nada com o de Freud. Reside menos na capacidade de forjar em todos os detalhes de um novo saber do que na de reunir, numa montagem sutil, a essência do saber de uma época. Lacan realmente traz uma leitura inovadora dos textos freudianos, mas fabrica seus conceitos a partir de um contexto cultural heteróclito; os mestres do jovem Lacan são, inicialmente, Espinosa na filosofia, Maurras no amor pela língua, Clérambault na observação dos doentes, Édouard Pichon na conceituação dos instrumentos teóricos, René Crevel e Salvador Dalí na experiência surrealista da linguagem, Henry Ey como o colega “com quem falar” e, finalmente, Freud quanto aos textos e ao lugar distante de pai fundador. Em seguida, os novos mestres irão chamar-se Henri Wallon quanto ao estádio do espelho, e Alexandre Kojève quanto ao gênio da fala hegeliana. (ROUDINESCO,1988, p.135).

É este contexto cultural heterogêneo – mas não incompatível – que constitui o S5. Ele se presentifica nas não-coincidências do dizer lacaniano em relação ao dizer freudiano e da Lingüística, especificamente. Na análise descreverei e interpretarei as relações entre essas filiações sócio-históricas e culturais articuladas pelo sujeito do discurso durante suas ações discursivas.

4.2.3 A entrada e saída da SPP: para uma doutrina outra, uma outra sociedade

Apesar de sua constituição eclética devido à origem e formação de seus membros fundadores¹¹⁰ - diferentes lugares da Europa, com diferentes filiações culturais, uns mais próximos da literatura, outros da medicina – a SPP mantinha-se filiada a IPA e não ousava questionar os fundamentos da psicanálise: trabalhavam para o seu desenvolvimento, mas não para sua transformação.

Ao se interessar pela personalidade de paranóicos e loucos em geral, o médico Jacques Lacan encontra na teoria freudiana um entendimento para além do orgânico, contudo, ao identificar-se com a psicanálise e posicionar-se como um trabalhador a serviço dessa doutrina – tal como Freud gostava de nomear os psicanalistas – Jacques Lacan não se assujeita a simplesmente desenvolver a psicanálise pela mera (re)produção. Seu desenvolvimento será, desde o início, de identificação e transformação, postura perceptível por seu constante movimento por diferentes campos discursivos: psicanálise, psiquiatria, literatura, filosofia, entre outros. Entretanto, seu lugar discursivo permanecerá no campo psicanalítico.

Que relações o sujeito Lacan estabelece com a instituição psicanalítica?

¹¹⁰ Cf. MARINI, 1991.

Lacan integra a segunda geração da SPP¹¹¹. É admitido como membro aderente por volta de 1933 e escolhe como analista didata Rodolf Lowenstein em uma análise que durará vários anos e que não termina: é interrompida quando Lacan é nomeado analista titular. Agora ele não precisa mais de permissão para ser psicanalista. De acordo com Roudinesco (1998), a análise sempre está permeada pelo ciúme e rivalidade entre analista e analisando, devido à evidente superioridade intelectual do último. Mas, se pode hipotetizar, nesses primeiros anos de formação, o inconformismo com a própria prática psicanalítica e com a leitura freudiana de seu analista: indícios de uma incompatibilidade que terminará com a saída de Lacan da SPP.

Nos anos que se seguem Lacan irá aprofundar seus estudos da paranóia, sobre o narcisismo culminando com o aparecimento do texto *O estádio do espelho como o fundador da função do eu, tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica*. Começa a apresentar seus trabalhos em público, frequenta os seminários de Kojève em sua leitura de Hegel (onde se depara com sujeito e o desejo) e estabelece um vínculo intelectual (e social) com surrealistas como René Crevel e Georges Bataille. Esse último vislumbra os efeitos do trabalho de Lacan. Na SPP Lacan ainda é apenas mais um psicanalista: “[...] talvez porque as pessoas se defendam dele, talvez porque não tenha passado ainda da mentalidade psiquiátrica à mentalidade psicanalítica.” (MARINI, 1991, p. 130). A mentalidade médico-psiquiátrica sempre prevalecerá na SPP. Aqueles de mentalidade psicanalítica se retiraram e fundaram a SFP: Sociedade Francesa de Psicanálise.

Durante os anos da segunda guerra mundial, não houve produção intelectual na Europa e a Psicanálise como uma ciência *judia* sofre diretamente os ataques do nazismo. Freud e seus discípulos foram exilados (os que tiveram sorte) para França, Inglaterra, Estados Unidos, Argentina; outros foram presos e exterminados. Na França ocupada, não foi diferente. Lacan nada publicou, não militou na guerra, mas, com a libertação, o que retorna para as trincheiras da Psicanálise é praticamente outro sujeito, ou melhor, é a concretização daquilo que se anunciava nos anos anteriores à guerra: Lacan assume sua (re)leitura da obra freudiana, assume e sustenta suas propostas, estabelece debates e confrontos teóricos em sua (re)elaboração da doutrina freudiana: “[...] Contam com ele, isto sim, para fazer a teoria francesa existir de novo.” (MARINI, 1991, p.139). Atua cientificamente e, também, passa a exercer funções administrativas: é imbuído dos relatórios das conferências na SPP.

No início dos anos de 1950, faz-se necessário normatizar a formação de analistas, criar um estatuto para a SPP e um programa de ensino: propostas que se baseiam na concepção

¹¹¹ Ibid.

médica da psicanálise: submeter a psicanálise à neurobiologia e obtenção de reconhecimento dos diplomas são propostas resultantes da ortodoxia da Psicanálise. Neste momento, começa a se instaurar a primeira cisão institucional da qual Lacan fará parte:

Já a algum tempo circula um boato nas fileiras da SPP: Lacan se recusa a se curvar às regras técnicas em vigor. Ainda sem praticar o que futuramente se chamará de *sessão curta*, ele interrompe a seu gosto a fala de seus analisandos. Emprega uma espécie de técnica da *sessão de duração variável*. Alguns pacientes permanecem deitados por mais tempo do que outros, e alguns outros se vêem enxotados ao cabo de dez ou quinze minutos. (ROUDINESCO, 1988, p.248).

A norma da IPA dizia (e ainda diz) que uma sessão deve durar uma hora¹¹² e uma análise didata pelo menos quatro anos. Freud nunca seguiu as regras, não determinadas por ele, de funcionamento da análise. Como Lacan já estava relendo Freud, ele se viu desobrigado a cumprir tais regras¹¹³. Todavia, para os membros hierarquicamente superiores da SPP, Lacan não era Freud (como nunca foi):

Na opinião de seus colegas da segunda geração, Lacan não é um fundador nem um inovador nem tampouco um chefe de escola. Quando muito, é um teórico brilhante. Em todo caso, um igual. Não tem o direito, como Freud no passado, de ser exceção, e deve submeter-se à regra comum. Lacan não vê as coisas dessa maneira e se considera diferente dos outros. Sem se julgar ainda Lacan, sabe-se superior aos homens de sua geração. (ROUDINESCO, 1988, p. 249).

A doutrina lacaniana e as ações do sujeito são, desde então, um desvio em relação à ortodoxia da Psicanálise:

Os desvios da norma não se prendem somente à redução da duração das sessões. Encontra-se na prática de Lacan uma liberdade que caracteriza a de Freud. Ela não visa aos mesmos objetos, mas dá testemunho de uma mesma recusa de conformismo. (Ibid, p. 250).

Diante da ameaça de desestabilização ao poder, a SPP declara guerra às sessões curtas. Na verdade é uma guerra aos efeitos do trabalho de Lacan no campo discursivo da psicanálise: não conformismo, negação da condição médica na psicanálise, aumento expressivo de sua clientela e discípulos, a busca cada vez maior pela palavra lacaniana. Ou seja, nascia um novo líder dentro da SPP. O que se pretendeu, via regulamentação, foi a interrupção deste desvio. Enquanto a palavra lacaniana servia aos propósitos da SPP (e IPA)

¹¹² Uma hora de análise é referência a cinquenta minutos.

¹¹³ As sessões curtas encontram sustentação teórica na estrutura de Levi-Strauss e na temporalidade de Heidegger: um tempo para começar, um tempo para compreender e um tempo para concluir e, ainda, no fato de que não há tempo *no* inconsciente.

não houve perseguições. Mas, diante da ameaça de se instaurar o diferente, de desestabilizar, era preciso controlar essa palavra: interditá-la, desautorizá-la e silenciá-la. Como não houve um acordo, depois de conferências, debates, ataques, defesas, tentativas de uma espécie de “golpe de estado” (Lacan é eleito presidente da SPP), ele se demite e deixa a sociedade, com outros psicanalistas que também não mais se assujeitavam aos dogmas da SPP. É a cisão¹¹⁴ na SPP: os que ficaram continuam filiados; os que saíram fundaram a SFP, em 1953.

É como membro e mestre da SFP que Lacan instaura seu *retorno a Freud* nos dez anos seguintes, até 1963 quando ocorre, desta vez, a excomunhão¹¹⁵ das instituições de psicanálise oficiais. Ele fundará sua Escola. A SPP estava, apesar do ecletismo, subjugada à IPA. Entretanto, a produção lacaniana deixa de ser um desvio e passa, definitivamente, a ser uma psicanálise outra.

Neste período é que se cultiva a primazia do simbólico, que se inicia a realização dos Seminários, inclusive S5. Não era mais necessário ser médico. Lacan definitivamente se afasta da psiquiatria e torna-se psicanalista, não de acordo com as normas da IPA e sim de acordo com o que Freud diz. Palavra que é instituição.

Através deste devir histórico se chega ao acontecimento discursivo S5.

¹¹⁴ (ROUDINESCO, 1988, 1994).

¹¹⁵ Ibid.

CAPÍTULO 5 - O RETORNO A FREUD

Acho que Lacan teria recusado este termo de “revolucionário” e a própria idéia de uma “revolução em psicanálise”. Ele queria apenas ser “psicanalista”. Isso supunha, aos seus olhos, uma ruptura violenta com tudo o que tendia a fazer depender a psicanálise da psiquiatria, ou a fazer dela um capítulo sofisticado da psicologia. Ele queria subtrair a psicanálise da proximidade da medicina e das instituições médicas, que considerava perigosa.
Michel Foucault, 2002, p. 329.

A cisão na SPP, em 1953, é justificada com base nas divergências, entre o grupo formado por Lacan e Lagache e o grupo ligado à IPA, que ficaram insustentáveis¹¹⁶ - não poderiam mais viver sob o mesmo teto como anteviu Freud. Essas divergências eclodiram com relação ao que se ensinar em uma formação de analista: ego ou inconsciente? Primeira tópica ou segunda tópica? Psicologia do Ego ou Psicanálise? São ou não são a mesma coisa? Para o grupo de Lacan, o inconsciente deveria sempre ser o objeto da ciência Psicanálise. E Lacan vai mais além: estrutura esse objeto como uma linguagem. As leis do inconsciente são as leis de funcionamento da linguagem e ele diz que isso está em Freud: foi sua principal proposição argumentativa. Ou melhor, o sentido disso está em Freud. Melhor ainda, o sentido disso é um deslocamento metonímico e metafórico (articulação entre sentidos (in)versões a partir dessa articulação) do sentido em Freud. Não é pela repetição do sentido da palavra freudiana, mas pela identificação e transformação desse sentido. Toda (re)tomada de sentido é uma (re)tomada outra.

Não se falava mais em inconsciente:

[...] nesse período pós-freudiano, o conceito de inconsciente tende de fato a “desaparecer” dos escritos psicanalíticos. [...] o objetivo da psicoterapia analítica sempre foi reforçar a potência do ego e tornar consciente o inconsciente. Implicitamente, está traduzindo o “*Wo Es war, soll Ich weden*” pela fórmula “o Ego deve desalojar o Id”, extraíndo dela uma série de preceitos que são a teorização espontânea dos critérios padronizados: preços normalizados, número de sessões fixado antecipadamente, duração cronometrada, cor das roupas do terapeuta, neutralidade inodora, recomendações de prudência, etc. – tudo admitido como valores seguros, indiscutíveis e indiscutidos [...]. (ROUDINESCO, 1988, p.291).

¹¹⁶ (ROUDINESCO, 1988, 1994).

A ruptura lacaniana foi causada porque a palavra de Lacan, atravessada pela Lingüística, passou a falar de inconsciente. Como efeito desse atravessamento, começou a falar de certo modo e não de outro sobre o inconsciente. No S5, fala do inconsciente estruturado como uma linguagem, cujo funcionamento é o da linguagem. A marca do inconsciente é o significante. E como se trata de inconsciente, não é mais possível o controle, a neutralidade e normatizações que funcionem como limitações, na prática e na teoria psicanalítica.

5.1 Um retorno à palavra freudiana

Não é a figura de Freud que Lacan busca em seu retorno. Como já sustentava a supremacia do simbólico como lugar de realização humana, então, para saber como realizar uma psicanálise ele volta ao simbólico de Freud, sua marca incontestada de gênio, à escrita onde ele construiu os fundamentos da Psicanálise: à palavra freudiana.

Esta palavra estabelecerá uma relação com a palavra lacaniana, cujos efeitos de sentidos constitui o discurso lacaniano. A primeira é escrita; a segunda é fala. Uma está pronta; a outra é um devir constante. Este devir retorna à escrita em um gesto de leitura, de interpretação. Os significantes freudianos são fundantes dos significantes lacanianos.

Os dois homens nunca se encontraram¹¹⁷. Uma coerência possível, pois para Lacan o que funda a palavra e um pai fundador como Freud (aquilo que o representa) é um nome: Freud é o nome do pai da Psicanálise. Uma palavra freudiana realiza definitivamente o corte simbólico, aquele que, no Édipo, funda o sujeito.

Quando terminou sua tese de doutorado, em 1932, Lacan enviou um exemplar para Freud. A única resposta que obteve, depois de algum tempo, foi um cartão de agradecimento pelo envio. Esta escrita separa os dois homens que nunca se encontraram.

No congresso de Marienbad, em 1936, quando Lacan apresenta seu trabalho sobre o estádio do espelho e, dez minutos depois, é interrompido por Ernest Jones, Freud não esteve presente. Entretanto, o local do congresso foi escolhido porque ficava perto da Instância em que Freud se encontrava. Ao contrário da maioria, Lacan não foi visitar Freud. Em 1938,

¹¹⁷ Cf. ROUDINESCO, 1989 e 1994.

quando Freud passa por Paris a caminho de Londres fugindo da perseguição nazista, Lacan não manifestou nenhum desejo de encontrá-lo. Esses encontros não eram necessários para o projeto lacaniano. Fazia-se necessário apenas a palavra, seu sentido: “Não um retorno à presença de Freud, mas um retorno feito por Lacan para o texto de Freud, sobre o que foi dito por ele que nunca foi reconhecido.” (GALLOP, 1992, p.114).

Lacan foi direto à palavra de Freud, transpondo até mesmo as traduções, pois o seu primeiro contato com a Psicanálise foi pelas leituras em alemão, o que sempre fez: leu os sentidos de Freud em alemão e os traduziu para o francês quando se fez pertinente. O que, então, poderia controlar esses sentidos? Para a AD não há controle de sentidos. É uma ilusão e a heterogeneidade se materializa no fio do discurso para apontar o lugar do não controle sobre os sentidos, presentes quando se opera com esses sentidos, como o fez o sujeito e será abordado na análise.

5.2 O simbólico e a Lingüística

No retorno a Freud existe uma marca de singularidade que é justamente a via de acesso a esse retorno: o simbólico e a Lingüística.

De acordo com Joel Dor (1992), o retorno a Freud é um retorno à investigação do inconsciente como objeto de estudo da Psicanálise como ciência:

A este propósito cumpre destacar que uma das preocupações constantes de Lacan foi trabalhar no sentido da restauração da originalidade freudiana da experiência do inconsciente, sob a égide de uma hipótese tão audaciosa como esta: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. (p.12 - Grifo do autor)

Esta hipótese se sustenta no encontro da Psicanálise com o campo do simbólico e da Lingüística. É no encontro dos princípios teóricos dos trabalhos do antropólogo Claude Lévi-Strauss que Jacques Lacan começa a construir o campo do simbólico como estruturante do inconsciente. É a partir de suas filiações sócio-históricas em outros campos discursivos que o processo de ruptura com a ortodoxia da psicanálise se instaura resultando do afetamento por sentidos desses outros campos discursivos.

O trabalho de Lévi-Strauss não é menos fundador dentro do campo antropológico do que o de Lacan na Psicanálise. Estruturalista, trabalhava com a interdependência dos

elementos constitutivos de objetos sociais, buscando “[...] invariantes que possam explicar universais nas práticas sociais [...]”. (DOSSE, 1993, p.40). Buscou “desbiologizar” os fenômenos sociais e, com seu encontro com a lingüística estrutural, via Roman Jakobson, sustentou que as *invariantes* não pertenciam à consciência do falante, mas a fenômenos inconscientes da estrutura lingüística: o simbólico passa a compor esse inconsciente e, simbólico é fato social e cultural: linguagem.

Em *Estruturas Elementares do Parentesco*, de 1949:

[...] Lévi-Strauss sai de uma análise em termos de filiação, de consangüinidade, para mostrar que a união dos sexos é o objeto de uma transação cuja responsabilidade é assumida pela sociedade; trata-se, pois, de um fato social, cultural. A proibição deixa de ser percebida como fato puramente negativo, mas, pelo contrário, como fato positivo, criador do social. Quanto ao sistema de parentesco, é analisado como dependente de um sistema arbitrário de representação, à maneira do arbitrário do signo saussuriano. (DOSSE, 1993, p.41).

Segundo Roudinesco (1994), os fundamentos da teoria antropológica de Lévi-Strauss foram determinantes da (re)elaboração lacaniana da Psicanálise, pois o inconsciente perde sua tendência de ser um construto biológico e passa a ser estruturado como uma linguagem:

As hipóteses do etnólogo não só faziam voar em pedaços a noção de família em favor da de parentesco, como também permitiam repensar o universalismo edipiano proposto por Freud, fundamentando-o não mais no sentimento de um temor “natural” do incesto, mas na existência de uma função simbólica compreendida como lei da organização inconsciente das sociedades humanas. (p.221-222).

Ao se comprometer com a estrutura significante/simbólica do inconsciente, o sujeito vai edificá-la construindo uma teoria muito singular do significante que é efeito de sua leitura da Lingüística de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. Na análise, retomarei alguns pontos dessa leitura, visto que é a partir dela que o acontecimento discursivo S5 é instaurado. Entretanto, uma síntese dessa leitura é válida para compreensão da relação estabelecida com os fundamentos da Lingüística para fazer prevalecer uma teoria do significante.

De acordo com Simanke (2002), as articulações lacanianas com a Antropologia foram decisivas para a construção da psicanálise lacaniana e já se presentificam desde o início da produção da obra lacaniana, devido às suas diretrizes:

[...] criticar o reducionismo organicista que dominava o campo psiquiátrico e, ao mesmo tempo, proclamar a necessidade de uma psiquiatria e de uma psicologia científica, concreta, materialista e assim por diante, quase que não deixa outra alternativa a Lacan que não seja apostar o sucesso de seu projeto na possibilidade de uma “ciência do homem” que não seja apenas mais uma “ciência do espírito”.

(p.341)

É em sua filiação a nomes como Levi-Strauss, Marcel Mauss, Kojève e Hegel (lido por Kojève) que o sujeito vai se identificar com conceitos que serão, por ele, (re)tomados e deslocados para dentro da FD Psicanálise: o *vir-a-ser* humano como um drama humano, histórico e concreto; abordar a personalidade como uma totalidade, um fato social. A idéia de sujeito e desejo e a possibilidade de se atribuir um inconsciente a esse sujeito, segundo Simanke (2002).

5.3 O retorno de Lacan a Freud

O *retorno a Freud* realizado por Lacan foi um gesto de leitura, de interpretação.

Alguns autores entendem esse gesto sempre como da ordem de uma (re)criação da Psicanálise.

Simanke (2002) – em um trabalho importante sobre a formação da obra lacaniana – aborda dois pontos que são coerentes com a tese desta pesquisa. A saber:

a) a heterogeneidade do *retorno a Freud* que já vinha, desde os anos iniciais da formação de Lacan, se constituindo e tornando-se possível nesta fase:

[...] a proclamação do “retorno a Freud” em 1953, por exemplo – tornou possível, pelo menos em parte, deslindar um pouco a trama de referências convocadas para instrumentar sua pesquisa, cuja heterogeneidade – além da irresponsabilidade que muitos detectam no emprego de noções extra-psicanalíticas – é uma das peculiaridades do estilo lacaniano que motiva uma boa parte das reações adversas. [...]. (p.13).

b) uma *concepção metafórica da teoria*, em que Lacan é um metaforizador dentro da Psicanálise, hipótese que norteia o trabalho do autor:

[...] se há alguma consistência teórica por trás da multiformidade do pensamento de Lacan, ela só pode se sustentar no âmbito de uma *concepção metafórica da teoria*, que pode, então, justificar o uso bastante livre que o autor faz das referências mais díspares. [...]. (Ibid).

A proposta é de uma apropriação via metáfora do texto freudiano. Acrescento que também via metonímia, que antecede qualquer produção metafórica.

Para validar minha proposta de que o discurso lacaniano é fundador por fundar

sentidos outros dentro da Psicanálise, via deslocamentos e (in)versões de sentidos, cito novamente Simanke (2000), que apresenta a produção lacaniana, também, como resultante dos movimentos discursivos do sujeito do discurso:

[...] aliás, é mais útil para a compreensão do movimento da teoria perguntar-se de que maneira as fórmulas e os modelos assimilados – e o modo como o são – vêm atender às necessidades de uma teoria que tenta ser fiel ao seu objeto, ainda que não o seja talvez às fontes primárias de seus conceitos. As premissas iniciais da investigação lacaniana parecem indicar que o melhor modo de conceber a evolução de seus pontos de vistas é, justamente, como um processo sucessivo de incorporação, fusão e exclusão – ainda que, muitas vezes, implícito – de diferentes modelos, o que é apenas outra maneira de dizer que a teoria se constitui como a construção de sucessivos *sistemas de metáforas*, em torno de alguns princípios tenazmente defendidos. (p.190 – Grifo do autor).

Este gesto de leitura – o *retorno a Freud* – é definido por Philippe Julien (1993) como:

- O texto freudiano é tomado como um dizer de Freud.
- Esse dizer freudiano nunca se esgota porque é um dizer sobre o inesgotável: o inconsciente.
- O texto de Freud deve ser analisado e interpretado.

Essa leitura institui uma distância entre o texto freudiano e a produção lacaniana instaurada pela heterogeneidade de um retorno.

O sentido do dizer freudiano é inesgotável como inesgotável é o sentido constituído a partir deste retorno. Por isso, uma leitura que objetive reconstituir esse processo de constituição do discurso lacaniano deve abordar essa heterogeneidade que o autor supracitado define como o “[...] afastamento instaurado pelo próprio retorno [...]” (p.13). Afastamento entre o nome Lacan e o nome Freud: distância, diferença, alteridade. Aquilo que denomino como o sentido outro a partir dos sentidos fundantes do dizer freudiano.

Sentido outro que é resultado de operações discursivas que defino como deslocamentos e (in)versões de sentidos dos dizeres freudianos cujo resultado são os sentidos outros da psicanálise lacaniana, um discurso fundador no campo psicanalítico. É assim que interpreto o retorno lacaniano aos sentidos freudianos: ao ler o texto freudiano, Lacan não reproduz o sentido interpretado. Atravessado e afetado por uma exterioridade que o constitui, via filiações sócio-históricas, o dizer lacaniano produz sentidos a partir desta heterogeneidade constitutiva que se materializa nos pontos de não-coincidências de seus dizeres sobre os dizeres freudianos.

Em que consistem os deslocamento e (in)versões de sentidos? Consistem nos funcionamentos da língua denominados metonímia e metáfora. O sentido fundador da

psicanálise lacaniana é resultante desse funcionamento lingüístico. Ao retornar e (re)tomar os sentidos freudianos, o sujeito desloca (ação discursiva metonímica), transferindo sentidos de outros campos para a Psicanálise, como da Lingüística, da Filosofia e da Matemática com as quais o sujeito estabelece filiações sócio-históricas. Nessa transferência de sentidos que historicamente se interrelacionam (no interdiscurso) ocorre uma sobreposição/substituição e articulação (ação discursiva metafórica) dos sentidos fundantes do dizer freudiano com esses sentidos deslocados, resultando em uma predominância de um sentido outro. O sentido que vai predominar é uma versão outra dos sentidos psicanalíticos, resultado da negociação – via denegação – do sujeito do discurso com essa heterogeneidade constitutiva que se lê a partir das heterogeneidades mostradas na base material do discurso. Essas ações ocorrem, também, sobre os dizeres sobre a Lingüística. Este processo constitui o arranjo sócio-histórico das heterogeneidades constitutivas do discurso¹¹⁸ lacaniano.

¹¹⁸ Cf. PÊCHEUX, 2002.

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DO DISCURSO LACANIANO

Mas a eficácia, concreta das abstrações, inscrita no exercício mesmo de toda língua, é marcada precisamente nos deslocamentos e disfarces que afetam a representação de um processo revolucionário [...]. Michel Pêcheux, 1990c, p.09.

6.1 O método de análise

Defini o *corpus* de pesquisa, S5, como um acontecimento discursivo. O método de trabalho fundamenta-se na descrição, análise e interpretação dos efeitos de sentido das heterogeneidades mostradas (marcadas e não-marcadas) que constituem o processo de deslocamentos de sentidos instauradores do discurso lacaniano enquanto fundador de uma psicanálise outra. Assim, o método de análise é constituído com base na abordagem analítico-discursiva apresentada por Pêcheux em *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (2002), em que: “A análise de discurso [...] se dá precisamente como objeto explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados.” (p.60).

A análise apresenta três etapas fundamentais de análise, em que o gesto de leitura – sentido só é apreendido pela leitura – corresponde ao olhar sobre o equívoco e opacidade da língua (do dizer), sem priorizar o evidente. Essa “maneira de trabalhar” sobre o acontecimento lingüístico, segundo o autor, é:

- 1) Um gesto de descrição da materialidade discursiva: reconhecimento da língua, de sua forma e funcionamento, de equívocos e faltas, das heterogeneidades mostradas e constitutivas;
- 2) Toda descrição está submetida ao equívoco: todo enunciado passível de tornar-se outro, deslocando sentidos; é nesse “ponto de deriva”, naquilo que parece mesmo deslocado (o outro, o heterogêneo), o lugar da interpretação, da busca do sentido outro;
- 3) A interpretação é um ato de tomada de posição frente a um acontecimento discursivo, considerando o que o autor chama de filiações sócio-históricas do sujeito do discurso.

Esta pesquisa é qualitativa – por estar inscrita na AD –, pois trabalho com recortes discursivos pertinentes aos objetivos. Segundo Orlandi (1984) o recorte discursivo: “[...] é

uma unidade discursiva. Por unidade entendemos fragmentos correlacionados de Linguagem e situação. Assim, um *recorte* é um fragmento de situação discursiva.” (p.14 – Grifo da autora). Fragmentos que se constituem de ressonâncias de sentidos, daí, ser possível esses (re)cortes feitos à partir de sua pertinência aos objetivos da pesquisa. Os recortes discursivos são efeitos de sentidos dos recortes lingüísticos.

É uma pesquisa analítico-comparativa, pois na descrição e análise das ocorrências das heterogeneidades mostradas me remeterei à intertextualidade para trabalhar os possíveis deslocamentos postos em movimento pela metaforização do dizer por meio da tomada em cena de outros discursos em detrimento daqueles tomado por Freud, o que levará à análise de recortes discursivos (recortes lingüísticos como efeitos de sentidos, pois são parte de uma prática languageira) pertinentes, de outros textos presentes no *corpus*, pertencentes à Lingüística e à psicanálise freudiana.

Os recortes discursivos serão delimitados como: o **RDL** – Recortes discursivos dos dizeres lacanianos sobre a Lingüística de Ferdinand de Saussure, abordando o signo lingüístico (significado/significante, teoria do valor, arbitrariedade, entre outros) e de Roman Jakobson sobre metáfora e metonímia, entre outros; o **RDP** – Recortes discursivos dos dizeres lacanianos sobre a psicanálise freudiana, a partir da (re)leitura do sujeito-autor Jacques Lacan das obras freudianas *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *A Interpretação dos Sonhos* – trilogia freudiana da constituição do inconsciente, que serão utilizados para o contraponto necessário ao S5. O outro recorte é o **RDH**: Recortes discursivos das Alusões Históricas – dizeres lacanianos sobre as movimentações históricas, políticas e sociais no campo psicanalítico: questões teóricas e institucionais nesse campo. Os recortes serão constituídos por dizeres que compõem cada tópico das aulas, que acompanham uma subtemática da aula: data da aula, seguida das páginas da transcrição, seguida da numeração do tópico a que pertence. Ao recortar o acontecimento discursivo S5, a ênfase é na materialidade lingüística da heterogeneidade funcionando, no dizer laciano, vinculada ao histórico e social.

A partir dessas descrições das heterogeneidades mostradas, será feita a análise e interpretação, considerando: a relação desses deslocamentos com o todo do texto; os efeitos de sentidos, resultantes desses deslocamentos e (in)versões, dentro do texto e na sua exterioridade. Nesse ponto, entrarei na análise discursiva, em que os efeitos dos sentidos deslocados e (in)vertidos produzem uma ruptura, saindo da materialidade lingüística para a discursividade, em que ocorre o acontecimento discursivo. Essa análise será feita a partir das

condições de produção desse acontecimento, tomando as significações dessas ações discursivas inscritas em circunstâncias histórico-ideológicas específicas.

6.2 Análise dos Recortes Discursivos dos Dizeres lacanianos sobre a Lingüística - RDLs

Segue-se o primeiro recorte para análise:

RDL1:

Tomamos este ano por tema de nosso seminário *as formações do inconsciente*. **Aqueles dentre vocês, e creio que são a maioria**, que estiveram aqui ontem à noite em nossa sessão científica, já estão afinados e sabem as questões que levantaremos aqui dizem respeito, desta vez de maneira direta, à função, no inconsciente, daquilo que ao longo dos anos anteriores elaboramos como sendo o significante. **Alguns de vocês – expresso-me assim porque minhas ambições são modestas** – terão lido, espero, o artigo que publiquei no terceiro número da revista *La Psychanalyse*, com o título “*A instância da letra no inconsciente*”. [...] (Primeira aula do seminário, dia 06/11/1957. p. 11-12).

RDL1 corresponde a um recorte da primeira aula do S5. Precisamente à fala inicial de Lacan, em que se pode identificar um “contrato” com o outro – o interlocutor: *Aqueles dentre vocês, e creio que são a maioria* e *Alguns de vocês – expresso-me assim porque minhas ambições são modestas*. É no chamamento a essas outras vozes constitutivas de seu discurso que o sujeito abre o acontecimento discursivo S5. Acontecimento discursivo que produz, como efeito de sentido, uma nova maneira de se ensinar Psicanálise: na interlocução com o outro e, também a partir do outro. Ao romper com a SPP Lacan rompe com o modelo de transmissão da Psicanálise: modelo que primava pela verticalidade, dos analistas didatas e mestres em Psicanálise para os aprendizes¹¹⁹. A necessidade de filiações institucionais impõe um novo modelo. Agora a Psicanálise é ensinada na linha da horizontalidade: o dizer do mestre é lançado diretamente sobre o ouvinte. Mas, por se tratar de um discurso pedagógico, é imperativo a autoridade daquele que sabe ou daquele que está na posição discursiva de mestre. O sujeito do discurso, desta posição discursiva, institui sua autoridade trazendo

¹¹⁹ Quando funda sua Escola, nos anos de 1960, Lacan reproduzirá esse mesmo modelo, mais vigilante e punitivo (FOUCAULT, 1975), de tal maneira que levou a EFP ao fechamento. MARINI (1991). Tem-se a reprodução de funcionamento institucional, punitivo e vigilante, na psicanálise laciana: de interdição e controle do saber.

Aqueles e *Alguns* que buscam pertencer ao campo psicanalítico para dentro do acontecimento discursivo e as filiações que estabelece com *Aqueles* e *Alguns* sustentam esse acontecimento. É marcando seus lugares (denegando-os) que Lacan sustentará sua autoridade discursiva: são aprendizes, mesmo oralmente nivelados à posição do mestre.

Esta ação discursiva do sujeito é recorrente em todo S5 – como veremos ao longo das análises. O uso incessante da primeira pessoa do plural (*elaboramos, nossa*, por exemplo) é o marcador sintático desse contrato histórico: vocês me escutam, me sustentam social, política e institucionalmente – pois não há discursividade sem filiações sócio-históricas, sem a espessura temporal de sua historicização em outros sujeitos, sem efeitos em outros sujeitos – e eu divido o saber psicanalítico com vocês. Todavia, o “eu” está sempre aparecendo nesse entremeio: a expressão modalizadora *expresso-me assim porque minhas ambições são modestas* é representativa da presença daquele que sabe e que está transmitindo conhecimento. Que está no lugar discursivo de poder. Mas, esse “eu” intencional é uma não-coincidência nesse dizer: o sujeito do discurso (inconsciente e desejante de poder - *minhas ambições são modestas* é um equívoco, uma contradição resultante entre o desejo e o que historicamente tem que ser feito: criar vínculos) constitui-se no meio do “nós” e o modo como irá expressar-se (suas ações discursivas) é a marca de sua singularidade. O sujeito “convoca” seus interlocutores para acompanhá-lo no processo de construção do S5. Dadas às condições de conflito institucional pós-cisão de 1953 e pré-excomunhão de 1963 este “contrato” com seus interlocutores – seus ouvintes são assim tomados e não apenas como meros alunos ouvintes, mas como participantes – é uma imposição, pois eles lhe garantirão sua força no campo psicanalítico: é o outro que lhe determina.

Neste dizer temos uma recorrência à Lingüística: é a (re)elaboração do conceito de *significante*. Neste recorte discursivo, identificamos uma intertextualidade com o texto *A instância da letra no inconsciente* (LACAN, 1998) remetendo ao deslocamento do sentido de *significante*. Para análise desse deslocamento, recorro ao texto supracitado:

RDL2:

Para marcar o surgimento da disciplina lingüística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas.

O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910 -11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de Curso de lingüística geral: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento. (p.500).

Na recorrência a Ferdinand de Saussure, no *Curso de Lingüística geral* (SAUSSURE, 1995) temos:

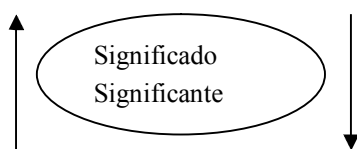
RDL3:

Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* et.). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a idéia da parte sensorial implica a do total.

[...] Propomos-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; [...]. (p.81).

O signo lingüístico é assim representado:

RDL4:

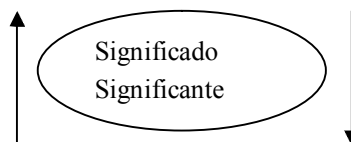


(p.80)

Ainda no *Curso* tem-se:

RDL5:

Tomemos inicialmente, a significação tal como se costuma representá-la e tal como nós a representamos na p.80. Ela não é, como o indicam as flechas da figura, mais que a contraparte auditiva. Tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da palavra considerada como um domínio fechado existente por si próprio. (p.133).



Para fundar a teoria do significante, que é um dos combustíveis do *retorno a Freud*, o sujeito denega a autoria de Saussure sobre o signo lingüístico: ***O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas [...]***. É um merecimento histórico e por isso não deve ser negado, mas compartilhado, pois é necessidade histórica filiar-se a esse campo, movimentar-se por ele. É um manejo discursivo: ao mesmo tempo que atribui a Saussure a autoria dos signos, Lacan não o encontra em seus esquemas; essa não atribuição deixa, em aberto, qualquer espaço para interpretação. Vimos que o sujeito se filia à Antropologia e à Lingüística, deslocando para o campo psicanalítico o simbólico e a linguagem como estruturantes do objeto de estudo da Psicanálise. Na seqüência, tem-se uma modalização autonímica em ***embora não se reduza*** e em ***isto é***, em que o sujeito volta-se sobre seu próprio dizer (re)formulando o que foi atribuído por Saussure: ***embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas [...]***.

Assim como retorna ao sentido fundante em Freud, o retorno é ao dizer de Ferdinand de Saussure sobre o signo lingüístico. O processo é o mesmo: desloca os sentidos em Saussure ou desloca da exterioridade sentidos outros para o não-dito em Saussure. Esse processo polissêmico é de rompimento com o sentido fundante, com uma possível paráfrase por seus discípulos, com o já-dito (***redigido***) por Saussure. Rompimento que é exigência do campo psicanalítico, que trabalha com a instabilidade. A instabilidade do signo é importante, pois o significado dependerá da relação que o significante mantém com o acontecimento em que ocorre e com os outros significados.

No RDL2, o algoritmo lacaniano do signo é *S/s*. Além da inversão significante sobre significado, Lacan desestabiliza a direção dos significados eliminando as flechas e o círculo

que envolve o signo saussuriano¹²⁰ e a indissociabilidade do signo lingüístico proposta por Saussure. O significante lacaniano está em movimento. Este corte é libertário: liberta os sentidos da pré-determinação e de sua imanência ao significante, que também é posto em movimento, em busca de sentidos. Da mesma maneira como “mudou” conceitos psicanalíticos na tentativa de produzir o diferente, também “mudou” conceitos da Lingüística, já que a necessidade era de (re)produção e não se podia negar a importância da ciência-piloto. Para a Psicanálise é a possibilidade de diferentes sujeitos significando no mundo, produzindo sentidos cujos efeitos é a transformação de sua existência via análise do inconsciente estruturado pela linguagem. Para a Lingüística – aqui há um efeito do discurso lacaniano sobre a Lingüística – esse significante instável, da psicanálise lacaniana, ressoará nos estudos lingüísticos, como na AD, por exemplo. Importante ressaltar que nesse contexto sócio-histórico os estudos da linguagem começavam a questionar a transparência da língua e a se interessar pela relação linguagem e inconsciente, do lugar da Lingüística. Daí, o lugar discursivo de Lacan como articulador das imposições históricas no campo psicanalítico e, também no campo da linguagem. Não teria Lacan percebido a obscuridade em Saussure, discutida por Bouquet (2000) e Silveira (2003)?

Para (re)construir o sentido do signo da Lingüística para a Psicanálise, cuja primazia é do significante, por que é a parte que faz significar e produz efeito de sentidos, Lacan vai partir de uma co-enunciação com Saussure. Primeiro, uma não-coincidência entre os co-enunciadores, entre o que Saussure define como signo e o que Lacan disse que foi redigido por Saussure nos esquemas. O sentido fundante constitui-se, dessa maneira, em um efeito de interpretação denegando o lugar do outro no processo. Há um deslocamento que consiste em trazer (transpor) do campo da lingüística aquilo que a funda como ciência, seu algoritmo, para o campo da Psicanálise. Se a Psicanálise é uma ciência deve ter um algoritmo. Este primeiro deslocamento consiste em uma ação discursiva metonímica. Na seqüência, há uma inversão desse algoritmo: o significante sobrepõe-se ao significado. Esse signo invertido substitui o signo lingüístico dentro do campo psicanalítico. A Psicanálise agora é uma ciência com seu algoritmo: S/s, via (re)formulação do dizer de Saussure em que o sujeito constrói um algoritmo outro para a Psicanálise. É em torno desse algoritmo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Neste deslocamento, há uma não-coincidência do discurso consigo mesmo em uma apropriação desse dizer outro, pelo processo de deslocamento que vimos anteriormente.

¹²⁰ Esta é uma diferença (entre muitas) que existe entre o algoritmo do signo de Saussure e o algoritmo de Lacan estudada por Arrivé (1999).

Uma não-coincidência do dizer sobre o algoritmo com o que é posto: uma oposição se instaura nesse equívoco, oposição fundante do signo psicanalítico. Aqui, também uma não-coincidência das palavras do sujeito consigo mesmo, pois em Saussure temos um outro sentido daquilo que lhe é dado como dizer. O signo, em Saussure, como vimos no RDL4, é colocado como *Conceito/Imagem Acústica* e, em RDL5 como *Significado/Significante*. Apontando esse signo com resultante de uma má interpretação de seus alunos, o sujeito, pela interpretação, desloca o sentido do não-dito para fundar o signo psicanalítico: S/s. A supremacia do significante é consequência da imposição de sua articulação entre inconsciente e linguagem. Aqui, uma marca singular do sujeito: leu Saussure no original e questionou as traduções e as transcrições de seus alunos. Quando lê Freud apenas sua interpretação é válida. Quando lê Saussure o procedimento é o mesmo. Gesto de leitura “autoritário” de um discurso que se constitui por estas imposições contraditórias: ao mesmo tempo que rompe instaura, no furo, um dito que impõe sentidos. Na *Interpretação dos Sonhos*, há a determinação de elementos que constituem a linguagem onírica, correlata da linguagem do inconsciente: imagens oníricas. Daí, a supremacia do significante uma imagem acústica, um elemento lingüístico que constitui a linguagem do sonho, o inconsciente. Pois, um efeito de sentido e poderá ser analisado se for transformado em palavras, em significantes: o que se interpreta não são as imagens mentais, mas a verbalização do processo onírico.

No próximo recorte tem-se:

RDL6:

Não lhes lembrarei como são geradas as letrinhas, mas com certeza, depois de manipulações que permitem defini-las, chegamos a algo muito simples. Cada uma delas, com efeito, é definida pelas relações mútuas entre dois termos de dois pares, o par simétrico e do dissimétrico, do dissimétrico e do simétrico, e, e, seguida, o par do semelhante com o dessemelhante, e do dessemelhante com o semelhante. Temos aí, portanto, um grupo de quatro significantes que têm a propriedade de cada um deles se analisável em função de suas relações com os outros três. Para confirmar, de passagem, esta análise, acrescentarei que um grupo assim é, segundo Roman Jakobson, em suas próprias palavras, que colhi quando o encontrei recentemente, o grupo mínimo de significantes que se faz necessário para que sejam dadas as condições primárias, elementares, da análise lingüística. Ora, como verão, esta última tem a mais estreita relação com a psicanálise pura e simples. Elas chegam a se confundir. **Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra.** [...] (06/11/1957,p. 13-16 (1)).

Na análise deste recorte, iniciarei por um comentário metaenunciativo que aponta para a intenção do sujeito em produzir conceitos com os quais trabalha: *Não lhes lembrarei como são geradas as letrinhas, mas com certeza, depois de manipulações que permitem defini-las, chegamos a algo muito simples. [...]*. Essa *intenção* derrapa na impossibilidade de controle dos sentidos mesmo manipulando os já-ditos. *Manipulações* denuncia – como furo no dizer – o movimento do sujeito na Psicanálise: manipular conceitos; fazer arranjos de fragmentos de já-ditos (re)escrevendo conceitos lingüísticos. O efeito dessa manipulação é a definição, pelo retorno do dizer, de como *como são geradas as letrinhas*.

A sustentação histórica de sua manipulação se dá pela (re)tomada das *próprias palavras* de Roman Jakobson. Neste ponto do dizer, o sentido (da geração de letrinhas) o sentido é fixado. As palavras do outro (inscrito na Lingüística) são deslocadas (Ação Discursiva Metonímica) na Psicanálise. Esta heterogeneidade marcada pela citação das *próprias palavras* de Roman Jakobson marca – no fio do dizer o *não-um* constitutivo d discurso lacaniano. Importante ressaltar a estratégia discursiva do sujeito: as palavras de Roman Jakobson foram *colhidas* por ele. Não há como contestar o dito de Jakobson que foi apropriado pelo sujeito.

O efeito desses deslocamentos é uma (in)versão (Ação Discursiva Metafórica) dos sentidos sobre a definição de análise: a análise (*psicanálise pura e simples*) é articulada com a análise lingüística. O sentido da análise é fixado explicitamente através dessas ações discursivas de deslocamento e versões outras: *Ora, como verão, esta última tem a mais estreita relação com a psicanálise pura e simples. Elas chegam a se confundir*.

Tem-se uma modalização autonímica em *Ora, como verão que* instaurando um sentido outro na Psicanálise: a análise da linguagem como técnica psicanalítica. Modalização seguida de uma heterogeneidade mostrada marcada em *Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra*. Essa heterogeneidade rebate a possibilidade de diferença condicional da certeza de implicação de pertencimento ao campo psicanalítico. É a negação do outro constitutivo, colocado no lugar do mesmo.

6.3 Análise dos Recortes Discursivos dos Dizeres lacanianos sobre a psicanálise freudiana – RDPs

Os RDPs que se seguem foram retirados da aula II – O FÁTUO-MILIONÁRIO, de 06/11/1057 e da aula III – O MIGILONÁRIO, de 1313/11/1957.

Antes desta análise, faz-se necessário pontuar acerca da tradução realizada por Lacan para o termo *Witz*. Em português (de acordo com a edição *Standard das Obras Completas* de Freud), o termo foi traduzido como *chiste*. No entanto, mantendo a direção da leitura que vinha realizando, Lacan traduz *Witz* por *tirada Espirituosa*. Dessa maneira, não se filiando às leituras da obra de Freud feitas pela ortodoxia da Psicanálise:

RPP 1:

O *Witz* é aquilo que se traduziu por *tirada espirituosa*. **Também houve quem dissesse chiste**, e deixo de lado as razões porque prefiro a primeira tradução. **Mas *Witz* também quer dizer espírito [esprit]**. O termo, portanto, apresenta-se de imediato numa extrema ambigüidade. (S5, p.22).

Em francês *esprit* refere-se à *graça/espirituosidade* e *intelecto/engenho*, segundo a nota do tradutor. Há referência à ambigüidade do termo, em francês. De imediato, trabalhar com essa ambigüidade da palavra freudiana é parte do funcionamento discursivo do sujeito, que também parte sempre de suas traduções dos termos freudianos: tentativas de apropriação desse saber fundante.

O sujeito trabalha com a contradição entre ciência e religião, quando traduz *Witz* por *tirada espirituosa*. Furo que abre, no fio do dizer laciano, a possibilidade de fundar um sentido outro para o *Witz* freudiano. Este funcionamento por adição de significados – *O Witz é aquilo [...] Também houve quem dissesse chiste [...] Mas Witz também quer dizer* – produz um efeito de equívoco por misturar ciência e religião, tornando, também, opaco o sentido do termo. Na leitura de S5, observa-se a regularidade de filiação que se produz com a religião, no sentido.

O significado denotativo de religião¹²¹ é o *de crença na existência de uma força ou forças naturais, considerada(s) como cradora(s) do Universo, e que como tal devem ser adorada(s) e obedecida(s)*; e também como *manifestação de tal crença por meio de doutrina*

¹²¹ Cf. FERREIRA, 1999.

e ritual próprios. Significado cujo efeito de sentido, na FD psicanálise, é o de religião como instituição da verdade sobre o homem: *crença* na força da Psicanálise como dogma científico, na palavra freudiana e lacaniana (que está se constituindo) que devem ser obedecidas e adoradas; e, a relação do acontecimento discursivo S5 como uma doutrina própria dentro desta verdade maior que é a Psicanálise e como um *ritual* de propagação desta *crença*. Crença que se torna ciência quando se propõe a teorizar e praticar sobre um objeto.

“Eu gostaria de lhes dar, simplesmente, algo com que vocês, que vão pelo mundo como, **eu espero**, apóstolos da minha fala, possam apresentar a questão do inconsciente a pessoas que nunca ouviram falar dele. [...]” (S5, p.182). A palavra freudiana é o *verbo* que funda a Psicanálise e que rege a verdade sobre o homem; a palavra lacaniana é a interpretação – aqui na Terra – deste *verbo*: funda-se uma psicanálise outra (uma religião outra) a partir do verbo fundante. Os interlocutores do sujeito têm uma função definida, nesta discursividade: disseminar a palavra lacaniana pelo mundo¹²². Por isso, ele prefere deixar de lado as outras traduções de Freud: só o eleito pelos céus pode dizer o que Deus disse. Algo parecido com o ocorrido com Santo Agostinho, para quem os céus se voltaram, lhe entregando as escrituras sagradas e lhe dizendo: Tome e leia. Tome e leia a palavra freudiana: foi essa a interpelação sócio-histórica sobre o psicanalista Jacques Lacan. Interpelação que o colocou no lugar discursivo de sempre ser freudiano. Em [...] **eu espero** [...] o efeito é de incerteza sobre os efeitos de suas palavras, como uma tentativa de controlar seu dizer.

A partir desta alusão comparativa (e constitutiva) acerca da produção lacaniana, tomo o próximo recorte para análise.

Freud não fez o levantamento a que acabo de aludir a respeito da tradição européia do Witz. Começa do outro (Freud) marcando até onde ele foi e denegando-o: o sujeito vai partir do levantamento feito por Freud para fazer o que Freud não fez. Ao mesmo tempo em que Freud é (re)tomado, o sujeito se contradiz ao marcar o lugar de Freud no estudo do *Witz*. Mas, Freud retornará sempre neste levantamento realizado pelo sujeito acerca do *Witz*. Na materialidade de S5 *Freud* é uma evidência cujo efeito é ser freudiano.

Neste recorte, há um arranjo entre a anterioridade de Freud que permitiu o sentido fundante: a existência de um já-dito – ***três livros muito sensatos, muito legíveis, daqueles honrados professores alemães de pequenas universidades, que tinham tempo para refletir pacatamente e que faziam coisas nada pedantes. São eles Kuno Fischer, Theodor Vischer e Theodor Lipps*** [...] – sobre o *Witz*, de onde Freud partiu e não se deteve, chegando às

¹²² Atualmente esta disseminação alcançou *status* de cartéis e Escolas freudianas espalhadas pelo mundo.

relações estruturais existentes entre o Witz e o inconsciente. Aqui, existe a dimensão do movimento de Freud e de Lacan, em suas produções discursivas: Freud limitou-se a *três livros muito sensatos*, Lacan é levado a ir além, fazendo uma alusão sobre a tradução europeia do *Witz*. Está demarcado a direção das ações discursivas do sujeito do discurso: a partir de Freud, ir sempre além e buscar, na exterioridade (na atualidade em que seu dizer está inscrito) a estruturação entre *Witz* e inconsciente. O dizer lacaniano filia-se à Lingüística: a estrutura lingüística (significante/significado) é a que constitui o funcionamento inconsciente do *Witz*.

Em que plano ele as viu? Pergunta Lacan. E responde: *Unicamente num plano que podemos chamar formal.* Tem-se uma resposta opacificante – *formal* – em que se abre a possibilidade de construção de um sentido outro – a partir da Lingüística – para essa relação *Witz* e inconsciente. Efeito da falta de uma outra palavra, de uma não coincidência com ela mesma. A referência é ao Formalismo – Escola lingüística de Praga. Essa filiação sócio-histórica (atualidade) possibilita a Lacan ir mais longe que Freud, na estruturação desta relação. Há um deslocamento de sentido constitutivo, presentificado nessa modalização: desloca o sentido da forma estrutural do significante (do formalismo lingüístico) para constituir a relação entre *Witz* e inconsciente. É uma relação no nível da estrutura do significante: o efeito do *Witz* é um efeito da estrutura do significante que forma esse *Witz*, efeito que se dá a partir da relação dos traços fonéticos desses significantes e sua relação binária, de acordo com Jakobson.

A primeira ação discursiva, neste ponto do dizer, é uma ação metonímica: desloca a teoria estrutural do significante do formalismo de Praga para dentro da investigação freudiana sobre o *Witz*. Essa ação é seguida de uma (in)versão: o *verbal*, em Freud, é articulado e substituído por *significante*. Em *Refiro-me ao formal não no sentido das belas formas, das linhas arredondadas, de tudo aquilo com que tentam tornar a nos mergulhar no mais negro obscurantismo, mas no sentido como se fala da forma na teoria literária, por exemplo*, há um desdobramento de Lacan sobre seu dizer (Modalização Autônômica): [...] *mas no sentido como se fala da forma na teoria literária, por exemplo*, em que essa glosa enunciativa é um funcionamento do dizer (na materialidade de S5) de fixação¹²³ do sentido outro para o formal, que constitui o *Witz*. É uma glosa negativa – *não no sentido das belas formas* – que marca a existência do *não-um* do sentido.

¹²³ Cf. AUTHIER-REVUZ, 1998.

Neste dizer há um sentido outro que é trazido para dentro do dizer lacaniano. Ao fixar o sentido do formalismo lingüístico instaura-se o deslocamento, como mostrado. Esse sentido deslocado é uma ação discursiva que se sustenta na exterioridade: o sujeito se filia ao grupo (social) científico de Praga. Filiações que sustentam seus movimentos, na Psicanálise. Movimentos fundadores de sentidos.

Seja como for, é no nível desse formalismo, isto é, de uma teoria estrutural do significante como tal, que Freud se coloca, e o resultado não deixa dúvidas, é mesmo perfeitamente convincente. É uma chave que permite ir muito mais longe. Lacan retorna a Freud para ir além, para uma discursividade outra, na Psicanálise. Isso é uma constância: denegação de Freud. Freud vai até um ponto, mas este ponto é sempre (re)tomado para se poder ir além. É preciso partir de Freud para fazer psicanálise: imposição histórica. **Chave** deixada que abre portas (espaços discursivos) para sentidos outros. Esta **chave** é a materialidade lingüística produzida por Freud: *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. em [...] *isto é [...]* há uma (re)formulação, tomando o diferente como o mesmo e uma modalização autonímica, em que o formalismo da teoria literária passa a ter o sentido [...] *de uma teoria estrutural do significante como tal [...]*.

Neste ponto do dizer é especificado do que se trata o *Witz*. é do verbal, que inclui a enunciação, enunciadores e de suas relações. O sujeito sustenta que o efeito do *Witz* se dá no nível das estruturas do significante, entre suas relações binárias.

Na seqüência, tem-se a entrada do sujeito no dizer freudiano sobre o *Witz*: é uma apropriação deste dizer e seus sentidos – inclusive os que estão em suspensão e que serão *sulcados* pela palavra lacaniana. Este outro dizer (de Freud - *Os chistes e sua relação com o inconsciente*) é marcado na materialidade do dizer lacaniano via heterogeneidade mostrada marcada, em língua alemã: *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*. Na situação discursiva de oralidade – antes do *ciframento* de S5 – isto se constitui como uma tentativa de controle de sentidos, frente aos interlocutores. É o outro original, fundante.

Que quer dizer isso para ele? Trata-se da técnica verbal, como se costuma dizer. Eu lhes digo, mais precisamente, técnica do significante. Nesta glosa, a tentativa é de fixar um sentido ao dizer do outro. O sentido do dizer freudiano é fixado via *Modalização Autonímica*: *Eu lhes digo [...]* – a *técnica verbal* é a *técnica do significante*. O termo *significante* (e seu sentido) é deslocado da Lingüística (Ação discursiva Metonímica) para a Psicanálise. Há, então, uma (in)versão (Ação Discursiva Metafórica) a partir de *verbal* articulado a *significante*. Neste ponto do dizer lacaniano há uma não-coincidência explícita – *Eu lhes digo, mais precisamente* – entre o dito freudiano e o lacaniano: *verbal* e *significante*. Esta

não-coincidência funda, na dicursividade psicanalítica, o significante estruturante das relações entre *Witz* e inconsciente.

A partir desse ponto, o dizer lacaniano passa a instaurar sentidos deslocados e substituídos da exterioridade para a Psicanálise.

Em suma, para esclarecer o problema do espírito, Freud parte da técnica significante, e é dela que partiremos com ele. Lacan começa a relatar o dito freudiano: é o discurso indireto como mais uma tentativa de apropriação deste dizer e seus sentidos.

Começemos, pois, com Freud, pelas chaves da técnica do significante. Para demonstrar que *Freud parte da técnica significante* o sujeito vai dizer sobre a análise freudiana do chiste *familionário* (da *tirada espirituosa*, de acordo com Lacan).

No Capítulo II – A técnica dos Chistes, do referido livro, Freud demonstra essa técnica, usando o livro de Heine – *Reisebilder* – quando este apresenta a personagem e seu *Witz*.

RDP2:

Na parte de seu *Reisebilder* intitulada ‘die Bäder von Lucca [Os banhos de Lucca]’ Heine introduz a deliciosa figura do agente de loteria e calista hamburguês, Hirsch-Hyacinth, que se jacta ao poeta de suas com o rico Barão Rothschild, dizendo finalmente: “E tão certo como Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual – bastante familionariamente’. (Freud, 1996, p. 25).

Freud funda a *técnica verbal* do *Witz* quando constata:

RDP3:

Mas, se o que faz de nosso exemplo um chiste não é nada que resida no pensamento, devemos procurá-lo na forma, na verbalização que o exprime. Temos apenas que estudar a peculiaridade de sua forma de expressão para captar o que se pode denominar técnica verbal ou expressiva desse chiste, algo que deve esclarecer íntima relação com a essência do chiste, já que, substituída por qualquer outra coisa, o caráter e o efeito do chiste desaparecem. Além do mais, ao atribuir tanta importância à forma verbal dos chistes estamos em perfeita concordância com as autoridades. [...]. (Ibid, p.26)

E ainda:

RDP4:

Em que consiste, pois, a ‘técnica’ desse chiste? [...] Ocorrem duas coisas, **tal como podemos verificar pela comparação de nossa versão com o texto do poeta**. Primeiro, ocorre uma considerável *abreviação*. **A fim de expressar completamente o pensamento contido no chiste, fomos obrigados a acrescentar as palavras** ‘R. tratou-me como seu igual, muito familionariamente’, **em post-scriptum** que, reduzido à sua forma mais condensada, se exprime, ‘isto é, na medida em que isso é possível a um milionário’. E, ainda assim, sentimos necessidade de uma ulterior sentença explicativa. O poeta o exprime de maneira muito mais sintética: ‘R. tratou-me como um seu igual – bastante familionariamente’. No chiste desaparece toda a restrição acrescentada pela segunda sentença à primeira, que relata o tratamento familiar.

Mas não desaparece a ponto de não deixar um substituto a partir do qual possamos reconstruí-la. A palavra ‘*familiar* [familiarmente]’, na expressão não chistosa do pensamento, transformou-se no texto no chiste em ‘*famillionär* [familionariamente]’; e não pode haver dúvida de que é precisamente dessa estrutura verbal que dependem o caráter do chiste como chiste e o seu poder de causar riso. A palavra ora construída coincide, em sua posição anterior, com o ‘*familiär*’ da primeira sentença, e nas sílabas finais com ‘*Millionär*’ [milionariamente] da segunda. A palavra representa, portanto, a posição ‘*Millionär*’ da segunda sentença e, mesmo, toda a segunda sentença, o que nos põe em condições de inferir que a segunda sentença tenha sido omitida do texto do chiste. Pode ser descrita como uma ‘estrutura composta’, constituída pelos dois componentes ‘*familiär*’ e ‘*Millionär*’, e é tentador fornecer um quadro diagramático da maneira pela qual se fez a derivação a partir daquelas duas palavras:

f a m i l i ä r
m i l i o n ä r

f a m i l i o n ä r

O processo de conversão do pensamento em um chiste pode ser representado da seguinte maneira, fantástica à primeira vista, mas produzindo precisamente o resultado que realmente se nos depara:

‘R. tratou-me bastante *familiär*,

Isto é, tanto quanto é possível para um *Millionär*.’

Imaginemos agora que uma força compressora é levada a atuar sobre essas sentenças, e que, por alguma razão, a segunda é a menos resistente. Opera-se, pois, o seu desaparecimento, enquanto seu constituinte mais importante, a palavra ‘*Millionär*’, que tem êxito ao rebelar-se contra sua supressão, é, por assim dizer, reintegrada à primeira sentença, e fundida com o elemento de tal sentença que lhe é mais semelhante: ‘*familiär*’. E a possibilidade casual, que assim emerge, de salvar a parte essencial da segunda sentença efetivamente favorece a dissolução dos outros constituintes menos importantes. Assim, pois, é gerado a chiste:

‘R. tratou-me bastante *famili on ar*.’

^
(mili) (ar)

Se excluimos da abordagem tal força compressora que, na verdade, desconhecemos, o processo pelo qual se forma o chiste – ou seja, a técnica do chiste – pode ser descrito, nesse caso, como uma ‘condensação acompanhada pela formação de um substituto’; e no exemplo em pauta, a formação do substituto consiste na produção de uma ‘palavra composta’. Essa palavra composta ‘*famillionär*’, que é, em si mesma, incompreensível, mas imediatamente compreendida em seu contexto e reconhecida como plena de sentido, é o veículo do efeito compelidor do riso no chiste – mecanismo que não fica, em absoluto, mais bem esclarecida por nossa descoberta da técnica do chiste. De que modo um processo lingüístico de condensação, acompanhado pela formação de um substituto através de palavra composta, pode proporcionar-nos prazer e fazer-nos rir? Esse, evidentemente, é um problema diferente, cujo tratamento podemos adiar até que

tenhamos encontrado uma maneira de abordá-lo. Por enquanto, nos restringiremos à técnica dos chistes. (FREUD, 1996, p. 226-28 – Grifo do Autor).

Na palavra freudiana pode-se inferir o lugar fundante que sustenta a ação discursiva de sempre traduzir Freud. Quando Freud diz [...] *tal como podemos verificar pela comparação de nossa versão com o texto do poeta. [...] A fim de expressar completamente o pensamento contido no chiste, fomos obrigados a acrescentar as palavras [...] em post-scriptum*, o efeito é o de repetição desse movimento: para garantir (na ilusão de) a melhor expressão do que foi dito traduz-se esse dizer e, se necessário, acrescenta-se palavras para manter o sentido que deve ser expressado. Em seu retorno a Freud, o sujeito do discurso, repete esse funcionamento, pois está em Freud: traduz e acrescenta o que for necessário para dar conta dos sentidos da palavra freudiana.

Retomando, então, a seqüência da análise, Lacan, de sua posição de psicanalista atravessado pela exterioridade e atualidade, é levado a responder à questão de Freud: *De que modo um processo lingüístico de condensação, acompanhado pela formação de um substituto através de palavra composta, pode proporcionar-nos prazer e fazer-nos rir? Esse, evidentemente, é um problema diferente, cujo tratamento podemos adiar até que tenhamos encontrado uma maneira de abordá-lo.[...]*. A maneira de abordá-lo é sair – desviar-se – dos pressupostos da Psicanálise, pois historicamente a Lingüística pode abordá-lo.

Por vezes, durante seu dizer, o sujeito é levado a usar *chiste* para se referir ao *Witz*. Ou seja, a expressão *tirada espirituosa* é uma tentativa de marcar o *uno*, no discurso lacaniano. No entanto, o sujeito é tomado pelo significante *chiste*, sendo traído pela heterogeneidade que constitui o discurso freudiano e que, na ilusão, tenta controlar. O retorno de *chiste*, à materialidade de S5 – retorno insistente – um dizer da psicanálise freudiana intervindo no dizer lacaniano. Equívoco, no fio desse dizer, que traz a existência de outras leituras psicanalíticas. Insiste – como um *Real*, um furo na fala do sujeito – para estabelecer a impossibilidade de uma única leitura da palavra freudiana: nem tudo a psicanálise lacaniana pode dizer sobre a Psicanálise; há sentidos que vão continuar em suspensão, esperando e exigindo outras interpretações. Se a psicanálise lacaniana esgotasse a palavra freudiana (como se fosse possível esgotar a língua), então, não teríamos mais um discurso fundante, como efeito dos dizeres de Freud e a Psicanálise não estaria resistindo a mais de um século de devires históricos.

Ao longo de seu dizer, o sujeito é levado a falar sobre *significante* e não *verbal*. Neste ponto, presentificam as condições de produção do dizer freudiano: os trabalhos de *Kuno Fischer, Theodor Vischer e Theodor Lipps* e nenhuma referência aos estudos da Lingüística.

Afinal, a primeira edição do livro de Freud é de 1905. Saussure estava (re)formulando a Lingüística sendo preparado historicamente para instaurar o corte fundante, neste campo de saber: os cursos foram realizados entre 1907 e 1911, publicados a partir de 1912. Sobre funcionamento da linguagem, Freud trabalha no plano do *verbal*. Essa foi uma leitura da análise de Freud, sem filiações a estudos da linguagem. No entanto, *verbal* é – como foi abordado – a materialidade do *chiste*, materialidade que passa a ser *significante*.

Este é o ponto do dizer freudiano, (re)tomado por Lacan para a construção da *técnica do significante*.

Ao (re)tomar o dizer freudiano, o sujeito adequa esse dizer fundamentado na necessidade de falar de sua técnica:

RDP5:

Familonário, que é isso? Será um neologismo, um lapso, uma tirada espirituosa? É uma tirada espirituosa, seguramente, mas o simples fato de eu ter sido capaz de formular as outras duas perguntas já nos introduz numa ambigüidade do significante no inconsciente. Que nos diz Freud? Que reconhecemos aí o mecanismo da condensação, que ela é materializada no material do significante, que se trata de uma espécie de engavetamento, com a ajuda sabe-se lá de que máquina, entre duas linhas da cadeia significante. Freud completa a afirmação com um esquema significante muito bonito, onde primeiro se inscreve *familiar* e, logo abaixo, *milionário*. Foneticamente, *arário* encontra-se dos dois lados, o mesmo se dá com o *mili*, isso se condensa e, no intervalo entre os dois, aparece *familonário*.

Famili ar
<u>Mili onário</u>
FaMILIonÁRIO

Tentemos ver em que resulta isso no esquema que está no quadro. Sou obrigado a andar depressa, mas tenho que lhes apontar uma coisa.

Podemos, evidentemente, esquematizar o discurso, dizendo que ele parte do [Eu] e vai para o outro. E mais correto perceber que, não importa o que pensemos, todo discurso parte do Outro, [...], reflete-se no [Eu], [...], já que é preciso que este seja incluído na história, retorna ao Outro no segundo tempo – donde a invocação ao Outro, *Eu tinha com Salomon Rothschild perfeita familiaridade* – e, em seguida, corre para a mensagem, [...]. (06/11/1957, p.23– 29 (3)).

Há uma não-coincidência interlocutiva entre o dito lacaniano e o dito freudiano: o *esquema de significante* antecede à afirmação freudiana acerca da *condensação*. Este deslizamento tem como efeito fixar o sentido de funcionamento significante na formação do *chiste*. *condensação*, metaforização das estruturas elementares dos significantes produzindo um significante outro. Importante especificar a materialidade do dizer lacaniano, no uso de expressões que apontam para o afetamento do sujeito pela Lingüística: *neologismo*,

significante, cadeia significante, mensagem. Substantivos deslocados da Lingüística para a Psicanálise. Não-coincidências com a palavra freudiana, de então.

Na seqüência desta (re)tomada do dizer freudiano, o sujeito do discurso inscreve o *não-um* do sentido deste: explicita um sentido outro a partir deste diálogo com o texto freudiano. Há uma (re)formulação em que se funda um sentido outro nos estudo sobre o *Witz todo discurso parte do Outro*. A *técnica do significante* traz, para dentro do discurso, o outro como constitutivo: as combinações estruturais das unidades mínimas que integram um dizer recebem sentido do outro, daquele que escuta o *Witz* e que lhe confere o aspecto cômico. Pode-se perceber que neste recorte maior da obra lacaniana – S5 – o início de formulações lacanianas que se tornaram conceitos ímpares da Psicanálise, como o surgimento deste outro constitutivo. Conceito que tem *status* de advento na teoria psicanalítica e que incide sobre diferentes áreas de conhecimento, como na própria Lingüística ao trazer a exterioridade para dentro da língua. Sem o advento do outro lacaniano possivelmente esta análise não estaria sendo feita, pois não se estaria falando de heterogeneidade do discurso, do *não-um* constitutivo. Efeito do dizer lacaniano: é nesse sentido que o discurso lacaniano é fundador: (re)torna-se a essa produção e, como efeito, tem-se produções outras. Há sempre conseqüências de um discurso fundador: a teoria da heterogeneidade enunciativa é conseqüência (efeito de sentido), também, do discurso lacaniano sobre o fato de que *todo discurso parte do Outro*.

Esta referência ao *Outro* constitutivo é (re)tomada pelo sujeito no dizer freudiano:

RDP6:

Há duas coisas no livro de Freud sobre a tirada espirituosa – a promoção da técnica significante e a referência expressa ao Outro como terceiro. Essa referência, **que repito há anos**, é absolutamente articulada por Freud, muito especialmente na segunda parte de seu livro, mas forçosamente desde o início. (06/11/1957, p.23– 29 (3)).

Neste recorte há uma insistência em garantir, em permanecer e sustentar-se no campo psicanalítico pela palavra de Freud que é repetida: [...] *que repito há anos* [...]. Neste ponto do dizer, há uma denegação da própria palavra de Lacan: ao repetir a palavra de Freud, o sujeito, mesmo limitando sua palavra, garante-se no campo psicanalítico.

De acordo com Freud. O *chiste* apresenta duas características: a primeira característica do *chiste* é de expressão; a segunda consiste no caráter prazeroso do *chiste* e que envolve sempre um terceiro:

RDP7:

Falando de modo geral, um chiste tendencioso requer três pessoas: além da que faz o chiste, deve haver uma segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e uma terceira na qual se cumpre objetivo do chiste de produzir prazer. Teremos depois que examinar as razões mais profundas desse estado de coisas; no momento, vamos ater-nos ao fato de que isso comprova – a saber, que não é a pessoa que faz o chiste que ri dele, desfrutando portanto seu efeito deleitoso, mas o ouvinte inativo. (FREUD, 1996, p. 1000).

A articulação do sujeito focaliza, então, o *verbal* e o *terceiro* (aquele que ouve o Witz): trabalhando no nível do significante, o sujeito instaura *significante* e *Outro*, no lugar dos ditos freudianos *verbal* e *terceiro*, respectivamente, cujo efeito de sentido é a formalização e certa socialização da teoria psicanalítica.

Na aula seguinte, o sujeito interpreta o dito freudiano: [...] *toda a argumentação dele gira em torno da técnica do chiste como técnica de linguagem*. A tentativa é de trabalhar a relação chiste e inconsciente: o que Freud faz no restante do livro. A *técnica do chiste* é a *técnica do significante*. Essa interpretação do dizer freudiano funda o discurso lacaniano: o sujeito, em uma glosa de sentido positivo, explicando que a *técnica do chiste* é *técnica significante*, fixa a técnica da linguagem como funcionamento das produções inconscientes. Vale ressaltar, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. *Modalização Autonímica* primordial da psicanálise lacaniana, pois é a partir da estruturação lingüística do inconsciente que Lacan instaura o retorno a Freud.

Ainda em [...] *toda a argumentação dele gira em torno da técnica do chiste como técnica de linguagem [...]*, o uso do demonstrativo *dele* funciona, neste dizer, como uma marca de distanciamento entre o dito freudiano e o dito lacaniano: ao marcar de quem é a argumentação distancia-se dela, o que aponta para uma não-coincidência interlocutiva, para uma separação aparente – no fio do dizer – do que é de Freud do que é de Lacan. Esse último não se reconhece nessa argumentação, mas parte dela para argumentar.

O modalizador *Aí está uma coisa que fico martelando [...]* é uma referência lingüística ao funcionamento do sujeito: a partir dos dizeres (re)tomados (anterioridade) e a atualidade (exterioridade – a Lingüística) o sujeito toma uma posição discursiva de articular esses sentidos. Em uma paráfrase deste modalizador, pode-se tentar enunciar um sentido: como articular os ensinamentos freudianos – e constituir-se psicanalista – com a Lingüística, estabelecendo relações de sentidos pertinentes à fundação de sentidos outros, dentro da Psicanálise?

Na seqüência, os mecanismos do inconsciente de *condensação* e *deslocamento* serão deslocados e substituídos por *metáfora* e *metonímia*.

RDP8:

Que pode querer dizer seu esquema? Talvez queira dizer que houve algo que caiu dentro do intervalo, que é eludido na articulação do sentido, ao mesmo tempo que se produziu alguma coisa que comprimiu, que embutiu um no outro o *familiar* e o *milionário*, de modo a produzir *familonário*, o qual, por seu turno, permaneceu. Há nisso uma espécie de caso particular da função de substituição, um caso particular do qual como que restam vestígios. A condensação, podemos dizer assim, é uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função de substituição.” (13/11/1957, p.34 (2)).

Via (re)formulação do dizer freudiano o sujeito começa a deslocar o sentido de metáfora da Lingüística para a Psicanálise, substituindo *condensação* por *metáfora* – Ação discursiva metonímica seguida da ação discursiva metafórica – cujo efeito é o aspecto de (in)versão no funcionamento do chiste e sua relação com o inconsciente: substituição de significantes – substituição inconsciente. É no nível do *insabível* que se dá o encontro entre língua e inconsciente: o sujeito não sabe o que e o porquê substituir.

A expressão *Que pode querer dizer seu esquema? Talvez queira dizer [...] É uma ruptura ligada*¹²⁴ : rompe-se com o sentido já produzido no dizer freudiano, mas busca-se fixar um outro sentido a partir desse dizer. (Re)toma-se, nesse ponto do dizer, um outro dito freudiano: *A psicopatologia da vida cotidiana*. Para marcar didaticamente a diferença entre *lapso* e *chiste* (re)toma-se esse outro dito freudiano. Via (re)formulação o sujeito começa a deslocar o sentido de *metonímia* da Lingüística para a Psicanálise, (in)vertendo *deslocamento* por *metonímia* – Ação discursiva metonímica seguida da ação discursiva metafórica: a *metonímia*, da Lingüística é deslocada para a teoria psicanalítica em uma versão outra para *deslocamento*.

[...] e somos forçados a acreditar em sua palavra: a inscrição discursiva na Psicanálise (e a permanência nela – fazer psicanálise) força a crença no que diz Freud: a palavra freudiana e o uso ideológico que se faz dela.

Na seqüência, o dizer freudiano é retomado via discurso direto (Freud dizendo o que a mulher disse): *Freud dá o exemplo da mulher que falando da situação recíproca de homens e mulheres, diz: Para que uma mulher interesse aos homens, ela tem que ser bonita [...] mas, para o homem, basta que ele tenha os cinco membros direitos*. Mas, há uma

¹²⁴ Cf. AUTHIER-REVUZ, 1998.

contradição nesta (re)tomada: deste discurso direto com a expressão *Em algum lugar desse livro [...]*. Ao dizer diretamente o que o outro disse sem apontar o lugar da citação (heterogeneidade marcada) a estratégia discursiva é de apropriação de fragmentos do dizer freudiano pertinentes à produção lacaniana e, também, o sentido produzido é de que não há necessidade de “averiguar” o que Freud disse: sua leitura é a que deve ser considerada. Pode-se considerar essa ação uma denegação do Outro Freud: esse outro está lá *Em algum lugar*, sugerindo (inconscientemente – o desejo escapando) que ele não está aqui, no que se diz sobre o dito freudiano.

O discurso direto está no seguinte recorte:

RDP9:

Em algum lugar desse livro, Freud dá o exemplo da mulher que falando da situação recíproca de homens e mulheres, diz: *Para que uma mulher interesse aos homens, ela tem que ser bonita* – o que não é concebido a todo o mundo, deixa ela implícito em sua frase -, *mas, para o homem, basta que ele tenha os cinco membros direitos*.

Essas expressões nem sempre são plenamente traduzíveis e, muitas vezes, sou obrigado a fazer uma transposição completa, isto é, a recriar a palavra em francês. Quase seria preciso empregar a expressão “totalmente rijo” [*tout raide*]. A palavra “direito” [*droit*] não é de uso corrente nesse caso, é tão pouco corrente, aliás, quanto em alemão. Freud precisa fazer uma glosa a respeito dos quatro e dos cinco membros para explicar a gênese da coisa. A tendência um tantinho indecorosa é inquestionável. O que Freud nos mostra, em todos os casos, é que a palavra não acerta *diretamente o alvo* [*droit au but*], nem em alemão e nem em francês. Por outro lado, o contexto exclui a hipótese de que a mulher seja tão crua assim intencionalmente. Trata-se efetivamente de um lapso, mas vocês estão vendo como isso se assemelha a um chiste. [...] (13/11/1957. P.39-45 (3)).

Aqui, tem-se uma explicitação de como o sujeito se apropria do dizer freudiano: além de marcar o lugar do outro, ainda recorre a tradução da palavra freudiana, em que essa heterogeneidade marcada insiste – como ocorre ao longo de todo S5 – na apropriação desta palavra: *Essas expressões nem sempre são plenamente traduzíveis e, muitas vezes, sou obrigado a fazer uma transposição completa, isto é, a recriar a palavra em francês [...]*. (re)criar a palavra em francês: criar uma psicanálise outra em francês. Enfim, criar uma psicanálise francesa. Em [...] *uma transposição completa [...]* há um funcionamento singular do sujeito que transpõe a língua alemão, transpõe a palavra de Freud.

Em [...] *isto é, a recriar a palavra em francês [...]* tem-se uma modalização autonímica, em que o sujeito auto-representando seu dizer, passa a (re)criar a palavra freudiana e a (re)criar as palavras sem tradução, para a língua francesa: passa a instaurar palavras outras na psicanálise.

O CAPÍTULO V – LAPSOS DA FALA, n' *A psicopatologia da vida cotidiana* se tem esse *Em algum lugar* onde está o exemplo (re)tomado:

RDP10:

Eis um exemplo extremamente instrutivo de lapso da fala que eu não gostaria de omitir, apesar de ter ocorrido há uns vinte anos, segundo meu informante: “Certa vez uma dama expressou a seguinte opinião numa reunião social – e as palavras mostram terem sido pronunciadas com fervor e sob pressão de inúmeros impulsos secretos: ‘Sim, a mulher precisa ser bonita para agradar aos homens. Já o homem tem muito mais facilidade; desde que tenha seus *cinco [fünf]* membros direitos [*gerade*], não precisa de mais nada!’ esse exemplo permite-nos uma boa visão do mecanismo íntimo de um lapso da fala resultante da condensação ou comunicação [...]. (FREUD, 1996, p.88).

A repetição com o jogo de palavras do pré-construído retorna, pois é esse jogo o fundamental em um lapso e para tratar disso é preciso, também, partir do jogo de palavras e suas traduções.

Na seqüência, o dito (re)tomado é o CAPÍTULO I – O ESQUECIMENTO DE NOMES PRÓPRIOS, por meio de um discurso indireto. Agora, as palavras do outro não são citadas, são ditas como palavras lacanianas, apresentando o deslocamento (e substituição) de *deslocamento* e *metonímia*. Neste ponto, a não-coincidência do dizer laciano com o dizer freudiano, relatado via discurso indireto, é marcada por uma *Modalização Autônica: Tudo se centra em torno do que podemos chamar de aproximação metonímica. [...]*. O que Freud denomina de *combinação*, o sujeito subverte como *metonímia*.

RDP11:

Porque o que ressurge, antes de mais nada, são nomes substitutos – *Botticelli* e *Boltraffio*. Não há dúvida de que Freud situa o fenômeno no plano metonímico. Podemos apreendê-lo – é por essa razão que estou fazendo esse desvio pela análise de um esquecimento – pelo fato de que o surgimento desses nomes, no lugar do *Signorelli* esquecido, situa-se no plano de uma formação não mais de substituição, porém de combinação. Na análise que Freud faz do caso, não há nenhuma relação perceptível entre *Signorelli*, *Boltraffio* e *Botticelli*, exceto **relações indiretas**, ligadas unicamente a fenômenos do significante. (13/11/1957. P.39-45 (3)).

O sujeito faz uma leitura enfatizando as *relações indiretas*, negando questões que não pertinentes á sua produção. Freud aponta cinco explicações sobre o porquê de seu esquecimento do nome *Signorelli*. A saber:

RDP12:

[...]

(a) A razão por que o nome *Signorelli* foi esquecido não deve ser procurada numa peculiaridade do nome próprio, nem em qualquer característica psicológica do contexto em que ele se inseriu. [...].

(b) O esquecimento do nome só foi esquecido quando me lembrei do assunto que estávamos discutindo pouco antes, e revelou seu um caso de *perturbação do novo tema emergente pelo tema que o antecedeu*. [...].

(c) Suponho, que essa seqüência de pensamentos sobre os costumes dos turcos na Bósnia etc, adquiriu a capacidade de perturbar o pensamento subsequente por eu ter afastado a atenção dela antes que fosse concluída. [...].

(d) Já não me é possível considerar o esquecimento do nome *Signorelli* como um evento casual. Sou forçado a reconhecer a influência de um *motivo* nesse processo. [...]. eu queria, portanto, esquecer algo; havia *recalcado* algo. [...].

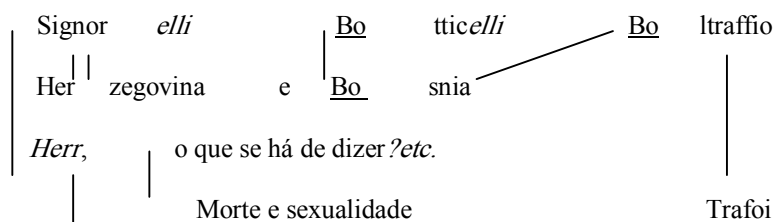
(e) Muito notável é a natureza do enlace que se estabeleceu entre o nome perdido e o tema recalcado. [...] O diagrama esquemático que agora intercalo [...] visa a dar uma imagem desse enlace:

O nome *Signorelli* foi dividido em duas partes. Um dos pares de sílabas (*elli*) ressurgiu inalterado num dos nomes substitutos, enquanto o outro, através da tradução de *Signor* para *Herr*, adquiriu numerosas e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado, [...]. (FREUD, 1996, p.22 – Grifos do Autor).

É à natureza do enlace que se estabeleceu entre o nome perdido e o tema recalcado que é imposto pelo dito freudiano e do qual o sujeito parte produzindo seu deslocamento. No RDP10 o sujeito fala de *relações indiretas*. Estas correspondem a *numerosas e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado*. É neste último aspecto que estão em suspensão os sentidos lingüísticos do funcionamento dos lapsos.

Na seqüência, o que se tem é uma análise lacaniana do lapso freudiano. No entanto, o sujeito do discurso insiste em marcar o lugar de Freud, em seu discurso: *De minha parte, sou forçado, em prol da clareza de minha própria exposição, a lhes apresentar esta análise de maneira indireta, dizendo: Isso é o que Freud diz*. A análise que será apresentada é retirada do esquema de Freud acerca do lapso. Um esquema lingüístico que funda toda a produção lacaniana acerca da teorização que se seguirá sobre *combinação* e *metonímia*.

RDP13:



(Pensamentos recalcados)

Fig.1 (Freud, 1996, p.22).

O sujeito descreve linguisticamente a análise de Freud sobre o lapso e pergunta: *O que temos diante de nós?* Neste ponto do dizer, se instaura uma (re)formulação em que a combinação de significantes (feita por Freud no esquema) passa a ser *ruínas metonímicas*. A combinação é via deslocamentos de palavras que produziram o *non-sense* do lapso: *A palavra passa para outro lugar, apaga-se, recua, é repelida [..]*. Assim como se deu com metáfora e condensação, também se desloca *metonímia* da Lingüística¹²⁵ para dentro da Psicanálise, no lugar do termo freudiano *combinação*. O dito é sobre o *objeto metonímico*: fragmentos de linguagem que sempre retornam na *associação livre*. Retornam como substitutos de significantes (metáfora) em um funcionamento inconsciente. Assim, o sentido fixado para o esquecimento de nomes estabelece sua formação por meio de processo metonímico, enquanto o chiste por meio de processo metafórico. *A ilusão de memória, o pensamento equivocado* são (in)vertidos por formações languageiras do inconsciente.

Para fechar esta análise tomo mais um RDP:

RDP14:

Notem bem que tudo o que estou fazendo é seguir o que vocês são forçados a admitir ao lerem o texto. Em outras palavras, quero fazê-los extraírem de seu saber precisamente isto: que vocês o saibam. Mais ainda, **não estou inovando** – tudo isso vocês deverão admitir, se admitirem o texto de Freud. (13/11/1957, p.39 – 45 (3)).

Ao instaurar a metonímia e a metáfora como funcionamentos do inconsciente produtor de chistes e lapsos, o sujeito contradiz-se: *[...] não estou inovando [...]*. Essa contradição abre um furo na palavra lacaniana que sempre sustenta sua ambigüidade: produzo uma psicanálise outra, mas não inovo: tudo está sempre em Freud. Essa condicional caracteriza a denegação respondente ao outro que o constitui, abrindo a questão de que o sujeito pode achar que apenas (re)diz o mesmo de outra forma. Essa repetição é uma tentativa de fixar-se definitivamente na Psicanálise. Diante de qualquer distanciamento do texto freudiano, o sujeito denega-o admitindo que tudo partiu dos sentidos freudianos.

Neste recorte que sentido outro é fundado dentro da Psicanálise? Justamente a metonímia e a metáfora como funcionamentos do inconsciente produtor de chistes e lapsos. Sentido produzido a partir de pré-construídos na Psicanálise e na Lingüística: significante, metonímia, metáfora, chiste, lapso, combinação, verbal, condensação, relações binárias e

¹²⁵ Há, também, filiação à teoria literária – especificamente à abordagem poética de Jakobson.

deslocamentos são fragmentos desse pré-construído que apontam para interdiscurso e a heterogeneidade constitutiva que atravessam a Psicanálise.

Importante retomar a questão sobre a tradução lacaniana, trabalhada no início do recorte. O sentido outro produzido acerca do *Witz* e lapso, dentro da psicanálise lacaniana, está instaurado na Psicanálise. No entanto, é notório a imposição do termo *chiste* sobre *tirada espirituosa*. Esse funcionamento se caracteriza como uma pregnância do dizer freudiano que persiste e domina a Psicanálise, por ser, justamente, fundante. Assim, é que se produziu um sentido outro para o dito freudiano chiste. Termo constantemente usado nos círculos lingüísticos e psicanalíticos (lacanianos ou não).

Os RDPs que se seguem foram retirados da aula III – O MIGLIONÁRIO, de 20/11/1957.

Ainda tratando da *Tirada espirituosa*, o sujeito parte das leis dos sonhos, que ***Freud as reconhece na estrutura da tirada espirituosa enumera-as e as articula***. Incide a heterogeneidade mostrada marcada – a citação em alemão: ***condensação, Verdichtung e deslocamento, Verschiebung***. É partindo dessa opacificação, de uma não-coincidência que marca o outro, que se constitui outra (re)formulação: ***um terceiro elemento, que adere a essa lista e que denominei, no final do meu artigo, de consideração às necessidades da encenação, para traduzir Rücksicht auf Darstellung***. O artigo referido é *A Instância da letra no inconsciente*. Essas leis são denegadas em ***Mas, pouco importa denominá-las***. Na seqüência de negar essa referência o sujeito as retoma como constitutivas de sua modalização sobre metáfora e metonímia. A denegação, neste ponto do dizer, é para marcar sua própria denominação – do ***terceiro elemento***. Tenta-se instaurar o *uno* nessa modalização. Mas, o próprio sujeito é traído pela contradição, pois sempre retomará o já-dito freudiano e suas tentativas de produzir o novo e uno – em alteridade com o dito freudiano – serão atravessadas por essa heterogeneidade constitutiva, com a qual o sujeito negocia via citações e traduções do alemão, do texto de Freud. Denegação que é equívoco, no fio do dizer, que aponta para o conflito entre a força histórica do que Freud disse e a necessidade de outros ditos para fazer funcionar a psicanálise francesa.

Na seqüência deste recorte, o sujeito volta seu dizer sobre o ***ensino*** que está instaurando:

RDP1:

Ora, alguma coisa acontece no nível do que lhes **ensino**, a saber, que estamos agora, isto é, depois de Freud, em condições de apreender que essa **estrutura do inconsciente**, **isso pelo qual se reconhece um fenômeno como pertencente à formações do inconsciente**, **corresponde exaustivamente ao que a análise lingüística nos permite situar como sendo os meios essenciais de formação do sentido, na medida em que este é gerado pelas combinações do significante**. Esse acontecimento é tão mais demonstrativo quanto tem tudo para surpreender.

A partir do afetamento da Psicanálise pela Lingüística, pode-se compreender a *estrutura do inconsciente* como uma estrutura de linguagem. Na oração [...] *isso pelo qual se reconhece um fenômeno como pertencente às formações do inconsciente, corresponde exaustivamente ao que a análise lingüística nos permite situar como sendo os meios essenciais de formação do sentido, na medida em que este é gerado pelas combinações do significante [...]*, o sujeito (re)toma o deslocamento fundador da (re)leitura da palavra freudiana: a análise lingüística substitui a análise psicanalítica que é feita, pois as *formações do inconsciente* correspondem às combinações do significante. Pode-se inferir uma (in)versão de sentidos da análise psíquica realizada pela psicanálise a partir da análise lingüística, proposta pela psicanálise lacaniana: a partir de então, a escuta psicanalítica é sobre os significantes verbalizados e não mais sobre o imaginário que antecede esse simbólico. Tem-se a repetição do funcionamento discursivo do sujeito: uma ação discursiva metonímica seguida de uma ação discursiva metafórica.

No RDP2 tem-se:

[...] Essa concepção, que em si é riquíssima em implicações psicológicas, recebe, sem que sequer seja preciso aprofundar-lhe mais a trilha uma complementação naquilo que Freud já nos havia preparado no **ponto de junção do campo da lingüística com o campo próprio da análise**, na medida em que esses **efeitos psicológicos, esses efeitos de engendramento do sentido** não são outra coisa senão o que ele nos mostrou como sendo as formações do inconsciente.

Há uma espécie de resumo do funcionamento discursivo como efeito dos ditos lacanianos: complementar o que Freud disse. O sujeito posiciona-se, na Psicanálise, como um continuador, que via metonímias e metáforas (re)arranja os ditos e sentidos da Psicanálise.

O [...] *ponto de junção do campo da lingüística com o campo próprio da análise* é um ponto de não-coincidência dos dizeres dentro da Psicanálise: *os efeitos psicológicos* são

efeitos de engendramento do sentido. O sujeito do discurso atesta a autoria dessa *junção* a Freud, demarcando historicamente a autorização para articular linguagem e inconsciente.

Na seqüência *Não pensem que estou indo mais longe do que Freud nisso. [...]* se tem um dizer que pode se parafrasear como: O que faço é psicanálise e como a palavra freudiana é a palavra fundante, então, não é possível ultrapassá-la. Entretanto, deve ser articulada, pois está no mundo sendo atravessada por diferentes discursos. Ignorar esses efeitos do mundo sobre a Psicanálise (não se gabando apenas dos efeitos da Psicanálise no mundo) é impedir o crescimento de sua força como ciência, ação contrária à psicanálise ortodoxa. Aspecto fundador do discurso lacaniano, que é efeito de seus deslocamentos e (in)versões de sentidos: articular a Psicanálise com outras formações discursivas e assumir o atravessamento destas na Psicanálise, assumindo a heterogeneidade como constitutiva, também, do discurso científico. Constituição necessária quando o objeto de estudo é o inconsciente. O demonstrativo [...] *nisso* sugere um espaço de jogo, permitindo aos interlocutores “escolher” entre possíveis ensinamentos de Freud e as considerações lacanianas que ultrapassam o dizer de Freud.

O dizer de Freud, no livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* é (re)tomado via discurso indireto, cuja tradução do alemão para o francês caracteriza-se pela reformulação do dizer traduzido. A tradução e a (re)formulação dos dizeres são estratégias discursivas, recorrentes em S5, como tentativas de apropriação e controle desses dizeres:

RDP3:

Com efeito, passado um terço do livro aproximadamente, vocês o vêem retomar o exemplo do *familiário* no plano do que ele chama de tendências do espírito, e identificar as fontes da formação dessas tirada espirituosa de invenção engenhosa. Ele nos ensina que criação de Heine tinha algo correspondente em seu passado e em suas relações pessoais de família. Por trás de Salomon de Rothschild, que ele invoca em sua ficção, houve de fato um outro *familiário*, de sua família – o chamado Salomon Heine, seu tio. Este desempenhou em sua vida o mais opressivo papel ao longo de toda a sua existência. Não apenas o tratou extremamente mal, recusando-lhe a ajuda concreta que Heine podia esperar dele, como também criou obstáculos à realização de seu grande amor, o que ele nutria pela prima – a quem não pôde desposar pela razão, essencialmente *familiária*, de que o tio era milionário e ele não era. Heine sempre considerou uma traição aquilo que não foi senão consequência de um impasse familiar profundamente marcado pela *milionaridade*.

Neste relato do dizer do outro há um *desencontro* entre a leitura realizada pelo sujeito e a *Edição Standard das Obras Completas*, de Freud, especificamente, neste recorte, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. *Desencontro* que é a concretização das forças contraditórias que se enfrentavam na Psicanálise: os diferentes dizeres sobre os dizeres de

Freud. O que a IPA dizia era o que Freud havia dito e o que Lacan dizia era o que Freud havia dito.

Freud trata das *Tendências do espírito* no Capítulo III – OS PROPÓSITOS DOS CHISTES. A reformulação desta heterogeneidade – via tradução e discurso indireto – (re)formula a materialidade da temática tratada por Freud, neste capítulo, que corresponde a *um terço do livro aproximadamente*. *Tendências do espírito* é uma tradução para *tendencioso*, em Freud: “[...] o chiste serve a um fim – torna-se tendencioso. [...]”. (FREUD, 1996, p.91). O sujeito mantém sua linha de (re)formulação: a transposição de *Witz* para *tirada espirituosa*.

O que Freud ensina – *Ele nos ensina* – sobre *as fontes da formação dessas tiradas espirituosas* aparece no Capítulo V – OS MOTIVOS DOS CHISTES: OS CHISTES COMO PROCESSO SOCIAL. É passado dois terços do livro que Freud nos mostra a presença de *determinantes subjetivos* na formação dos chistes.

A interpretação do dito freudiano é feita para *ligar toda economia do que está gravado no inconsciente à combinação significativa* e para considerar que *todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metaforicamente geradas por conjunções significantes*.

Em Freud tem-se:

A presença de determinantes subjetivos similares pode ser suspeitada nos chistes de algum outro grande zambador, mas não sei de nenhum outro em que isso possa ser determinado tão convincentemente. Por esta razão não é fácil tentar fazer asserção mais definida sobre a natureza desses determinantes pessoais. Na verdade, em geral na me inclino a reinvidicar complicados determinantes para origem de todo chiste individual. Nem são os chistes produzidos por outros homens famosos mais facilmente acessíveis a nosso exame. Temos a impressão de que os determinantes subjetivos da elaboração do chiste com frequência não se situam muito longe daqueles determinantes das doenças neuróticas [...] Se, como médico, tem-se ocasião de travar conhecimento com uma dessas pessoas que, não sendo muito conhecidas em seu meio como piadistas ou inventores de muitos chistes viáveis, pode ser surpreendente descobrir que o piadista é uma personalidade dividida, propensa a doenças neuróticas. A insuficiência de evidência documentária, entretanto, decerto há de impedir que postulemos a hipótese de que uma constituição psiconeurótica desse tipo é uma condição subjetiva necessária ou habitual para a construção de chistes. (FREUD, 1996, p. 136-137)

No início do recorte do dizer lacaniano, há o deslocamento do sentido *das implicações psicológicas* e os *efeitos psicológicos* abordados por Freud para *efeitos de engendramento do sentido* e seus *meios essenciais de formação do sentido* e a análise para chegar a esses *meios* é a *análise lingüística*. O sentido que prevalece advém da Lingüística: os sentidos se formam via funcionamento de significantes.

RDP4:

Tais observações são feitas para lhes mostrar que o caminho pelo qual everedamos, o de ligar toda economia do que está gravado no inconsciente à combinação significativa, leva-nos muito longe, joga-nos numa regressão que não prossegue *ad infinitum*, mas que nos reconduz à origem da linguagem. Com efeito, temos de considerar todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metaforicamente geradas por conjunções significantes.

Há uma contradição na linearidade deste dizer lacaniano que aponta para a possibilidade de equívoco neste mesmo dizer. Ou seja, abre-se um furo neste dizer que situa a psicanálise lacaniana, na Psicanálise e seu aspecto fundador: *Tais observações são feitas para lhes mostrar que o caminho pelo qual everedamos, o de ligar toda economia do que está gravado no inconsciente à combinação significativa, leva-nos muito longe, joga-nos numa regressão que não prossegue ad infinitum, mas que nos reconduz à origem da linguagem.* Tem-se uma seqüência: *caminho – everedamos - leva-nos muito longe - joga-nos numa regressão - não prossegue ad infinitum - nos reconduz à origem da linguagem.* Qual o efeito dessas palavras? Na verdade, antes de produzirem um efeito esse equívoco e essa contradição (a princípio) de entre essas palavras (uma não-coincidência das palavras lacanianas com elas mesmas) são efeitos da modalização primordial dentro do discurso lacaniano: [...] *o de ligar toda economia do que está gravado no inconsciente à combinação significativa* [...]. Parafraseando, com as palavras do próprio sujeito: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Mas, o efeito deste efeito é o movimento singular do sujeito em fazer funcionar a palavra lacaniana. Pode-se notar um caminhar do sujeito (e daquilo que ele representa – a psicanálise lacaniana) à frente, a muito longe. À frente e a muito longe de quê? Da Psicanálise ortodoxa. Enveredar tem um efeito de aventura; de aventurar-se no espaço extra-psicanálise e dentro desta sem estar aparentemente sob controle; mas, nesse movimento, o vínculo com a palavra de Freud (que controla esse caminho) impõe uma regressão, não se pode ir por qualquer caminho - *ad infinitum*: sentidos outros são produzidos, mas não qualquer sentido. Deve-se partir de Freud e nesse lugar marcado do dizer freudiano está a *origem da linguagem*. Este *ad infinitum* demonstra como denegar o lugar de Freud – no dizer lacaniano – funciona: *Freud disse isso* é lugar marcado no fio do dizer. Mas, esse outro constitutivo retorna *ad infinitum*.

E, no RDP5:

Considerações como estas certamente não são desprovidas de interesse – **sempre temos muito a aprender com a história do significante**. A identificação do termo família como o que é recalcado no nível da formação metafórica é perfeita para lhes dar, de passagem, uma ilustração disso.

Em [...] *sempre temos muito a aprender com a história do significante* [...] existe como contraponto com o dito freudiano: Freud busca a história dos sujeitos que produziram o *Witz*. A busca lacaniana pela história do termo trabalhado no *Witz* desloca significante como substituto do indivíduo; a história das pessoas é substituída pela história das palavras: é a *diacronia* da Lingüística sendo deslocada para a Psicanálise, assim como a *sincronia*, tomada como o momento da palavra proferida e no qual deve ser analisada.

No recorte da aula XX – O SONHO DA BELA AÇOUGUEIRA, de 30/04/1958, o sujeito aborda a temática do *desejo*. Na psicanálise lacaniana essa temática é nuclear. Pois os ditos singulares lacanianos giram em torno dela: *objeto a*, *sujeito*, *transfêrência*, entre outros. É a partir do que Freud disse que será articulada esta temática. Articulação feita a partir do dito freudiano fundante: *A Interpretação dos Sonhos* ou *Ciência dos Sonhos* como foi traduzido por Lacan. O dito (re)tomado é um dos sonhos analisados por Freud e nomeado pelo sujeito como *O sonho da bela açougueira*.

Passemos, pois, ao momento em que Freud nos fala do desejo pela primeira vez Fragmentar os dizeres freudianos: ação discursiva do sujeito que se sustenta na necessidade de ressonâncias de sentidos para sustentar sua (re)formulação acerca do *desejo*. Ponto no dizer freudiano em que os sentidos estão em suspensão. Incide, então, sobre o sujeito do discurso a necessidade de interpretá-los. Porém, da interpretação se seguirá outros movimentos.

Freud nos fala do desejo pela primeira vez no Capítulo III – O SONHO É A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO e no Capítulo IV – A DISTORÇÃO NOS SONHOS, parte I, da Interpretação¹²⁶. No entanto, a tradução do *terceiro sonho que Freud analisou* está n’*A transposição do sonho*: título resultante da heterogeneidade marcada em que cita o título original *Die Traumentstellung*.

Primeira não-coincidência com o dizer do Outro (re)tomado em *A Distorção dos Sonhos* e *A transposição do sonho*. Freud diz *distorção no* para referir-se ao fato de que os sonhos são realização de desejos – um sonho “[...] representa um desejo realizado [...]” - mesmo aqueles em que não aparecem em seu conteúdo manifesto como um desejo realizado:

¹²⁶ Esta é uma referência à edição *Standard*.

isto está distorcido, latente e precisa ser interpretado. Lacan, sustentado pelo *patamar propriamente significativa* do sonho, é levado a traduzir como *transposição do*. Como mostrará essa análise, esta tradução sugere o que o sujeito sustentará em sua leitura: o deslocamento dos elementos significantes que compõem o sonho. Aqui, há predominância da verbalização do sonho sobre o processo mental: o *patamar significativa* sobre o *patamar imaginário*. Não são as imagens distorcidas que determinam o sentido de um sonho, mas sim o deslocamento dos significantes durante a verbalização deste.

O sonho (re)tomado é o de uma paciente de Freud, *psiconeurótica*, com quem tinha sempre que discutir a validade de sua teoria. É dessa maneira que Freud se refere à paciente do sonho. Este sonho é analisado, por Freud, para mostrar a distorção nos sonhos e que mesmo sonhos com *conteúdo aflitivo* são realizações de desejos disfarçados. Na (re)leitura lacaniana, ela é nomeada: *a bela açogueira*. Como veremos, essa adjetivação está relacionada com a questão do desejo (sexual) e que demanda o sonho. Freud a denomina uma *inteligente paciente minha*.

Nesta parte de S5, tem-se aquilo que se pode chamar de *máxima tentativa de apropriação do dizer freudiano*: o sujeito traduz-se – via discurso direto – o texto freudiano em sua totalidade. Importante ressaltar que a nota do tradutor destaca, mais ainda, essa heterogeneidade ao relatar que a tradução para o português (deste texto de Freud) foi feita a partir da tradução lacaniana. O discurso é relatado de maneira direta, ocorrendo modalizações intradiscurso. Ou seja, o sujeito ao relatar o dito freudiano, volta seu dizer sobre essa (re) leitura, modalizando univocamente. A estratégia discursiva é de misturar seu dizer com o dizer freudiano: As palavras são as mesmas acerca da Psicanálise.

RDP1:

Eis o sonho – *diz Freud*.^{*} Eu queria oferecer um jantar, mas o único mantimento que tinha em casa era um pouco de salmão defumado. Quis sair para fazer compras, mas lembrei-me de que era domingo à tarde e todas as lojas estavam fechadas. Quis telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava pifado. Assim, tive que renunciar ao desejo de oferecer um jantar. (30/04/1959, p.372-373).

Freud relata, assim, o sonho:

* Nessa citação de Freud e noutras que virão a seguir, a tradução para o português foi feita diretamente do texto francês transcrito (e/ou traduzido) por Lacan, sem levar em conta a versão brasileira da *ESB*. (N.E.)

[...] *Eis aqui* [...]

“Eu queria oferecer uma ceia, mas não tinha nada em casa além de um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas então me lembrei que era domingo à tarde e que todas as lojas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava com defeito. Assim, tive de abandonar meu desejo de oferecer uma ceia. (1996, p. 180-181).

Freud diz *Eis aqui*. O discurso relatado é *Eis o sonho – diz Freud*.

Na seqüência, o discurso relatado é interrompido. O sujeito instaura um dizer fundador dentro da psicanálise lacaniana: *É esse o texto do sonho. Freud anota escrupulosamente a maneira como é verbalizado o texto dos sonhos, e é sempre e unicamente a partir dessa verbalização, de uma espécie de texto escrito do sonho, que lhe parece concebível a análise de um sonho.*

O efeito é o de (in)versão (Ação Discursiva Metafórica) da análise do sonho como produção mental partindo da análise lingüística, pois um sonho só pode ser analisado de for verbalizado. Esse deslocamento (da análise lingüística para a psicanálise – Ação discursiva metonímica) ocorre dentro do dizer fundante da Psicanálise, dentro da interpretação dos sonhos. Doravante, a psicanálise lacaniana realizará, sempre, a análise do que é verbalizado, dos elementos lingüísticos do sonho.

Na seqüência desta aula, o sujeito do discurso é levado a traduzir Freud e relatar o dito freudiano, intercalando com seus dizeres. São, no fio do dizer, glosas explicativas como tentativas de manter o encadeamento da análise e o direcionamento dos sentidos do que foi traduzido, pois a questão, nesta aula é tratar do desejo e da demanda e isso deve estar em Freud: *De fato, a paciente o confrontara com esse sonho, dizendo-lhe [...]; Freud prossegue: [...]; Que quer dizer isso? [...]; ou melhor, não se autoriza isso [...]; Aqui entra um parêntese de Freud [...]; Outro comentário de Freud, entre parênteses [...].* Esta linearidade do dizer lacaniano é interrompida com um alto na análise: agora, é da *identificação da histérica* que vais se tratar.

No RDP2:

Continuemos a ler, de maneira a acompanhar até o fim o que nos articula **esse texto importantíssimo**. Essa é, em suma, uma das primeiras articulações muito claras, por parte de Freud, do que significa a **identificação histérica**. Ele esclarece seu sentido. Pulo algumas linhas para que não fique longo demais. Ele discute o que chamamos imitação histérica, a simpatia da histérica pelo outro, e **critica com muita energia a redução simplista do contágio histérico à pura e simples imitação**. (30/04/1959, p.375).

[...] esse texto importantíssimo fixa, neste ponto o lugar do dito freudiano: é *importantíssimo* e *[...] é, em suma, uma das primeiras articulações muito claras, por parte de Freud, do que significa a identificação histérica. Ele esclarece seu sentido.* Aqui, o sujeito negocia com este outro que o constitui, marcando o lugar de sentido fundante articulado por Freud acerca da *identificação da histérica*. Mas, na seqüência, tem-se a denegação desse outro, indo para frente, nesta materialidade, demarcando de perto seu lugar na discursividade e *pulando* algumas linhas, até chegar ao ponto de sua construção onde será imperativo modalizar fixando o sentido de demanda e desejo. O efeito dessa demarcação do dizer freudiano é sua fragmentação: faz-se necessário recortar o dizer freudiano de acordo com os sentidos a serem fixados. Melhor dizendo, essa ressonância de sentidos, como efeito da palavra lacaniana, resulta no sentido fixado.

Na seqüência trabalhar a *imitação da histérica* é o ponto no dizer em que se estabelecerá uma não-coincidência da palavra freudiana com a palavra lacaniana. Aqui, a expressão *[...] crítica com muita energia a redução simplista do contágio histérico à pura e simples imitação [...]* é representativa da (re)leitura lacaniana da obra de Freud: incide sobre os pontos em que os sentidos estão em suspensão. Especificamente, que a identificação da histérica não é resultante de *pura e simples imitação* de acordo com o sentido que prevalece nos estudos sobre essa temática.

O discurso relatado é direto: *[...] diz Freud [...]* e sob as palavras de Freud – aqui traduzidas e relatadas – começa-se a instaurar a relação da demanda com o desejo.

RDP3:

[...] é um pouco mais complicado do que a imitação histérica, tal como tem sido representada; como ficará provado através de um exemplo, ele corresponde a deduções inconscientes. Quando um médico coloca junto de outros pacientes, numa enfermaria hospitalar, um sujeito que apresenta uma espécie de tremor, ele não fica surpreso ao saber que esse acidente histérico foi imitado (...). Mas esse contágio produz-se mais ou menos da seguinte maneira. Em geral, as pacientes sabem – convém observar o peso que tal observação comporta, não digo simplesmente na época em que foi feita, mas até hoje, para nós – mais coisas a respeito umas das outras do que o médico pode saber sobre qualquer delas, e continuam a se preocupar umas com as outras depois da visita do médico. Observação essencial. Em outras palavras, o objeto humano continua a viver sua relaçãozinha particular com o significante, mesmo depois que o observador, behaviorista ou não, se interessou por sua fotografia.

Uma delas teve sua crise hoje, e as outras sabem muito bem que uma carta de casa, uma lembrança de uma mágoa de amor ou outras coisas semelhantes foram a causa disso. Sua compaixão é despertada e, inconscientemente. Elas fazem o seguinte exame: se esses motivos esses tipos de crises, também posso ter uma crise dessas – articulação do sintoma elementar com uma identificação discursiva, com uma situação articulada no discurso –, porque tenho os mesmos motivos. Se essas

*fôssem as conclusões conscientes, elas levariam à angústia de ver sobrevir a mesma crise. Mas as coisas se passam em outro plano psíquico, e levam à realização do sintoma temido. A identificação, portanto, não é uma simples imitação, mas uma apropriação decorrente de uma etiologia idêntica: ela expressa um “como se”, relacionado com um traço comum que persiste no inconsciente. O termo *apropriação* não foi muito bem traduzido. Trata-se, antes, de tomado como próprio.*

A histérica se identifica, de preferência, com pessoas com quem manteve relações sexuais, ou que tenham as mesmas relações sexuais com as mesmas pessoas que ela. A língua, aliás, é responsável por essa concepção.

O problema aqui levantado por Freud é a relação de identificação com a amiga invejosa. A propósito disso, quero chamar-lhes a atenção para o seguinte: o desejo com que deparamos desde os primeiros passos da análise, e a partir do qual se desenrola a solução do enigma, é o desejo como insatisfeito. No momento desse sonho, a paciente estava preocupada em criar para si um desejo insatisfeito. Qual é a função desse desejo insatisfeito?

Lemos no sonho, com efeito, a satisfação de um anseio, o de ter um desejo insatisfeito. E o que descobrimos a esse respeito é a subjacência de uma situação que é a situação fundamental do homem entre demanda e desejo, à qual estou tentando introduzi-los, e à qual efetivamente os introduzo através da histérica, porque a histérica fica presa na clivagem cuja necessidade lhes mostrarei há pouco, entre a demanda e o desejo.

Que pede ela antes do sonho, em sua vida? Essa paciente, apaixonadíssima pelo marido, demanda o quê? Amor; e as histéricas, como todo mundo, demandam amor, só que, nelas, isso é mais incômodo. Que deseja ela? Ela deseja caviar. Basta simplesmente ler. E que quer ela? Quer que não lhe dêem caviar. [...]. (30/04/1959, p.375-376 (2)).

A glosa meta-enunciativa [...] *convém observar o peso que tal observação comporta, não digo simplesmente na época em que foi feita, mas até hoje, para nós [...]* aponta para a um dos fundamentos da psicanálise: não é o médico ou o psicanalista que sabe sobre o paciente. É este último aquele que pode falar sobre si, que sabe sobre si (apesar de acreditar não saber). Assim, (re)toma-se o aspecto fundante do discurso da histérica dentro da psicanálise: apesar de saber sobre si insiste que o outro lhe diga.

Segue-se a esta glosa, um deslocamento que é determinante no que se está construindo.

Em Freud, tem-se, neste ponto:

RDP4:

[...] mas, de fato, a interferência se processa numa região psíquica diferente e conseqüentemente resulta na concretização real do temido sintoma. Assim, a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente. (1996, p. 184).

No relato, a referência é à tradução. O sujeito volta-se sobre seu próprio dizer e fixa um sentido negativo para o próprio relato: *O termo apropriação não foi muito bem*

traduzido. Trata-se, antes, de tomado como próprio. Contradição que produz como efeito de sentido a articulação com os sentidos advindos da Lingüística: *A língua, aliás, é responsável por essa concepção.*

Neste ponto do dizer, o sujeito volta-se sobre o sonho e começa a ser instaurado um sentido outro dentro da Psicanálise: a relação demanda e desejo. De agora em diante – depois de Freud – é a leitura lacaniana do sonho da bela açougueira que se fará: *Lemos no sonho [...]* e o sujeito desloca que o sonho é realização do desejo – afinal isso foi dito por Freud. No entanto, esta denegação abre, na psicanálise, uma relação de contradição com esse *não-um* (re)tomado: há sempre uma demanda para o desejo, daí a impossibilidade de sua realização, apenas de sua viabilização. A (re)formulação é fundadora desta alteridade entre o dito freudiano acerca de *desejo* e o que é construído, em S5. Enquanto para a psicanálise freudiana o desejo se realiza no sonho, mesmo distorcido, o sentido outro produzido é o de *desejo* irrealizável e o sonho está inscrito na ordem da demanda, como uma forma de viabilizá-la. Esse deslocamento é fundamental: o efeito freudiano é de que o *desejo* se realiza enquanto para Lacan o *desejo* não se realiza, o que se apresenta na verbalização do sonho é sua demanda. Isso é lido no sonho. Aqui, retorna o deslocamento para análise lingüística como parte integrante da técnica psicanalítica.

Neste recorte, então, tem-se, na materialidade de S5 um ponto de instauração de sentidos outros dentro da psicanálise: o *desejo* como da ordem do irrealizável.

Os RDPs que se seguem foram retirados da aula XXI – OS SONHOS DA “ÁGUA PARADA”, de 07/05/1958.

Na abertura desta aula existem três marcas lingüísticas da maneira como o discurso lacaniano se constitui, de como o sujeito do discurso – de seu lugar de instaurador de uma discursividade outra - trabalha os sentidos da Psicanálise. Na frase de abertura da aula *Partiremos da atualidade que aqueles dentre vocês que assistiram à comunicação científica da Sociedade ontem à noite, puderam apreciar* temos: *Partiremos da atualidade*. a primeira pessoa do plural inclusiva aponta para a estratégia discursiva de assumir o outro como constitutivo desse discurso. Os sentidos de uma psicanálise outra são produzidos a partir da *atualidade*, da exterioridade no acontecimento discursivo S5, das filiações do sujeito à Lingüística, à Antropologia, aos psicanalistas dissidentes da SPP; *aqueles dentre vocês* é uma marca lingüística (recorrente em todo S5) cujo funcionamento é o de estabelecer vínculos

discursivos; *à comunicação científica da Sociedade*: nesse ponto do dizer, Lacan situa S5 (e dos outros com quem ele fala) no campo científico institucionalizado¹²⁷.

Na seqüência, em *retomaremos sem rodeios o texto de Freud*, se tem o ponto, neste dizer, em que o discurso começa a se instaurar: no encontro da atualidade (*Partiremos da atualidade*) com a memória, (re)tomando ao já-dito freudiano.

O dizer (re)tomado é a *Traumdeutung*. O discurso outro é retomado em alemão. Heterogeneidade exigida pela situação de retornar a Freud via o texto psicanalítico produzido por Freud e não por leituras de outros textos psicanalíticos. São os sentidos fundantes (efeitos da materialidade) os retomados pelo sujeito. É articulando memória (sentidos fundantes) com atualidade que Lacan sustenta seu dizer.

No recorte discursivo RDP2:

Tomei-o, como vocês viram, para abordar a questão da demanda e do desejo. **Não fui eu que coloquei a demanda e o desejo no sonho, eles estão lá, e Freud não os colocou ali, mas os leu. Viu que a paciente precisava criar para si um desejo insatisfeito, é ele quem diz isso.** Freud, é claro, quando escreveu a *Traumdeutung*, não estava dando nomes com um candeeiro de vela. Mas, se abordou e compôs as coisas nessa ordem, ele o fez impelido por uma preocupação que pode ir muito além da divisão dos capítulos. De fato, esse sonho apresenta uma característica especialmente introdutória com respeito ao problema que é fundamental na **perspectiva que tento promover aqui**, a do desejo.

Temos um efeito da negociação do sujeito (negocia “seu dizer”) com o já-dito freudiano instaurando a ilusão de que o sujeito fala por Freud. Mas, os ditos são lacanianos: dizeres de Lacan sobre os dizeres freudianos. A *perspectiva que tento promover aqui* (que sou levado a promover aqui), em S5, é outra. Esta perspectiva do desejo é efeito da denegação do lugar do outro em seu dizer: *Não fui eu que coloquei a demanda e o desejo no sonho, eles estão lá, e Freud não os colocou ali, mas os leu. Viu que a paciente precisava criar para si um desejo insatisfeito, é ele quem diz isso.* Freud leu, no sonho da paciente, a demanda e o desejo e disse que estão lá, no sonho. Então, seguindo os passos de Freud, o sujeito também lê o desejo no sonho, sob sua perspectiva. Ele também lê no sonho os sentidos. O lugar de Freud é apontar o caminho, mostrar que se deve ler o sonho. Ao apontar que Freud leu o desejo e a demanda no sonho, que não os colocou ali, Lacan deixa em suspensão os sentidos do dizer freudiano instaurando a possibilidade de sentidos outros, sentidos de sua leitura em condições históricas diferentes das de Freud.

¹²⁷ Conforme Varnier (2005) a ambição de Lacan, nesse período, é dar à Psicanálise o estatuto de uma ciência, por meio de seu retorno a Freud, estabelecendo uma contradição, pois a crítica de Lacan às instituições psicanalíticas é justamente com seu determinismo científico. Essa contradição tem como efeito a subjetividade como questão de estudo científico de uma teoria do sujeito como já mencionei na introdução deste trabalho.

O sujeito começa a ler o texto com a expressão *Vamos um pouco mais adiante*, sustentado pela ilusão de manter os sentidos da leitura de Freud sob controle (denegação). Lacan faz um chamamento àqueles que o acompanham a irem juntos mais adiante de Freud e ao que o representa: a instituição psicanalítica. Essa expressão materializa o movimento constante da psicanálise lacaniana em produzir sempre o outro, em sempre (re)formular e transformar conceitos.

A seguir um outro recorte.

RDP3:

Encontramos, primeiro, o sonho da monografia de botânica, que é um sonho de Freud. Vou deixá-lo de lado, não porque ele não traga exatamente o que hoje podemos esperar quando eu tentar fazer funcionar diante de vocês as relações do significante fálico com o desejo, mas simplesmente porque é um sonho de Freud, e seria um pouquinho mais demorado e um pouquinho mais complicado mostrá-lo a vocês. Eu farei mais tarde, se tiver tempo, pois ele é absolutamente claro, estruturado exatamente como o esqueminha que comecei a lhes desenhar a propósito do desejo da histérica. Mas Freud não é, pura e simplesmente, um histérico. Se mantém com a histeria a relação que qualquer relação com o desejo comporta é de maneira um pouco mais elaborada.

Saltemos, pois, o sonho da monografia de botânica, e chegamos a uma paciente **que Freud nos diz** ser histérica. Retomamos, portanto, o desejo da histérica.

Este recorte remete à história da Psicanálise¹²⁸. Lacan nunca manteve contato com Freud. Seu interesse – também uma imposição, pois Freud estava sempre cercado por aqueles que interditavam a voz de Lacan – foi pelo significante *Freud* fazendo significar a Psicanálise. O discurso lacaniano também é feito desta relação entre sujeitos representados pelos significantes *Lacan* e *Freud*. No acontecimento discursivo S5 – quando uma psicanálise outra está sendo fundada – o homem Freud é saltado, assim como seus sonhos e seu desejo de manter a psicanálise sob controle. Volta-se para o **que Freud nos diz**. É seu retorno a Freud.

O outro é inscrito no dizer lacaniano também via discurso relatado direto do dizer de Freud analisando o sonho da jovem. Nesta forma explícita de heterogeneidade, Lacan é aquele que toma a interpretação do dizer freudiano, posição discursiva de articulador dos sentidos suspensos freudianos. Como temos no recorte seguinte:

¹²⁸ A história da Psicanálise, assim como as filiações sócio-históricas do sujeito do discurso, é retomada a partir dos trabalhos de Roudinesco (1988, 1994).

RDP4:

Uma jovem inteligente e fina, reservada, do tipo “água parada” [*eau qui dort*], contou: “– Sonhei que chegava tarde demais ao mercado e não encontrava mais nada no açougueiro nem na vendedora de legumes.” *Eis aí certamente um sonho inocente, mas os sonhos não se apresentam assim. Pedi-lhe um relato detalhado. Ei-lo: ela ia ao mercado com a cozinheira, que carregava a cesta. O açougueiro lhe disse, depois de ela lhe pedir alguma coisa, que não se podia mais tê-la, Das ist nicht mehr zu haben. Quis dar-lhe uma outra coisa, dizendo “isso é bom”, mas ela recusou. Foi até a vendedora de legumes. Esta quis vender-lhe legumes de uma espécie singular, atados em pequenos molhos e de cor negra. Ela disse: “Das kenne ich nicht, das nehme ich nicht” – “Não conheço, não vou levar.”*

Esse dizer é seguido de uma marca de denegação deste outro: ***O comentário de Freud é essencial aqui, uma vez que não fomos nós que analisamos essa paciente.*** O discurso direto é a forma lingüística de inscrever e marcar o lugar do outro no dizer lacaniano recorrente em toda aula. Esse relato do dizer do outro consiste em uma (re)formulação do texto freudiano, cujos sentidos são controlados – no imaginário do sujeito – pela tradução feita por esse sujeito. Ao ler Freud em alemão e traduzi-lo para seus interlocutores há a ilusão de controle dos sentidos fundantes. Controle que é um contraponto ao controle institucional da Psicanálise exercido pela IPA. Esta ilusão é um efeito desse conflito: Lacan, SPP e IPA. Enquanto as instituições controlam o saber, as normas de transmissão desse saber e seus filiados, o sujeito do discurso lacaniano “controla” os sentidos da Psicanálise.

(Re)tomando (ou tomando – porque há uma apropriação do texto freudiano, visto que o lugar discursivo do sujeito é o de psicanalista em confronto com as instituições oficiais de Psicanálise e o saber nelas produzidos) os dizeres freudianos sobre os sonhos, o sujeito vai trabalhar na palavra freudiana as bases para, na seqüência da aula, produzir sua noção de desejo.

Retornando à *Interpretação dos Sonhos*, o ponto de partida é a ***existência desse texto da Traumdeutung.*** Nesse ponto do dizer, já há uma heterogeneidade mostrada marcada pela citação em alemão. Ao trazer esse discurso outro para o seu dizer – porque o que vai ser trabalhado é o sentido deste texto e, em alguns momentos, a suspensão de sentido – o sujeito retorna para sua própria referência construindo uma explicativa que não-coincide com o dizer científico e pedagógico que é proposto: ***como uma espécie de milagre, não é exagero*** e, fecha a frase com ***Mas há muito mais do que isso.*** Incide, aqui, alguns aspectos que permeiam todo o restante do dizer: o sentido outro vai ser buscado pela interpretação em alemão e não nas traduções em francês ou em inglês: o sujeito sempre leu os textos freudianos em alemão não se filiando a nenhum dizer, dentro do campo psicanalítico, que não fosse diretamente a

palavra lacaniana. Este tipo de garantia histórica à sua produção psicanalítica é, também, uma tentativa de apropriação e controle dos sentidos deste texto. Apropriação e controle dos sentidos freudianos que, por sua leitura, lhe confere autoridade sobre esse já-dito; autoridade em um discurso que promove o ensinamento dos sentidos freudianos, ou seja, de um discurso que é pedagógico.

O processo, então, é de negar e apagar quaisquer sentidos produzidos por outras interpretações que não fossem as instauradas neste acontecimento. Ao se maravilhar com essa existência da palavra freudiana ele marca o lugar desta como fundante em seu discurso. No entanto, fundante que se constitui como um efeito de pré-construído (re)tomado no já-dito freudiano como ponto de partida de um sentido outro. Esta heterogeneidade é uma negociação do sujeito com uma questão histórica e ideológica que é primordial: a Psicanálise existe a partir da palavra freudiana. Negar explicitamente esse sentido fundante é excluir-se do campo psicanalítico. Assumi-lo, em outra versão, é uma estratégia discursiva que lhe garante ao mesmo tempo essa filiação histórica à Psicanálise, mas marca seu lugar como um lugar discursivo de instauração de um discurso outro: é desta maneira que o outro sentido, o outro dizer e o outro sujeito são denegados.

Na luta pelo controle do saber, dentro do campo psicanalítico, cada lado articula e opera com suas armas ideológicas: de um lado uma articulação que garante oficialmente o controle do saber psicanalítico, onde psicanalistas e instituições formam um todo institucional homogêneo, com poder de controle que lhes foi concedido pela palavra fundante, que iniciou a primeira instituição, o primeiro código de ética, as primeiras leis; do outro lado o sujeito instaura uma ruptura neste campo a partir desta garantia histórica que não é uma autorização institucional, mas uma autorização na ordem do sentido na instância do discurso freudiano, no efeito daquilo que Freud *disse*.

Parto de uma evidência: o confronto que gera ruptura se instaura pelo controle do sentido da palavra freudiana (abrimos um parêntese para colocarmos o princípio de ilusão que permeia dos dois ou mais lados de controle: ilusão porque os sentidos nunca estão prontos e sempre advém de um já-dito sem ser repetição, como movimento constante e o controle é ilusório). Cada lado vai sustentar os sentidos dessa palavra: de um lado o biológico, o psicológico; do outro o simbólico e o inconsciente. Interessa os arranjos e articulações sócio-históricas para defender o simbólico e o inconsciente, em S5.

Se a psicanálise ortodoxa opera visando a homogeneização da teoria e da prática psicanalítica, em S5 temos a instauração e o arranjo da heterogeneidade como constitutiva dessa teoria e prática. Passemos à articulação dessas heterogeneidades para constituição dos

sentidos cujo efeito é o discurso lacaniano. Sentido resultante da negociação interdiscursiva (inconsciente) do sujeito com as heterogeneidades constitutivas, que determinam esse sentido.

No recorte discursivo o que está presente é o dizer freudiano. É dizendo o que a conjunta sócio-histórica permite dizer que Freud disse que um sentido outro começa a se constituir.

Especificamente, o dizer (re)tomado é a análise de Freud, no Capítulo V – O material e as fontes dos sonhos, no volume I d'A *Interpretação dos Sonhos*¹²⁹.

Freud não discute sobre a questão do sonho como realização de um desejo como característica universal dos sonhos, especificamente nesta análise. Isto foi discutido exaustivamente nos capítulos anteriores.

A seguir, um recorte do dizer freudiano retirado do texto lido por Lacan.

RDP5:

Quando a análise do sonho da injeção de Irmã nos mostrou que um sonho poderia ser a realização de um desejo, nosso interesse foi a princípio inteiramente absorvido pela questão de saber se teríamos chegado a uma característica universal dos sonhos e sufocamos temporariamente nossa curiosidade sobre quaisquer outros problemas científicos que pudessem surgir durante o trabalho de interpretação. Tendo seguido um caminho até o fim, podemos agora voltar sobre nossos passos e escolher outro ponto de partida para nossas incursões através dos problemas da vida onírica: por ora, podemos deixar de lado o tópico da realização de desejos, embora ainda estejamos longe de tê-lo esgotado. (FREUD, 1996, p.195)

Um sentido outro é produzido a partir do sentido suspenso pela falta na palavra freudiana. Neste sonho não se trabalhou o desejo. A proposta de Freud, neste capítulo, é tratar de outras questões levantadas pelos sonhos, que ele havia mencionado, mas não havia explicado. A saber: os sonhos se remetem às impressões do dia anterior; se remetem ao essencial e importante; retomam impressões remotas da infância; e experiências significativas são sempre (re)tomadas nos sonhos.

O sonho da água parada é citado, por Freud, para sustentar sua hipótese de que:

¹²⁹ Trabalho com a tradução da Edição *Standard* para o português, pois, apesar da leitura em alemão o sujeito faz referência a essa edição, em inglês. A única que circulava na época.

RDP6:

Os sonhos nunca dizem respeito a trivialidades. Não permitimos que nosso sono seja perturbado por tolices. Os sonhos aparentemente inocentes revelam ser justamente o inverso quando nos damos ao trabalho de analisá-los. (p.213).

E nesses [...] sonhos inocentes, o motivo da censura é, obviamente, o *fator sexual*. Esse, porém, é um assunto de importância primordial *que tenho de deixar de lado*. (FREUD, 1996, p.218).

É justamente a partir daquilo que falta, no sentido que não é interpretado, na leitura que não foi feita, do que foi deixado em suspensão no processo fundador da Psicanálise, que um sentido outro se constitui. Ao instaurar a produção desse sentido no espaço vazio de sentidos, que reclama uma interpretação, os sentidos do dizer lacaniano - nesse recorte, o desejo da histérica como aquilo que se manifesta no sonho - estão circunscritos dentro desse acontecimento fundador que é a palavra freudiana n' *A Interpretação dos Sonhos*. *Desejo* é um efeito desse já-dito *Fator sexual* resultante do distanciamento de qualquer significante que possa inferir aspectos biológicos à produção onírica e em sua interpretação.

No início do dizer lacaniano, a jovem do sonho é definida, pelo sujeito como *do tipo água parada*. Como já foi abordado, a tradução do alemão foi feita por Lacan. Em Freud temos *retraída em seu comportamento*. Esse desvio produz ênfase ao sentido da questão que Lacan está trabalhando: do desejo. O *tipo água parada* é a histérica, no caso a jovem, e seu desejo, parado, sem movimento. O uso dessa expressão continua a manter o sentido do desejo, na psicanálise lacaniana, distante de qualquer questão relativa ao corpo e, no caso, ao comportamento. O sujeito trabalha e arranja, todo o tempo, os significantes de seu dizer de tal maneira que possa controlar os sentidos da psicanálise, ao mesmo tempo em que (re)arranja os dizeres de Freud.

No recorte, prevalece o discurso direto. Lacan (re)toma o que está em Freud. Não é uma ação discursiva simples. Como vimos a tradução é feita por ele diretamente do alemão. O outro está no discurso, mas submetido a este discurso direto: o que o outro diz é que é o dito lacaniano. O sentido fundante é apresentado do lugar de ruptura desse discurso. Há um apagamento desse sentido ostentado por uma suposta objetividade no discurso direto: cito diretamente o que Freud diz; as minhas palavras podem ser excluídas, mas as de Freud – o fundador – não. O sentido do meu dizer está em Freud.

Freud diz *tema sexual*. O sentido da temática dos sonhos é deslocado para o significante *desejo*: significante do campo da Filosofia de Hegel que é deslocado para o

campo da Psicanálise; o sentido filosófico de *desejo* sobrepõe-se ao sentido biológico/orgânico de *sexual* em Freud quando há uma (in)versão de *tema sexual* por *desejo*. Desta maneira se tem um deslocamento e uma substituição de sentido: uma ação discursiva metonímica seguida de uma ação discursiva metafórica.

Na glosa representativa do dizer freudiano, temos uma construção autonímica fundamental no discurso lacaniano: *Como diz Freud, o que se conservou no sonho foi precisamente o elemento lingüístico, a parte desprovida de significação [...]*. A interpretação lacaniana do dizer freudiano coloca o significante como constitutivo do sonho (*a parte desprovida de significação*). Quando Freud diz que se deve retornar aos dizeres anteriores da paciente o sentido funda o inconsciente estruturado como uma linguagem com *elemento lingüístico*.

Depois do discurso relatado do dizer freudiano há um rompimento na estrutura do dizer lacaniano, ponto em que começam a deslizar os sentidos de um freudismo para um lacanismo e a demarcar o lugar do sentido em seu dizer: *Vemos representado aqui, da maneira mais clara, um outro exemplo da relação da histérica com o desejo como tal, cujo lugar, como indiquei da última vez, a histérica precisa, em seus sonhos e seus sintomas, que seja marcado em algum ponto. Aqui, porém, é de outra coisa que se trata, ou seja, do lugar do significante falo*. Neste ponto de não-coincidência há um segundo deslocamento: a relação dos legumes com uma conotação sexual (órgãos) é substituída pelo *significante falo*. Ponto do campo da Lingüística o termo *significante* e *falo*, do campo da Filosofia, são deslocados para o campo psicanalítico e passam a substituir o aspecto sexual (orgânico) dos sonhos. Esta substituição desliza os sentidos de um biologismo para o social e cultural como constitutivo dos sonhos: se a linguagem dos sonhos é a linguagem do inconsciente, então há nela toda uma determinação cultural e social articulada a partir do simbólico na Antropologia.

Neste ponto de não-coincidência do dizer, há uma tentativa de “negociar” com essa heterogeneidade constitutiva: depois de mostrar que um sentido outro está presente via discurso relatado, busca-se romper com esse já-dito e instaurar um sentido outro: a partir de agora *é de outra coisa que se trata*, trata-se do campo simbólico e da primazia do significante nos fundamentos da Psicanálise. Realiza-se um corte estratégico com a palavra freudiana: denega-se esse outro marcando seu lugar no discurso: *até aqui*. Contudo, há uma necessidade de retorno a esse dizer e quando parece que, na segunda parte da aula, o sentido precisa ser melhor articulado, o outro volta à superfície do dizer, denegado: *Como vocês estão vendo, Freud introduz aí, sem hesitação e sem ambigüidade, o significante falo. O único elemento que ele não valoriza como tal em sua análise, porque, afinal, tinha que deixar alguma coisa*

para nós fazermos, é o seguinte, e é absolutamente impressionante. Então, não se produz um sentido outro a partir do que Freud disse, mas do que ele não disse. E o que não foi dito é sempre interpretado, visto que não está na superfície do dizer.

Lacan, ao propor construir sentidos outros, por isso seu dizer pode ser tomado como uma *Modalização Autônima*, há uma inclusão de seus interlocutores, nesse processo pelo uso constante do “*nós*”: *sigamos em frente, mesclamos nosso discurso teórico, Isso nos levará; Encontramo-nos aqui do outro lado da questão.* Como o acontecimento discursivo instaura um outro saber e fazem-se necessárias filiações políticas para sustentação desse saber, a autoria de sentido outro é dividida com os interlocutores que estão, também, do outro lado da questão.

Na análise desse recorte chama a atenção o fato de que o discurso lacaniano desloca sentidos da exterioridade (de suas filiações sócio-históricas) para constituir sentidos outros dentro do campo psicanalítico, partindo sempre do que Freud disse ou deixou em suspensão. Retoma o que Freud disse para justamente interpretar não somente o sentido fundante, mas identificar, por esta leitura, o sentido que Freud não fundou: partir do não-dito.

6.4 Análise dos Recortes Discursivos das Alusões Históricas – RDAHs

Na seqüência, o recorte para análise:

RDAH1:

*É surpreendente ver que, à medida que se engalfinham com o delicado tema da afasia, isto é, do déficit da fala, os **neurologistas**, não especialmente preparados para isso por sua disciplina, fazem progressos notáveis, dia após dia, quanto ao que se pode chamar de sua formação lingüística, enquanto os **psicanalistas**, cuja arte e técnica repousam inteiras no uso da fala. Até hoje não a levaram minimamente em conta, ainda que a referência de Freud ao **campo a filologia** não seja uma simples referência humanista que evidencie sua cultura ou suas leituras, mas uma referência interna, orgânica. (p.31 (1)).*

Nesse recorte discursivo está presentificada uma heterogeneidade não-marcada que aponta para a presença de outros discursos no discurso lacaniano. É a heterogeneidade mostrada não-marcada que denominamos de *Alusão Histórica* em que ressoam os efeitos dos acontecimentos sócio-históricos e políticos que incidem em S5. O RDAH1 é uma não-

coincidência no dizer lacaniano, em S5. Neste ponto, o dizer é interrompido para o que o sujeito aprecie, via alusões, a exterioridade.

Ao começar sua análise na aula II – O FÁTUO-MILIONÁRIO, Lacan parte do dizer freudiano sobre o *familiário* para mostrar a importância do significante nos mecanismos do inconsciente. “Seu” dizer é interrompido para abordar a incompreensão dos psicanalistas sobre seu dizer. Isto é o que emerge sob as palavras, nesta alusão. Ao comparar os *neurologistas* e *psicanalistas*, Lacan aludi ao fato da ciência médica estar dominando a Psicanálise, havendo uma troca de papéis (imposição do saber médico sobre o saber psicanalítico) em que o neurologista passa a atuar como psicanalista, pois com sua *formação lingüística* trabalham a palavra, enquanto os psicanalistas tomam o lugar de médicos bilogizando a Psicanálise, sem fazer uso da linguagem. É em contraposição a essas “inversões” de papéis, no campo psicanalítico, que se propõe o retorno a Freud, palavra que referencia a linguagem (*campo da filologia*) em seus estudos. Retorno que é um efeito histórico desta inversão.

No entanto, não é à Filologia que o sujeito se filia, mas à Lingüística de Saussure e Jakobson, pois a Lingüística não é a mesma do século XIX, o que determinou o conhecimento lingüístico de Freud. Para Lacan é possível articular *significante e inconsciente* – dois já-ditos. *É surpreendente ver que*: ironia cujo efeito é provocar os *psicanalistas* declarando sua formação frágil que os torna inferiores aos *neurologistas* e incapacitados a ler Freud. Depois esta alusão, se posicionando acima dos outros psicanalistas, Lacan volta ao dizer Freudiano sobre o *Witz*.

No recorte seguinte, tem-se:

RDAH2:

Em particular, pensem em tudo aquilo que, em sua prática analítica, é exatamente a conta certa para que vocês se entediam. Entediar-se, tudo se resume a nisso. Uma grande parte, pelo menos, do que chamamos de regras técnicas a serem observadas pelo analista não são outra coisa senão meios de dar a essa ocupação as garantias de seu padrão profissional – mas, se vocês olharem bem no fundo das coisas, perceberão que isso se dá na medida em que elas ratificam, alimentam, sustentam a função do tédio como estando no cerne da prática. (p.184 (4)).

No final de sua aula IX – A METÁFORA PATERNA, de 15/01/1958, Lacan volta seu dizer sobre si mesmo para explicar, de forma não-marcada, que o que está sendo produzido é o diferente, o *Outro*. Ruptura que interrompe o tédio do saber psicanalítico.

Esta alusão traz dois pontos de tensão entre Lacan e as sociedades de Psicanálise (IPA e SPP) que tiveram como efeito a separação do sujeito e outros discidentes (muitos que o escutam e por quem ele fala em S5): a questão da prática em Psicanálise e o controle da Psicanálise e dos psicanalistas e exercidos por estas instituições.

Em particular, pensem em tudo aquilo que, em sua prática analítica, é exatamente a conta certa para que vocês se entediam. Entediar-se, tudo se resume a nisso. Nesse dizer estão presentificados as (re)formulações nas sessões de análise estabelecidas pelo sujeito, respondendo a uma demanda histórica frente à mesmice improdutiva da prática da psicanálise ortodoxa. O “estopim” da exclusão de Lacan da SPP, em 1953, foram suas chamadas *sessões curtas*, em que o analista não trabalha com um tempo pré-determinado da sessão analítica. A sessão curta compreende uma temporalidade que é da ordem do inconsciente (haja visto que o inconsciente não tem tempo) e acompanha o conhecimento, a compreensão, e a conclusão das questões trazidas pelo analisando. Assim como fez com o significante, libertando-o do círculo que o limitava e do significado que o determinava, Lacan faz trabalhar a sessão analítica rompendo com o que está imposto. Imposição que para ele não está em Freud, pois não foi Freud que criou as regras institucionais da Psicanálise, de acordo com Lacan.

Esta transformação está relacionada com o segundo ponto aludido pelo sujeito. O controle institucional. O sentido trabalhado pelo sujeito é o de que as regras psicanalíticas institucionais são para controle dos psicanalistas na busca da homogeneização do saber e da prática, cujo efeito é o apagamento das vozes, da heterogeneidade, o que teria como consequência o controle e domínio da Psicanálise. *Uma grande parte, pelo menos, do que chamamos de regras técnicas a serem observadas pelo analista não são outra coisa senão meios de dar a essa ocupação as garantias de seu padrão profissional.* manter o *status* de psicanalistas que devem seguir um único modelo de profissional – o modelo imaginário de Freud, o fundador.

Esta é uma questão fundamental do discurso lacaniano como fundador: instaurar o outro, o diferente, e não apenas sustentar-se no repetível. Enquanto o *desejo* de alguns é ser Freud, o *desejo* de Lacan é ser outro a partir de Freud. Freud não é o modelo a ser seguido por Lacan, mas o seu *Outro*, o lugar simbólico e discursivo cuja relação de alteridade é instaurada no retorno à palavra freudiana.

Como alusão histórica, tem-se:

RDAH3:

Esses seus tempos são tão pouco sondados, que **um personagem eminentemente representativo da hierarquia psicanalítica** produziu um artigo inteiro, de cerca de uma dúzia de páginas – fiz alusão a ele em algum lugar, num de meus artigos –, para se deslumbrar com as virtudes do que chamou de **wording, palavra inglesa** que corresponde ao que, de maneira mais desajeitada, denominamos em francês de passagem ao verbal ou à verbalização. **Evidentemente, é mais elegante em inglês.** Singularmente, uma paciente se abismara com uma intervenção que ele fizera: ele havia proferido algo que significava mais ou menos que a moça tinha *demand*s singulares, ou mesmo intensas, o que, em inglês, tem um saber ainda mais acentuado do que em francês. Ela ficara literalmente transtornada, como por uma acusação ou uma denúncia. Mas, quando ele refizera a mesma interpretação, momentos depois, servindo-se da **palavra needs**, ou seja, necessidades, havia deparado com alguém completamente dócil na aceitação de sua interpretação. E o autor se deslumbrou com isso.

O caráter de montanha dado pelo autor em questão a essa descoberta mostramos a que ponto a arte do *wording* ainda está, no interior da psicanálise, ou, pelo menos, de um certo círculo da *psicanálise*, em estado primitivo. (p.91 (2)).

Esses seus tempos são tão pouco sondados [...], diz o sujeito, olhando para fora de S5. a exterioridade é tomada inferindo a possibilidade de ser produzir tudo (ou qualquer coisa) em psicanálise. A vigilância é sugerida. Equívoco laciano, haja visto que a vigilância institucional interdita a palavra laciana. Pode-se inferir um protesto do sujeito: nem tudo pode ser dito e o sujeito é colocado em um lugar de vigiar o que se diz sobre a psicanálise. Essa repetição – vigiar e interditar o que se diz sobre psicanálise – sugere a necessidade constitutiva de controlar a palavra freudiana: se assim não fosse, então o porquê de institucionalizá-la?

Neste recorte a alusão histórica é feita via heterogeneidade não-marcada: a ironia e o confronto é com a língua inglesa. Alusão à tradução inglesa das obras de Freud: *[...] wording, palavra inglesa [...], [...] palavra needs [...]*. No entanto, a autorização de Freud não é aludida. A **palavra inglesa** é colocada em confronto com a palavra francesa. Ou seja, a psicanálise inglesa (ortodoxa) pode dizer tudo enquanto a palavra laciana é interdita.

Neste ponto, tem-se materializado a questão da psicanálise francesa: uma psicanálise francesa, escrita em língua francesa, trazendo toda a força política e ideológica da França. A palavra fundadora de uma psicanálise francesa é palavra laciana. Em ***Evidentemente, é mais elegante em inglês [...]***, referência à superficialidade do que se diz em inglês sobre psicanálise.

A crítica é feita diretamente ao modo de atuação do psicanalista – ***um personagem eminentemente representativo da hierarquia psicanalítica*** – que trabalha se considerar o funcionamento significativo dos dizeres da paciente.

Este tipo de intervenção é colocada para apresentar o atraso ao qual a teoria e técnica da Psicanálise estão submetidos: *O caráter de montanha dado pelo autor em questão a essa descoberta mostra-nos a que ponto a arte do wording ainda está, no interior da psicanálise, ou, pelo menos, de um certo círculo da psicanálise, em estado primitivo.* Sair desse estado primitivo somente é possível via ruptura discursiva, instaurando sentidos outros, articulando a psicanálise com saberes mais desenvolvidos.

Segue-se outro recorte:

RDAH4:

Conviria dizer aqui algumas palavras sobre um dos problemas mais singulares da vida e da pessoa de Freud – sua relação com a mulher, à qual um dia talvez tenhamos oportunidade de voltar. Sua vida foi muito privada de mulheres, ou privou-se delas. Quase só conhecemos duas mulheres nela, a dele e a cunhada que vivia à sombra do casal. Na verdade, não temos nenhum indício de outra coisa que fosse uma relação propriamente amorosa. Em contrapartida, ele tinha uma tendência bastante deplorável **a acolher, com facilidade, sugestões provenientes da constelação feminina que se formou a seu redor, e cujas componentes se pretendiam continuadoras ou auxiliares de seu pensamento.** Assim é que bastou que lhe fosse proposto, por uma pessoa como Bárbara Low, um termo tão mediocrementemente adaptado, atrevo-me a dizê-lo, quanto *Nirvan principle*, para que ele lhe desse sua sanção. A relação que pode existir entre o Nirvana e a idéia do retorno da natureza ao inanimado é um tanto quanto aproximativa, mas, **já que Freud se contentou com ela, contentemo-nos nós também.** (p.252-253 (2)).

Recorte singular: é a única vez, em todo S5, em que se faz necessária referência ao homem Freud. Até então, a relação é em termos de palavra lacaniana e palavra freudiana. Essa referenciação é imposta pela questão que se segue: sugere o porquê das filiações de Freud em busca de sustentação para a psicanálise.

Tem-se um contraponto importante entre o funcionamento do sujeito Lacan e o funcionamento do sujeito Freud: enquanto este último tinha – como exterioridade – a tentativa de estabilizar o saber, sem instaurar conflitos, o primeiro constituiu-se entre conflitos com essa psicanálise estabilizada, que não corria riscos. Equívoco na (re)tomada da psicanálise, pois atribui-se ao insucesso de Freud com as mulheres o fato dele [...] **acolher, com facilidade, sugestões provenientes da constelação feminina que se formou a seu redor, e cujas componentes se pretendiam continuadoras ou auxiliares de seu pensamento.[...].** Equívoco que se sustenta no esquecimento do sujeito da necessidade da heterogeneidade e do fato de ser essa heterogeneidade a constitutiva da psicanálise, na época de Freud. Essas são as condições de produção do surgimento da Psicanálise. Como são medíocres, seus efeitos

também são tomados como tal: [...] *já que Freud se contentou com ela, contentemo-nos nós também.*

Para finalizar, mais um recorte:

RDAH5:

Aqui estamos nós, em **18 de junho**. **O papel do significante** na política – do significante do não, quando todo o mundo desliza para um **consentimento ignóbil** – nunca foi ainda estudado. **O 18 de junho é também o aniversário da fundação da Sociedade Francesa de psicanálise**. Também nós dissemos **não** num certo momento. (p.468 - Início da aula).

Neste recorte, tem-se uma alusão ao lugar daquilo que se funda. [...] *18 de junho* [...] é a data da referência à época da revolução máxima na história da França. Momento de ruptura, de luta política extremada. *O 18 de junho é também o aniversário da fundação da Sociedade Francesa de psicanálise. Também nós dissemos não num certo momento.* A SFP foi fundada depois do rompimento de Lacan e outros com a SPP. Momento também de ruptura. No entanto, o *não* dito à tudo com a psicanálise foi definitivo. É um *não* contraditório, pois a SFP era filiada à IPA. A revolução máxima na história da psicanálise na França estava sendo arranja nos entremeios do que se produzia. O rompimento efetivo, o *não* fundador virá em 1963 com excomunhão deste que diz o que Freud disse.

O S5 é um desses acontecimentos discursivos cujos efeitos de sentidos incidirão sobre o rompimento, tanto do primeiro como do definitivo. Seu [...] *papel do significante na política* [...] – na política chamada psicanálise – é de dizer o *não* ao [...] *consentimento ignóbil* [...] para tudo que se dizia e fazia sobre Psicanálise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PALAVRA LACANIANA COMO DISCURSO FUNDADOR

*O sentido a ser criado permanece em suspenso, em algum lugar entre o eu e o outro.
Jacques Lacan, 1999, p.67.*

Esta pesquisa foi uma tentativa de responder à questão: *O que faz do discurso lacaniano um discurso fundador no campo discursivo da Psicanálise?* – considerando o discurso lacaniano como uma psicanálise outra. A instauração de sentidos outros, dentro do campo psicanalítico, faz do discurso lacaniano um discurso fundador. Ao deslocar e produzir (in)versões outras de sentidos, a partir de filiações sócio-históricas, não apenas se produz sentidos outros, mas estes se instauram nos lugares discursivos produzidos pelos dizeres freudianos, onde os sentidos estavam em suspensão, na discursividade psicanalítica.

Em S5 quais foram os sentidos instaurados, no limite dos recortes discursivos, como resultante das articulações do sujeito do discurso, de seu lugar discursivo de psicanalista? A técnica psicanalítica passa a sofrer os efeitos da análise lingüística, pois os efeitos psicológicos passam a ser visto sob a ótica de um *engendramento* de sentidos e a análise incide sobre a verbalização – a construção significativa – desses sentidos; o desejo passa a ser tomado a partir de sua demanda inscrita na construção (e transposição) significativa de sonhos e sentimentos, pois esse é da ordem do irrealizável, apenas viabilizado; a linguagem é constitutiva do sujeito e o Outro (aquele que escuta) passa a ser tomado como o lugar simbólico de constituição desse sujeito; a metonímia e a metáfora substituem (na linguagem psicanalítica) o deslocamento e a condensação, como funcionamentos inconscientes: o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Os sentidos outros da psicanálise lacaniana – psicanálise lacaniana em uma relação de alteridade com o restante do campo psicanalítico e relação constitutiva, em que o conflito entre os *alter egos* da psicanálise fazem esse saber funcionar – foram determinados por sentidos aos quais o sujeito se filiou partindo dos sentidos fundantes em Freud: ao desejo em Hegel, ao significativo em Saussure, à metonímia e à metáfora em Jakobson. Ao deslocar (Ação Discursiva Metonímica), ao substituir e sobrepor, articulando (in)versões (Ação Discursiva Metafórica) um sentido outro de desejo, um sentido outro de significativo, um

sentido outro do funcionamento inconsciente se instaura na Psicanálise. Doravante, dentro da discursividade psicanalítica, o mental se confronta com o verbal, o biológico se confronta com o social, a subjetividade se constitui na relação de um sujeito com outro sujeito e o desejo realizado no sonho em confronto com sua demanda de sempre se realizar.

Abordei fragmentos da heterogeneidade constitutiva deste discurso para chegar a esses sentidos outros da psicanálise lacaniana. Ao constituir-se via heterogeneidade instaura-se o possível e necessário retorno a esses sentidos fundadores, assim como a possibilidade de outros discursos, a partir do discurso lacaniano. Resultante da suspensão de sentidos na Psicanálise, em movimento histórico permanente. As escolas de psicanálise lacaniana, os estudos da linguagem – entre outros – retornam ao discurso fundador do inconsciente estruturado como uma linguagem e, nesse retorno, sentidos outros são produzidos que ficam na dispersão dos sentidos psicanalíticos ou se “atraem” na tentativa de dar unidade ao saber lacaniano. O retorno é um retorno ao texto (agora já-dito) lacaniano, efeito do, então, pré-construído da palavra lacaniana.

Este discurso fundador instaura, no universo científico, a heterogeneidade, o *não-um*. a ciência da subjetividade é heterogênea. Uma noção científica é resultado da articulação histórica de diferentes noções. A noção de inconsciente estruturado como uma linguagem é resultante da articulação entre Psicanálise, Linguística e Antropologia. A noção de significante é trabalhada a partir do signo saussuriano. O trabalho científico passa a ser de transformação, dado que o objeto da Psicanálise é o inconsciente e seu sujeito – não observáveis empiricamente, apreendidos somente pela linguagem e seus furos. Como todo discurso, o discurso científico também é resultante do “agito” das filiações sócio-históricas de seus sujeitos.

Ao produzir sentidos outros (e ser efeito deles) o discurso lacaniano é fundador por que inaugura – via deslocamento e (in)versões de sentidos – na Psicanálise, a heterogeneidade como determinante do saber. A “ciência” é, assim, um efeito de pré-construídos que se articulam no interdiscurso e cada saber um tipo que apresenta a negociação dos sujeitos com a heterogeneidade constitutiva. A homogeneidade científica é uma ilusão: a ciência é construída de fragmentos. Sujeitos da ciência são fragmentados; a história é fragmentada; o saber científico é fragmentado e só pode ser tomado via fragmentos, dada a impossibilidade de completude desse saber.

Lacan foi levado, pelas circunstâncias históricas¹³⁰, a buscar o lugar da Psicanálise como ciência, daí seu discurso ser científico, mas esse discurso nega a homogeneidade buscada pela ciência formal, objetiva: o discurso pedagógico-científico lacaniano é heterogêneo e o sujeito trabalha a partir desta heterogeneidade que tem suas especificidades históricas. Não é um discurso monológico apesar de se constituir como um discurso dogmático. Trazer o *Outro* é uma exigência discursiva e falar em terceira pessoa do plural é dar voz aos outros, também, interditados no campo psicanalítico, construindo filiações institucionais entre esses sujeitos.

Ao quebrar as relações sociais (e institucionais) com a psicanálise freudiana (e não com a palavra freudiana) o discurso lacaniano estabelece uma outra busca do saber em Psicanálise: como discurso fundador de uma psicanálise outra, se constituindo como científico (e pedagógico) há uma filiação com o histórico e com o social, não eliminando a presença do outro no discurso da “ciência” e da “verdade”, em Psicanálise¹³¹.

As (re)tomadas e as (re)formulações dos já-ditos e sentidos da Psicanálise produzem efeitos de sentidos que resultam no discurso lacaniano fundador, revelando o imaginário da Psicanálise que antecede a esse acontecimento: biologização da Psicanálise, controle e homogeneização da teoria e técnica psicanalítica, interdição da heterogeneidade, não reconhecimento institucional da existência da suspensão dos sentidos freudianos. Essa (re)formulação do saber psicanalítico o (re)organiza rompendo com esse imaginário, produzindo um outro: o imaginário do discurso lacaniano.

O acontecimento discursivo S5 rompe com a ordem da mera repetição de sentidos na Psicanálise, mas não apaga o já-dito freudiano. Como discurso fundador, os sentidos outros produzidos não apagam os sentidos fundantes da Psicanálise, mantendo-se dentro do campo psicanalítico em permanente *tensão* entre seus sentidos fundantes e fundadores. Essa *tensão* é representada pela separação institucional na Psicanálise. A psicanálise lacaniana não se representa pelas mesmas instituições que os não lacanianos.

Esta *tensão* pode, na atualidade, ser inferida no uso do significante *freudiano(a)*. Esse adjetivo – referência lingüística e histórica – aponta para o pertencimento de sujeitos e dizeres

¹³⁰ Conforme Dosse (1993) fazer ciência era o grande objetivo das disciplinas filiadas ao estruturalismo nesta época.

¹³¹ Neste ponto, o discurso lacaniano rompe com o colocado por Authier-Revuz (2004): “Dois tipos de discurso [...] podem não apresentar nenhuma marca de heterogeneidade mostrada: o discurso científico e a escritura política [...]. Desde que um discurso tende a se representar [...] como discurso da verdade, fora de qualquer especificidade histórica e individual, elimina qualquer traço mostrado do outro.” (p.74-75).

à Psicanálise e, também, à palavra freudiana disputada pelos psicanalistas, em geral¹³². Disputa que – ainda como era no princípio – tem por efeito a tentativa de apagamento desta ou daquela teorização de dentro da Psicanálise: os psicanalistas filiados à IPA¹³³ são freudianos; os psicanalistas são freudianos antes de lacanianos. Na psicanálise lacaniana continua o mesmo conflito fundante: a primeira palavra é sempre de Freud, a partir dela constituem-se outros ditos.

Em AD, não questionamos existência da heterogeneidade como constitutiva de discursos e o retorno insistente desse outro à superfície da língua é tomado como uma espécie de aviso (inconsciente como é na Psicanálise) de que, neste ponto, algo falha e dessa falha é possível a emergência de sentidos. Assim, qual a necessidade histórica de se repetir *que Freud disse* ou que *Somos freudianos* e, na seqüência, advém sempre sentidos outros? Em psicanálise, os psicanalistas não se desvinculam desse pai fundante. Mas, discursivamente, se o discurso freudiano está instaurado na ordem de uma discursividade fundante, então a marca *freudiano(a)* funciona como garantia de existência e insistência no campo discursivo da Psicanálise. O fato de estar inserido nesse campo poderia dar conta do que insiste. Todavia, o conflito entre ser freudiano e/ou laciano está presente na materialidade. Esta espécie de “insegurança” discursiva, no entanto, é coerente com a condição de discurso fundador do discurso laciano: é fundador dentro de uma discursividade que pré-existe, por isso não é possível um corte simbólico, não é possível não ser freudiano. E ser freudiano continua não sendo mérito apenas dos lacianos: os bionianos, os kleinianos, os winnicotianos, e outros – *ianos*, também continuam sendo freudianos, assim como continua o jogo contraditório dessas formações ideológicas, no campo.

Este não apagamento do já-dito freudiano e a produção de sentidos outros, concomitantemente, é possível pela denegação do outro. Aqui, é possível contemplar uma das hipóteses de trabalho em que as marcas de heterogeneidades mostradas funcionam, nesses deslocamentos e (in)versões de sentidos, não como uma afirmação ou negação de sentidos pré-asseridos, pré-construídos na Lingüística e na Psicanálise, mas como denegação destes, tendo como efeito desses sentidos denegados o discurso laciano fundador de uma discursividade outra. Esta denegação tem, na atualidade, quando voltamos ao discurso laciano, o efeito de distanciamento entre o dizer laciano e o dizer freudiano, em questionamentos como “Isso não está em Freud?”. Mas é a partir do já-dito freudiano, na

¹³² Há uma convivência social amena entre esses diferentes freudianos. No entanto, científica e institucionalmente o conflito permanece.

¹³³ Que achariam esta pesquisa um ultraje à psicanálise: Como discurso laciano fundador?

suspensão e ruptura de seus sentidos que os sentidos outros da psicanálise lacaniana são produzidos. Então, dessa maneira, *isso* está em Freud.

A hipótese nuclear, desta pesquisa, é a de que essa discursividade outra (o discurso lacaniano) é constituída por deslocamentos de sentidos que instauram uma ruptura a partir dos sentidos fundantes da Lingüística e da psicanálise freudiana. No entanto, o discurso lacaniano impôs, a esta análise, uma complementação a este modo de produzir sentidos, de instauração de ruptura: o da metaforização de sentidos, aqui denominada de (in)versão de sentidos. Dessa maneira, esta hipótese não foi refutada, mas complementada: os sentidos são deslocados e (in)vertidos, vertidos em sentidos outros, sempre sob determinações da Psicanálise. São arranjos com os fragmentos da heterogeneidade constitutiva deste campo.

A contemplação destas hipóteses é conseqüência do alcance de meus objetivos: descreví a heterogeneidade mostrada, explicitando dizeres deslocados e (in)vertidos, analisando e interpretando-os a partir das filiações soció-históricas do sujeito.

Como consideração final, nesta pesquisa, alguns pontos devem ser sublinhados. A saber:

- 1) A Psicanálise, como área de saber, reclama por discursos fundadores, a partir do discurso fundante freudiano. Sua permanência (e insistência) histórica é resultante de devires dentro dessa discursividade. Não é possível, aqui, inferir se todos os devires são fundadores de sentidos outros, como o discurso lacaniano. No entanto, são, minimamente, formações ideológicas diferentes que instauram uma constância de (re)formulações e transformações dos sentidos fundantes.
- 2) Há sempre a necessidade de rupturas discursivas. Na Psicanálise, seu objeto de estudo exige isso: o inconsciente é sempre movimento, funcionamento. É preciso sempre olhá-lo pelos furos no que é dito acerca de inconsciente.
- 3) A Psicanálise, já em Freud, constituiu-se por meio de interfaces e é por meio delas que se mantém como uma necessidade de conhecimento, na atualidade.
- 4) A (re)leitura e interpretação lacaniana da Psicanálise não esgotaram seus sentidos. Assim como sentidos em suspensão estão presentes na psicanálise lacaniana.

Desta maneira, espero ter conseguido mostrar como a produção lacaniana fez funcionar a Psicanálise, fez movimentar – via conflitos e equívocos – esta infinita área de conhecimento acerca do ser humano, onde a obra lacaniana é apenas um dos furos e S5 é

apenas um dos furos dentro desta obra lacaniana. Furo de onde emergem sentidos outros na Psicanálise.

O discurso lacaniano se caracteriza por ser um desvio, uma (in)versão e uma subversão da palavra freudiana. Movimentos que mantêm, sempre, o efeito da palavra lacaniana: inquietar o campo discursivo da Psicanálise, inquietar leitores e inquietar pesquisadores. Inquietação que torna impossível concluir esta leitura discursiva da palavra lacaniana, pois sendo fundadora é mesmo impossível de ser concluída, de ser esgotada.

Assim, o sentido da palavra lacaniana fundadora permanece em suspense entre Lacan e nós – os outros constitutivos dessa discursividade.

Espero, também, ter conseguido, com esta pesquisa, fazer funcionar a Análise do Discurso. Pesquisa que é furo, equívoco e contradição e, sendo assim, tem efeitos de sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, Jean. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995. 280p.

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. Trad. Walter José Evangelista. 3ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 93 p.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e Psicanálise. Lingüística e inconsciente*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 244p. (Coleção Transmissão da Psicanálise)

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativas(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (19): 25-42, Jul./Dez. 1990.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004. 257p.

_____. *Palavras incertas: As não-coincidências do dizer*. Trad. Claudia R. Castellanos Pfeiffer *et. ali*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. 200p.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos A.L. Salum e Ana L. Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

CÁCERES, Víctor E. *Jacques Lacan: ¿Fundador de discursividad?* (Arqueología y Psicoanálisis). Trabalho apresentado em La Reunión Lacanoamericana – Tucumán-Argentina – Octubre 2003). Disponível em <http://www.monografias.com>. Acesso em 22 de Maio de 2006.

CARPES, Maria Cristina. *Freud e a construção do discurso fundador da Psicanálise*. 2005.139 f. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*. *Langages* 62: 9-129, juin 1981.

DASCAL, Marcelo. As convulsões metodológicas da lingüística contemporânea. In: _____ . (Org.). *Concepções gerais da Teoria lingüística*. Vol.1. São Paulo: Global, 1978. p. 17-41. Série Linguagem, comunicação e Sociedade.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. Carlos Eduardo Reis. 3ª ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1992. 203 p.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o campo do signo*. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed.; V.1. São Paulo: Ensaio, campinas: EDUCAMP. 1993. 447 p.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 80 p. (Psicanálise Passo-a-Passo).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ªed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2127 p.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. Lacan, o “liberatore” da Psicanálise. In: *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. 2ª ed. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (Coleção Ditos e Escritos I).

_____. *A Arqueologia do Saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 239 p. (Coleção Campo Teórico).

_____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79 p.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagem, 1992. p. 264-298.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

FREUD, Sigmund. A historia do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, Sigmund, *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições *Standard* brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-73.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos. Parte I. In: FREUD, Sigmund, *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições *Standard* brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 363 p.

_____. A psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, Sigmund, *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições *Standard* brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 311p.

_____. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, Sigmund, *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições *Standard* brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, Sigmund, *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições *Standard* brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 247p.

_____. Três sobre a teoria da sexualidade infantil. In: FREUD, Sigmund, *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edições *Standard* brasileira. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALLOP, Jane. *Lendo Lacan*. Trad. Ana Maria Barreiros. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREGOLIN, Mario do Rosário. *Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos*. In: FERNANDES, Cleudemar. A. & SANTOS, João Bosco Cabral. *Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-43.

HENRY, Paul. Sentido, sujeito, origem. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *O discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ªed. Campinas: Pontes, 2001. p.151 – 162.

_____. A história não existe? In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos de leitura*. Campinas: EDUCAMP, 1994, p. 29 – 54.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol.3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 55-92.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 4ªed. rev..São Paulo: Cultrix, 1976. 162 p.

JORGE, Marco A.C. & FERREIRA, Nádia P. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JULIEN, Philippe. *O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao Espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496 – 533.

_____. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O Seminário, livro 5: as formações do Inconsciente (1957-1958)*. Texto estabelecido por Jacques Alain – Miller. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999. 542p. (Coleção Campos Freudiano no Brasil).

_____. *O Seminário, livro3: As psicoses. (1955/1956)*. 2. ed. revista. Texto estabelecido por Jacques Alain – Miller. Versão Brasileira de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 366 p. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

_____. Prefácio (1969). In: Lemaire, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1979. p.17-27.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. 128 p.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão *et alii*. 5ªed. Campinas: EDUCAMP, 2003. p. 525-541.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. Sobre singularidade. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (38): 38-49, Janeiro/Junho. 2000. p.39-49.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso - (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003. 110 p.

MARIANI, Bethânia. *Silêncio e Metáfora, algo para se pensar*. Porto Alegre. Disponível em CD-ROM – II SEAD, 2005.

MARINI, Marcele. *Lacan: a trajetória de seu ensino*. Trad. Leda Mariza F. Bernardino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 317 p.

MILLER, Jacques Alain. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. (Coleção O Campo Freudiano no Brasil).

MILNER, J.C. *O amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. 4ªed. Campinas: Pontes, 2002. 100 p.

_____. Vão surgindo os sentidos. In: Orlandi, Eni P. (org.). *O discurso fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ªed. Campinas: Pontes, 2001. p.11 – 25.

_____. Segmentar ou recortar? *Revista do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Uberaba*. Série Estudos, nº10, 1984. p. 12 – 22.

PACHECO, Olandina M. C. de Assis. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 107 p. (Coleção Transmissão da Psicanálise).

PAYER, M. Onice. Discurso, Memória e oralidade. *Horizontes*, v.23, nº 1, jan./jun. 2005, p. 47-56.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do discurso: Atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990a. p.163-186.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma Análise Automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990b. pp.61-105.

_____. A Análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma Análise Automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990c.p.311-318.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos de Linguagem*, Campinas (19): jul/dez, 1990. p. 7 – 24.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. *Gestos de leitura: da história ao discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p.55-66. (Coleção Repertórios).

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002. 68p.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ªed. Campinas: EDUNICAMP, 1997. 317p.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso. Publicado na revista *Mots*, de Março de 1984. p.07-16. Abril de 1983.

PESSOA, Fernando. Agnosticismo superior (1907). *Revista Entre Livros*. São Paulo: Ediouro. Ano I, n. 10, p. 28 – 47.2006.

POSSENTI, Sírio. Sobre as noções de sentido e efeito de sentido. *Cadernos da F.F.C.*, v.6, n.2, 1997, p. 1- 11.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala. s/d. 107p.

ROUDINESCO, Elizabeth. *História da Psicanálise na França: A batalha dos cem anos. Volume 2: 1925-1985*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. 835 p.

_____. *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 548 p.

_____. *Por que a psicanálise?* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 163 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral*. Organizado por Charles Baley e Albert Sechehaye. Trad. A. Chelini, J.P. Paes e I. Blikstein. 20ªed. São Paulo: Cultrix Ltda. 279 p.

SILVEIRA, Eliane Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística*. 2003. 154 f. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

SIMANKE, Richard Theisen. *Metapsicologia lacaniana. Os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002. 537 p.

SILVA, Angela Maria; PINHEIRO, Maria Salete de F. & FRANÇA, Maira Nani. *Guia para normalização de trabalhos técnicos-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos e teses*. 5.ed.rev.e ampl. Uberlândia: UFU, 2006.144p.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VANIER, Alain. *Lacan*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. 124 p. (Figuras do Saber).

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. Acontecimento, Arquivo, memória: às margens da lei. In: *LEITURA-Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística*. LCV-CHLA-UFAL, n.30, jul./dez. 2002. (s/p.)(in-mimeo).

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 896 p.

ANEXOS

RECORTES DISCURSIVOS DO *CORPUS* DA PESQUISA: *O SEMINÁRIO, LIVRO 5: AS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE – 1957/1958, DE JACQUES LACAN.*

Os recortes são constituídos por dizeres que compõem cada tópico das aulas, que acompanham uma subtemática da aula: data da aula, seguida das páginas da transcrição, seguida da numeração do tópico a que pertence.

1 RDL: Recortes Discursivos dos dizeres lacanianos sobre a lingüística

RDL1:

Tomamos este ano por tema nosso seminário as formações do inconsciente. Aqueles dentre vocês, e creio que são a maioria, que estiveram aqui ontem à noite em nossa sessão científica, já estão afinados e sabem as questões que levantaremos aqui dizem respeito, desta vez de maneira direta, à função, no inconsciente, daquilo que ao longo dos anos anteriores elaboramos como sendo o significante.

Alguns de vocês – expresse-me assim porque minhas ambições são modestas – terão lido, espero, o artigo que publiquei no terceiro número da revista *La Psychanalyse*, com o título “ A instância da letra no inconsciente”. Os que tiverem tido essa coragem estarão em boas condições, ou em melhor situação do que os outros, para acompanhar aquilo de que se tratará. Aliás, uma pretensão modesta que posso ter, parece-me, é que vocês, que se dão ao trabalho de escutar o que digo, também se dêem ao trabalho de ler o que escrevo, já que, afinal, é para vocês que o faço. Quem não tiver lido, portanto, fará bem se reportar a este artigo, já que lhe farei referência o tempo todo. Sou obrigado a dar por conhecido o que já foi enunciado uma vez.” (primeira aula do seminário, dia 06/11/1957, p.11 -12).

RDL2:

Não lhes lembrarei como são geradas as letrinhas, mas com certeza, depois de manipulações que permitem defini-las, chegamos a algo muito simples. Cada uma delas, com efeito, é definida pelas relações mútuas entre dois termos de dois pares, o par simétrico e do dissimétrico, do disssimétrico e do simétrico, e, e, seguida, o par do semelhante com o dessemelhante, e do dessemelhante com o semelhante. Temos aí, portanto, um grupo de quatro significantes que têm a propriedade de cada um deles se analisável em função de suas

relações com os outros três. Para confirmar, de passagem, esta análise, acrescentarei que um grupo assim é, segundo Roman Jakobson, em suas próprias palavras, que colhi quando o encontrei recentemente, o grupo mínimo de significantes que se faz necessário para que sejam dadas as condições primárias, elementares, da análise lingüística. Ora, como verão, esta última tem a mais estreita relação com a psicanálise pura e simples. Elas chegam a se confundir. Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra.

[...]

A relação do significante com o significado, tão sensível nesse diálogo, levou-me a fazer referência ao célebre esquema de Ferdinand de Saussure em que vemos representado o duplo fluxo paralelo do significante e do significado, distintos e fadados a um perpétuo deslizamento um sobre o outro.” (06/11/1957,p. 13-16 (1)).

2 RDP: Recortes Discursivos dos Dizeres lacanianos sobre a psicanálise freudiana, a partir da (re)leitura do sujeito do discurso Jacques Lacan das obras freudianas *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *A Interpretação dos Sonhos* – trilogia freudiana da constituição do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Os RDPs que se seguem foram retirados da aula O – O FAMILIONÁRIO, de 06/11/1957 e da aula II– O FÁTUO-MILIONÁRIO de 13/11/1957.

“Freud não fez o levantamento a que acabo de aludir a respeito da tradição européia do *Witz*. Ele nos revela suas fontes, que são claras – três livros muito sensatos, muito legíveis, daqueles honrados professores alemães de pequenas universidades, que tinham tempo para refletir pacatamente e que faziam coisas nadas pedantes. São eles Kuno Fischer, Theodor Vischer e Theodor Lipps, um professor de Munique que escreveu a melhor coisa dos três e que foi muito, longe, chegando até a abrir os braços para a investigação freudiana. Simplesmente, se o sr. Lipps não fosse tão cioso da respeitabilidade de seu *Witz*, se não tivesse querido que houvesse o *Witz* falso e o verdadeiro, certamente teria ido muito mais longe. Foi

isso que, ao contrário, não deteve Freud. Ele já tinha o hábito de se expor, e foi por essa razão que enxergou com muito mais clareza. E também por ter visto as relações estruturais existentes entre o *Witz* e o inconsciente.

Em que plano ele as viu? Unicamente num plano que podemos chamar formal. refiro-me ao *formal* não no sentido das belas formas, das linhas arredondadas, de tudo aquilo com que tentam tornar a nos mergulhar no mais negro obscurantismo, mas no sentido como se fala da forma na teoria literária, por exemplo. Com efeito, há mais uma outra tradição de que não lhes falei, também porque terei que voltar a ela com frequência, que é uma tradição nascida recentemente - a tradição tcheca. Sua ignorância leva vocês a crerem que a referência ao formalismo tem um sentido vago. De modo algum. O formalismo tem um sentido extremamente preciso – é uma escola crítica literária, que a organização estatal que se coloca em defesa do sputnik já vem perseguindo há algum tempo. Seja como for, é no nível desse formalismo, isto é, de uma teoria estrutural do significante como tal, que Freud se coloca, e o resultado não deixa dúvidas, é mesmo perfeitamente convincente. É uma chave que permite ir muito mais longe.

Depois de haver pedido que leiam meus artigos de vez em quando, nem sequer preciso pedir-lhes que leiam o livro de Freud, *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*. Já que este ano lhes estou falando do *Witz*, isso me pareceu o mínimo. Vocês verão que a economia desse livro baseia-se em que Freud parte da técnica do chiste e volta sempre a ela. Que quer dizer isso para ele? Trata-se da *técnica verbal*, como se costuma dizer. Eu lhes digo, mais precisamente, *técnica do significante*.

É por partir da técnica do significante e por voltar a ela incessantemente que Freud deslinda verdadeiramente o problema. Faz aparecerem aí planos distintos e, de repente, vemos com a máxima nitidez aquilo que é preciso saber distinguir para não nos perdermos em confusões perpétuas do significado, em pensamentos que não permitem que nos localizemos. Vemos, por exemplo, que há um problema do espírito e há um problema do cômico, e que eles não são a mesma coisa. Similarmente, o problema do cômico e o problema do riso, por mais que volta e meia andem juntos, e que até suceda aos três se embaralharem, tampouco é o mesmo problema.

Em suma, para esclarecer o problema do espírito, Freud parte da técnica significante, e é dela que partiremos com ele.

Curiosamente, isso se passa num nível que, com certeza, não há nenhuma indicação de que seja o do inconsciente, mas, por razões profundas, que se prendem à natureza mesma daquilo de que se trata no *Witz*, é precisamente ao olharmos para isso que veremos com mais

certeza aquilo que não está totalmente ali, aquilo que está de lado, e que é o inconsciente. O inconsciente, justamente, só se esclarece e só se entrega quando o olhamos meio de lado. Aí está uma coisa que vocês reencontrarão o tempo todo no *Witz*, pois tal é sua própria natureza – vocês olham para ele, e é isso que lhes permite ver o que não está ali.

Comecemos, pois, com Freud, pelas chaves da técnica do significante.”

[...]

“E foi nisso que se deteve Freud.

Famillionário, que é isso? Será um neologismo, um lapso, uma tirada espirituosa? É uma tirada espirituosa, seguramente, mas o simples fato de eu ter sido capaz de formular as outras duas perguntas já nos introduz numa ambigüidade do significante no inconsciente. Que nos diz Freud? Que reconhecemos aí o mecanismo da condensação, que ela é materializada no material do significante, que se trata de uma espécie de engavetamento, com a ajuda sabe-se lá de que máquina, entre duas linhas da cadeia significante. Freud completa a afirmação com um esquema significante muito bonito, onde primeiro se inscreve *familiar* e, logo abaixo, *milionário*. Foneticamente, *ar/ário* encontra-se dos dois lados, o mesmo se dá com o *mili*, isso se condensa e, no intervalo entre os dois, aparece *famillionário*.

Famili ar

 Mili onário
 FaMILIonÁRIO

Tentemos ver em que resulta isso no esquema que está no quadro. Sou obrigado a andar depressa, mas tenho que lhes apontar uma coisa.

Podemos, evidentemente, esquematizar o discurso, dizendo que ele parte do [Eu] e vai para o outro. E mais correto perceber que, não importa o que pensemos, todo discurso parte do Outro, [...], reflete-se no [Eu], [...], já que é preciso que este seja incluído na história, retorna ao Outro no segundo tempo – donde a invocação ao Outro, *Eu tinha com Salomon Rothschild perfeita familiaridade* – e, em seguida, corre para a mensagem, [...].”

[...]

“Há duas coisas no livro de Freud sobre a tirada espirituosa – a promoção da técnica significante e a referência expressa ao Outro como terceiro. Essa referência, que repito há anos, é absolutamente articulada por Freud, muito especialmente na segunda parte de seu livro, mas forçosamente desde o início.

Poe exemplo, Freud realça perpetuamente a diferença entre a tirada espirituosa e o cômico, que se vincula a que o cômico é dual. O cômico é a relação dual, e é preciso haver o

Outro terceiro para que exista a tirada espirituosa. A sanção do Outro terceiro, seja ele suportado ou não por um indivíduo, é essencial aqui. O outro rebate a bola, alinha a mensagem no código como tirada espirituosa. Ele diz no código: *Isto é um tirada espirituosa*. Quando ninguém faz isso, não há tirada espirituosa. Quando ninguém se apercebe disso, quando *fâmilionario* é um lapso, ele não constitui um tirada espirituosa. É preciso, portanto, que o Outro o codifique como tirada espirituosa, que ele seja inscrito no código através dessa intervenção do Outro.” (06/11/1957, p.23– 29 (3)).

“Se análise desta tirada é útil para nosso objetivo, se esse ponto foi exemplar, é porque ele nos manifesta – já que, infelizmente, isso é necessário -, de maneira indubitável, a importância do significante naquilo que, com Freud, podemos chamar de mecanismos do inconsciente.”

[...]

“Já que vocês entreabiram, desde a última vez – ao menos a maioria de vocês, espero – o livro de Freud sobre o *Witz*, puderam perceber que toda a argumentação dele gira em torno da técnica do chiste como técnica de linguagem. Se o que surge de sentido e significação no chiste parece-lhe digno de ser aproximado do inconsciente, isso se fundamenta apenas em sua função de prazer. Aí está uma coisa que fico martelando, pois tudo o que tenho a dizer sobre a tirada espirituosa se relaciona com isso: o essencial gira, sempre e unicamente, em torno de analogias estruturais que só são concebíveis no plano lingüístico, e que se manifestam entre o aspecto técnico ou verbal do chiste e os mecanismos próprios do inconsciente, que Freud descobriu sobre nomes diversos, tais como condensação e deslocamento – limito-me a esses dois, por hoje.”

[...]

“O fenômeno essencial é o nó, o ponto onde aparece esse significante novo e paradoxal, *fâmilionario*. Freud parte dele e a ele retorna incessantemente, pede que nos detenhamos nele e, até o fim de especulação sobre a tirada espirituosa, como verão, não deixa de voltar a ele como sendo o fenômeno essencial. Esse fenômeno central. Ele nos informa sobre o plano que nos é próprio, o das relações com o inconsciente, ao mesmo tempo em que ilumina com uma nova perspectiva aquilo que conduz pelas tendências – é essa a palavra empregada no livro -, bem como aquilo que o cerca e que se irradia a partir dele, o cômico, o riso, etc. Sem nos determos nisso, não poderíamos articular validamente as seqüências e acompanhamentos do fenômeno, bem com suas fontes e pontos de interesse.” (13/11/1957, p. 30 – 32 (1)).

“Que pode querer dizer seu esquema? Talvez queira dizer que houve algo que caiu dentro do intervalo, que é eludido na articulação do sentido, ao mesmo tempo que se produziu alguma coisa que comprimiu, que embutiu um no outro o *familiar* e o *milionário*, de modo a produzir *famillionário*, o qual, por seu turno, permaneceu. Há nisso uma espécie de caso particular da função de substituição, um caso particular do qual como que restam vestígios. A condensação, podemos dizer assim, é uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função de substituição.” (13/11/1957, p.34 (2)).

“Dessa aproximação entre a tirada espirituosa e o lapso, Freud Nos dá inúmeros exemplos na *Psicopatologia da vida cotidiana*. Vez por outra, o lapso é tão próximo do chiste que o próprio Freud é forçado a dizer, e somos forçados a acreditar em sua palavra, que o contexto exclui a hipótese de que o paciente ou a paciente tenham feito aquela criação à guisa de chiste.

Em algum lugar desse livro, Freud dá o exemplo da mulher que falando da situação recíproca de homens e mulheres, diz: *Para que uma mulher interesse aos homens, ela tem que ser bonita* – o que não é concebido a todo o mundo, deixa ela implícito em sua frase -, *mas, para o homem, basta que ele tenha os cinco membros direitos*.

Essas expressões nem sempre são plenamente traduzíveis e, muitas vezes, sou obrigado a fazer uma transposição completa, isto é, a recriar a palavra em francês. Quase seria preciso empregar a expressão “totalmente rijo” [*tout raide*]. A palavra “direito” [*droit*] não é de uso corrente nesse caso, é tão pouco corrente, aliás, quanto em alemão. Freud precisa fazer uma glosa a respeito dos quatro e dos cinco membros para explicar a gênese da coisa. A tendência um tantinho indecorosa é inquestionável. O que Freud nos mostra, em todos os casos, é que a palavra não acerta *diretamente o alvo* [*droit au but*], nem em alemão e nem em francês. Por outro lado, o contexto exclui a hipótese de que a mulher seja tão crua assim intencionalmente. Trata-se efetivamente de um lapso, mas vocês estão vendo como isso se assemelha a um chiste. [...]

O que nos mostra a análise feita por Freud sobre o esquecimento de um nome próprio e, ainda por cima, estrangeiro?

Lemos a *Psicopatologia da vida cotidiana* como lemos o jornal, e a conhecemos tão de cor que achamos que isso não merece que nos detenhamos. Essas coisas, no entanto, foram os passos de Freud, e cada um de seus passos merece ser preservado, é portador de ensinamentos e rico em conseqüências. Observo de passagem que, com um nome, e um nome próprio, estamos no nível da mensagem. Teremos que descobrir a importância disso mais tarde, pois não posso dizer-lhes tudo de uma vez, diversamente dos *psicanalistas de hoje*, que

são tão doutos que dizem tudo de uma vez só, falam do [eu] e do eu como coisas sem complexidade alguma, misturam tudo. Trago-lhes esboços aos quais retornarei e aos quais darei um desenvolvimento depois.

O nome próprio de que se trata é um nome estrangeiro, na medida em que seus elementos são estranhos à língua de Freud. *Signor* não é uma palavra da língua alemã, e Freud sublinha que isso não é sem importância. Ele não nos diz porquê, mas o fato de destacá-lo no capítulo inicial prova que considera que esse é um ponto particularmente sensível da realidade abordada. Se Freud aponta isso, é por estarmos numa dimensão diferente da do nome próprio como tal, que está sempre mais ou menos ligado a signos cabalísticos. Se o nome fosse absolutamente próprio e particular, não haveria pátria.

Há um outro fato que Freud também destaca logo de saída, embora estejamos habituados a não nos deter nele. Com efeito, o que lhe pareceu notável no esquecimento dos nomes próprios, tal como ele começa evocando para abordar a *Psicopatologia da vida cotidiana*, é que esse esquecimento não é um esquecimento absoluto, um vazio, uma hiância, ou seja, um espanto. Não há como ficar espantado, realmente, senão com o que já se começou, por pouco que seja, a aceitar, caso contrário não se pára de maneira alguma nesse ponto, porque não se enxerga nada. Mas Freud, justamente, advertido por sua experiência com os neuróticos, vê que o fato de se produzirem substituições justifica que nos detenhamos nele.

[...]

Tudo se centra em torno do que podemos chamar de aproximação metonímica. Por quê? Porque o que ressurgiu, antes de mais nada, são nomes substitutos – *Botticelli* e *Boltraffio*. Não há dúvida de que Freud situa o fenômeno no plano metonímico. Podemos apreendê-lo - é por essa razão que estou fazendo esse desvio pela análise de um esquecimento – pelo fato de que o surgimento desses nomes, no lugar do *Signorelli* esquecido, situa-se no plano de uma formação não mais de substituição, porém de combinação. Na análise que Freud faz do caso, não há nenhuma relação perceptível entre *Signorelli*, *Boltraffio* e *Botticelli*, exceto relações indiretas, ligadas unicamente a fenômenos do significante.

Atenho-me primeiro àquilo que Freud nos diz e que se impõe em seu rigor. Essa é uma das demonstrações mais claras que ele deu dos mecanismos atuantes num fenômeno de formação e deformação ligado ao inconsciente. De minha parte, sou forçado, em prol da clareza de minha própria exposição, a lhes apresentar esta análise de maneira indireta, dizendo: *Isso é o que Freud diz*.

Ele nos diz por que *Botticelli* está ali. A última metade da palavra, *elli*, é o resto de *Signorelli*, desfalcado pelo fato de *Signor* ter sido esquecido. Bo é o resto, o desfalcado de

Bósnia-Herzegovina, na medida em que Herr foi recalcado. È esse mesmo recalque do Herr que explica que Boltraffio associe Bo de Bósnia-Herzegovina a Trafoi, nome da localidade onde Freud soubera do suicídio de um de seus pacientes por coisa de impotência sexual.

Este último tema fora evocado durante a conversa no vagão entre Ragusa e Herzegovina, que precedia de imediato o esquecimento do nome. Sei interlocutor estava lhe falando dos turcos da Bósnia-Herzegovian, aqueles mulçumanos muito simpáticos que, quando o médico não consegue curá-los, dizem-lhe: *Herr, senhor, sabemos que faz tudo o que lhe foi possível*. O *Herr* tem seu peso próprio, seu acento significativo, está no limite do dizível, é o *Herr* absoluto, que é a morte, aquela morte, como diz La Rochefoucauld, que nos é tão impossível olhar fixamente quanto o sol; e Freud, com efeito, assim como os outros, tampouco pode fazê-lo.

A morte, aqui, é duplamente presentificada diante de Freud. Ela o é pelo incidente que concerne à sua função de médico e o é também por uma certa ligação. Manifestamente presente, e que tem um toque todo pessoal, entre a morte e a potência sexual. É muito provável que essa ligação, indubitável no texto, não seja unicamente no objeto, isto é, no que presentifica para ele o suicídio de seu paciente.

O que temos diante de nós? Nada além de uma pura e simples combinação de significantes. São as ruínas metonímicas do objeto de que se trata. O objeto está por trás dos diferentes elementos particulares que vêm participar aí de um passado imediato. Quem está por trás disso? O *Herr* absoluto, a morte. A palavra passa para outro lugar, apaga-se, recua, é repelida, é, dizendo-o apropriadamente, *unterdrückt*.

Há duas palavras que Freud joga de maneira ambígua. A primeira é esse *unterdrückt*, que já lhes traduzi de por *caído nas profundezas*. A segunda é *verdrängt*. Situando-o em nosso esquema, Herr esgueira-se no nível do objeto metonímico, e por uma ótima razão: é que ele corria com o risco de ficar um pouco presente demais após essas conversas. Como *Ersatz* encontramos os destroços, as ruínas desse objeto metonímico, ou seja, o *Bo* que ali vem compor-se com a outra ruína do nome nesse momento é recalcado, isto é, *elli*, por não aparecer no outro nome de substituição.

É esse o vestígio, o indício que temos do nível metonímico. Isso é o que nos permite encontrar a cadeia no fenômeno no discurso. É aí que se situa, na análise, aquilo a que chamamos associação livre, na medida em que ela nos permite seguir a pista do fenômeno inconsciente.

Posto que é metonímico, esse objeto já é fragmentado. Tudo o que acontece na ordem da linguagem está sempre já consumado. Se o objeto metonímico se quebra tão bem, é

porque, como objeto metonímico, ele já não passa de um fragmento da realidade que representa. E não é só isso. Com efeito, o *Signor* não se encontra entre os vestígios, os fragmentos do objeto metonímico partido. Isso é o que convém explicar agora.

Signor, por seu turno, não é evocável, fazendo com que Freud não possa encontrar o nome Signorelli porque este está dentro da jogada. Ele está dentro, evidentemente, de maneira indireta, pelo viés do *Herr*. O *Herr* foi de fato pronunciado, num momento particularmente significativo da função que pode assumir como Herr absoluto, como representante da morte que, nessa ocasião, está *unterdrückt*. O *Signor* só está na jogada na medida em que pode simplesmente traduzir o *Herr*. È aí que encontramos o nível substitutivo.

[...]

Voltemos ao que se produz no nível de *Signor* e *Herr*. A ligação substitutiva de que se trata é uma substituição chamada heteronímica. É o que acontece em qualquer tradução – a tradução de um termo em uma língua estrangeira no eixo substitutivo, na comparação exigida pela existência de diversos sistemas lingüísticos, chama-se substituição heteronímica. Vocês me dirão que isso não constitui uma metáfora. Estou de acordo, as preciso apenas de uma coisa: que seja uma substituição.

Notem bem que tudo o que estou fazendo é seguir o que vocês são forçados a admitir ao lerem o texto. Em outras palavras, quero fazê-los extraírem de seu saber precisamente isto: que vocês o saibam. Mais ainda, não estou inovando – tudo isso vocês deverão admitir, se admitirem o texto de Freud.

Portanto, se *Signor* está implicado, se está na jogada, é justamente por haver alguma coisa que o liga àquilo de que o fenômeno da decomposição metonímica é um signo para vocês no ponto em que se produz. O *Signor* está implicado como substituto de Herr.

[...]

Vocês estão vendo nisso, ao mesmo tempo, a nuance que podemos estabelecer entre o *unterdrückt*, de um lado, e o *verdrängt*, de outro. Enquanto o *unterdrückt* só precisa se dar de uma vez por todas, e em condições nas quais o ser não pode descer ao nível de sua condição mortal, é de outra coisa que se trata quando o *Signor* é mantido no circuito sem poder entrar nele por algum tempo. Convém realmente admitirmos o que Freud admite, ou seja, a existência de uma força especial que o mantém assim, isto é, uma efetiva *Verdrängung*.

[...]

Eu lhes disse, provisoriamente, que na substituição de Herr por *Signor* não havia metáfora, mas uma simples substituição heteronímica. Volto a essa questão para lhe dizer que, nessa ocasião, ao contrário, *Signor*, por todo o contexto a que está ligado – ou seja, o pintor

Signorelli, o afresco de Orvieto, a evocação ds coisas derradeiras -, representa precisamente a mais bela ds elaborações que há dessa realidade impossível de enfrentar que é a morte. É justamente contando a nós mesmos mil ficções – *ficção* é tomada aqui no sentido mais verídico – sobre a questão das coisas derradeiras que metaforizamos, domesticamos e fazemos entrar na linguagem o confronto com a morte. Assim, fica claro que o *Signor* aqui, enquanto ligado ao contexto de *Signorelli*, representa de fato uma metáfora. (13/11/1957, p.39 – 45 (3)).

Os RDPs que se seguem foram retirados da aula III – O MIGLIONÁRIO, de 20/11/1957.

A tirada espirituosa é estruturada, organizada segundo as mesmas leis que encontramos no sonho. Essas leis, Freud as reconhece na estrutura da tirada espirituosa, enumera-as e as articula. São elas a leis da condensação, *Verdichtung*, a do deslocamento, *Verschiebung*, e um terceiro elemento, que adere a essa lista e que denominei, no final do meu artigo, de consideração às necessidades da encenação, para traduzir *Rücksicht auf Darstellung*. Mas, pouco importa denomina-las. A chave da análise freudiana é o reconhecimento de leis estruturais comuns. Por isso se reconhece que um processo, como Freud se exprime, foi atraído para o inconsciente. Ele é estruturado segundo leis desse tipo. É disso que se trata quando se trata do inconsciente.

Ora, alguma coisa acontece no nível do que lhes ensino, a saber, que estamos agora, isto é, depois de Freud, em condições de apreender que essa estrutura do inconsciente, isso pelo qual se reconhece um fenômeno como pertencente à formações do inconsciente, corresponde exaustivamente ao que a análise lingüística nos permite situar como sendo os meios essenciais de formação do sentido, na medida em que este é gerado pelas combinações do significante. esse acontecimento é tão mais demonstrativo quanto tem tudo para surpreender.

[...] Essa concepção, que em si é riquíssima em implicações psicológicas, recebe, sem que sequer seja preciso aprofundar-lhe mais a trilha uma complementação naquilo que Freud já nos havia preparado no ponto de junção do campo da lingüística com o campo próprio da análise na medida em que esses efeitos psicológicos, esses efeitos de engendramento do sentido não são outra coisa senão o que ele nos mostrou como sendo as formações do inconsciente. (20/11/1957, P.52 – 52 (1)).

Não pensem que estou indo mais longe do que Freud nisso. Com efeito, passado um terço do livro aproximadamente, vocês o vêem retomar o exemplo do *familiônário* no plano

do que ele chama de tendências do espírito, e identificar as fontes da formação dessas tirada espirituosa de invenção engenhosa. Ele nos ensina que criação de Heine tinha algo correspondente em seu passado e em suas relações pessoais de família. Por trás de Salomon de Rothschild, que ele invoca em sua ficção, houve de fato um outro *famillionário*, de sua família – o chamado Salomon Heine, seu tio. Este desempenhou em sua vida o mais opressivo papel ao longo de toda a sua existência. Não apenas o tratou extremamente mal, recusando-lhe a ajuda concreta que Heine podia esperar dele, como também criou obstáculos à realização de seu grande amor, o que ele nutria pela prima – a quem não pôde desposar pela razão, essencialmente *famillionária*, de que o tio era milionário e ele não era. Heine sempre considerou uma traição aquilo que não foi senão consequência de um impasse familiar profundamente marcado pela *milionaridade*.

A palavra *familiar*, que se constata ter aqui a função significante maior no recalque correlato da criação espiritual de Heine, artista da linguagem, mostra-nos de maneira evidente a subjacência de uma significação pessoal. Essa subjacência está ligada à palavra, e não a tudo o que possa haver de confusamente acumulado na significação permanente, na vida do poeta, de uma insatisfação e de uma posição muito singularmente falseada perante as mulheres em geral. Se esse fator intervém aqui, é pelo significante *familiar* como tal. Não há, no exemplo indicado, nenhum outro meio de tocar na ação ou na incidência do inconsciente, a não ser mostrando que a significação está estreitamente ligada á presença do termo significante familiar.

Tais observações são feitas para lhes mostrar que o caminho pelo qual everedamos, o de ligar toda economia do que está gravado no inconsciente à combinação significante, leva-nos muito longe, joga-nos numa regressão que não prossegue *ad infinitum*, mas que nos reconduz à origem da linguagem. Com efeito, temos de considerar todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metaforicamente geradas por conjunções significantes.

Considerações como esta certamente não são desprovidas de interesse – sempre temos muito a aprender com a história do significante. A identificação do termo família como o que é recalcado no nível da formação metafórica é perfeita para lhes ar, de passagem, uma ilustração disso. (20/11/1957, p.57-58 (2)).

Os RDPs que se seguem foram retirados da aula XX - O SONHO DA BELA AÇOUGUEIRA, de 30/04/1958.

Já aludi aqui ao podemos apontar nas primeiras observações feitas por Freud sobre a histeria. Passemos, pois, ao momento em que Freud nos fala do desejo pela primeira vez.

Ele fala do desejo a propósito dos sonhos. Comentei com vocês, no passado, o que Freud extrai do sonho inaugural de Irmã, o sonho da injeção, e não voltarei a isso. P segundo sonho é um sonho de Freud – posto que ele também analisa alguns de seus sonhos na *Traumdeutung* -, o sonho do tio Josef. Vou analisá-lo em outro dia, pois ele é absolutamente demonstrativo e ilustra muito bem, em particular, os esquemas das duas alças entrecruzadas – nada mostra melhor os dois patemares em que se desenvolve um sonho, o patamar propriamente significativa, que é o da fala, e o patamar imaginário no qual se encarna, de certo modo, o objeto metonímico.

Tomo, pois, o terceiro sonho que Freud analisou. Ele figura no quarto capítulo, *Die Traumentstellung*, “A transposição do sonho”. É o sonho daquela a quem chamaremos *a bela açougueira*.

Eis o sonho – *diz Freud*.^{*} Eu queria oferecer um jantar, mas o único mantimento que tinha em casa era um pouco de salmão defumado. Quis sair para fazer compras, mas lembrei-me de que era domingo à tarde e todas as lojas estavam fechadas. Quis telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava pifado. Assim, tive que renunciar ao desejo de oferecer um jantar.

É esse o texto do sonho. Freud anota escrupulosamente a maneira como é verbalizado o texto dos sonhos, e é sempre e unicamente a partir dessa verbalização, de uma espécie de texto escrito do sonho, que lhe parece concebível a análise de um sonho.

Respondi, naturalmente, que só a análise poderia decidir sobre o sentido desse sonho. *De fato, a paciente o confrontara com esse sonho, dizendo-lhe*: - O senhor sempre diz que o sonho é uma coisa em que um desejo se realiza, pois nesse tive enormes dificuldades de realizar meu desejo. *Freud prossegue*: - Admiti, todavia, que à primeira vista ele se afigurava sensato e coerente, e parecia ser exatamente o oposto da realização de um desejo. “Mas, quais foram os elementos desse sonho? A senhora sabe que os motivos de um sonho sempre se encontram nos acontecimentos dos dias precedentes.”

O marido d minha paciente é açougueiro atacadista; é um homem honesto, muito ativo. Dias antes, dissera a ela que estava engordando muito e queria fazer um regime de emagrecimento. Levantaria cedo, faria exercícios, ater-se-ia a uma dieta rigorosa e não mais aceitaria convites para jantar. Ela contou ainda, rindo, que, à mesa dos freqüentadores habituais do restaurante onde costumava almoçar,

* Nessa citação de Freud e noutras que virão a seguir, a tradução para o português foi feita diretamente do texto francês transcrito (e/ou traduzido) por Lacan, sem levar em conta a versão brasileira da *ESB*. (N.E.)

seu marido havia travado conhecimento com um pintor que queria a todo custo fazer seu retrato, pois nunca havia encontrado um rosto tão expressivo. Mas o marido respondera, com sua rudeza de praxe, que ficava muito agradecido, mas estava convencido de que o pintor preferiria a todo o seu rosto um pedaço do traseiro de uma moça bonita. Minha paciente está atualmente muito apaixonada pelo marido e implica com ele sem parar. Pediu-lhe também que ele não lhe desse nenhum caviar. – *Que quer dizer isso?*

Na realidade, há muito tempo ela deseja comer sanduíche de caviar todas as manhãs, mas se proíbe essa despesa – *ou melhor, não se autoriza isso*. Naturalmente, receberia de imediato esse caviar, se falasse com o marido. Mas lhe pediu, ao contrário, que não lhe desse caviar, de modo a poder continuar a implicar com ele por causa disso.

Aqui entra um parêntese de Freud. Isso me pareceu uma história meio sem pé nem cabeça. Em geral, essas informações insuficientes escondem motivos que não são expressos. Pensemos na maneira como os hipnotizados de Bernheim, ao executarem uma tarefa pós-hipnótica, explicam-na, ao lhes ser indagada a razão, como um motivo visivelmente insuficiente, em vez de responder: Não sei por que fiz isso.” O caviar de minha seria um motivo desse tipo. Observei que ele fora obrigada a criar em sua vida um desejo insatisfeito. Seu sonho lhe mostrava esse desejo como realmente não consumado. Mas, por que precisaria ela de tal desejo?

Outro comentário de Freud, entre parênteses. O que lhe viera à cabeça até então não pudera para interpretar o sonho. Insisti. Passado um momento, como convém quando se tem de superar uma resistência, ela me disse haver visitado ontem uma de suas amigas, de quem sente muito ciúme porque seu marido sempre fala muito bem dela. Felizmente, a amiga é miúda e magra, e seu marido gosta de formas rechonchudas. E de que havia falado essa pessoa magra? Naturalmente, de seu desejo de engordar. E lhe perguntara: “Quando é que vocês vão nos convidar de novo? Sempre se come muito bem em sua casa.

Agora o sentido do sonho estava claro. Pude dizer à minha paciente: “É exatamente como se a senhora lhe houvesse respondido, mentalmente: — ‘Pois sim! Eu vou mesmo convidá-la, para que você coma bem, engorde e agrade mais ao meu marido! Prefiro nunca mais oferecer um jantar na minha vida!’” O sonho lhe disse que a senhora não poderia oferecer um jantar e, assim, realizou seu desejo de não contribuir para embelezar sua amiga. A resolução de seu marido de não aceitar mais convites para jantar, para não engordar, na verdade lhe indicaria que os jantares em sociedade engordam.” Faltava apenas uma concordância que confirmasse a solução. Ainda não sabíamos a que correspondia o salmão no sonho. “— Como foi que lhe ocorreu evocar no sonho o salmão defumado?”. “— Esse”, respondeu ela, ‘é o prato predileto de minha amiga.’ Por acaso, eu também conheço essa senhora e sei que ela tem em relação ao salmão defumado a mesma conduta de minha paciente a respeito do caviar.

É nesse ponto que Freud introduz o texto do sonho que comporta uma outra interpretação, a qual entra na dialética da identificação. *Ela se havia identificado com a amiga. Foi como um sinal dessa identificação, isto é, na medida em que se identificou com a outra, que ela se atribuiu na vida real um desejo não realizado.*

Creio que vocês já devem estar sentindo desenhar-se, nesse texto simples, seus contornos. Eu poderia ter aberto a Traumdeutung em qualquer outra paginam e encontraríamos a mesma dialética. Esse sonho, que foi o primeiro a nos cair nas mãos, irá mostrar-nos a dialética do desejo e da demanda, que é particularmente simples na histórica.

Continuemos a ler, de maneira a acompanhar até o fim o que nos articula esse texto importantíssimo. Essa é, em suma, uma das primeiras articulações muito claras, por parte de Freud, do que significa a identificação histórica. Ele esclarece seu sentido. Pulo algumas linhas para que não fique longo demais. Ele discute o que chamamos imitação histórica, a simpatia da histórica pelo outro, e critica como muita energia a redução simplista do contágio histórico à pura e simples imitação.

O processo da identificação histórica, diz Freud, *é um pouco mais complicado do que a imitação histórica, tal como tem sido representada; como ficará provado através de um exemplo, ele corresponde a deduções inconscientes. Quando um médico coloca junto de outros pacientes, numa enfermagem hospitalar, um sujeito que apresenta uma espécie de tremor, ele não fica surpreso ao saber que esse acidente histórico foi imitado (...). Mas esse contágio produz-se mais ou menos da seguinte maneira. Em geral, as pacientes sabem – convém observar o peso que tal observação comporta, não digo simplesmente na época em que foi feita, mas até hoje, para nós – mais coisas a respeito umas das outras do que o médico pode saber sobre qualquer delas, e continuam a se preocupar umas com as outras depois da visita do médico.* Observação essencial. Em outras palavras, o objeto humano continua a viver sua relaçãozinha particular com o significante, mesmo depois que o observador, behaviorista ou não, se interessou por sua fotografia.

Uma delas teve sua crise hoje, e as outras sabem muito bem que uma carta de casa, uma lembrança de uma mágoa de amor ou outras coisas semelhantes foram a causa disso. Sua compaixão é despertada e, inconscientemente. Elas fazem o seguinte exame: se esses motivos esses tipos de crises, também posso ter uma crise dessas – articulação do sintoma elementar com uma identificação discursiva, com uma situação articulada no discurso –, porque tenho os mesmos motivos. Se essas fossem as conclusões conscientes, elas levariam à angústia de ver sobrevir a mesma crise. Mas as coisas se passam em outro plano psíquico, e levam à realização do sintoma temido. A identificação, portanto, não é uma simples imitação,

mas uma apropriação decorrente de uma etiologia idêntica: ela expressa um “como se”, relacionado com um traço comum que persiste no inconsciente. O termo *apropriação* não foi muito bem traduzido. Trata-se, antes, de tomado como próprio.

A histérica se identifica, de preferência, com pessoas com quem manteve relações sexuais, ou que tenham as mesmas relações sexuais com as mesmas pessoas que ela. A língua, aliás, é responsável por essa concepção.

O problema aqui levantado por Freud é a relação de identificação com a amiga invejosa. A propósito disso, quero chamar-lhes a atenção para o seguinte: o desejo com que deparamos desde os primeiros passos da análise, e a partir do qual se desenrola a solução do enigma, é o desejo como insatisfeito. No momento desse sonho, a paciente estava preocupada em criar para si um desejo insatisfeito. Qual é a função desse desejo insatisfeito?

Lemos no sonho, com efeito, a satisfação de um anseio, o de ter um desejo insatisfeito. E o que descobrimos a esse respeito é a subjacência de uma situação que é a situação fundamental do homem entre demanda e desejo, à qual estou tentando introduzi-los, e à qual efetivamente os introduzo através da histérica, porque a histérica fica presa na clivagem cuja necessidade lhes mostrarei há pouco, entre a demanda e o desejo.

Que pede ela antes do sonho, em sua vida? Essa paciente, apaixonadíssima pelo marido, demanda o quê? Amor; e as histéricas, como todo mundo, demandam amor, só que, nelas, isso é mais incômodo. Que deseja ela? Ela deseja caviar. Basta simplesmente ler. E que quer ela? Quer que não lhe dêem caviar.

[...]. (30/04/1959, p.372-376 (2)).

Os RDPs foram retirados da aula XXI – OS SONHOS DA “ÁGUA PARADA”, de 07/05/1958

“Partiremos da atualidade que aqueles dentre vocês que assistiram à comunicação científica da Sociedade ontem à noite, puderam apreciar. Ali falou-se da relação heterossexual. É justamente sobre isso que falaremos.” (p.383)

[...]

“A fim de nos repormos no caminho depois do extravio que talvez possam ter-nos trazido as perspectivas de ontem, retomaremos sem rodeios o texto de Freud.” (p.386(1)).

“Não é de hoje que faço esta observação, mas hoje a comunico a vocês – ficamos maravilhados com a existência desse texto da *Traumdeutung*. Ficamos maravilhados como

que com uma espécie de milagre, porque realmente não é exagero dizer que podemos lê-lo como um pensamento em marcha. Mas há muito mais do que isso.

As coisas são conduzidas ali em tempos correspondentes a uma composição com vários planos sobredeterminados – é exatamente isso que a palavra seria aplicável. Tomando-o simplesmente como lhes falei que eu fazia da última vez, isto é, colhendo seus primeiros sonhos, percebe-se que o alcance do que vem primeiro ultrapassa em muito as razões alegadas para colocá-los em primeiro lugar nos capítulos. Por exemplo, é a propósito das lembranças da véspera, no que elas entram em consideração no determinismo dos sonhos, que se apresenta, ali alguns desses primeiros sonhos, como o que comentei com vocês da última vez, o sonho da bela açougueira, como o chamei.

Tomei-o, como vocês viram, para abordar a questão da demanda e do desejo. Não fui eu que coloquei a demanda e o desejo no sonho, eles estão lá, e Freud não os colocou ali, mas os leu. Viu que a paciente precisava criar para si um desejo insatisfeito, é ele quem diz isso. Freud, é claro, quando escreveu a *Traumdeutung*, não estava dando nomes com um candeeiro de vela. Mas, se abordou e compôs as coisas nessa ordem, ele o fez impelido por uma preocupação que pode ir muito além da divisão dos capítulos. De fato, esse sonho apresenta uma característica especialmente introdutória com respeito ao problema que é fundamental na perspectiva que tento promover aqui, a do desejo.

Quanto à demanda, nem é preciso dizer que ela também está por toda a parte. Se o sonho se produziu, foi porque uma amiga pediu à paciente para jantar na casa dela. No próprio sonho, a demanda está presente de forma mais clara. A paciente sabe que nesse dia está tudo fechado, que não poderá suprir sua insuficiência de mantimentos para fazer frente ao jantar que tem de oferecer, e então demanda – da maneira mais clara e mais isolada pela qual se pode apresentar uma demanda, uma vez que ela demanda ao telefone, o que, na época (o texto faz parte da primeira edição), não era de uso corrente. O telefone está ali, na verdade, com sua plena potência simbólica.

Vamos um pouco mais adiante. Quais são os primeiros sonhos que encontramos no capítulo sobre os “Elementos e fontes do sonho”?

Encontramos, primeiro, o sonho da monografia de botânica, que é um sonho de Freud. Vou deixá-lo de lado, não porque ele não traga exatamente o que hoje podemos esperar quando eu tentar fazer funcionar diante de vocês as relações do significante fálico com o desejo, mas simplesmente porque é um sonho de Freud, e seria um pouquinho mais demorado e um pouquinho mais complicado mostrá-lo a vocês. Eu farei mais tarde, se tiver tempo, pois ele é absolutamente claro, estruturado exatamente como o esqueminha que comecei a lhes

desenhar a propósito do desejo da histérica. Mas Freud não é, pura e simplesmente, um histórico. Se mantém com a histeria a relação que qualquer relação com o desejo comporta é de maneira um pouco mais elaborada.

Saltemos, pois, o sonho da monografia de botânica, e chegamos a uma paciente que Freud nos diz ser histérica. Retomamos, portanto, o desejo da histérica.

Uma jovem inteligente e fina, reservada, do tipo “água parada” [*eau qui dort*], contou: “– Sonhei que chegava tarde demais ao mercado e não encontrava mais nada no açougueiro nem na vendedora de legumes.” *Eis aí certamente um sonho inocente, mas os sonhos não se apresentam assim. Pedi-lhe um relato detalhado. Ei-lo: ela ia ao mercado com a cozinheira, que carregava a cesta. O açougueiro lhe disse, depois de ela lhe pedir alguma coisa, que não se podia mais tê-la, Das ist nicht mehr zu haben. Quis dar-lhe uma outra coisa, dizendo “isso é bom”, mas ela recusou. Foi até a vendedora de legumes. Esta quis vender-lhe legumes de uma espécie singular, atados em pequenos molhos e de cor negra. Ela disse: “Das kenne ich nicht, das nehme ich nicht” – “Não conheço, não vou levar.”*

O comentário de Freud é essencial aqui, uma vez que não fomos nós que analisamos essa paciente. Quando a *Traumdeutung* foi lançada, na época, foi mais ou menos como se o primeiro livro sobre teoria atômica fosse publicado sem nenhuma espécie de ligação com a física que o precedia. Aliás, o livro foi acolhido por um silêncio quase total.

É das primeiras páginas de seu livro, portanto, que, para falar da presença do recente e do indiferente no sonho, Freud estende tranqüilamente a seus leitores o seguinte comentário: - *Ela realmente tinha ido ao mercado tarde demais e não encontrava mais nada.* Tentativa de ligar o sonho aos acontecimentos do dia. *Ficamos tentados a dizer: o açougue estava fechado.* Nisso, ele não diz estar relatando as palavras da paciente, mas ele próprio declara, dizendo que o enunciado se impõe como tal. *No entanto, pausa – Doch halt. Mas não há aí, ou melhor, na expressão inversa, uma maneira muito vulgar de indicar uma negligência na roupa de um homem?* De fato, parece que na linguagem vienense, pelo menos em termos familiares, era comum indicar a alguém que houvesse esquecido de abotoar as calças: *seu açougue, a porta do seu açougue está aberta – Du hast deine Fleischbank offen.* Freud reconhece: *A sonhadora, aliás, não empregou essas palavras;* e acrescenta: - *Talvez as houvesse evitado.*

Dito isso, sigamos em frente. *Quando, num sonho, alguma coisa tem o caráter de um discurso, é dita ou ouvida, em vez de pensada, costuma-se distinguir isso sem dificuldade.* Trata-se, pois, de palavras inscritas no sonho, como que numa bandeirola. Não saímos das implicações da situação. Trata-se daquilo que se distingue sem dificuldade, diz-nos Freud, ou

seja, do elemento lingüístico, que ele nos convida a tomar sempre como um elemento que tem valor em si. *Isso provém de discursos da vida de vigília. Sem dúvida, estes são tratados como matéria-prima, fragmentados, um pouco transformados, e sobretudo separados do conjunto a que pertenciam. O trabalho de interpretação pode partir desse tipo de discursos. De onde vinham, pois, as palavras do açougueiro. “Não se pode mais tê-la”?*

Essa frase, *Das ist nicht mehr zu haben*, é lembrada por Freud, no momento em que ele redige o caso do Homem dos Lobos, como um testemunho de que ele se interessa há muito tempo pela dificuldade que há em reconstruir o que é pré-amnésico na vida do sujeito, datado antes da amnésia infantil. É justamente a propósito disso que ele diz à paciente: - *eu mesmo as havia proferido ao lhe explicar, dias antes, que não mais podíamos ter as vivências mais antigas da infância, as quais já não eram abordáveis como tais, mas nos eram fornecidas por “transferências” e sonhos durante a análise. Era eu, portanto, o açougueiro, e ela rechaçava aquela “transferência” de antigos modos de pensar e sentir.*

De onde vinham, por outro lado, as palavras pronunciadas por ela no sonho: “Não conheço, não vou levar” – “Das kenne ich nicht, das nehme ich nicht”. A tradução francesa acrescenta *ça*¹³⁴.

A análise tem que dividir essa frase. Ela mesma, dias antes, durante uma discussão, dissera à sua cozinheira: “Não sei o que é isso”, “Das kenne ich nicht”, *mas acrescentando: “Benehmen Sie sich anständig” – “Comporte-se corretamente!”*

Como diz Freud, o que se conservou no sonho foi precisamente o elemento lingüístico, a parte desprovida de significação, *Das kenne ich nicht*, ao passo que foi afastada a censura da segunda frase dita à empregada. O que aparece no sonho, portanto, *Das kenne ich nicht, das nehme ich nicht*, dá sentido ao que foi preservado de *Das kenne ich nicht, benehmen sie sich anständig*.

Freud prossegue: *Captamos o deslocamento: das duas frases ditas à cozinheira, ela só conservou no sonho a que era desprovida de sentido; a que recalcou era a única que correspondia ao restante do sonho. Diz-se “Comporte-se com compostura” a alguém que tenha sido voluntariamente negligente com seus trajes. Essa também não é uma tradução muito correta, pois, no texto alemão, trata-se do seguinte: Diz-se isso a alguém que se atreva a fazer exigências inconvenientes e que se esqueça de fechar o açougue. A tradução, nesse ponto, é fantasiosa.*

¹³⁴ Dizendo “não conheço *isso*”. (NE)

A exatidão de nossa interpretação foi confirmada pela concordância dela com as alusões que estavam na base do incidente com a vendedora de legumes. Um legume comprido, vendido em molhos, e um legume negro, pode isso ser outra coisa senão a confusão, produzida pelo sonho, entre o aspargo e o rábano negro? Não preciso interpretar o aspargo para ninguém, mas o outro legume também me parece uma alusão – a palavra alusão não está no texto alemão -, o outro legume refere-se ao mesmo tema sexual que adivinhamos desde o começo, quando quisemos simbolizar o relato inteiro pela frase: o açougue está fechado. Não precisamos descobrir aqui todo o sentido desse sonho, basta haver demonstrado que ele é repleto de significações e que nada tem de inocente.

Peço desculpas se isso lhes pareceu meio demorado. Eu simplesmente desejava tornar a concentrar as coisas nesse pequeno sonho, pois atualmente, que estamos muito informados, tendemos a ler meio depressa.

Vemos representado aqui, da maneira mais clara, um outro exemplo da relação da histérica com o desejo como tal, cujo lugar, como indiquei da última vez, a histérica precisa, em seus sonhos e seus sintomas, que seja marcado em algum ponto. Aqui, porém, é de outra coisa que se trata, ou seja, do lugar do significante falo.

Mesclemos nosso discurso teórico com referências aos sonhos, de maneira a variar um pouquinho, para descansar a atenção de vocês; três outros sonhos da mesma paciente são mencionados em seguida, e faremos uso deles quando for conveniente. Detenhamos-nos por um momento no que é preciso destacar.

Como no outro dia, trata-se do lugar a ser dado ao desejo. Desta vez, porém, esse lugar não está marcado no campo externo do sujeito, não se trata de um desejo no sentido de que o sujeito o recuse a si mesmo para além da demanda e só o assuma no sonho como o desejo do Outro, no caso, de sua amiga. Trata-se do desejo no que ele é suportado por seu significante, o significante falo, por hipótese. Vejamos que função desempenha, nessa oportunidade, o significante.

Como vocês estão vendo, Freud introduz aí, sem hesitação e sem ambigüidade, o significante falo. O único elemento que ele não valoriza como tal em sua análise, porque, afinal, tinha que deixar alguma coisa para nós fazermos, é o seguinte, e é absolutamente impressionante. Toda a ambigüidade da conduta do sujeito em relação ao falo reside num dilema, o de que esse significante o sujeito pode tê-lo ou pode sê-lo.

Se esse dilema se propõe, é porque o falo não é o objeto do desejo, mas o significante do desejo. Esse dilema é absolutamente essencial, acha-se na base de todos os deslizamentos, de todas as transmutações, de toda a prestidigitação, diria eu, do complexo de castração.

Por que o falo entra nesse sonho? A partir dessa perspectiva, não creio que seja uma transposição minimamente abusiva dizer que o falo é utilizado como tal, no sonho dessa histórica, em torno da frase de Freud: *Das ist nicht mehr zu haben*. Ou seja – Não se pode mais tê-lo.

Obtive confirmação do emprego absoluto do verbo *ter*, tal como se manifesta no uso lingüístico que nos leva a dizer *tê-lo*, ou, melhor ainda, *ter ou não ter*, o que também tem sua importância em alemão. Trata-se aqui, nessa frase, do falo na medida em que surge como o objeto que falta.

O objeto que falta em quem? É isso, é claro, que convém saber, mas nada é menos certo do que ser, pura e simplesmente, o objeto que falta no sujeito como sujeito biológico. Digamos pra começar que isso se apresenta, em termos significantes, como que ligado à frase que articula que é isso que não mais podemos ter - *Das ist nicht mehr zu haben*. Essa não é uma experiência frustrante, é uma significação, é uma articulação significativa da falta do objeto como tal.

Isso combina, é claro, com a idéia, que coloco em primeiro plano, de que falo é significativo aqui, na medida em que, quem não o tem? Em que o Outro não o tem. Com o falo, trata-se realmente de uma coisa que se articula no plano da linguagem e que, portanto, situa-se como tal no plano do Outro. Ele é o significante do desejo na medida em que o desejo se articula como desejo do Outro. Voltarei a isso dentro em pouco.

Agora tomaremos o segundo sonho da mesma paciente. É um sonho supostamente inocente. *O marido lhe pergunta: “Não seria bom mandar afinar o piano?” E ela: “Não vale a pena”, “Es lohnt sich nicht” – O que quer dizer alguma coisa como “não compensa” – “Primeiro é preciso mandar restaurá-lo”*

Freud comenta nestes termos: *Essa é a repetição de um acontecimento real da véspera. Mas, por que ela sonha com isso? Diz ela que o piano é uma caixa nojenta, que produz um som horrível, que seu marido já o possuía antes do casamento etc.* Numa nota, diz Freud: *Como nos mostraria a análise, ela disse o contrário do que estava pensando – ou seja, o marido não o tinha antes do casamento -, mas a solução nos seria dada pela frase “Não vale a pena”. Ela a proferiu ontem, quando estava visitando uma amiga. Propuseram-lhe que tirasse o casaco, mas ela se recusou, dizendo: “Não vale a pena”, tenho que ir embora. Pensei então que ontem, durante a análise, ela levara bruscamente a mão ao casaco, um de cujos botões se abrisse. Era como se dissesse: “Por favor, não olhe para cá, não vale a pena.” Assim, ela substitui peito por caixa, Brust por Kasten, e a interpretação do sonho levou-nos à época de sua formação: era quando ela havia começado a ficar insatisfeita com suas formas.*

Se levarmos em conta o “repulsiva”, o “som horrível”, lembrando quantas vezes, no sonho e nas expressões de duplo sentido, os pequenos hemisférios do corpo feminino substituem os grandes, a análise nos levará a um tempo ainda mais remoto na infância.

Encontramo-nos aqui do outro lado da questão. Se o falo é o significante do desejo, e do desejo do Outro, o problema que se apresenta para o sujeito, desde o primeiro passo da dialética do desejo, mostra aqui sua outra vertente – trata-se de ser ou não ser o falo.

Fiemo-nos solidamente nessa função de significante que atribuímos ao falo e digamos o seguinte: assim como não se pode ser e ter sido, também não se pode ser e não ser. Se é preciso que o que não se seja o que se é, resta não ser o que se é, ou seja, empurrar o que se é para o parecer, que é exatamente na posição da mulher na histeria. Como mulher, ela se faz máscara. Faz-se máscara precisamente para, por trás dessa máscara, ser o falo. Todo o comportamento da histérica manifesta-se no gesto da mão levada ao botão – cujo sentido o olho de Freud, durante muito tempo, habituou-nos a ver -, acompanhado pela frase *Não vale a pena*. Por que não vale a pena? Porque, é claro, não se trata de olharmos para o que está por trás, porque por trás, é claro, é onde trata-se de estar o falo. Mas realmente não vale a pena ir ver, *Es lohnt sich nicht*, já que, justamente, ele não será encontrado ali.

Na histérica, trata-se do ver e do saber, como nos diz Freud imediatamente, numa nota endereçada *Für Wissbegierige*, que se traduz em francês por *A quem quiser aprofundar-se*. Pra sermos mais rigorosos, *Aos sábios de saber*.

Isso nos levará ao cerne do que talvez eu já lhes tenha designado por um certo termo – extraído de uma moral que, apesar de tudo, continua marcada por uma experiência humana talvez mais rica do que muitas outras, a moral teológica -, a *Cupido sciendi*. É um termo que podemos escolher para traduzir o desejo, embora as equivalências entre as línguas sempre levantem questões delicadas. A propósito do desejo, já obtive, por parte de meus alunos germanófonos, *Begierde*, que é encontrado em Hegel, mas há quem o considere animalesco demais. É engraçado que Hegel o tenha empregado a propósito do senhor e do escravo, tema que não tem lá uma grande marca de animalidade.

Assinalo, diz Freud nessa nota, *que esse sonho encerra uma fantasia: conduta provocante de minha parte, defesa da parte dela*. Em suma, ele torna a nos apontar aqui o que é, na verdade, uma conduta fundamental da histérica, cujo sentido, ao mesmo tempo, esse contexto faz aparecer. A provocação da histérica tende a constituir o desejo, só que além daquilo que se chama defesa. Ou seja, ela indica o lugar – para além da aparência, da máscara – de algo que é apresentado ao desejo, e que, naturalmente, não pode ser oferecido a seu acesso, já que se trata de algo que é apresentado por trás de um véu, mas que, por outro lado,

não pode ser encontrado ali. Não vale a pena você abrir meu corpete, porque não encontrará o falo, mas, se levo minha mão ao corpete, é para que você aponte, por trás desse corpete, o falo, isto é, o significante do desejo.

Essas observações levam-me a me perguntar como definir com estrito rigor esse desejo, de maneira a fazê-los sentirem, apesar de tudo, do que é que estamos falando. (07/05/1958, p.386 -393(2)).

RECORTES DISCURSIVOS DOS DIZERRES LACANIANOS DAS ALUSÕES HISTÓRICAS

RDAH: Recortes Discursivos das Alusões Históricas – dizeres lacanianos sobre a política no campo psicanalítico, questões teóricas e institucionais nesse campo

RDAH1:

É surpreendente ver que, à medida que se engalfinham com o delicado tema da afasia, isto é, do déficit da fala, os neurologistas, não especialmente preparados para isso por sua disciplina, fazem progressos notáveis, dia após dia, quanto ao que se pode chamar de sua formação lingüística, enquanto os psicanalistas, cuja arte e técnica repousam inteiras no uso da fala. Até hoje não a levaram minimamente em conta, ainda que a referência de Freud ao campo a filologia não seja uma simples referência humanista que evidencie sua cultura ou suas leituras, mas uma referência interna, orgânica. (p.31 (1)).

RDAH2:

Em particular, pensem em tudo aquilo que, em sua prática analítica, é exatamente a conta certa para que vocês se entediam. Entediar-se, tudo se resume a nisso. Uma grande parte, pelo menos, do que chamamos de regras técnicas a serem observadas pelo analista não são outra coisa senão meios de dar a essa ocupação as garantias de seu padrão profissional – mas, se vocês olharem bem no fundo das coisas, perceberão que isso se dá na medida em que elas

ratificam, alimentam, sustentam a função do tédio como estando no cerne da prática. (p.184 (4)).

RDAH3:

Esses seus tempos são tão pouco sondados, que um personagem eminentemente representativo da hierarquia psicanalítica produziu um artigo inteiro, de cerca de uma dúzia de páginas – fiz alusão a ele em algum lugar, num de meus artigos –, para se deslumbrar com as virtudes do que chamou de *wording*, palavra inglesa que corresponde ao que, de maneira mais desajeitada, denominamos em francês de passagem ao verbal ou à verbalização. Evidentemente, é mais elegante em inglês. Singularmente, uma paciente se abismara com uma intervenção que ele fizera: ele havia proferido algo que significava mais ou menos que a moça tinha *demands* singulares, ou mesmo intensas, o que, em inglês, tem um saber ainda mais acentuado do que em francês. Ela ficara literalmente transtornada, como por uma acusação ou uma denúncia. Mas, quando ele refizera a mesma interpretação, momentos depois, servindo-se da palavra *needs*, ou seja, necessidades, havia deparado com alguém completamente dócil na aceitação de sua interpretação. E o autor se deslumbrou com isso.

O caráter de montanha dado pelo autor em questão a essa descoberta mostra-nos a que ponto a arte do *wording* ainda está, no interior da psicanálise, ou, pelo menos, de um certo círculo da *psicanálise*, em estado primitivo. (p.91 (2)).

RDAH4:

Conviria dizer aqui algumas palavras sobre um dos problemas mais singulares da vida e da pessoa de Freud – sua relação com a mulher, à qual um dia talvez tenhamos oportunidade de voltar. Sua vida foi muito privada de mulheres, ou privou-se delas. Quase só conhecemos duas mulheres nela, a dele e a cunhada que vivia à sombra do casal. Na verdade, não temos nenhum indício de outra coisa que fosse uma relação propriamente amorosa. Em contrapartida, ele tinha uma tendência bastante deplorável a acolher, com facilidade, sugestões provenientes da constelação feminina que se formou a seu redor, e cujas componentes se pretendiam continuadoras ou auxiliares de seu pensamento. Assim é que bastou que lhe fosse proposto, por uma pessoa como Bárbara Low, um termo tão mediocremente adaptado, atrevo-me a dizê-lo, quanto *Nirvan principle*, para que ele lhe desse sua sanção. A relação que pode existir entre o Nirvana e a idéia do retorno da natureza ao

inanimado é um tanto quanto aproximativa, mas, já que Freud se contentou com ela, contentemo-nos nós também. (p.252-253 (2)).

RDAH 5:

Aqui estamos nós, em 18 de junho. O papel do significante na política – do significante do não, quando todo o mundo desliza para um consentimento ignóbil – nunca foi ainda estudado. O 18 de junho é também o aniversário da fundação da Sociedade Francesa de psicanálise. Também nós dissemos não num certo momento. (p.468 - Início da aula).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)